Meditação Cristã

ÍNDICE.

* o primeiro número corresponde à segunda volta da MC;
** o segundo número corresponde à primeira volta da MC.

***265 **MC-59 – Não saiba a mão esquerda o que a direita faz**
266 MC-60 – A oração em secreto
267 MC-61 – O jejum secreto
268 MC-62 – Os tesouros da Terra e do céu
269 MC-63 – Não vos angustieis pelo dia de amanhã
270 MC-64 – Não julgueis
271 MC-65 – Não atires pérolas aos porcos
272 MC-66 – A caminho: pedir, buscar e bater
273 MC-67 – A porta estreita
274 MC-68 – Os falsos profetas
275 MC-4 – Natal: anunciação à Maria
276 MC-69 – Os dois tipos de fiéis: os falantes e os praticantes
277 MC-70 – Sermão do Monte: epílogo
278 MC-99 – O pão da vida I: começo da nutrição espiritual
279 MC-100 – O pão da vida II: O Maná do Pai
280 MC-101 – O pão da vida III: Contemplando o Cristo
281 MC-102 – O pão da vida IV: Para Ser Um com o Cristo
282 MC-103 – O pão da vida V: A Imanência nas Palavras
283 MC-33 – O Cumprimento da Profecia (de Isaias)
284 MC-146 – Jesus declara-se: EU SOU
285 MC-155 – Eu e o Pai Somos Um
286 MC-20 – O Mergulho de Jesus
287 MC-145 – Luz Viva
288 MC-212 – O Cristo, o Eu de cada Um
289 MC-138 – O Regresso dos 72 / Diante da Aflição
290 MC-122 – A Cura do Epiléptico – a Fé
291 MC-245 – Ressurreição III – Jesus Ressurge à Maria Madalena
292 MC-82 – O Discipulado Cristão

293 MC-21 – A Tentação do Cristo
294 MC- 88a – Instrução dos Apóstolos I – A Partida
295 MC-275/4 – O Anúncio à Maria
296 MC 88b – Instrução dos Apóstolos I – A Caminho
297 MC 60 – SM: Quanto à Oração
298 MC

305 MC 74 – O Amor Salva

RedeUnaViva: Meditação Cristã 265 – paragem 9-114 – 13.10.2019

59. RedeUnaViva: Meditação Cristã 59 – paragem 123 – 01.11.2015

MATEUS 6:1-4

SERMÃO DO MONTE

Bloco IV: Em Secreto

9 – Quanto à Esmola: Não Saiba sua Mão Esquerda o que a Direita Faz

Ou

A Recompensa em Secreto

59.1 **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

1. Qual é a desvantagem em dar esmola publicamente?
2. Qual é a vantagem em dar esmola em secreto?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Qual é o valor da esmola (de dar e receber) para a meditação?

59.2 Introdução: A esmola como caridade.

Após passar pelos três primeiros blocos do SM, o Cristo avança para outro tema. Mateus reservou seu capítulo 5 para esse conjunto inicial, e usará mais dois capítulos – 6 e 7 – para abordar a continuação do sermão seminal, que começamos a analisar.

Revisando: no primeiro bloco, o das **bem aventuranças** (I), o querido Mestre mostra as condições de alguns espíritos que, mesmo encarnados na Terra, já desfrutam dessa galhardia. Servem-nos de exemplo.

No segundo bloco, ao cuidar dos **"nãos" moisaicos** (II), ele afirma que para ingressar na nova etapa da jornada espiritual é necessário mais esmero. Tanto para entender como para praticar aquilo que Moisés começara a desfraldar.

No terceiro bloco, ao destacar o desafio do **amor aos inimigos** (III), apresentou a pedra angular, essencial na construção do reino de Deus. Essa, sem dúvida, a prova mais árdua, o desafio singular.

No capítulo 6, Mateus, porta-voz do Cristo, apresenta as novas camadas da lei de Deus. Indispensável é a sua assimilação para que a alma, dispondo da mais refinada educação, insira-se como doadora nessa escola de benefícios. Começa o capítulo com o tema da esmola, demonstração viva do amor. Abre, assim, o quarto bloco, que trata do **Segredo**; na linguagem antiga, **Secreto**.

Se no amor aos adversários cuidamos da relação com os vínculos afetivos imediatos que desandaram, aprendendo a desenredar o novelo, agora a ação é de outra ordem. É a da intenção voluntária, quase sempre dirigida a desconhecidos e estranhos, buscados como decorrência de uma compreensão mais dilatada do amor. Há muito sofrimento neste *vale das sombras* e cabe ao espírito desperto voluntariar-se em solidariedade aos que choram, cooperando para que desfrutem de alegrias diferentes.

Se a prática da caridade já é corrente com os mais próximos e se já nos dispomos avançar outro passo, a lista dos semelhantes a serem beneficiados será alargada, mesmo que com um mínimo: um olhar, uma palavra, um gesto apenas. É pelo exercício voluntário da solidariedade, apoiado na compaixão e na misericórdia, que respiramos ar mais purificado, nas cercanias do Reino. Decorre da construção de um laço sutil de afeto estabelecido pela cooperação que auxilia o companheiro de jornada a superar ou a suportar seu difícil trânsito de prova. Esse vínculo, operado em segredo, produz milagres nas duas partes.

Nos quatro versículos de Mateus, abaixo, começa a lição da esmola. Transcende, em muito, a material oferta do dinheiro.

O Sermão do Monte, apresentado em 20 princípios

A Abertura

1. As bem-aventuranças; **(I)**
10. Quanto à oração: a comunhão secreta;

2. Vós sois o sal da terra; vós sois a luz do mundo; **(I)**
3. A lei confirmada, mas completada. **(II)**
4. Quanto ao mandamento de não matar – sede benevolentes com o adversário; **(II - 6º mandamento)**
5. Quanto ao mandamento de não cometer o adultério – não cobiçais o afeto (bem) alheio; **(II - 7º, 8º e 10º mandamentos)**
6. Quanto ao juramento: seja vossa palavra, sim, sim; não, não; **(II - 3º e 9º mandamentos)**
7. Quanto à justiça: não resistais ao mal; **(III)**
8. Quanto ao mandamento de amar: amai os inimigos, sendo perfeitos como Deus; (**III)**
9. **Quanto a esmolas: a doação secreta;** (**IV)**
11. Quanto ao jejum: a privação secreta;
12. Quanto às riquezas: não ajunteis tesouros na Terra;
13. Quanto a precaução exagerada: ninguém deve servir a dois senhores;
14. Quanto ao julgamento leviano: com o juízo que julgais sereis julgados;
15. Quanto a oferenda: não atireis pérolas aos porcos;
16. Como o pedir na oração;
17. As duas portas: a estreita e a larga;
18. A má árvore dos falsos profetas;
19. Os dois tipos de fiéis: os falantes e os praticantes;

O Epílogo: sua autoridade.

59.3 Evangelho-parte 1: Evitando dar a esmola com testemunhas. (Mt)**.**

Mateus 6:1
Mt 6:1. Prestai atenção: não façais vossas **boas obras** diante dos homens, **para serdes vistos por eles**; senão não tereis recompensa junto de **vosso Pai que está nos céus**.

Guardai-vos de fazer a vossa **esmola** diante dos homens, para serdes vistos por eles; aliás, não tereis **galardão** junto de vosso Pai, que está nos céus.

1. "Cuidai-vos na expressão de cada ato caridoso para que testemunhas não sejam buscadas".
2. "Se não, a observação, elogiosa no mais das vezes, vindo delas, vos retirará da cena principal em que Deus se aproxima".

59.4 Evangelho-parte 2: Evitando a recompensa humana da esmola. (Mt)**.**

Mateus 6:2
Mt 6:2. Quando, pois, deres **esmola**, não faças tocar a **trombeta** diante de ti, como fazem **os hipócritas nas sinagogas e nas ruas**, para serem **honrados** pelos homens; em verdade vos digo: **já receberam sua recompensa**.

Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem **glorificados** pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão.

3. "Tu, pois, afasta-te, dos costumes vigentes de alardear a notícia da esmola ofertada por ti".
4. "A recompensa menor de todos que agem assim restringe-se à pobre glória humana, efêmera e de ocasião".

59.5 Evangelho-parte 3: A recompensa em secreto de Deus à esmola. (Mt)**.**

Mateus 6:3-4
Mt 6:3. Tu, porém, quando deres esmola, **não saiba tua mão esquerda o que faz tua direita**,
Mt 6:4. para que tua **esmola fique no secreto**, e **teu Pai**, que vê **no secreto**, te retribuirá.

Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita;
Para que a tua esmola seja dada em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, ele mesmo te recompensará **publicamente**.

5. Tu, porém, use tua esmola para não mais ser dividido, mas para se tornar um com Deus, na vivência secreta da tua própria consciência.

59.1 **Auto-indagação reflexiva:**

1. **Qual é a desvantagem em dar esmola publicamente**?

   Nestes quatro versículos com que Mateus nos brinda na abertura do sexto capítulo do seu Evangelho, o tema principal articula nossa relação com Deus e os homens, dispondo-nos à verticalização para o céu ou a permanência na horizontalidade cotidiana. A comparação esclarece sobre o trânsito da alma entre o baixo e o alto.

   O enfoque principal é a esmola, sagrada via do amor. Especial sentimento já abordado pelo Cristo e descrito no final do capítulo cinco. Elucidou-nos que amando o inimigo, tomamos o Pai como modelo supremo, ao passo que amando os que nos amam, saudando os que nos saúdam e emprestando aos bons pagadores, simplesmente a cópia recai sobre os vulgares gentios e os mal falados fiscais. Ou seja, estacionamo-nos na tosca sociedade humana, pautada por uma

justiça mediana. Mas se éramos, e somos, partes na aliança que Deus estabelecera com Abraão, Jesus afiançava que proposta ousada e compromisso maior constavam como cláusulas diferenciadas do sublime pacto. Estava ali o profeta dos profetas, para confirmá-lo, não obstante a difícil ratificação que os maiorais da religião negariam.

Ainda de acordo com a caridade contábil já presente àquela época, regulada por saídas e entradas, se a oferenda da esmola implica em dar, na expectativa de, pela suposta generosidade, recompensa receber, há de se flagrar ali algo parecido com o quê se desenvolveu nos tempos atuais. Trata-se do *marketing*, bastante em voga na sociedade de consumo, que se esmera em cultivá-lo sob o epíteto de "a alma do negócio". Seu lema: aumentar a visibilidade para que o lucro, isto é, o retorno amplie-se. Paupérrima a sociedade que se prima por tal condução – vide a desgraça, isto é, a falta de graça, que campeia pelo mundo afora.

No campo religioso de antanho, a propaganda já se figurava como empresa valorosa. Hoje, são os ditos comerciais, veiculados nas mídias. Naquele tempo era a trombeta, instrumento musical usado para pontificar em altos decibéis o ato da caridade. Acordes, notas e timbres específicos, apesar de distante da sofisticação das vinhetas e jingles modernos, induziam o povo a parar, fosse no templo ou na via pública, para com a atenção acurada testemunhar a fantástica doação em dinheiro, solenizada em espalhafatosa pantomima. Ao palco eram alçados os protagonistas dignos de honraria. Glorificados, conquistavam títulos de beneméritos ilustres e status de reconhecimento público. Simbolizam, no excesso, ao que o Cristo esclareceu como recompensa já retornada.

A grande desvantagem está em profanar o sagrado objeto do amor – aquilo que é doado de quem tem para quem precisa. A ação que guarda potencial incrível vulgariza-se ante os interesses superficiais e imediatistas. O puro torna-se ímpio e Deus ausenta-se, pois que sendo comunhão no secreto silêncio, a faculdade de ser experimentado como recompensa salvadora dissolve-se.

2. **Qual é a vantagem em dar esmola em secreto**?

Recomenda, cioso o Mestre, parcimônia na divulgação das boas obras. Há dois trabalhos a serem feitos nesse ato, com resultado estupendo, caso a consecução seja adequada. Primeiro, sair de si, deixar seu conforto e ir servir, procurando por quem precisa de ajuda. Segundo, conter quaisquer intenções explícitas ou ocultas de engrandecimento pessoal pela ação praticada. Atentando-se para o principal do amor caridoso, é preciso empenho para diminuir, ou melhor, negar o ego. A recomendação da discrição é tamanha e o silêncio sugerido é tanto, que cria o Cristo a originalíssima frase: "não saiba tua mão esquerda o que faz a tua direita". Se uma parte de nós age e outra ausculta, pondera e sentencia, que esta não se comporte como de costume, julgando de acordo com valores já condicionados. Que se construa comportamento novo, revolucionário. Quando pede que nossa parte analítica não participe, está sendo indicado o seu silêncio. Mas como uma parte desta organização egóica, dual por natureza, vai se calar? Como vai se eximir, ela, que ora é boa e ora é má, que se alterna entre o recolhimento e a exteriorização, que às vezes desperta e em

outras adormece? Como uma parte deste ego será aquietada a ponto de não saber, de não tomar ciência? Resposta: integrando-se com a outra para se fazerem una.

Exortou-nos Jesus, ainda há pouco, na lição do amor aos adversários: "sede perfeitos, como perfeito é vosso Pai celestial". Ou um pouco mais atrás, ao ensinar sobre o juramento: "seja vossa palavra, sim, sim; não, não". É como se dissesse: "encontrai o veio central, a via reta, para serdes um com o Pai".

"Não saber uma mão o que a outra faz, é não estar partido" – continuaria ele. Pelo contrário, ser uno, inteiro. Nada de trombeta ou de fanfarra. "Opta tu pelo silêncio, fica com o ato em si, com a troca singela que ali acontece, pois entre o dar e o receber – atentai-vos! – prevalece preciosa unidade. Averigua-a, descobre-a, transporta-te para tal instância, que é pura experiência. Corpo a corpo, olhos nos olhos, de coração para coração. Tudo em secreto, pois que não é público. Tudo em segredo, porque é movimento de não-manifestação, de contenção, de introspecção, na direção da qualidade de Deus, que é não-manifesto. Esse, o campo (oculto) de Deus. Mergulha nessa direção através da caridade, que outra coisa não é senão o amor divino em ação".

Deus que vê no secreto, Deus que está no segredo, há de fazer retornar outra forma de recompensa, desconhecida, luminosa e arrebatadora, a experiência de se inteirar de sua intimidade. Esse, o convite do Cristo.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. **Qual é o valor da esmola (de dar e receber) para a meditação**?

Se a caridade enseja a experiência transcendente de desfrutar da consciência de Deus, quero, a cada dia, saber como praticá-la, e vivenciá-la. Aprendo, agora, que ela é a meditação em ação. Disponível em cada instante, como mudança para o sublime estado da vida mental. Mergulho no coração a fim de respirar com Deus. Isso me ensina o Cristo com a inolvidável lição da mão direita com a mão esquerda. Aprendo-a. Transportada para a mente, corresponde: não analise seu hemisfério esquerdo a fruição do direito. Viva a consciência una.

Ser agente nessa ação diferenciada de dar e receber, de trocar e compartilhar, é oportunidade intransmissível. Só o próprio, praticando-a, pode vivenciar Se como ego, estilhaçados, caímos nesse plano; se da unidade passamos à pluralidade, no amor em ação o retorno viabiliza-se. Simples assim. Mas preciso descobrir na intimidade desse encontro com o próximo, nessa benfazeja convivência, no mistério ali contido, o inexcedível passaporte para Deus.

Quero exercitar, sim, em todos os momentos do cotidiano essa diferenciada ação, para que quando, no recolhimento noturno, eu me sentar para meditar, que venham a inundar-me todas as situações do dia que me facultaram tal experiência. E no silêncio desta internalização que seja fluída a via de acesso ao Reino de luz.

És de novo, Cristo, o meu Mestre. Ensina-me que de mim nada posso. Não sou eu quem faz, quem improvisa ou arregimenta. Logo, não há glórias nem honrarias a receber. É Deus que age por mim se me disponho como seu instrumento. Portanto, é incontestável que toda egolatria devo ceder.

Ensinas-me, Mestre, porque estiveste também no outro polo – o de receber. O que de material possuías? Nem mesmo um travesseiro para colocar sua cabeça no descanso noturno. Qual era a tua profissão? Que salario recebias? Que recursos possuías para te vestir? "Olhai os lírios do campo, não tecem nem fiam..." (Mt 6:28) . Que recursos guardava para ingerir o pão de cada dia? "Olhai as aves do céu, não semeiam, nem ceifam..."(Mt 6:26). Fazias o trabalho devido. "Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?"(Lc 2:49). Seguias confiante pois que como dispensário de Deus, em contato íntimo com a fonte, repleto estavas e estás. Conduziste-te como o peregrino de Deus, fazendo em que cada momento o que te cabias realizar. Isso contigo aprendi.

Devo-me assim também proceder. Se nada de mim possuo, estou certo e confiante de que suprido serei. Humilde e concorde devo estar para receber e, ainda, para aceitar do outro recolher, seja ele quem for. E se o outro de mim precisar, estar pronto para oferecer, receptivo àquilo que por mim atravessa e passa. Numa ou noutra posição descobrir a graça de dar e de receber como experiência divina do amor.

Assim, juntando a palma da mão direita com a palma da mão esquerda, estas que unas se fazem na altura do coração, e unindo hemisfério esquerdo com o hemisfério direito da cabeça que se abaixa para não mais haver eu, na clara mente una me posto reverenciando o poder supremo que se faz presente no secreto silêncio do ato.

59.6 Versículo(s) para a meditação: Mateus 6:3 e 4

3. Tu, porém, quando deres esmola, não saiba tua mão esquerda o que faz tua direita,
4. para que tua esmola fique no secreto, e teu Pai, que vê no secreto, te retribuirá.

Próximo Encontro da Meditação Cristã: 20.10.19

MATEUS 6:5-15; MARCOS 11:25-26; LUCAS 11:1-4

RedeUnaViva: Meditação Cristã 266 – paragem 9-121 – 20.10.2019

60. RedeUnaViva: Meditação Cristã 60 – paragem 124 – 08.11.2015

MATEUS 6:5-15; MARCOS 11:25-26; LUCAS 11: 1-4

SERMÃO DO MONTE

Bloco IV: Em Secreto

10 – Quanto à Oração, como Comunhão Secreta

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

4. Qual é a diferença entre a oração formal, a devocional e a contemplativa?
5. Como entender a oração (ensinada pelo) do Cristo?
6. O que é necessário para a oração ser efetiva?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

7. Como usar a oração do Cristo na meditação?

Introdução: A oração como comunhão.

Prosseguindo no 4º bloco do SM, que destaca a grandeza (traz a experiência singular com o) do *secreto*, aquilo que é próprio da especialíssima relação do filho com o Pai, do fiel com Deus ou da criatura com o Criador, exalta o Cristo a oração como linguagem única para o monólogo silencioso dessa comunhão. Ensina-nos sobre a oração, depois de ter explicitado a primeira expressão do amor, isto é, a caridade *oculta*, como condição preparatória para a unificação com Deus. E termina a lição, reforçando a necessidade da segunda expressão do amor, isto é, o perdão, como indispensável para a eficácia da prece. Nas duas o próximo está apresenta. Numa, testa nossa diligente espontaneidade a serviço da compaixão, e noutra, a capacidade de nos retirar dos sentimentos egoicos. As duas atitudes revelam o estado mental do indivíduo. Se não vibrarmos acima dos enredamentos da queixa e dos interesses pessoais, a afinidade com o divino se torna impossível.

Nesse particular, não precisará o Mestre reformar os mandamentos como tem feito. Não usará a elegante expressão de reforma:

"Ouvistes que foi dito aos antigos ***aquilo*** eu, porém, vos digo ***isto***.".

Não precisou introduzir, "ouvistes que foi dito aos antigos, adorarás a um só Deus, eu, porém..." ou "ouvistes que foi dito aos antigos, adorarás sem imagem ou representação, eu, porém..." porque aqueles dois mandamentos, o primeiro e o segundo, prevaleciam com a mesma validade. São absolutos. Entretanto, os repassa com um toque de beleza e o viço do novo, presentes no majestoso **Pai Nosso**. Não precisa ser tomado como a única prece capaz de restabelecer o canal de comunicação com Deus, até para não recair naquilo que o Mestre condena, a repetição formal e cansativa das rezas vazias. Suas ideias servem de vereda para alçar o devoto a um dos céus da consciência desde que assumidas com coração. Não obstante, outras formas, até espontâneas, também favorecem a travessia do limiar da Terra na direção dos céus. Cada um usará a sua própria, *se quiser falar com Deus*. Que sejam a espontaneidade, a sinceridade e a entrega nossos recursos íntimos, e toda a fé de que o melhor está para acontecer, agora, na hora da oração. Essa será máxima quando tendo alcançado os estados mais elevados de consciência, dispensar a palavra, falada ou pensada, o sentimento, para adentrar a câmara secreta mais íntima – o reino de Deus.

É disso que trata a compilação de onze versículos do capítulo 6 de Mateus, complementada por quatro versículos do capítulo 11 de Lucas, e outros dois, do capítulo 11 de Marcos.

O Sermão do Monte, apresentado em 20 princípios

A Abertura

1 As bem-aventuranças; **(I)**

10 Quanto à oração: a comunhão secreta; (IV)

19. Os dois tipos de fiéis: os falantes e os praticantes;

60.1 Evangelho-parte 1: Jesus expõe a oração exterior. (Lc, Mt)**.**

Lucas 11:1
Lc 11:1. E aconteceu que estava **(Jesus) orando em certo lugar** e, quando acabou, um de seus discípulos disse-lhe: "Senhor, **ensina-nos a orar** como João ensinou a seus discípulos".
Mateus 6:5-8
Mt 6:5. Quando orardes, não sejais como os **hipócritas**, que **gostam de orar de pé** nas **sinagogas** e nas **esquinas** das praças, para **serem vistos** pelos homens; em verdade vos digo, **já receberam sua recompensa**.
Mt 6:6. **Tu**, porém, quando **orares**, **entra** em **teu quarto** e, **fechada a porta**, **ora a teu Pai que está no secreto**; e **teu Pai que vê no secreto te retribuirá** (na luz plena).
Mt 6:7. Quando orais, **não useis de repetições inúteis** como os **gentios**, pensam que pelas muitas palavras serão ouvidos.
Mt 6:8. Não sejais como eles, porque **vosso Pai sabe o que vos é necessário** antes que lho peçais.

3. A lição da oração respondeu ao pedido dos discípulos, atentos ao mistério dos momentos de reclusão do Mestre.
4. Jesus mostrou o desnecessário em vista da prática comum, ali desvirtuada.
5. "Não importa o lugar, a posição ou o ritual, abundantes nos costumes vigentes".
6. "Mas, sim, o secreto onde vosso Pai atende, que teu aposento faculta e, mais ainda, o teu silêncio reverente."

60.2 Evangelho-parte 2: Nosso Pai, Teus céus e Nome. (Lc, Mt).

Mateus 6:9-10	Lucas 11:2
Mt 6:9. Portanto, orai vós deste modo: "Nosso Pai, que estás nos céus; santificado seja teu Nome; Mt 6:10. venha o teu reino; seja feita tua vontade, como no céu, assim na terra;	Lc 11:2. Ele lhes respondeu: quando orardes, dizei: Pai, santificado seja teu Nome; venha teu reino;

6. "Eis o verbo reto da comunhão:"
7. "Pai Nosso, presente em todos os céus da consciência".
8. "Seja o teu nome glorificado em qualquer invocação".
9. "Desça teu Reino até onde conseguimos ascender".
10. "Mas acima de tudo, prevaleça tua vontade, quer para as situações mundanas quer para as espirituais".

60.3 Evangelho-parte 3: O pão, o perdão, a tentação e o mal. (Mt, Lc).

Mateus 6:11-13	**Lucas 11:3**
Mt 6:11. o pão nosso sobressubstancial dá- nos hoje;	Lc 11:3. o pão nosso sobressubstancial dá-nos diariamente;
Mt 6:12. e perdoa-nos nossas dívidas assim como nós já perdoamos aos nossos devedores;	
Mt 6:13.e não nos induzas em tentação, mas liberta-nos do mal"	

11. "Alimenta-nos neste dia, sobretudo com o pão do espírito".
12. "E para nos habilitarmos a receber o teu perdão, já perdoamos todos os nossos devedores";
13. "Por fim, que nos livremos, com tua ajuda, de todo mal,"
14. "prescindindo de passar pelos testes da tentação".

60.4 Evangelho-parte 4: A condição do perdão para a efetividade da oração. (Mt, Mc).

Mateus 6:14-15	Marcos 11:25-26
Mt 6:14. Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará;	Mc 11:25. Quando estiverdes de pé, orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai-lha; para que também vosso Pai que está nos céus vos perdoe vossas ofensas.
Mt 6:15. Mas se não perdoardes aos homens as suas ofensas, tampouco vosso Pai celestial perdoará vossas ofensas.	Mc 11:26. Mas se não perdoardes, também vosso Pai que está nos céus não vos perdoará vossas ofensas.

3. Ao entregar o sublime modelo de prece, ainda asseverou:
4. "Para que a vossa palavra tenha o poder de elevá-los aos céus de Deus",
5. "exercitai-vos através do amor diário cuja prova da sua prevalência situa-se na rápida dissolução do ressentimento em forma de perdão".

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

4. Qual é a diferença entre a oração formal, a devocional e a contemplativa?

A oração formal obedece a certos rituais. De posição; no caso abordado, em pé. De lugar; nos templos religiosos ou locais públicos. De texto; com a repetição, como se a contagem crescente aumentasse o seu valor. São referências condicionadas por acordos tácitos ou explícitos, ditados à comunidade crente por sua liderança. Seu apreço, vindo de fora, sustenta-se na aprovação dos pares e superiores. Tal como no ensino da esmola, a atenção decai para o entorno, de onde espera-se o apoio. Por isto, repete o Cristo: sua recompensa, pública, já foi recebida. Enquanto fecha o crente a porta principal, a da comunhão divina, proliferam-se os canais de vínculos sociais. Profanam, de novo, o sagrado, aqueles que assim procedem.

Contrapõe o Mestre, outro modo de orar. Começa por sua preparação, comparando expedientes que, em tese, conduziriam ao estado de oração, mas que, dominados pela formalidade, esvaziam-se e perdem seu poder. Explicita: "em vez de ir à sinagoga se usada para fins sociais, escolha o reservado recinto do teu aposento e, para torná-lo ainda mais privado, tranque-o, garantindo completo isolamento durante todo o teu recolhimento. Não precisando de destaque, adote postura cômoda, que não produza sono ou excitação, e para mais adentrar, feche as janelas da percepção e os sentidos da mente. Aprofundando-te, encontrarás a câmara secreta da alma onde, no silêncio, habita o Pai".

Esta preparação singela combate a oração formal e conduz à contemplativa.

Mas oferece o Mestre, ainda, o clamor da devoção, regado de elementos do judaísmo, mostrando uma vez mais que viera assentar-se nessa tradição, na intenção de que a Boa Nova coroasse o percurso luminar do povo. Não se dispuseram a escutá-lo.

Oferece-nos, com o primor do ***Pai Nosso***, frases de sentido profundo e beleza ímpar, capazes de, pelo vínculo devocional, fazer emergir o fiel no contemplativo campo da unificação.

Enquanto a reza ritualizada categoriza-se como arremedo de espiritualidade, reforçando o tratamento dual da relação com Deus, a prece devocional e lúcida, convoca emoção e lógica para se integrarem num estado diferenciado de consciência. Já a oração contemplativa, cujo Pai Nosso é via de acesso, prima-se pelo silêncio de palavras e de pensamentos, em que o reino de Deus é experiência única.

5. **Como entender a oração (ensinada pelo) do Cristo**?

Carlos Pastorino, cuja tradução usamos, discrimina nesta oração cristã oito elementos, assim discorridos: uma invocação, três pedidos espirituais e quatro solicitações atinentes à condição horizontal do ser humano. Acrescenta ainda ser ela uma síntese magnífica das fórmulas empregadas nas preces judaicas.

Reservou o Mestre esse momento para reforçar, com acréscimos, os dois primeiros mandamentos: 1) "Adorar a um só Deus"; 2) "Adorar sem imagem ou representação". Vai ensinar que o Pai é único e que para adorá-lo, em oração, somente é preciso estar consigo, dispensando qualquer auxiliar externo, seja de imagem ou de ritual.

1) Na oração dos rabinos, estão as frases: "*Nosso Pai que estás nos céus*, que *teu nome seja louvado* por todas as eternidades" e "*Nosso Pai, que estás nos céus*, fazei-nos misericórdia pelo amor *de teu grande nome*, que é invocado por nós". O Cristo usa as mesmas referências para invocar o Pai e fazer o seu primeiro pedido.

   "**Pai Nosso, que estás nos céus;**" – contém expressão afetuosa e familiar que nos remete à filiação divina. Para estabelecer o contato íntimo no início da oração devemos assim chamá-lo, certos de que como Pai zeloso escuta-nos. Detém todos os poderes que nós, crianças espirituais, carecemos. Ele é o nosso Pai, a quem confiamos, e nós, os seus filhos, cuidados com desvelo amoroso. Tanto nas horas de alegria, de dor ou de dificuldade. Buscamo-lo no Reino dos céus, presente em todas as paragens. Os céus são os estados de consciência superior, galgados até a unificação total, consumida no coração. Em todos degraus da ascese, sua mão nos alcança e, constante, na sua direção nos atrai até consubstanciar-se o último ato da jornada.

2) No Qaddich, oração diária dos judeus, encontra-se: "*seja exaltado e santificado teu grande nome*".

   "**santificado seja teu Nome;**"- se o nome é a expressão da essência, que ***Pai*** seja pronunciado aqui com a máxima fidalguia, aquela que garante a intimidade sagrada. Repassa, ainda, o terceiro mandamento, quando indica que qualquer pessoa ou agrupamento, em culto ou no cotidiano, ao falar o nome de Deus que não o faça em vão. Que haja respeito e dignificação. Atentados para a exortação de santificar seu Nome, que o glorifiquemos valorizando esse ato como o mais importante da vida. Assim, tornando Deus presente, pela consciência, na nossa existência, estaremos fazendo-nos Deus.

3) Tendo estabelecido o contato – ***Pai Nosso*** –, para o termos em todos os planos da jornada de oração que se inicia – ***que estás nos céus*** –, e tendo qualificado o chamado com reverência, vamos ao pedido.

   Nas frases fervorosas dos rabinos assim expressa-se o primeiro: "que o reino de Deus se manifeste ou apareça" (Targum, de Miquéias 4:8), ou "reina sobre nós tu só" (Chêmonê-esrê 11).

   "**venha o teu reino;**"- ardentemente queremos que seu Reino se manifeste. Que ele, resultado profícuo desta introspecção, fertilize-se em bem-aventurança por toda a Terra, a começar pelo próximo, meus familiares e amigos. Que ao sair desta meditação, como operário do Reino, eu espalhe ao derredor as suas benesses.

4) Apesar do ardoroso pedido, dispomo-nos a acatar resultado diferente.

   Rabbi Eliézer dizia: "fazei tua vontade no céu, no alto, e dá tranquila coragem aos que te temem na Terra, e fazem os teus olhos".

   "**seja feita tua vontade, como no céu, assim na terra;**"- se nos despertamos para o melhor e a cada dia renovamos a intenção de que ele se realize, inclusive contando com a ajuda celeste, mais do que necessário é imperioso pedir. Porque pedindo, alevantamos em nós a condição de sintonia com a Fonte. Se o rádio receptor

não estiver ligado, apesar de as ondas da emissora atravessam o recinto, o aparelho, ainda assim, continuará mudo. No entanto, depois de pedir com todo ardor, é indicado aceitar o resultado. A caminho da comunhão, fatores pessoais comprometem a clareza sobre o que é melhor para nós. Por isso, que se faça a vontade do Pai, tanto nos círculos espirituais, que começamos a adentrar, como na Terra, onde as adversidades serão melhor solucionadas se clamamos pela intercessão divina.

5) Chamamos pelo Pai, exaltamos sua excelsa condição, clamamos pelo seu Reino de amor, entretanto com a devida ressalva de aceitarmos a prevalência da sua soberana vontade. Assim, estamos prontos para, em varrendo com os olhos nossa experiência imediata, dialogar com o sublime a partir do nosso enfoque e desejo.

   Nos Provérbios 30:8, lemos, "não me dês pobreza nem riqueza: dá-me o pão necessário". Que singeleza eloquente.

   "**o pão nosso sobressubstancial (de cada dia) dá-nos hoje;**"- as traduções mais comuns apontam para "o pão de cada dia, o da subsistência", mas Pastorino recorre também aos comentadores antigos, que o derivam para "o pão espiritual, o sobressubstancial". Vem à tona o diálogo com a samaritana (Jo 4:10 – MC 31), em que o Mestre, apesar da sede fisiológica, transforma, através de alquimia poderosa, a mesma *água viva* que oferecera àquela mulher em H2O, para que circulando por seus vasos de carne mantivesse ativo seu veículo físico. Era também uma água transubstancial. Ou o desconhecido manjar dos discípulos que, saciando-o (Jo 4:32 – MC 32), permitiu-lhe dispensar o alimento que eles, pressurosos, conseguiram em vilarejo próximo. Seu alimento era e é fazer a vontade de Deus a fim de que sua obra seja completada. Se nos atentamos para a sede e a fome que este abençoado organismo sente e pede, não esqueçamos do pão do espírito, com que o Mestre nutriu a si próprio. Clamemos, primeiramente, por ele.

6) Sobrevivência, sim, queremos, para levar a cabo a nossa jornada. Administremos, pois, os cuidados estritos requeridos pelo corpo. Mas além do corpo, precisamos zelar do campo relacional, onde pecados são cometidos.

   Se a importância de pedir perdão é destacada no Chêmonê-esrê – "Perdoa-nos, nosso Pai, porque pecamos contra ti" – assim como na Abina Malkênu – "nosso Pai, nosso Rei, perdoa e resgata todas as nossas faltas" –, é no Eclesiástico, 28:2, que aparece a maior semelhança com o ensino de Jesus – "perdoa ao próximo sua injustiça e, então, se orares seus erros serão perdoados".

   "**e perdoa-nos nossas dívidas assim como nós já perdoamos aos nossos devedores;**" – há nesta alocução sábio raciocínio psicológico. Refere-se não apenas ao diálogo com a figura amorosa do Pai externo, mas também com o Pai interno. Ao condenarmos enfaticamente o irmão, estamos acirrando a instância julgadora que tratará com severidade os erros pessoais, mesmo que as defesas psicológicas pareçam dizer o contrário. Do desconhecido inconsciente, virá a própria condenação. Para alcançar absolvição interna é preciso exercitar-se na indulgência com o outro. Desenvolver olhar generoso para o malfeito alheio, descobrindo causas escondidas e complexas. Em situações similares, faríamos diferentes? Não padecemos das mesmas fraquezas? São raciocínios que favorecem a compaixão. Daí a pertinência do treinamento diário do perdão aos que nos

ofenderam. Credencia-nos para solicitar o perdão por tantos erros já cometidos e para tantos que estamos sujeitos a cometer.

7) Na oração da noite há: "não nos conduzas ao poder do erro, nem ao poder da tentação, nem ao poder da traição".

"**e não nos induzas em tentação,**" – é a frase de mais difícil compreensão. Seria de simples solução ater-se à tradução corrente – "não nos deixes cair em tentação" –, justificando que a tentação decorreria da ação do mal. Num enfoque ingênuo, ele viria de fora, e num enfoque mais elaborado, de quem já bem entendeu a natureza do ego, viria do mundo interno. Visto assim, a recomendação do Cristo seria coerente pois nos indica recorrermos ao poder do Pai para não sermos arrastados pelas trevas.

Tomando as outras duas traduções, "*não nos induzas/conduzas* à tentação", aparece um problema. É atribuído ao proponente um papel passivo, como entende Pastorino ao explicar o verbo *eisenégkêis, conduzir para dentro*, como *induzir. Conduzir* implicaria em a pessoa ser levada ao lugar de tentação, enquanto *induzir* indica que Deus, presente no mundo interno, através de pensamentos ou emoções, sugeriria escolhas equivocadas.

Noutro entendimento, tentação é vista como prova, e pecado, como ação desvirtuada. Para que essa ocorra, terá que haver, em última instância, um assentimento ou deliberação do ego. Daí adentra-se numa complexa questão filosófica: todo afastamento de Deus assenta-se na afirmação da subjetividade e, ao contrário, para que ocorra o retorno a Deus, é preciso abrir mão do problemático *eu*. Tal dilema, em tese, aparece tanto no instante de entramos no reino da dualidade, como na sua saída, na nossa reinserção no reino de Deus. Se a lei divina, na consciência, aponta para as veredas de permanência na dimensão da unidade, no ego testado aparece a opção do desejo emocionalizado, advinda da tentação. Seguindo a segunda, o ego, como senhor, inaugura o plano da dualidade.

Consoante a este entendimento, parece estar o Cristo a indicar que não apenas somos instados a escolher entre o bem ou o mal, naquele limiar metafísico, mas que, antes, é-nos facultado escolher se queremos passar pela tentação de estar nesse dilema – uma espécie de meta-dilema. Assim, a prova, como finalidade evolutiva, seria facultativa, pelo menos em algum tempo do nosso percurso espiritual. Associado à alegoria moisaica do paraíso perdido, essa escolha primordial seria antes da expulsão do Éden, mas com alguma reverberação neste plano já que o Mestre está apontando a pertinência de tal pedido aqui. A queda de lúcifer, como o anjo decaído, esteve em consonância com a permissão de Deus, mas ser ou não ser testado nessa queda também estaria. Está Jesus dando-nos informação adicional e preciosa sobre essa dinâmica transpessoal?

Uma derivação desta questão seria a de pensar na condição de o espírito como agente ativo da tentação, no campo da relação. Nesse caso, é fácil compreender a valorização do pedido para que não sejamos produtores da tentação para aqueles com quem convivemos porque, nessa situação, nos tornamos o próprio mal em pessoa.

8) Após a invocação divina e o percurso pelos seis pedidos, chega o momento da finalização da oração.

Afirma-se nos Berakkot: "seja feita a tua vontade, Senhor, nosso Deus e nosso Pai, salva-nos (...) do homem mau, do mau encontro, da força má, do mau companheiro, do mau vizinho, do adversário corruptor, do julgamento rigoroso, dos maus adversários no tribunal".

"**mas liberta-nos do mal**." – seguindo a indicação mais difícil da frase anterior, mesmo que não viéssemos a ser testados diretamente pelo mal, para que a evolução culmine na condição de pureza, carece que toda a semente do mal no espírito esteja definitivamente superada. Isto, para que qualquer levante de conflito, de cisma ou de cisão esteja erradicado. Para que a insurgência de qualquer sombra de dualidade tenha sido extirpada, a integração total com sua contraparte boa – aquela que viemos também a conhecer nestes planos, com a qual, na racionalidade imediata, buscamos nos identificar – haverá de ter sido consumada. Tendo superado esta possibilidade, o que há de prevalecer é a unidade que se irradia como luz e amor. Esta, a condição do espírito perfeito. Cristo condiciona essa liberdade ao pedido e auxílio do Pai.

6. **O que é necessário para a oração ser efetiva**?

Após nossos ouvidos terem escutado pela primeira vez, ali no monte, a cristalina prece entoada como melodia divina, recomendou-nos ainda Jesus: "exercita-te, através da relação interpessoal, ao perdão, não guardando mágoa nem qualquer desejo de vingança ou de desdita para aquele que te ofendeu, porque assim, de coração puro, podes entrar na câmara oculta do teu aposento e, em ato contínuo, penetrar a intimidade do espírito para o encontro com Deus. Tens para essa hora um modelo preciso, com frases límpidas a fim de, mergulhando e atravessando o campo da oração devocional, prontificar-te para experimentar a consciência divina".

É no labor de todo dia, através da prática do amor, que se prepara para essa introspecção silenciosa.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

7. **Como usar a oração do Cristo na meditação**?

Sei que tu és enquanto sei que não sou, a não ser contigo sendo.

Pois que tu és único, aquele que vivo é infinito e eterno, que na totalidade absoluto é, e na unidade, a realidade por excelência. Enquanto eu, à míngua, faço parte dessa família plural. Somos muitos enquanto irradiação de ti mas que por não ter de fato me separado da fonte que tu és, quero, agora, retornar.

Tu és Pai, e eu, filho. Tu, Criador, e aqui, criatura. De ti emerjo e em ti repouso.

Estás em todos os recintos, máximos e mínimos da tua casa, e ao reforçar/reafirmar tua presença nas sagradas instâncias da consciência, preparo-me para a comunhão suprema nos mais elevados céus.

Santifico teu nome para que em toda a palavra que o expresse aqui, tu sejas louvado e adorado, glorificado e amado.

Apesar de crente e solícito para que teu Reino agora me avassale, prostro-me entregue, porque se parca é minha compreensão, e extemporâneo o meu desejo, que se faça a tua vontade para as soluções da Terra e as bem-aventuranças do céu.

Dá-me a cada dia, de preferência, o pão espiritual ao pão da carne, como o que me sacia nesta prece.

Perdoo meus devedores e ofensores como condição indispensável para ser perdoado por tantas faltas e erros cometidos.

Fortaleça-me na recusa de me tornar agente da tentação e livra-me da experiência com o mal, dispensando-me das fileiras das suas seduções.

Versículo(s) para a meditação: Mateus 6:9.

"Pai Nosso, que estás nos céus; santificado seja teu nome".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 61 – paragem 131 – 15.11.15

MATEUS 6:16-18

RedeUnaViva: Meditação Cristã 267 – paragem 9-122 – 27.10.2019

61. RedeUnaViva: Meditação Cristã 61 – paragem 125 – 15.11.2015

MATEUS 6:16-19

SERMÃO DO MONTE

Bloco IV: Em Secreto

11 – Quanto ao Jejum, como Privação Secreta

61.1 **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

8. Espiritualmente, para que serve o jejum?
9. Qual é a importância do jejum secreto?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

10. Como usar o jejum na meditação?

61.2 **Introdução: A discrição do jejum espiritual**.

A revisão do Testamento Antigo, assim começa: "Não penseis que vim revogar a Lei ou os profetas: não vim revogar, mas completar (Mt: 5-17).

Nesta reforma, utiliza o Mestre a bela tônica: "Ouvistes o que foi dito aos antigos... eu, porém, vos digo". Repete o antigo para, então, expô-lo renovado.

Fez assim com o "não matarás", para explicitar que sujeito a julgamento não se encontra a pessoa apenas quando extermina o semelhante, mas até mesmo quando se deixa magoar pela ação do outro (Mt 5: 21)

Prossegue com o "olho por olho e dente por dente", para ensinar que a ordem agora, nas pelejas, era a de não resistir ao mal.

Pormenoriza tal ponto da Lei, mostrando que, em vez de primar-se pelo "amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo", o indivíduo deveria ampliar seu afeto, amando até mesmo os inimigos, orando pelos que o perseguissem. Sintetiza sua doutrina extremada, propondo o perdão das ofensas com o amor aos adversários.

Na relação mais íntima, com base no "não adulterarás", que o sujeito se desse conta de que o adultério, antes de se consumar em ato, começa no coração (Mt 5: 27-28).

Para mostrar que nos diversos tratos com o semelhante deveria o ser humano autorizar-se como o portador da verdade, que dispensasse o "não jurarás falso" ou qualquer outro juramento, até mesmo em nome de Deus. Ao contrário, que afiançasse o valor da sua palavra. Fosse o seu verbo, sim, sim; não, não.

Cuidando bem da relação interpessoal, estaria em condições de investir na relação direta e íntima com Deus, na valorização do secreto. Para frisar isto, usa nova alocução, em termos comparativos, propondo religiosidade genuína, distinta da rançosa. "Quando fizerdes tal coisa, não façais como os 'estranhos` – publicanos e gentios – ou como os 'hipócritas` - os falsos religiosos – que fazem assim". Tu faças desta outra forma – diferente e mais.

Repassa a esmola e a oração, quando cultivadas publicamente, a fim de apontar para o segredo das boas ações e o isolamento no aposento particular. Para concluir sobre o que esta tríade propicia em termos de comunhão com Deus, quando feita no secreto, ele aborda o jejum. Esmola, oração e jejum, em segredo, como 4º bloco do SM, fecha a revisão dos mandamentos antigos, para abrir, em nova poesia, o plantio dos mandamentos desvinculados do passado.

Vejamos, pois, a lição do jejum, exposta nestes quatro versículos de Mateus.

O Sermão do Monte, apresentado em 20 princípios

A Abertura

20. As bem-aventuranças; **(I)**
21. Vós sois o sal da terra; vós sois a luz do mundo; **(I)**
22. A lei confirmada, mas completada. **(II)**
23. Quanto ao mandamento de não matar – sede
29. Quanto à oração: a comunhão secreta; **(IV)**
30. Quanto ao jejum: a privação secreta; (IV)
31. Quanto às riquezas: não ajunteis tesouros na Terra;
32. Quanto a precaução exagerada: ninguém deve servir a

benevolentes com o adversário; **(II - 6º mandamento)**

24. Quanto ao mandamento de não cometer o adultério – não cobiçais o afeto (bem) alheio; **(II - 7º e 10º mandamentos)**
25. Quanto ao juramento: seja vossa palavra, sim, sim; não, não; **(II - 3º e 9º mandamentos)**
26. Quanto a justiça: não resistais ao mal; **(III)**
27. Quanto ao mandamento de amar: amai os inimigos, sendo perfeitos como Deus; (**III)**
28. Quanto a esmolas: a doação secreta; **(IV)**

dois senhores;

33. Quanto ao julgamento leviano: com o juízo que julgais sereis julgados;
34. Quanto a oferenda: não atireis pérolas aos porcos;
35. Como o pedir na oração;
36. As duas portas: a estreita e a larga;
37. A má árvore dos falsos profetas;
38. Os dois tipos de fiéis: os falantes e os praticantes;

O Epílogo: sua autoridade.

61.3 Evangelho-parte 1: Não divulgar o jejum praticado (Mt).

Mateus 6:16
Mt 6:16. **Quando jejuardes** não tomeis **um ar triste** como **os hipócrita**s; porque eles desfiguram os rostos**, para mostrar aos homens** que estão jejuando; em verdade vos digo, que **já receberam sua recompensa**.

7. "Se indiquei que vossa esmola e oração repousassem no secreto, recomendo o mesmo para o jejum".
8. "Pois o que importa, com a restrição do alimento, não é o engrandecimento de vossa pessoa pelo sacrifício imposto e suportado".

61.4 Evangelho-parte 2: O resultado como recompensa de Deus (Mt).

Mateus 6:17
Mt 6: 17. **Tu**, porém, **quando jejuas**, unge a cabeça e lava o rosto
Mt 6: 18. **para não mostrar aos homens que jejuas**, mas **somente a teu Pai que está no secreto**; e **teu Pai que vê no secreto, te retribuirá.**

15. "A recompensa vem da leveza do vosso corpo, da vivacidade do vosso olhar, que, em segredo, ofereceis ao sublime convidado".

16. Ali, na solidão do domicílio, estarei vos preparando para recompensa maior com que Deus há de vos brindar".

61.1 **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

8. Espiritualmente, para que serve o jejum?

   Parecem contraditórios os posicionamentos de Jesus sobre o jejum: não o preconizou como disciplina (1); associou sua prática à consumação de certas curas (2); jejuou por 40 dias, no deserto, no início de seu ministério (3); fez recomendações, no SM, sobre a postura do religioso no uso desse exercício espiritual (4).

   1) Por não jejuar correntemente, nem preconizar tal disciplina, ele foi questionado: "Por que jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus discípulos não jejuam"? Respondeu-lhes Jesus: "Podem acaso jejuar os convidados do casamento, enquanto o esposo está com eles? Dias virão, porém, em que lhes será tirado o esposo, e então nesses dias, jejuarão. Durante o tempo em que têm consigo o esposo, não podem jejuar (Mc 2:18-20).

   Na MC-45, elaboramos o seguinte comentário, sobre esta passagem, desdobrando sua resposta:

> *A imagem usada na resposta coaduna com o espírito festivo de Jesus, argumentado na última Composição da Meditação Cristã (MC-44). O Cristo é o noivo que veio desposar a humanidade. O esponsalício terá longa duração – o tempo do seu ministério – e seus cooperadores diretos são seus convivas para festejar a duradoura comunhão. Enquanto o esposo estiver presente, as bodas estarão sendo celebradas. E porque, estando aberto o céu para um trânsito contínuo de "anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem" (Jo 1:51), cada episódio dessa graça deverá ser motivo de festejo. O sagrado se faz presente entre nós, e isso não combina com as cinzas da tristeza, componente assíduo daquele condicionado jejum.*

Todo aquele que não possui luz própria é como a lua que depende do astro-rei para ser iluminada. Basta ver seu argênteo brilho ceder-se ao laranja ferruginoso em noite de eclipse. Mas enquanto a estrela de magnitude do Cristo estiver conosco, qualquer momento é tempo de extraordinário acontecimento, salpicando com êxtase o cotidiano dos mortais. É tempo de regozijo, e as palavras e os atos do Senhor regem o banquete espiritual.

Tudo o que se busca com a religião é o Cristo interno – "mas ele está aqui convosco: vede-me; de ordinário sou eu a vossa companhia. Que mais desejais? Acender uma vela ao meio-dia? Desfrutai porque, se não aproveitais esses dias de glória para que eu renasça em vosso coração, eles passarão. Nesse caso, precisareis de novo recorrer à prática dos vários tipos de jejum, para buscar-me vivo dentro de vós. Até mesmo meus discípulos dele precisarão, a fim de não se esquecerem da sua vocação maior. O jejum, então, preparará a prática do amor, e os seus atos, o casamento interno entre o devoto e eu".

2) Se na passagem acima dispensa o jejum, noutra afirmará sua necessidade, como meio de os endemoninhados se libertarem dos obsessores. "Mas esta casta de demônios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum" (Mt 17:21).

3) Preparando-se para início do ministério, é bem sugestivo os 40 dias do jejum no deserto, quando superou as três tentações malignas, conforme descrevemos na MC-21. "E tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome"(Mt 4:2).

4) O espírito puro perpassa, com leveza e fluidez, estados que parecem contraditórios aos olhos comuns. Para ele não há a incongruência que a rigidez do ego concebe. Qual é agora, no SM, a justificativa da recomendação do jejum quando o Cristo exalta o modo secreto de praticá-lo em detrimento da exibição costumeira e despropositada? Uma delas é contemplada quando afirma, acima, sua exigência para a cura dos males graves. Certamente, o jejum pertinente oferece ao apóstolo um manancial de virtudes curativas. Coloca-o como antena e veículo para os serviços espirituais necessários, em imenso número neste vale de sombras e gemidos. Para certos trabalhos, o jejum requisitado será o alimentar, abrangendo pratos condimentados e carnívoros, bebidas alcóolicas e substâncias tóxicas. De rotineiro – uns mais, outros menos – são nocivos à saúde em geral, e o discípulo dedicado saberá deles afastar-se. Tal abstinência, como medida de saúde física, mental e espiritual, receberá o incremento do jejum das sensações grosseiras, das emoções vulgares e dos programas vulgares que favorecem o domínio do ego. Esse regime de jejum estendido prontifica o apóstolo às demandas do momento, na sua função de intermediário entre as esferas superiores e a assistência aos sofredores, em consonância com a lição da caridade, ou seja, a esmola do espírito ao espírito. Por fim, o corpo mais leve oferece fluidez à mente para a tão esperada comunhão com Deus.

9. Qual é a importância do jejum secreto?

Quando a prática do jejum ocupar lugar especial de investimento do apóstolo, ela será desenvolvida na esfera do corpo e da alma. Haverá redução da quantidade de comida, suspensão de bebida, e diversas modalidades de nutrição anímica serão evitadas. Refiro-me aos hábitos e conversas, entretenimentos e espetáculos, suas imagens e áudios, cuja degustação e digestão tendem a manter o espírito cativo nos envolvimentos emocionais próprios desses repastos. Busca-se divertimento e socialização, sem saber como deles se sairá. Em substituição, o buscador verdadeiro seleciona essências frugais, destiladas dos textos sagrados, e as assimila através de leitura refletida. Essas, circulando o espírito, prepara o devoto para o singelo encontro com Deus.

Ainda, esse buscador, por valorizar o jejum em vez hábitos agitados, e recolher-se em ambiente silencioso, cultivado com simplicidade e higiene, adquire atrativo diferente. Não privilegiando qualquer estado de humor especial, seu semblante estampará genuína alegria, acompanhada de serenidade convincente. Os cuidados com a higidez corporal contribuirão para que a saúde seja conquista facilitadora da busca espiritual. Nem de longe lembrará aquele jejuador, criticado por Jesus no SM, que se posta com fisionomia triste e grave a fim de demonstrar sua capacidade de suportar as agruras do difícil caminho. Esse, simulado, recebe como recompensa o rasteiro troféu que exibe a fama da força empregada no exercício de sacrifício e imolação. Quão distante encontra-se do verdadeiro galardão, o êxtase do divino encontro.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

10. Como usar o jejum na meditação?

Neste dia em que me propus no secreto investir, porque é lá que Deus vê e para lá que quero ir, cuidei desde cedo da esmola em segredo, do jejum discreto e da oração silenciosa.

Não desprezei qualquer oportunidade de servir, acrescentando um pouco às minhas obrigações rotineiras como a esmola de cada dia. Realizar além do trabalho profissional significa sobrepor-me à ocupação formal. Limpar, por exemplo, um ambiente comum sem ter sido contratado como faxineiro, ou oferecer um copo d'água ao enfermo para além do compromisso de cuidador. Constatar em segredo, a cada minuto, a oportunidade que a vida me traz. Sem alarde nem convencimento, porque o que faço é mesmo muito pouco.

À mesa da refeição, optei pelo suficiente em vez do excedente, não obstante a forte atração para o prazer que a sensação prometia renovar. Posterguei-o para redescobri-lo mais tarde, na sutileza de outros sentimentos, rejeitando qualquer intenção de por isto parecer-me diferente e melhor.

Na roda recreativa, evitei a crítica ou a chacota para combustível não fornecer à euforia fácil das fofocas. Melhor a parcimônia do que me deslizar para o jorro do verbo malicioso. Jejuando-me de intrigas e conflitos, acompanhados de emoções e ideias, fui capaz de condensar força e poder para a prece devocional.

Após desempenhar minhas atividades do dia, com vistas ao trabalho interior, segui para a introspecção a fim de adentrar a câmara íntima de oração. Cheguei aqui, onde o silêncio é alto, e o secreto, sua marca. Grande o regozijo de me sentar na companhia do Senhor. Devoto-me ao Pai Nosso com entendimento ampliado, e agradeço a intercessão do Cristo, que me auxilia na sacrossanta comunhão.

61.5 Versículo(s) para a meditação: Mateus 6:17 e 18.

17. Tu, porém, quando jejuas, unge a cabeça e lava o rosto
18. para não mostrar aos homens que jejuas, mas somente a teu Pai que está no secreto; e teu Pai que vê no secreto, te retribuirá.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 62 – paragem 132 – 03.11.19
MATEUS 6:19-24; LUCAS 12: 32-34

RedeUnaViva: Meditação Cristã 268 – paragem 9-123 – 03.11.2019

62. RedeUnaViva: Meditação Cristã 62 – paragem 132 – 22.11.2015

MATEUS 6:19-24; LUCAS 12: 32-34

SERMÃO DO MONTE

Bloco V: O Dinheiro

12 – Quanto às riquezas: os tesouros do Céu e os tesouros da Terra

62.1 **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

11. Como distinguir os tesouros da Terra dos do céu?
12. Qual é a relação entre tesouro, coração e olhos?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

13. Como acender a lâmpada do corpo na meditação?

62.2 **Introdução: O Tesouro do Coração**.

Avançando nas preciosas lições do Monte, após estender as ações que cabem ser realizadas em secreto, sejam aquelas da horizontalidade humana – a esmola –, sejam aquelas que verticalizam o circuito da comunhão com Deus – o jejum e a oração –, traz o Cristo esclarecimentos atinentes à nossa condição material. Isto porque, dependendo do olhar de quem olha, serão divisados limitação, escassez e morte, como expressões da mais árdua realidade imediata. Logo, induzirá providências no afã de garantir os recursos asseguradores da sobrevivência. Porém, na sua cola costuma-se adicionar outras cautelas facilmente resvaladas para o supérfluo e o luxo, embora sob a bandeira poderosa de "necessidades estritas". Em nome da segurança, *por*

osmose, escorre-se para a terra dos enganos. O que mesmo é necessário para viver? Oxigênio e carbono? Nitrogênio e água? Antes de responder, Jesus já começa a abordar o tema, com a belíssima figura dos tesouros – os da Terra, tão evidentes, tanto para quem os têm como para os que não têm, e os bens do céu, que por mais ocultos, não se os apreende com o mesmo imediatismo, com a mesma certeza. Vincula os dois tesouros ao coração, aos olhos e à luz, e ilumina o Mestre nossa lógica, para distingui-los com mais nitidez. Afasta-nos, assim, dos enganos e dos caprichos.

Os primeiros submetem-se à impermanência do tempo e à vulnerabilidade do roubo. Os segundos, são inalienáveis. Para que os tesouros mais sutis tornem-se imantados à alma é preciso ter um coração diferenciado. Que coração é esse e como conquista-lo é o tema desta Meditação Cristã. Utilizemos para tal fim o que nos grafou os dois evangelistas. Mateus brinda-nos a lição com seis versículos, e Lucas desdobra-a em outros três. Em seus respectivos capítulos 6 e 12.

O Sermão do Monte, apresentado em 20 princípios

A Abertura

39. As bem-aventuranças; **(I)**
40. Vós sois o sal da terra; vós sois a luz do mundo; **(I)**
41. A lei confirmada, mas completada. **(II)**
42. Quanto ao mandamento de não matar – sede benevolentes com o adversário; **(II - 6º mandamento)**
43. Quanto ao mandamento de não cometer o adultério – não cobiçais o afeto (bem) alheio; **(II - 7º e 10º mandamentos)**
44. Quanto ao juramento: seja vossa palavra, sim, sim; não, não; **(II - 3º e 9º mandamentos)**
45. Quanto a justiça: não resistais ao mal; **(III)**
46. Quanto ao mandamento de amar: amai os inimigos, sendo perfeitos como Deus; (**III)**
47. Quanto a esmolas: a doação secreta; **(IV)**
48. Quanto à oração: a comunhão secreta; **(IV)**
49. Quanto ao jejum: a privação secreta; (IV)
50. **Quanto às riquezas: não ajunteis tesouros na Terra;**
51. Quanto a precaução exagerada: ninguém deve servir a dois senhores;
52. Quanto ao julgamento leviano: com o juízo que julgais sereis julgados;
53. Quanto a oferenda: não atireis pérolas aos porcos;
54. Como o pedir na oração;
55. As duas portas: a estreita e a larga;
56. A má árvore dos falsos profetas;
57. Os dois tipos de fiéis: os falantes e os praticantes;

O Epílogo: sua autoridade.

62.3 **Evangelho-parte 1: Os tesouros da terra como alimento do corpo. (Lc, Mt)**.

Mateus 6:19-21	Lucas 12:32-34
	Lc 12:32. Não temas **pequeno rebanho**, porque é do agrado de vosso Pai dar-vos o reino.
Mt 6:19. Não ajunteis para vós **tesouros na terra**, onde a **traça** e a **ferrugem** os consomem e onde os **ladrões** penetram e roubam, Mt 6:20. mas ajuntai para vós **tesouros no céu** onde nem a traça nem a ferrugem os consomem, e onde os ladrões não penetram nem roubam,	Lc 12:33. **Vendei o que possuis, e dai esmolas**; fazei para vós **bolsas que não envelheçam**, um **tesouro inexaurível nos céus**, onde o ladrão não chega e a traça não rói,
Mt 6:21. porque **onde está o teu tesouro**, aí **estará também o teu coração**.	Lc 12:34. porque onde está vosso tesouro, também estará vosso coração.

9. Não penseis serdes o corpo pois isso vos levará a juntar tesouros da matéria para atendê-lo.
10. Esses, perecíveis, são destruídos pelo tempo e desparecidos pelos ladrões.
11. Acautelai-vos com o carregamento do coração pois é dele que sai a medida da realidade.
12. Não vos importeis com a pouca posse nem com o rebanho pequeno, pois que Deus, providente, reserva-vos o Reino.

62.4 **Evangelho-parte 2:. Os tesouros do céu como alimento do espírito (Mt)**.

Mateus 6:22-24
Mt 6: 22. A **lâmpada do corpo são os olhos**; se pois estes forem **sãos**, todo **o teu corpo será luminoso**,
Mt 6:23. mas se teus olhos forem **doentes**, todo **o teu corpo será tenebroso**. Se, pois, **a luz que há em ti são trevas**, quão grandes são essas trevas!
Mt 6:24. Ninguém pode servir **a dois senhores**, pois ou **há de aborrecer a um e amar o outro**, ou há de **unir-se a um e desprezar o outro**: não podeis servir a **Deus** e às **riquezas**.

13. Olha com os olhos sãos para veres no mundo os tesouros do céu, pois eles alimentarão o teu espírito.
14. Se os olhos banharem-se no coração amoroso eles terão a luz e o todo o teu corpo resplandecerá.
15. Assim, trata-te de servir o único Deus, afastando-te do domínio das riquezas do mundo.

62.1 **Auto-indagação reflexiva:**

11. **Como distinguir os tesouros da Terra dos do céu**?

Os tesouros da Terra somente são guardados na terra, isto é, em arcas enterradas, e como tais, alcançáveis por traças que as consomem. Estão sujeitos à oxidação, uma marca da passagem do tempo; portanto, passíveis de corrosão. Também carecem de cadeados contra ladrões, capazes de surrupiá-los. Assim, sendo matéria, os tesouros da Terra são vulneráveis aos processos físicos, químicos e biológicos, regidos pela impermanência, e ao furto comandado pela cobiça dos invejosos, malandros e preguiçosos. Em síntese, os tesouros da Terra são alienáveis.

Os tesouros do céu são guardados na alma, isto é, no coração que foi depurado das emoções rasteiras e dos desejos egoístas. Por isso não estão sujeitos nem à destruição do tempo, nem aos achaques dos espertos, com suas artimanhas e violência.

Optar pelo cultivo de uns ou de outros decorre da filosofia de vida empregada. Se a realidade estiver condicionada ao olhar estreito que valoriza a superfície, discriminará apenas os objetos de peso e de brilho, cambiáveis por dinheiro – a singular invenção humana para trocar valores. Se o real é esta experiência imediata e densa, seu valor primariamente restringe-se à matéria que alimenta o corpo. Mas como essa experiência, aferida pela sensação de prazer, deriva-se para outras áreas, no mundo pós-escambo vieram a abundar várias outras ofertas compradas e vendidas em cifrões. Passaram todas à categoria de tesouros da terra.

Como refletimos na última Meditação Cristã (MC-61), o jejum, que excede à estrita prática da privação do alimento, apresenta-se num leque diverso, aplicado a toda experiência que aprisiona o indivíduo identificado com a sua condição corpórea. Por isso, o jejum não se restringe ao alimento vulgar já que esse não é a única fonte de sensações e emoções a serem suspensas pelo jejuador genuíno. Outrossim, destacam-se bebidas e drogas, jogos e sexo, entre outros atrativos, numa ampliação de referências. Pelo seu poder, quando essas sensações e emoções são caladas colocam o sujeito numa instigante interface, nos portais da consciência. O trabalho bem cultivado nesses portais faz emergir uma profunda experiência espiritual. Em oposição, todas essas fontes de prazer estão à venda nos balcões do negócio humano, cujo pregão atrai gama diversa de proprietários dos tesouros da Terra. Quem os preza, gastará muito do seu tempo e energia para amealhar fortuna capaz de compra-los. E os meios empregados são, tantas vezes, os responsáveis pela produção e manutenção da injustiça social, cujo sofrimento consequente a todos atinge – basta ter

um olhar mais abrangente para percebe-lo. Assim, os sócios desse clube, focados na matéria e nos seus derivativos, dispensarão, de imediato, todo e qualquer tipo de jejum.

Quem saiu dessa esfera e escolheu outra sorte de tesouro adota estilo de vida mais módico e frugal. Adquire tempo para o jejum espiritual e possui melhor disposição para divisar o céu. Com o coração pacificado escuta, nesse plano, a lei e os profetas. Cultiva princípios que resistem aos ladrões e traças, e com o título definitivo de posse, o tesouro do céu o acompanha por onde quer que ande. Aprende, no campo secreto da oração, que a personalidade ora envergada é apenas veste do espírito, tão passageira como a riqueza material o é. Há de ser igualmente consumida pelos vermes e tempo na razão direta da arrogância e prepotência do seu dono. Quem conquista os tesouros do céu contagia pelo desprendimento, e, pelo exemplo, traduz as máximas do SM, na conduta ilibada dos homens de bem. Suas ações solidárias e generosas ajudam, em todos os âmbitos, o semelhante a suportar agonias e a superar adversidades. Ainda amam quando, diante da ofensa, não se detém mas passam à frente.

12. **Qual é a relação entre tesouro, coração e olhos**?

No coração situam-se as emoções que, atreladas ao desejo, determinam ações e constroem comportamento. Atitude e comportamento acabam por definir quem a pessoa é – mas a pessoa não é; apenas passa. Desejos emocionalizados têm tanta força que são capazes de arrastar pensamentos e lógica para justificarem sua vigência – a vida de ego. No entanto, a sua coerência é discutível, por se sustentar na argumentação tênue daquilo que os olhos de carne enxergam.

Se para enxergar bastam os olhos, para ver é preciso coração. Coração depurado na reflexão acurada e apurado na oração silenciosa. Somente assim, terá se habilitado, como câmara secreta, para receber e para oferecer Deus como incomensurável tesouro.

"Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração", afirmou o Mestre. Mas que coração? Dependendo de qual coração, ficará claro o tipo de tesouro a ele imantado.

Há o coração que pesa como chumbo por nutrir-se de emoções grosseiras, consumidas avidamente, sem descanso ou jejum. Orbitando objetos dessa espécie, assumirá, tantas vezes de forma inconsciente, luta inglória, já que terá a morte, com sua indefectível foice, como companhia constante a espreitar-lhe. Mais cedo ou mais tarde haverá de ceifá-lo. Não me reporto unicamente à morte física. Com frequência, salta-se em evidência a morte anímica que, impregnada no corpo vivo, macera-o bastante. Esse, arrastado com o amargor de limitações e doenças, faz seu dono transitar perdido, no resíduo temporal da existência desperdiçada.

Mas o coração puro acende nos olhos a lâmpada do corpo. Oferece-lhes a seiva da vida imanente e eles, verdadeiramente, veem. O corpo são ilumina-se e jorra lucidez por onde quer que passe. É a lanterna a lumiar o caminho tenebroso dos que gemem no vale das trevas. Quando não os cegam, são bem-vindos já que mostram por onde ir e trazem consigo a viva água e o manjar do céu.

Nessa interface, entre os dois tesouros, não há meio termo. Ou serve-se a Deus ou serve-se a Mamon, o gênio da riqueza material. Porque mesmo aquele que se encontra dividido, ora oferecendo seus dotes e investimento a Deus, e ora a Mamon, esse não serve a Deus. Encontra-se ainda na dualidade, marca peremptória do ego, o rico senhor mundano.

Por isso, aquele que foi dotado de posses materiais pela circunstância desta existência, que veja nelas oportunidade para o serviço a Deus, pois que tantos modos há de realizar esse compromisso espiritual. Que se autorize como o administrador que dispensa em nome de Deus, pois o que levará deste mundo será o bem que realizou através do recurso que lhe foi concedido como empréstimo. Nessas boas obras estará o seu coração e a luz dos seus olhos.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

13. **Como acender a lâmpada do corpo na meditação**?

Quando sento para meditar, o que me interessa é a iluminação. Do corpo e do espírito.

Aquele que tem Deus no coração há de ser a luz do caminho.

Seus passos, feitos de pernas e pés, são marcas da andança, e seus braços, feitos de mãos e dedos, indicações do quê e de como fazer. Quero assim, hoje, preparar meu corpo.

Sua palavra, enraizada no coração, traz a seiva da vida imanente, capaz de transfundir força aos débeis de vontade. Quero assim, hoje, exercitar o espírito que sou com todo aquele com quem conviver.

A vontade deste peregrino superpõe-se à fé de que Deus é seu pastor, nos diversos e difíceis campos da jornada. Quero aceitar cada adversidade, como prova para que testemunhe minha capacidade de permanecer na unidade, pois sei que Deus é vivo, pronto pra comunhão agora, e não pra depois.

Segue o peregrino amealhando fortuna que ladrões não roubam pois toda sua riqueza é paz de espírito que o olhar sereno traduz e doa. Quero desses frutos do céu me alimentar a partir do jejum verdadeiro. Se emoções pequenas quiserem me sequestrar, digo não. Se pensamentos adjacentes levantarem-se em defesa do ego, ordeno que se sentem de novo. A palavra nascida na reatividade ilusória, silencio-a. E ao gesto tresloucado de contenda perniciosa, peço calma. Dessa mesa não quero me servir. Outra, de tesouros sorrateiros voa pelos céus. São pipas que timidamente avisto e recolho.

Quando sento para meditar agora, trago, então, esses tesouros diferentes feitos de labor diário. Não me importo se o rebanho é pequeno e se a posse se foi. É casca do caminho que se debulha enquanto a joia divina é lapidada. É capa enferrujada, é bolsa carcomida. Reside meu tesouro no coração, onde coloquei, conservei e cultivei a vontade de ainda hoje ver meu Pai.

Apago a luz do quarto e acendo os olhos sãos de ver Deus. Bem-vindo teu Reino de amor e sabedoria e seja, uma vez mais, feita a sua vontade.

62.5 **Versículo(s) para a meditação: Mateus 6:20 e 21**.

20. mas ajuntai para vós tesouros no céu onde nem a traça nem a ferrugem os consomem, e onde os ladrões não penetram nem roubam,
21. porque onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 269 – paragem 9-124 – 10.11.19
MATEUS 6:24-34; LUCAS 12: 22-31

RedeUnaViva: Meditação Cristã 269 – paragem 9-124 – 10.11.2019

63.RedeUnaViva: Meditação Cristã 63 – paragem 133 – 29.11.2015

MATEUS 6:24-34; LUCAS 12: 22-31

SERMÃO DO MONTE

Bloco V: O Dinheiro

13 – Quanto à preocupação exagerada: não vos angustieis pelo dia de amanhã.

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Devo mesmo não me preocupar pelo dia de amanhã, com o que vou comer, beber, vestir?
2. Como conciliar a busca do reino de Deus com os cuidados (a previdência) da vida material?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. O que preciso para ter o reino de Deus como meta principal?

Introdução: O Reino em primeiro lugar.

Após ter ensinado que precisamos ter os olhos sãos e depurado o coração a fim de escolher os tesouros do céu frente aos da Terra, avança o Mestre para radical exortação – aquela que para muitos não deve ser acolhida literalmente devido a sua incompatibilidade com a condição humana. Se na anterior ele usou belíssimas figuras, nesta passagem não deixará por menos. Começou com o "não ajunteis tesouros na terra, que traça e ferrugem consomem e ladrões roubam, mas ajuntai-os no céu,

porque onde está o teu tesouro também está teu coração", e intermediou como o "não se deve servir a dois senhores, porque há de aborrecer a um e amar o outro ou há de unir-se a um e desprezar o outro; não podeis servir a Deus e às riquezas", chegando no ensino superlativo de agora. "Buscai primeiro o reino de Deus em sua perfeição, e todas essas coisas vos serão acrescentadas". O termo, *todas essas coisas*, diz respeito às nossas necessidades básicas. Ilustra a lição com o "olhai as aves do céu, que não semeiam (...) " e o "olhai os lírios do campo, que não fiam (...)". Usa tais figuras para demonstrar que Deus dispensa o necessário aos seus filhos. Sejam aqueles da natureza, como também nós outros, diferenciados pela construção da cultura. Como relacionar ou conciliar as duas opções para dar conta do recado?

Retornar à natureza, mesmo lembrando do senão que muitas espécies precisam caçar e matar para sobreviver, e afirmar a cultura, cujo funcionamento ordinário da permuta de serviços, regida pelo dinheiro, promove tanta injustiça social? O que fazer para sermos mantidos pela paternidade celeste nesse cenário? No campo da religiosidade fisiológica os *profissionais do credo* ficam sustentados pela instituição que os alberga. No entanto, a experiência dos adeptos das primeiras comunidades *do Caminho*, quando nem havia a palavra "cristão", foi diferente. Antes, os essênios abdicaram-se das posses, compartilharam a comida, as vestes, tornando comum todos os bens do grupo. Essa via foi repetida pelos discípulos do Cristo no século I. Algo similar se repetiu com os cristãos de outras épocas, como os seguidores do jovem de Assis ao optarem pelo voto de pobreza.

Como tratar o tema para nós que ouvimos esta mensagem na atualidade? Pairam dúvidas.

Primeira: aquele que opta por buscar *antes* o reino de Deus será mesmo saciado nas suas necessidades elementares? Segunda: é cabível a todos esta exortação? Qualquer um que a ouça é capaz de devotar sua vida a Deus, ser um servidor em regime de exclusividade total? Terceira: Será a isso mesmo que a mensagem evangélica se reporta?

Tentaremos desvendar tais questões através da leitura atenta dos onze versículos do capítulo 6 de Mateus e dos dez correspondentes de Lucas, escritos no seu capítulo 12.

O Sermão do Monte, apresentado em 20 princípios

A Abertura

58. As bem-aventuranças; **(I)**
59. Vós sois o sal da terra; vós sois a luz do mundo; **(I)**
60. A lei confirmada, mas completada. **(II)**
61. Quanto ao mandamento de não matar – sede
67. Quanto à oração: a comunhão secreta; **(IV)**
68. Quanto ao jejum: a privação secreta; (IV)
69. Quanto às riquezas: não ajunteis tesouros na Terra; **(V)**
70. **Quanto a precaução exagerada: ninguém deve servir**

benevolentes com o adversário; **(II - 6º mandamento)**

62. Quanto ao mandamento de não cometer o adultério – não cobiçais o afeto (bem) alheio; **(II - 7º e 10º mandamentos)**
63. Quanto ao juramento: seja vossa palavra, sim, sim; não, não; **(II - 3º e 9º mandamentos)**
64. Quanto a justiça: não resistais ao mal; **(III)**
65. Quanto ao mandamento de amar: amai os inimigos, sendo perfeitos como Deus; (**III)**
66. Quanto a esmolas: a doação secreta; **(IV)**

a dois senhores; (V)

71. Quanto ao julgamento leviano: com o juízo que julgais sereis julgados;
72. Quanto a oferenda: não atireis pérolas aos porcos;
73. Como o pedir na oração;
74. As duas portas: a estreita e a larga;
75. A má árvore dos falsos profetas;
76. Os dois tipos de fiéis: os falantes e os praticantes;

O Epílogo: sua autoridade.

a. Evangelho-parte 1: Não se pode servir a dois senhores (Lc, Mt)**.**

Mateus 6:24-25	**Lucas 12:22-23**
Mt 6:24. Ninguém pode servir **a dois senhores**, pois ou há de **aborrecer a um** e **amar o outro**, ou há de **unir-se a um** e **desprezar o outro**: não podeis servir a **Deus** e às **riquezas**.	
Mt 6:25. Por isso vos digo: **não vos preocupeis com vossa vida**, pelo que haveis de **comer ou beber**, nem **com vosso corpo**, pelo que **haveis de vestir**: não é a vida mais que o alimento e o corpo mais que a roupa?	Lc 12:22. E disse a seus discípulos: portanto vos digo, não andeis preocupados com a vida pelo que haveis de comer, nem com o corpo pelo que haveis de vestir. Lc 12:23. Pois a vida é mais que o alimento e o corpo mais que a roupa.

16. "Anuncio-vos o Reino da unidade, do Deus único, Pai Nosso. Para que nele se adentre há que servir apenas a Um, a Ele".

19. "Quem pensa servir aos dois, estanca-se na dualidade e não ascende ao Deus único".
20. "Ademais, afirmo: é exequível servir

17. Não obstante, há religiosos que permanecem no reino da dualidade penhorando-se no serviço a dois senhores, simultâneo ou alternante, ora a Deus ora a Mamon".
18. "Em realidade, tal empresa de conciliação é pura ilusão".
21. "Depende da certeza íntima de que Ele alimenta o espírito e ao corpo a vida insufla".

b. Evangelho-parte 2: Olhai as aves do céu (Mt, Lc)**.**

Mateus 6:24-25	**Lucas 12:22-23**
Mt 6:26. Olhai **as aves do céu**, que **não semeiam nem ceifam nem ajuntam** em celeiros, e **vosso Pai celestial as alimenta**; **não valeis vós** muito mais que elas?	24. Observai os **corvos**, que não semeiam nem ceifam, não têm despensa, nem celeiro, e no entanto Deus os alimenta; quanto mais valeis vós do que as aves!
27. E qual de vós, por mais preocupado que esteja, pode acrescentar **um cúbito** à sua estatura?	25. Qual de vós, por mais preocupado que esteja, pode acrescentar um cúbito à sua estatura? 26. Se pois, **não podeis fazer nem as coisas mínimas**, porque vos preocupais pela outras?

22. "Exemplifico: as aves que no céu voam, sem plantar ou armazenar, são nutridas por Ele".
23. "Vossa ascensão, por crescimento ou por voo, não será conquistada por meio dos empreendimentos mundanos".

c. Evangelho-parte 3: Olhai os lírios do campo (Mt, Lc)**.**

Mateus 6:28-30	**Lucas 12:27-28**
Mt 6: 28. E porque vos **preocupais** pelo que **haveis de vestir**? Considerai como crescem **os lírios do campo**: eles **não trabalham nem fiam.**	27. Considerais os lírios como crescem, e não trabalham nem fiam, todavia vos digo que nem Salomão em todo o seu esplendor se vestiu como um deles.
29. contudo vos digo que nem **Salomão** em **todo o seu esplendor se vestiu como um deles**.	
30. Se **Deus** assim **veste a erva do campo**, que hoje existe e	28. Pois se Deus assim veste a erva do campo que hoje existe e

amanha é lançada ao forno, quanto mais a vós, homens de pequena fé!	amanhã é lançado no forno, quanto mais a vos, homens de pequena fé?

24. Também a veste lirial com que chegareis ao Senhor não a tecereis sobre as mesmas fazendas do poderoso Salomão.

d. Evangelho-parte 4:. Buscai primeiro o reino de Deus (Mt, Lc).

Mateus 6:28-30	Lucas 12:27-28
Mt 6: 31. Assim, **não vos preocupeis** dizendo: **que comeremos? ou: que beberemos? ou: com que nos vestiremos?**	29. Não procureis, pois, o que comereis ou bebereis, nem vos preocupeis,
32. (pois **os gentios** é que procuram todas essas coisas); pois **vosso Pai celestial sabe que precisais de todas elas**.	30. porque **os homens do mundo** é que procuram todas essas coisas; mas vosso Pai sabe que precisas delas.
33. Mas **buscai primeiro o reino de Deus e a perfeição dele, e todas essas coisas vos serão acrescentadas.**	31. Buscai antes o reino de Deus, e todas essas coisas vos serão acrescentadas.
34. Não vos preocupeis pelo **dia de amanhã**, porque o amanhã trará o seu próprio cuidado; **ao dia, basta o seu trabalho**.	

25. Assim, não vos preocupeis com a existência material.
26. Realizando com perfeição vossa jornada diária, encontrareis em cada tarefa o reino de Deus.
27. Nelas e por elas, Nosso Pai celestial paga o vosso salário, doando o necessário e o essencial à vida.

Auto-indagação reflexiva:

1. **Devo mesmo não me preocupar pelo dia de amanhã, com o que vou comer, beber, vestir**?

Jesus é claro: ninguém pode servir a dois senhores. É a sequência conclusiva da lição dos Tesouros da Terra versus Tesouros do céu. Não é exequível servir a Deus e a Mamon, ao Reino dos Céus e à realeza da riqueza material.

Então, a questão a ser dirigida por cada um a si mesmo é: já estou pronto para servir a Deus? Estou preparado para fazer essa opção? Porque, se pronto estiver e essa escolha fizer, parece encontrar-me entre aqueles que se filiaram ao círculo íntimo dos apóstolos e não preciso mais me preocupar pelo dia de amanhã.

Mas não basta afirmar para si e para os companheiros que essa decisão foi tomada, e que por isso já é um operário exclusivo do Reino. É preciso ter sido aceito, admitido como tal. E para tal, como no Festim das Bodas do filho do Rei, para adentrar à casa sagrada, é necessário estar vestindo a túnica nupcial.

Como se adquire a brilhosa túnica? Vejamos as lições anteriores. Elas nos esclarecem. Não foram eloquentes quando evidenciaram a natureza do compromisso formalizado *em Secreto*? Ou seja, a realização do jejum, da esmola e da oração, *em segredo*. Não foram precedidas de indicações de como não ser o agente do mal no mundo? Pelo contrário, ser capaz de se comportar como um *reinante*, súdito do Reino, em resposta aos ignorantes quando envergam vestimentas do mal? "Não resistais ao mal. Orai pelos que vos perseguem. Perdoai os adversários." A receita foi dada por completa e todo aquele que a segue, sendo o sal da Terra e a luz do mundo, já desfruta das bem-aventuranças próprias da vida imanente. Esta é a receita para coser diariamente sua túnica de luz. Então, é o próprio que precisa olhar para si e responder: eu, realmente, fiz a opção de ser um servidor de Deus? Se responder, sim, então, é a ele que o Cristo dirige-se. "Não é necessário angustiar-te pelo dia de amanhã – pelo que comerás, beberás ou vestirás".

O corpo é mais do que a roupa. Cuida, pois, do corpo antes que da tua vestimenta. Mas o corpo é o vestido da alma. Então, cuida primeiro da alma. Mas quem, de verdade, cuida dela, dispensando para o espírito, é Deus. Se alimenta os pássaros do céu, alimentará a alma que alça voo em direção à sua morada. Se essa alma, para estar no mundo, precisa de um corpo, Deus dá. Não faz o mesmo com os lírios, com os girassóis e com a flor de lótus? Deus nos dá o fio dourado e alvo para que, de dentro da lama suja deste mundo, teçamos nossa veste nupcial. O curso de corte e costura já foi ensinado, e o de bordado, demonstrado. Drenam eles furtivas lágrimas e, tantas vezes, o rubro sangue. São privações do jejum. Ajudam a olhar para o céu e, com a alimentação frugal da alma, a virar pluma o peso do corpo.

Esse ser humano qualquer, pescador ou seareiro, lixeiro ou doutor, professor ou patrão, ao descobrir sua verdadeira identidade e, devoto, comprometer-se inteiramente com o chamado interno, com certeza, dirá para si que fez a escolha e que foi aceito para, como operário do Reino, servir somente a Deus. Não haverá angústia pelo dia de amanhã.

2. Como conciliar a busca do reino de Deus com os cuidados (a previdência) da vida material?

No meio termo, entre Deus e Mamon, está o perrengue daquele que começou seu despertar espiritual. Já não dispõe da ignorância do néscio para justificar seu mergulho de corpo e cabeça no mundo da riqueza material. Esse, pobre!, constrói para si um universo de carma, que com o tempo haverá de desconstruir. Mas aquele dividido, no meio do caminho, ainda não assumiu a difícil, não obstante feliz opção de se tornar um operário do Reino. Corre de um lado para o outro. Olha a conta bancaria com a mesma sofreguidão com que pergunta a Deus, nos momentos de recolhimento, o porquê daquela provação. Escuta, no coração, sutis respostas que lhe apaziguam, enquanto força adicional ajuda-o a superar sérias vicissitudes, no campo da família ou do trabalho. Reconhecido, agradece o amparo superior, alegra-se pelo resultado, mas recai em outro torvelinho. Escorrega noutro erro, fruto da ignorância, ou cede à fartura dos frutos do mundo, suspendendo senão o jejum, pelo menos a prevenção das fáceis emoções e a seriedade

das atitudes compromissadas. Cochila e resvala-se. Não vigia nem ora. Quando parece acordar, está de novo ventado pelo caos ou afogado em gigantescas ondas da materialidade mundana. Empenhos e obrigações, como pai ou mãe, diretor ou funcionário, parecem enredá-lo em atroz pesadelo. Não basta a dimensão imensa do labor diário, pois, pra piorar, ao seu lado pululam perseguições e intrigas, críticas e boicotes. Querem tudo – como se diz – para ontem, e o dia de amanhã já passou. Não dispõe de horas à frente para cumprir o cobrado. Roubaram-no não a bolsa, mas o tempo. É pra agora, com validade retrógada. Seu deus é Mamom, que quer, nada mais nada menos, devorar seu fígado. Frenesi e sofreguidão, ansiedade e medo. Estresse define tudo. Para relaxar, já que "ninguém é de ferro" – outra típica frase da contemporaneidade – que venham as benesses do poder: entretenimento com aditivos para esquecer. Mas não esquece, pois logo amanhece a ressaca moral. Não tinha alguém falado em vida saudável? – que se peça na farmácia mais próxima de entrega rápida: spa, suco verde, respiração, Pilates, yoga, meditação... Mas, no final do dia, lembra-se de novo das melhores ideias e volta a recorrer à oração. Precisa falar outra vez com Deus. Precisa pedir força complementar para superar as adversidades ou a dor que o solapa. E no sábado ou no domingo, volta ao silêncio do templo para ter Deus mais perto.

Ao mesmo tempo em que parece inconciliável o serviço aos dois senhores, está convicto de que não há como abrir mão dos compromissos que a condição humana impõe. Acarreta emprego e obrigações, negócios e contas, tensões e esgotamentos. Uma roda, mais morta do que viva, sem fim.

E dividido, prossegue servindo a dois senhores. Aborrece o primeiro enquanto agrada ao segundo, para depois reunir-se ao primeiro e rechaçar o segundo.

Deverá prosseguir assim enquanto não tomou a decisão radical de buscar primeiro o reino de Deus. Dividido mas programando um estilo de vida em que pese cada vez mais o prato de Deus na balança da vida. Resultados melhores serão obtidos e confirmados. Mais tranquilidade e paciência. Amplia-se o perdão às ofensas e a dedicação à causa do bem. Mas isto não impede de o pêndulo oscilar para o domínio de Mamon. Sofre ali, mas reergue-se para à Casa Paterna retornar. Estaciona-se nas cercania do Reino, como simpatizante da causa. Faz vários mergulhos na água escutando as justas exortações do Batista. Até que raia o dia em que, resoluto, decide entregar-se às mãos do Divino Nazareno para o batismo de fogo. Feita a opção primeira pelo Reino, deixa de se preocupar com os problemas do dia de amanhã. Basta-lhe o trabalho de agora, indo onde é chamado e fazendo o que é necessário. Passa a se vestir do alvo lírio e voa alto como as aves dos céus.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. **O que preciso para ter o reino de Deus como meta principal**?

Pedi tanto que hoje recebi meu batismo de fogo. Permiti, e o Cristo, tendo operado o milagre, abriu meu coração e nele insuflou a certeza maior. Por isto, entendi: "ninguém vai ao Pai senão por mim".

Fez-se ele ponte entre mim e o Pai, e orientou-me: “abandone a serventia remunerada do mundo. Hão de te pagar, mas que seja contingência e pertinência, jamais intransigência”.

Entendi que se ofereço à sociedade meu ofício como meio de subsistência, há no seu secreto o dom da vida recebido. Se desse trabalho vem alimento e vestimenta, moradia, deslocamento e até entretenimento, venha para mim e para os meus. São flechas da vida de que me despeço sem adeus mas com Deus. Já posso então, a partir de agora, ser do meu ofício administrador menor. Entrego-o ao destino para ser seu instrumento.

Se deixei o Paraíso com o castigo de ter que comer o fruto pelo suor do meu rosto, retorno, neste entardecer, com a vida imanente, agraciado por ter obedecido a máxima de Mestre: “busca primeiro, busca antes de tudo, o reino de Deus, porque com ele todo o teu sustento virá e tua existência será mantida até que termine por aqui o tempo de tua passagem”.

Viver este dia como se fosse o último e o primeiro. Primeiro, porque olho diferente a terra e o céu – a fonte, o rio e o mar como contínuo jorro de potência. Onde a água estiver, que seja viva. De onde veio a vida; os animais irmãos que migraram para a terra, que se alçaram ao ar e pelo fogo do espírito aspiram. Chegam à minha consciência para que eu também os ajude nesse trânsito. Vejo tudo com gosto de estreia. As flores, bênçãos de cor e forma, oferecidas como perfume do alto. Mas é também o último dia. Cada segundo é dádiva a aproveitar. Dando o melhor e oferecendo-me por inteiro como instrumento para que o bem estar do próximo seja parte do meu dever. Tudo traduzido como pura excelência do amor. Cada um sou eu mesmo, com erros e acertos, fraquezas e distinções. Somos poeira, rocha, pedra e diamante.

No final desta primeira e última jornada, Deus me chama para a vivência silente no secreto de sua morada de amor e luz. É preciso fazer da vida deste dia uma festa. O Reino chegou para ficar. Bendito seja.

Versículo(s) para a meditação: Mateus 6:20 e 21.

33. Mas buscai primeiro o reino de Deus e a perfeição dele, e todas essas coisas vos serão acrescentadas.
34. Não vos preocupeis pelo dia de amanhã, porque o amanhã trará o seu próprio cuidado; ao dia, basta o seu trabalho.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 64 – paragem 134 – 06.12.15
MATEUS 7:1-5; LUCAS 5: 37-38 e 41-42

RedeUnaViva: Meditação Cristã 270 – paragem 9-131 – 17.11.2019

64.RedeUnaViva: Meditação Cristã 64 – paragem 134 – 06.12.2015

MATEUS 7:1-5; LUCAS 5:37-38 e 41-42

SERMÃO DO MONTE

Bloco VI: A Palavra de Troca

14 – Quanto ao julgamento leviano: com o juízo que julgais sereis julgados.

Auto-indagação reflexiva:

14. Como entender a exortação de não julgar?
15. Como entender a viga no meu olho e o cisco no olho do irmão?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

16. Como abandonar o julgamento na meditação?

Introdução: Cautela no julgamento.

Inicia-se agora, na classificação que propusemos, novo Bloco no SM, intitulado A Palavra de Troca. Sucede o anterior, o do Dinheiro. Está composto por apenas dois itens, afeitos ainda à relação com o próximo, referenciada no discurso.

Quanto ao julgamento apressado da conduta alheia, é comum irmos além dos seus feitos e, enfatizando a condenação, usarmos o bordão, "no seu caso eu faria diferente, assim". Algo impraticável na realidade. Ninguém tem capacidade de entrar na existência do outro, dado o histórico individual e intransferível que compõe sua biografia. Se o outro fosse somente o resultado das complexas situações que protagonizou nesta jornada já seria difícil, imagine entendendo que tantas vezes estão presentes determinantes cármicos de complicado resgate que nem de longe tangenciamos. O Mestre está a pedir cautela no julgamento e, mais ainda, na condenação. Logo, qualquer parcimônia é bem-vinda e toda prudência é sabedoria.

Tal estudo ficou dividido em duas partes. Na primeira, dois versículos de Mateus são ampliados com os dois de Lucas, mormente com o último, onde o médico evangelista excede o julgamento com considerações sobre a condenação e o perdão. Na segunda parte, há superposição praticamente literal entre os três versículos de Mateus e os dois de Lucas. A figura parabólica de Jesus é eloquente.

O Sermão do Monte, apresentado em 20 princípios

A Abertura

77. As bem-aventuranças; **(I)**
78. Vós sois o sal da terra; vós sois a luz do mundo; **(I)**
79. A lei confirmada, mas completada. **(II)**
80. Quanto ao mandamento de não matar – sede benevolentes com o adversário; **(II - 6º mandamento)**
81. Quanto ao mandamento de não cometer o adultério – não cobiçais o afeto (bem) alheio; **(II - 7º e 10º mandamentos)**
82. Quanto ao juramento: seja vossa palavra, sim, sim; não, não; **(II - 3º e 9º mandamentos)**
83. Quanto a justiça: não resistais ao mal; **(III)**
84. Quanto ao mandamento de amar: amai os inimigos, sendo perfeitos como Deus; (**III)**
85. Quanto a esmolas: a doação secreta; **(IV)**
86. Quanto à oração: a comunhão secreta; **(IV)**
87. Quanto ao jejum: a privação secreta; (IV)
88. Quanto às riquezas: não ajunteis tesouros na Terra; **(V)**
89. Quanto a precaução exagerada: ninguém deve servir a dois senhores; (V)
90. **Quanto ao julgamento leviano: com o juízo que julgais sereis julgados (VI);**
91. Quanto a oferenda: não atireis pérolas aos porcos;
92. Como o pedir na oração;
93. As duas portas: a estreita e a larga;
94. A má árvore dos falsos profetas;
95. Os dois tipos de fiéis: os falantes e os praticantes;

O Epílogo: sua autoridade.

64.1 Evangelho-parte 1: O julgamento do outro e de si mesmo. (Lc, Mt)**.**

Mateus 7:1-2	Lucas 5:37-38
Mt 7:1. Não **julgueis** para que não sejais **julgados**,	Lc 5:37. Não julgueis e não sereis julgados; não **condeneis** e

	não sereis **condenados**; **perdoai** e sereis **perdoados**.
Mt 7:2. porque **com o juízo** com que julgais, sereis julgados, **e com a medida** que usais, com essa vos medirão.	Lc 5:38. **Dai e vos será dado; boa medida, recalcada, sacudida, transbordando vos porão no regaço**; porque **a medida** com que medis, com essa medirão para vós.

28. Não julgueis para não serdes julgados. Não condeneis para não serdes condenados.
29. Porque com o juízo que condenais, sereis condenados.
30. Em vez de julgardes e condenardes, perdoai. Perdoai e sereis perdoados.
31. Dai e vos será dado; a medida usada, quando recalcada e sacudida, transbordará e vós pegará frágeis no regaço.
32. Isso porque, com a mesma medida que usais, com essa vos medirão.

64.2 Evangelho-parte 2: A viga que perturba o meu olhar versus o cisco no olho alheio. (Mt, Lc)**.**

Mateus 7:1-2	Lucas 5:37-38
Mt 7:3. Por que vês o **cisco** no olho de teu irmão, mas não percebes a **viga** que tens no teu?	Lc 5:41. Por que vês o cisco no olho de teu irmão, mas não percebes a viga que está no teu?
Mt 7:4. Ou como dirás a teu irmão: **Deixa-me tirar** o cisco do teu olho, estando uma viga no teu? Mt 7:5. **Hipócrita, tira primeiro a viga de teu olho** e então enxergarás bem para tirar o cisco do olho de teu irmão .	Lc 5:42. Como poderás dizer a teu irmão: "deixa-me tirar, irmão, o cisco de teu olho", se não vês a viga que está no teu? Hipócrita, tira primeiro a viga de teu olho e então enxergarás bem para tirar o cisco que está no olho de teu irmão.

33. Por que vês o cisco no olho de teu irmão, mas não percebes a viga que tens no teu?
34. Ou, como dirás a teu irmão: "deixa-me tirar o cisco do teu olho, estando uma viga no teu?
35. Hipócrita, tira primeiro a viga de teu olho e então enxergarás bem para tirar o cisco do olho de teu irmão.

Auto-indagação reflexiva:

14. Como entender a exortação de não julgar?

Hoje, com a ajuda da Psicologia, outras compreensões da indicação de Jesus do *não julgar* podem ser exploradas. Seu

raciocínio é reto: não julgueis para não serdes julgados. Julgar o próximo acarreta em ser julgado por ele – o mesmo ou um terceiro. Acréscimo: o juízo, ou a medida, embutido no julgamento, será o mesmo usado contra si. Lucas amplia e mais esclarece. Essa, considerada a "boa medida", sendo *recalcada* (no psiquismo), e ali dentro *sacudida*, acaba por *transbordar*. Transbordada, torna-se norma social, referência para todo julgamento, inclusive o do próprio, caso externe-se publicamente. A sabedoria popular eternizou o dito "quem com o ferro fere com o ferro será ferido".

Ainda por Lucas. Não julgueis porque daí advém a condenação. Agente ativo agora, agente passivo depois. Em vez desse expediente, use o seguinte, recomenda: "perdoa". Voltamos, outra vez, ao perdão. O trânsito da vida é feito de dar e receber, e a natureza da oferta funciona como matriz da natureza do retorno. Seja no campo menor, o da permuta interpessoal, seja no maior, estendido a vida social.

Passemos ao viés psicológico da lição. A medida usada para julgar e condenar, presente no sujeito da ação e cultivada em cada ato, não apontará sua seta apenas para os atores da vizinhança, mas em igual monta e qualidade para si mesmo. Ao justificar as razões para condenar aquele que julgamos incorrer em erro, todas elas ganharão destaque para sopesar a própria conduta. Não damos apenas aos outros essa medida, mas sobretudo cultivamos seus parâmetros como referência para o julgamento pessoal, inclusive nos processos inconscientes. É o mesmo cristalino raciocínio que o Cristo ensina no Pai Nosso: "perdoar os ofensores para que sejamos perdoados", caso o ressaltemos pela via psicológica. Também se apresenta na sua derradeira frase, desfechada na cruz: "Pai, perdoa-os porque não sabem o que fazem".

No entanto, há uma função necessária quando o julgamento é exercitado. Através dele a pessoa capacita-se a discriminar o certo do errado, a diferenciar o bem e o mal, incluindo seu relativismo, para referenciar o próprio comportamento. O cenário externo, depois de servir como tela de projeção dos movimentos internos, moduladores do desejo, funciona como espelho a refletir na consciência, preciso material para a acurada reflexão. O trânsito da vida, além de estabelecido entre o dar e receber, consolida-se entre projeção e introjeção. Assim, apuramos o senso daquela crítica que nos capacita como árbitro das próprias intenções. Nada de problemático, de contraindicado, então, com o exercício de julgamento. Ponderando e premeditando nossa ação – o que coincide com a natureza e prática da *completação psicodinâmica* (técnica terapêutica da psicologia transpessoal) – refinam-se as deliberações produtoras do comportamento. O cenário externo favorece, portanto, esse exercício de reflexão. O problema do julgamento é quando esse exercício é usado para definir a conduta alheia, condenando aquilo que se opõe à nossa conclusão.

15. **Como entender a viga no meu olho e o cisco no olho do irmão**?

O maior dos psicoterapeutas antecipou o habitual fenômeno mental conhecido como "projeção psicológica", destacando implicitamente uma das suas problemáticas consequências. Mostramos, noutra ocasião, ao comentar a Cosmogênese do Ego, que essa entidade, o ego, prima-se por uma dualidade paradoxal. Na defesa de si mesmo, além de não se livrar da sua divisão primordial, investe num projeto fadado ao insucesso. Visto com mais propriedade, se

autodenuncia e se contradiz nesse projeto. Isso desautoriza qualquer intenção de importância pessoal nos movimentos comuns de autoglorificação ou de depreciação alheia.

Não sabe o indivíduo, com total consciência, que como ego sofre pela nostalgia do paraíso perdido, ou seja, da sua condição de Ser real. Compreende-se ou, no mínimo, vivencia-se como parte incompleta, exemplificada nas diversas modalidades de fome – de alimento, de afeto e de conhecimento. Então, é uma entidade faltosa que carece do objeto para completar-se. Ilustremos esse objeto como a outra pessoa, desejada para o preenchimento amoroso. O outro é a parte que lhe falta. Para conquistar o outro que considera "bom", precisa ser igualmente "bom", porque na sua concepção dualista, o Ser perdido é o *bem*, já que o ego, como ente faltante, é o *mal*. Ele é mau porque, finito, morre; vazio, tem fome; e solitário, carece. Enquanto ego incompleto é mau, e o Ser, totalidade completa, é bom. Como o ego é incompleto e mau, para conquistar o outro, como a parte que lhe falta e, portanto, boa, precisará ser igualmente bom. Uma parte boa juntando-se com outra parte boa para refazer a unidade boa, referenciada no Ser – inteiro e bom. Para isso, necessita rejeitar em si qualquer mal, porque se quer escolher o outro como bom, o outro desejará qualidades similares nele. Não basta ele escolher o outro, será imprescindível que o outro, em reverso, o escolha também como objeto de desejo. Essa rejeição do mal em si implica em repressão. Com isso, o próximo passo psicológico será projetar no outro a parte má, que em si foi rejeitada quando esse outro deixa de corresponder à sua expectativa de satisfação. Estamos diante do cisco e da viga, da figura evangélica. Outras a complementam, "não resistais ao mal" e "deixai crescer junto o joio e o trigo", ampliam a mesma exortação do "não julgueis", de agora.

Pela crítica exagerada, não apenas o erro ou o defeito alheio será descoberto. Ademais, serão ressaltados em excesso pela negação deles em si. Recalcado para o inconsciente, o mal ali crescerá produzindo uma similaridade entre a medida que o mantém oculto com a medida que leva o sujeito a enxerga-lo no outro. E, na sequência, essa mesma medida quantificará sua sensibilidade e sofrimento pelo julgamento alheio, além do que determinará a autocondenação.

O paradoxo e o problema do projeto do ego é que, dividido entre bom e mau, assim enxergará o mundo e o outro. E o negado em si, nessa divisão, inviabilizará o encontro com o próximo que passará a representar o mal - aquele não assumido em si. Logo, a saída evidente passa por conhecer-se e aceitar-se nessa dualidade, para a partir dela integrar as partes conflitantes em si e transcender o ego. Nesta perspectiva, poderá aceitar o outro e ajuda-lo a fazer a mesma síntese, sem contudo depender da sua aprovação para estar feliz. A aceitação do outro começa por perdoar nele aquilo que é considerado mal.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

16. Como abandonar o julgamento na meditação?

Atravessar um dia sem julgar, acho difícil, mas sem condenar explicitamente o próximo, me parece tarefa não somente lúcida, oferecida ao Cristo a todo buscador, mas indispensável e urgente. Faz parte do amor, modalizado em indulgência. É expressão do perdão, informando tolerância. O tempo de amadurecimento é próprio de cada fruto. Pergunto a mim mesmo, sei eu a que tempo serei fruto em exuberância? Se não, como exigir imediata colheita do companheiro?

Se o Mestre, com o Sermão do Monte, confere o eixo-guia da minha ética, tenho comigo, graças, o código da ação. Mas se, internamente, ainda desenvolvo o julgamento, deve ser para mais discernimento adquirir. Ainda careço de reafirmar o significado das virtudes.

Em opção à condenação sistemática, hei de procurar sentidos ocultos que a censura mais ligeira não alcança. E em ponderando tal crítica, educar meu raciocínio. Merecem reflexão cuidadosa esses conteúdos sempre que me induzam à função de juiz. Os escaninhos alheios são um universo que dificilmente apreendo em rápida passagem.

Vou cuidar dessas vigas e traves internas para acurar minha visão. E deixar com que a vida sopre os ciscos dos tantos olhos que me oferecem seu olhar. São luzes, que mesmo sob limitações, refletem Deus.

Se uso da sinceridade para comigo, reconheço a condição precária de outrora, que me levou a cometer graves e grosseiros erros. Hei, então, de ter parcimônia com os vereditos de reprovação. O irmão não dispôs ainda das referências que me alteraram a compreensão, responsável pela mudança. E mesmo assim, sou sujeito a recaídas. Livra-me, Senhor, da necessidade dessas tentações a repetições que, em são juízo, dispenso.

Outras vezes, me deparo esboçando pequenas mentiras porque me alavancam a um status de mais prestígio. Do contrário, a pura verdade me colocaria na prateleira dos comuns, sem dividendo algum. Onde está nessa hora o julgamento rígido, que deveria ser dirigido a mim? Sou, infelizmente, ainda falho demais.

Por isto, que repercuta mais fundo em mim as palavras do precursor. Disse-as o Batista, "agora me cabe diminuir para que ele cresça". Quem cabe diminuir em mim é a personalidade, este nome que minha identidade autobiográfica afirma e assume. Descobrir todas as tendências personalistas é o serviço necessário do julgamento interno, imprescindível para a meditação acontecer. Descobri-las para reformá-las. Quando não possível, pelo menos detê-las. Nada melhor para esse fim do que me lembrar, de novo, que esta personalidade eu não sou, mas sim o Cristo pedindo licença para chegar e ficar.

64.3 Versículo(s) para a meditação: Lucas 5:37.

Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 271/65 – paragem 9-132 – 24.11.19
MATEUS 7:6

RedeUnaViva: Meditação Cristã 271 – paragem 9-132 – 24.11.2019

65.RedeUnaViva: Meditação Cristã 65 – paragem 135 – 13.12.2015

MATEUS 7:6

SERMÃO DO MONTE

Bloco VI: A Palavra de Troca

15 – Quanto à palavra oferecida: não atireis pérolas aos porcos.

65.1 **Auto-indagação reflexiva:**

17. Qual o simbolismo contido na relação entre santidade e cães, e pérolas e porcos?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

18. Que pérolas e santidades devo levar comigo para a meditação?

65.2 **Introdução: O segundo cuidado com o pensamento e a palavra dirigidos ao próximo**.

Dando prosseguimento a este Bloco VI, designado de A Palavra de Troca, o Cristo vale-se de uma figura forte, ao mesmo tempo simbólica e poética. Alguns reclamam da dificuldade do seu entendimento, já que a princípio, seus ensinamentos deveriam ser compartilhados com todos indistintamente. Mas apreendemos a justeza da advertência sobre o cuidado necessário com o uso da palavra. Seja aquela prosaica na relação cotidiana com o próximo e seja aquela mais formal, de certos discursos, que vão funcionar como balizadores da nossa concepção espiritual. Já analisamos o pensamento e a palavra que julga rápida e indevidamente. Precisamos, agora, traduzir a alegoria da vez. Não dar o que é santo aos cães e nem as magníficas pérolas aos porcos. Jesus nos educava para um relacionamento adequado na vida. A lição está contida num único

versículo de Mateus, capítulo 7, que passamos a analisar, antes de entramos na parte seguinte, em que novamente voltará o Mestre a cuidar da nossa relação verticalizada com Deus.

O Sermão do Monte, apresentado em 20 princípios

A Abertura

96. As bem-aventuranças; **(I)**
97. Vós sois o sal da terra; vós sois a luz do mundo; **(I)**
98. A lei confirmada, mas completada. **(II)**
99. Quanto ao mandamento de não matar – sede benevolentes com o adversário; **(II - 6º mandamento)**
100. Quanto ao mandamento de não cometer o adultério –não cobiçais o afeto (bem) alheio; **(II - 7º e 10º mandamentos)**
101. Quanto ao juramento: seja vossa palavra, sim, sim; não, não; **(II - 3º e 9º mandamentos)**
102. Quanto a justiça: não resistais ao mal; **(III)**
103. Quanto ao mandamento de amar: amai os inimigos, sendo perfeitos como Deus; (**III)**
104. Quanto a esmolas: a doação secreta; **(IV)**
105. Quanto à oração: a comunhão secreta; **(IV)**
106. Quanto ao jejum: a privação secreta; (IV)
107. Quanto às riquezas: não ajunteis tesouros na Terra; **(V)**
108. Quanto a precaução exagerada: ninguém deve servir a dois senhores; (V)
109. Quanto ao julgamento leviano: com o juízo que julgais sereis julgados (VI);
110. Quanto a oferenda: não atireis pérolas aos porcos;
111. Como o pedir na oração;
112. As duas portas: a estreita e a larga;
113. A má árvore dos falsos profetas;
114. Os dois tipos de fiéis: os falantes e os praticantes;

O Epílogo: sua autoridade.

65.3 **Evangelho-parte 1: Modulando o conteúdo e a forma do discurso. (Mt)**.

Mateus 7:6.
Mt 7:6. Não deis o que é **santo** aos **cães**, nem lanceis vossas **pérolas** diante dos **porcos**, para que não suceda que as pisem aos pés e, voltando-se, **vos mordam**.

36. Não deis o que é santo aos cães, nem lanceis pérolas aos porcos, para que não suceda que as pisem e, voltando-se, vos despedacem.

65.1 **Auto-indagação reflexiva:**

17. Qual o simbolismo contido na relação entre santidade e cães, e pérolas e porcos?

Ensina-nos Pastorino que Jesus usa nesse versículo único "frases sentenciosas dos livros de sabedoria, com o ritmo binário". Ou seja, repete o pensamento usando conceitos sinônimos" – aos cães não deis o que é **santo**, assim como **pérolas** não devem ser presentes para porcos. Figuras expressivas, elas adquirem força pela rima entre as palavras *qodesh* e *qedasha.* Em hebraico, significam "santo" e "pérola", respectivamente. Para entender a rima: **Não deem *qodesh*** (o que é santo) **aos cães, nem *qedasha*** (pérola) **aos porcos**.

Um homem, por mais amor tenha ao seu cão, não compartilhará sua doutrina de fé com ele nem confidenciará suas abstratas concepções da vida espiritual, em decorrência da gratidão pela fidelidade do animal. Por maior seja a troca de afeto entre ambos, não caberá a partilha de ideias superiores. Precisará contentar-se com o nível menos sofisticado de permuta, reservando tertúlias intelectuais aos companheiros de afinidades especiais.

Pérolas são joias raras, conseguidas a partir de mergulho corajoso em mares profundos. Brilho, cor e forma justificam a riqueza que lhes é inerente. Tais qualidades prescindem do discurso para serem comunicadas. Basta sua exposição. Mas, certamente, porcos que chafurdam-se na lama, contentes com o repasto do chiqueiro, não dispõem de atributo para aquilatar o valor, a beleza, dessas pedras preciosas. Atiradas a eles serão indistintas de pedras toscas. Não sendo alimento, não serão retidas pela boca e nem ingeridas. No solo, ficarão sujeitas à pisadas do casco suíno. Caso um específico ângulo forme-se entre a resistência do chão e a força do porco, mesmo sem qualquer intenção, funcionarão como projetis que poderão ferir aquele que, inconsequente, lance pérolas aos porcos.

A relação horizontalizada com o amigo, ou o passante da hora, é modulada pelo discurso, em decorrência da precípua função que a linguagem desempenha ante as singulares trocas humanas. Com ela tem-se a possibilidade de transmitir a riqueza da vida mental, pelo menos em parte. Pode-se compartilhar ideias e sentimentos, valores e condutas. Se na composição da MC anterior, a de número 64, foi ressaltado o cuidado especial necessário com o julgamento do comportamento alheio, nesta vem à tona outra cautela com o discurso oferecido.

Antes, a ênfase situou-se na esfera da censura, advinda do julgamento com condenação. O outro tenderia a rejeitar a fala que visa consertá-lo. O Cristo salienta-a como atitude a ser descartada pelos discípulos. A corrigenda deve ser dirigida principalmente para si mesmo. Modifique-se para transformar a relação com o outro e ele poderá aperceber-se em necessidade de mudança. Agora, destaca-se outro aspecto do discurso que também deverá ser rejeitado. Ideias espirituais que fazem pleno sentido para o cristão nem sempre adquirirão igual quilate para o próximo. Há que averiguar para pressentir sua capacidade assimilativa. Seus gestos e valores, sua palavra e pensamento estão, em todo o tempo, dizendo em que grau da escalada espiritual ele se encontra. Caso o interlocutor esteja num patamar rasteiro, o discurso religioso, que traduz valores de transcendência, estará ao vento aspergindo palavras ou em solo pedregoso deitando sementes. Os porcos que por ali pastam não se importarão com seu brilho especial. Sentem fome de milho e alfafa, e temperados estão pela lama escura que lhes envolvem a dura epiderme.

Os *animais da espiritualidade* não valorizarão a educação das pulsões ou a pureza do coração. Nem a renúncia por causas altruístas nem o valor da dor para a educação da alma. A proposta cristã parecer-lhes-á alienação social e política, infantilidade e crendice. Enxergarão seus adeptos como tolos ingênuos ou fanáticos enfermos. Caso, arrastem consigo multidões, serão vistos como agitadores sociais, perturbadores da ordem pública, que merecerão recolhimento em presídio ou hospício. Quando não, em extremo, os condenarão à morte, como a história confirma. As pérolas retornam ao emissor como arma letal.

Sejamos, pois, sóbrios ao falar, dosando a indicação e a adequação do discurso, de acordo o grau de desenvolvimento espiritual do ouvinte. Procuremos pelo terreno fértil, que assimilará bem as sementes cristãs de renovação do mundo a partir do indivíduo e de suas relações próximas. Essas terras com seus arbustos necessitarão de cultivo. Aí vale o empenho. Com o tempo serão árvores frondosas e seus frutos suprirão a sede e a fome da humanidade.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

18. Que pérolas e santidades devo levar comigo para a meditação?

Jesus, amigo divino, deste-me pérolas e, infinitamente, agradecido eu sou. Com propriedade ímpar, ensinaste-me o dever de cada dia, neste tabernáculo de carne. Repasso-as agora, como programa luminoso.

Primeiro, esclareceste que para conquistar a bem-aventurança preciso tocar a pobreza de espírito. Retirar de cena a malícia para que meu percurso seja reto, simples e direto. Não ser calculista nas relações – o que vou ganhar ou perder, fazendo isso ou aquilo.

Reconhecer rápido minha indigência espiritual em compasso com a sede de perfeição. Se sou visitado pela dor, física ou moral, antes de tê-la como acidente fortuito sabê-la promotora de sentido, visando melhoramento.

Desenvolver a mansuetude, porque a Terra precisa de homens de paz.

Purificar minhas emoções, tornando-as dignas de transparência e, no coração, misericórdia engendrar. Tantos, no meu caminho, serão por ela atendidos. Por essas ações, eles se tornarão terrenos férteis às sementes do Reino. E se nesse plantio, perseguido e caluniado eu for, não esmorecer, pois esse também foi o salário dos justos, profetas ou santos. Não esperar da Terra glória porque tantas vezes ela se reserva aos espertos que venderam sua alma e, por isto, perambulam insones pelas madrugadas.

Convenceste-me, divino peregrino, que devo fazer a diferença, salgando a vida para conferir-lhe sabor, e dirimindo as trevas da ignorância. Ser sal e ser luz.

Desde o início não me deixaste órfão. Fizeste dos teus prepostos os fundadores da nossa tradição, e dos profetas, marcos vivos da presença de Deus. E mais, Governador desta morada – ainda de prantos e ranger de dentes –, em trânsito de doação vieste em espírito, respirar conosco tuas máximas lições. Isto é, em pessoa, de carne e osso, cujo sacrifício não tenho clareza para aquilatar.

Não basta não matar, outrossim, evitar a palavra ferina e o gesto tresloucado. Para adentrar o templo de oração e comunhão, preciso antes ter me reconciliado com os afetos à retaguarda.

Contentar com que a vida me oferece, sem precisar cobiçar o bem alheio, seja material, afetivo ou intelectual. Todas nossas relações podem ser amorosas e puras. Para mim, o que me é totalmente lícito de desejar é Deus, que já está comigo.

E não precisarei buscar seu nome para ser avalista da minha palavra. Independentemente, Ele já o é. Diferente, careço de fazer dos meus atos sua representação na Terra.

Exceder toda justiça terrena, pois esta é a prova mais difícil a ser ultrapassada. Amar os que me criticam, os que me ofendem, os que mataram os meus. Passar ao largo, sacudindo o pó das alparcatas se não há clima para convivência. Entretanto, seguir orando por eles, com o coração aberto para o seu retorno, no reencontro que há de acontecer.

Se neste dia, cuidei do jejum da palavra e do sentimento, fazendo, em segredo, o bem que cada oportunidade me conferiu, e se não me preocupei em juntar tesouros na terra, sereno, volto à minha casa, para o recolhimento noturno.

Tenho comigo todas estas joias com que me presenteaste a jornada. Saltei a cerca do chiqueiro do mundo, deixando para trás lama e sono. Fiz-me teu discípulo, replicando tuas lições na vida. Recebi, assim, o perdão de tantos erros que minha inconsequência infantil, outrora, perpetrou.

Vou à esteira de oração e, contrito, volto aos céus da consciência. Tenho a ti como caminho seguro para Deus.

Venha a mim o teu Reino de amor e sabedoria, mas sobretudo seja feita a tua vontade, Pai Nosso.

65.4 **Versículo(s) para a meditação: Mateus 7:6**.

Não deis o que é santo ao cães, nem lanceis vossas pérolas diante dos porcos, para que não suceda que as pisem aos pés e, voltando-se, vos mordam.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 272 – paragem 9-133 – 01.12.19
MATEUS 7:7-12; LUCAS 11:5-13

RedeUnaViva: Meditação Cristã 272 – paragem 9-133 – 01.12.2019

66.RedeUnaViva: Meditação Cristã 66 – paragem 211 – 20.12.2015

MATEUS 7:7-12; LUCAS 11: 5-13

SERMÃO DO MONTE

Bloco VII: A Caminho

16 – Quanto à mentalização no caminho: pedir, buscar e bater.

66.1 **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

19. Como entender, na parábola de Lucas, que alguém atende ao amigo para que esse deixe de importuná-lo?
20. Qual o significado de pedir, procurar e bater, na jornada espiritual?
21. Como entender a máxima cristã que emerge nesta passagem?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

22. Como pedir, buscar e bater, na meditação?

66.2 **Introdução: Como seguir a caminho**.

Aproxima-se o final do SM. Estabelecemos como sétimo e último Bloco, este, "A Caminho". Constatando nossa pobreza de espírito, consoante à primeira frase das bem-aventuranças, sabemo-nos filhos carentes. Então, sabemos a quem pedir: ao Pai; e o que pedir: o Reino. E ainda, pecadores renitentes, que pensaram ou agiram contra a vontade de Deus, isto é, contra a Lei, precisamos de perdão. Ou alguém por aqui, poderia atirar a primeira pedra? A essa necessidade premente, adicionou o Mestre sua precisa correlação: perdoarmos para sermos perdoados. E mais, o esclarecimento, ou seja, o pão transubstancial para que

haja discernimento. Por último, que somos o mal – o ego ignorante, que pensando e sentindo contrário à lei, precisamos de libertarmo-nos de nós mesmos. Sermos, no final da jornada, o vencedor que derrotou a si próprio.

A lição complementar, de agora, contempla três passos da trilha espiritual – em sequência: ***pedir, buscar e bater***.

Jesus ensina através de uma parábola, e arremata-o com sua máxima insuperável – ***fazer ao outro o que gostaríamos que ele nos fizesse*** – lançando mão de uma comparação entre dois pais, o humano e o divino.

Carentes, pedintes e pecadores necessitados de misericórdia e perdão adentremos o texto evangélico. Com quatro versículos, no capítulo 11, Lucas apresenta a parábola. Na sequência, os dois, Lucas e Mateus, equivalem-se com pequena diferença. São mais seis versículos de cada um, estando os de Mateus, no seu capítulo 7.

O Sermão do Monte, apresentado em 20 princípios

A Abertura

115. As bem-aventuranças; **(I)**

116. Vós sois o sal da terra; vós sois a luz do mundo; **(I)**

117. A lei confirmada, mas completada. **(II)**

118. Quanto ao mandamento de não matar – sede benevolentes com o adversário; **(II - 6º mandamento)**

119. Quanto ao mandamento de não cometer o adultério –não cobiçais o afeto (bem) alheio; **(II - 7º e 10º mandamentos)**

120. Quanto ao juramento: seja vossa palavra, sim, sim; não, não; **(II - 3º e 9º mandamentos)**

121. Quanto a justiça: não resistais ao mal; **(III)**

122. Quanto ao mandamento de amar: amai os inimigos, sendo perfeitos como Deus; (**III)**

123. Quanto a esmolas: a doação secreta; **(IV)**

124. Quanto à oração: a comunhão secreta; **(IV)**

125. Quanto ao jejum: a privação secreta; (IV)

126. Quanto às riquezas: não ajunteis tesouros na Terra; **(V)**

127. Quanto a precaução exagerada: ninguém deve servir a dois senhores; (V)

128. Quanto ao julgamento leviano: com o juízo que julgais sereis julgados (VI);

129. Quanto a oferenda: não atireis pérolas aos porcos (VI);

130. **Quanta à mentalização no caminho: pedir, buscar e bater** (VII);

131. A caminho: diante das duas portas, a estreita e a larga;

132. A má árvore dos falsos profetas;

133. Os dois tipos de fiéis: os falantes e os praticantes;

O Epílogo: sua autoridade.

66.3 **Evangelho-parte 1: Dar pela insistência do pedinte. (Lc)**.

Lucas 11:5-8
Lc 11:5. Disse-lhes ainda: Se um de vós tiver um amigo e for procurá-lo à meia-noite e lhe disser: "**Amigo**, empresta-**me três pães**,
Lc 11:6. porque **um amigo** meu acaba de chegar a minha casa de uma viagem, **e nada tenho que lhe oferecer**"
Lc 11:7. E se do interior o outro lhe responder: "**não me incomodes; a porta já está fechada**, **meus filhos estão deitados** na cama comigo, **não posso levantar-me para dar-tos**".
Lc 11:8. Digo-vos: embora não se levante para dar-lhos por ser seu amigo, **ao menos por causa de sua importunação se levantará** e lhe dará quantos pães precisar.

37. Digo-vos que já passastes ou presenciastes tal cena.
38. Há situação em que destes mais pela insistência do pedinte do que por vossa deliberação.
39. Sob outra perspectiva, aquele que recebeu conquistou muito mais por seu empenho do que pela disposição das circunstâncias ou de seus participantes.

66.4 **Evangelho-parte 2: O resultado positivo de pedir, buscar e bater. (Lc, Mt)**.

Lucas 11:5-9-12	Mateus 7:710
Lc 11:9. E eu vos digo: **pedi** e vos será **dado**; **procurai** e **achareis**; **batei** e vos será **aberto**,	Mt 7:7. Pedi e vos será dado; procurai e achareis; batei e vos será aberto;
Lc 11:10. pois todo o que **pede**, **recebe**; todo o que **procura**, **encontra**; e ao que **bate**, lhe será **aberto**.	Mt 7:8. pois todo o que pede, recebe; o que procura, encontra; e a quem bate, lhe será aberto
Lc 11:11. Qual de vós é o **pai** que, se o **filho** lhe pedir **pão**, lhe	Mt 7:9. Ou qual de vós homens que, se um filho lhe pedir pão,

dará uma **pedra**, ou se pedir **peixe**, lhe dará, em vez de peixe, uma **cobra**?	lhe dará uma pedra?
Lc 11:12. ou se pedir um **ovo**, lhe dará um **escorpião**?	Mt 7:10. e se pedir peixe lhe dará uma cobra?

40. Então, pedi e recebereis; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á.
41. Pois todo que pede, recebe; todo o que procura, encontra; e ao que bate lhe será aberto.
42. Ou se pedir um ovo, lhe dará um escorpião, ou uma cobra?

66.5 **Evangelho-parte 3: o bem que recebemos do Pai perfeito. (Mt, Lc)**.

Lucas 11:11 e 6:31	Mateus 7:710
Lc 11:11. Ora, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, **o do céu**, dará **um espírito bom** aos que lho pedirem!	Mt. 7:11. Ora, se vós, sendo **maus**, sabeis dar **boas dádivas** a vossos **filhos**, quanto **vosso Pai que está nos céus**, **dará boas coisas** aos que **lha pedirem**?
Lc 6:31. Assim como quereis que vos façam os homens, assim fazei vos também a eles.	Mt. 7:12. Portanto, **tudo o que quiserdes que os homens vos façam**, **fazei-o assim também vós a eles**; porque **esta é a lei e os profetas.**

43. Se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vosso filhos, quanto mais vosso Pai, o do céu, dará aos que lhos pedirem?
44. Portanto, como quereis vos façam os homens, assim fazei também fazei-o também a eles.
45. Esta é a lei e os profetas.

64.1 **Auto-indagação reflexiva:**

19. **Como entender, na parábola de Lucas, que alguém atende ao amigo para que esse deixe de importuná-lo**?

Lucas inicia seu capítulo 11 com a oração do "Pai Nosso". Em seguida, emenda esta parábola. Muitos comentaristas associam o sentido desta à prece. Pastorino apresenta entendimento diferente. Trata-se da lei espiritual da mentalização que, apesar de manter elos com o "Pai Nosso", possui campo próprio. Com a oração, legou-nos o Cristo modelo conciso e poderoso de prédica – modelo eficiente para estabelecer o diálogo direto com Deus.

Meia-noite àquela época, muito mais do que na atualidade, era hora bastante tardia do recolhimento familiar. Nessa calada da noite um vizinho inoportuno ***bate*** à porta do amigo. Em apuros quanto ao desempenho da sua hospitalidade, recorre aos préstimos do companheiro, nessa imprópria hora. Sem recursos para favorecer acolhida aconchegante a um viajor, vislumbra ao menos, quem sabe, três pãezinhos para mitigar a sua fome.

Se tu és o vizinho, propõe assim Jesus, e com os teus filhos pequenos já deitastes, evitarás qualquer barulho que poderá acorda-los. Melhor nem te manifestares, porque assim, o inconveniente notívago desistirá, dando-se conta da sua impertinência. Porém, depois de breve silêncio, de novo, mais três batidas à porta. "Amigo, desculpe o tardar da hora, mas é que...". Ele insiste, mas tu, alegando motivo, negas. Novo silêncio. Passos em círculo confabulam-se e decidem, lá fora. "Toc, toc, toc. Amigo!..." "Psiuuuuu!", sonorizas em resposta. "As crianças!..." Passadas se vão. "Ainda bem que ele se tocou", agradeces pensando. Reviras-te de lado e de travesseiro, ajeitas-te nas cobertas para ao sono retornares, entretanto... "Amigo!". Silêncio. "Amigooo!". De inopino, saltas-te da cama. É melhor resolver logo esse problema, para te livrares, em definitivo, do incômodo.. Levantas-te e, pela janela entreaberta, passas os três pães àquele rosto sorridente e agradecido. Não tem jeito; tu retribuis, "boa noite, amigo".

Jesus, o divino pedagogo, está sempre a inventar histórias – na verdade, não a inventar, mas a reproduzir em fala, as histórias que a Galileia apresenta-lhe. A imagem substancia o entendimento, principalmente por ser ela íntima do interlocutor. A hospitalidade era parte integrante daquela comunidade, hospitalidade e solidariedade, que é o visto nesta parábola. Por isso, cala fundo nos ouvintes. Com os exemplos, o Mestre faz gravar, indelevelmente no coração, suas lições.

Refere-se, ainda, nesta passagem, à similaridade entre o pai terrestre e o divino. Lança mão, de novo, da experiência cotidiana. Não exatamente Deus nos dá porque "se aborreceu" com nossa insistência em pedir. Mas, ela atesta uma força importante no Espírito do filho. Algo próximo da fé.

20. **Qual o significado de pedir, procurar e bater, na jornada espiritual**?

O viajante noturno bate à tua porta, e, em solidariedade, recebe-o. Implícito está que tua acolhida oferecer-lhe-á pão, água e leito. ***Procuras*** pelo pão, mas em casa não há. A quem ***pedir***? Ao vizinho. Para isso precisarás, altas horas da noite, ***bater*** à sua porta. Se muito necessitas e sabes que ele o tem, não há alternativa. Baterás uma, duas, três, quantas vezes forem precisas. Insistirás e não arredarás o pé enquanto não fores atendido.

Em analogia com o caminho espiritual, quando realmente sabe-se o que se quer, imbuído de forte intenção persevera-se. Na justaposição impertinente das duas situações, da parábola e da busca espiritual, traduz-se a atitude como teimosia e obstinação. Na pertinência, compreende-se como determinação, empenho e até fé.

Há pessoas que, apesar de investirem na direção de um objetivo específico, repetem discurso pessimista. São muitos candidatos por vaga, a preparação não está suficiente e o concorrente dispõe de mais chance. Ou, entrego a Deus.

Contatam seu ***desejo***, cultivam expectativa com algum ***investimento***, mas se deixam contagiar pelo ***contra-investimento***. Sem se darem conta – para continuarmos com os termos da Psicodinâmica do Ego – miram a ***experiência de satisfação*** mas marcham para a ***experiência de frustração***. Inconscientemente precisam do insucesso e, por isso, deixam-se movidas por causas desconhecidas. Mas aqueles que se dedicam ao ***labor do autoconhecimento***, descobrindo as razões ocultas, improvisam recursos eficientes para atacar o problema. Põem as mãos no leme do próprio destino, com determinação, por verificar que a limitação interna e maior do que adversidade externa.

Certo do que desejas, diria o Mestre, firma-te na primeira atitude: **pede**! A quem? Se ingressaste no caminho espiritual, confronta-te com o principal *interlocutor*, Deus. Pede a Deus.

Na oração "Pai Nosso", que Lucas acabou de expor, quatro são os pedidos: 1) o Reino; 2) o pão de cada dia; 3) o perdão das ofensas; 4) a retirada do mal.

Pede a Deus ou ao Pai. Use qualquer um dos 72 ou 108 nomes de Deus, mas com reverência. *Santificado seja*. Pede pelo alcance da sua morada - nos céus internos da própria consciência.

Ao pedir o principal, o **reino de Deus**, faças interagir teu desejo com a vontade soberana e sábia. O **pão espiritual** é solicitado para que haja discernimento na busca pelo caminho. O **perdão dos pecados**, de ter agido contra a Lei, arrazoa sua premissa: perdoa os que te ofendem, sem importar se foi por descuido ou perversidade, pois isso faculta a imprescindível educação do sentimento. E como derradeiro pedido, que obsta a conquista do primeiro – **apartar de ti o mal**, porque esse assenta-se na ignorância-mor, não reconhecermos como ego apartado de Deus. Nessa condição, nosso desejo compromete-se por estar contaminado pelo sentir e pensar equivocados.

Não importar, pois, se essa libertação do mal implique em penoso trabalho, ou até que seja às custas de limitações que raiam na dor, desde que a tentação seja evitada. Porque essa é ardilosa e sutil. Tem gosto de coisa boa e, por isso, seduz. Quem poderá, em sã consciência, afirmar deter força suficiente para vencê-la, afirmando o não? Para enfrentar tal perigo, o início do ministério do Cristo foi precedido por quarenta dias de privação, em luta contra o mal, simbólico ou não, que agia pela tentação.

Depois do pedir, a recomendação é, **busca**! Buscar o quê? O caminho, a trilha no caminho, o vestígio na trilha, o prenúncio no vestígio, e ainda mais, os recursos, internos e externos. Busca o mestre-guia que felizmente habita conosco. Assim, haveremos de encontrar a porta – logo mais virá a lição da porta estreita.

Nela é preciso **bater**, e bater de novo. De dia, de noite. Por uma semana, e mês. Toda a estação, até mesmo um ano. De setênio em setênio, até o momento da morte. Repetir, insistir, perseverar até que a porta se abra. Caso se dissesse que assim o fiel dobra a vontade de Deus, seria considerado um absurdo. Caso se aludisse que assim o devoto muda a lei de Deus, outro disparate pareceria. Mas é isso mesmo! É lógico que, dito assim, induzirá o interlocutor ficar aguardando a capitulação. Mas é o Cristo que o assevera: bate e abrir-se-á! O que é isso? Afirma-se que a lei de Deus é suscetível da ação da vontade humana (que se torna divina). Se o clarão do *insight* não aparece, muitas palavras serão necessárias para explicar a relação entre a Lei, como vontade de Deus, e a vontade humana divinizando-se. Dir-se-ia

ser o milagre, o batismo de fogo. Aquele magnífico encontro entre o Cristo e o discípulo, que alçado à condição de apóstolo ou profeta, unifica-se com o Caminho, a Verdade e a Vida.

21. **Como entender a máxima cristã que emerge nesta passagem**?

Coube no final desta passagem Jesus legar para a humanidade uma das suas máximas, válida para todo o tempo, em indiferentes circunstâncias: "fazei aos outros aquilo que gostaria que eles vos fizessem".

Se à pequena parábola, acrescentou a tríade luminosa da mentalização espiritual – "pedi e recebereis; procurai e achareis; e batei e abrir-se-vos-á" – no seu ápice, desfraldou a máxima. Ficou afeita uma vez mais à imagem comparativa. De um lado o pai humano e, de outro, o celestial. Se um pai zeloso há de diferenciar com precisão um pão de uma pedra, como nutrição para sua prole, ou a inocência de um peixe da virulência da serpente, e na mesma linha, um ovo de um escorpião, quanto mais não fará o Pai Nosso?

Se estamos no caminho espiritual – vide a prece dominical – e sabemos que somos filhos dependentes do Pai e o único objeto de desejo que vale toda pena é o Reino, sabemos muito bem o que vamos pedir. Discriminamos com excelência a busca que desenvolveremos e a que porta que bateremos. De posse do pão espiritual que produz tal discernimento, pediremos certo, buscaremos com precisão e bateremos no endereço correto. Assim sendo, o acréscimo necessário é de insistência e determinação, de continuidade e perseverança, para que o Reino seja gestado em nós.

Se estamos convictos dessa busca e, em toda hora, bafejados por sua certeza, mesmo nos momentos em que a desviamos para coisas de somenos importância, temos aí a medida do que fazer com o próximo. Se interagimos com ele, pensando no que queremos como necessário ao nosso bem-estar, desejando que ele nos atendesse, temos a medida precisa para atende-lo em circunstância similares.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

22. **Como pedir, buscar e bater, na meditação**?

Como matinal desejo, peço inspiração e intuição, esclarecimento e diretriz, para saber lidar com as situações deste dia. Sejam fáceis ou difíceis, esperadas ou surpreendentes, sorrateiras ou objetivas, elas hão de chegar. São provas do caminho, para a lição que sei de cor. Que haja disposição e boa vontade, sobretudo presença. E receptivo, eu as assimile, impedindo que o ego capenga assuma dianteira reproduzindo, no seu estilo, resposta, como fala e ação. Peço, porque se eu, convicto pedir, tu, Mestre querido, asseveraste, a mim será dado. Confio e fio o novo dia.

Saio para o trabalho, como buscador. Hei de valorizar tarefas e encontros, como oportunidades de me acercar da tua companhia. Fazer de toda atividade a jornada espiritual. Que se chame isso de espiritualidade engajada – a educação

da alma em todas as atividades do dia. Certifico-me de que esta personalidade com que, ilusoriamente, me acostumei de tanta educação carece. Quando disciplinada, costuma ceder a vez, diminuir-se para o Grande aparecer. Se me torno um buscador de fato, diligente vou para tuas cercanias. Se te busco em cada companheiro e em cada tarefa, na consciência com que faço, eu te encontro, porque assim também tu prometeste.

Pressentindo tua presença, por necessidade ou devoção, soa o instante de te chamar mais alto. De clamar à tua porta, batendo na certeza de sua abertura, consoante à tua palavra. Ela há de se abrir, mesmo que à custa de mais esmero. Incremento a determinação, aumento a intenção e bato mais forte. Repito e repriso.

Abro a porta de minha casa, agora, após a duodécima hora, pois que é tempo de recolhimento. É momento do descanso da labuta mundana, que graças ao Pai, foi transformada em labor do espírito. Almejo mais. Quero a casa dentro da casa, de fato, o lar divino. Então, volto a pedir. Faz-me claro, outra vez, os quatro pedidos fundamentais e revejo-os na mais profunda intimidade. Libertação e o pão desconhecido; o perdão e o Reino. Entro em meditação, aprontando a nova busca.

Concentro-me em todo o esclarecimento já obtido. Torno limpo meu coração pela fonte borbulhante do amor. Mente clara, autoconsciência contínua e estável, a mais pura realidade. Uma só coisa é necessária, tu mesmo o disseste. E ele eu busco primeiro. Abro-me à graça para que venha o reino de Deus. Inunde-me e transborde.

Versículo(s) para a meditação: Mateus 7:7-8.

Pedi e vos será dado; procurai e achareis; batei e vos será aberto;
pois todo o que pede, recebe; o que procura, encontra; e a quem bate, lhe será aberto

RedeUnaViva: Meditação Cristã 273– paragem 9-134 – 08.12.19
MATEUS 7:13-14; LUCAS 13:23-30

RedeUnaViva: Meditação Cristã 273 – paragem 9-134 – 08.12.2019

67.RedeUnaViva: Meditação Cristã 67 – paragem 212 – 27.12.2015

MATEUS 7:13-14; LUCAS 13: 23-30

SERMÃO DO MONTE

Bloco VII: A Caminho

17 – Diante das duas portas: a larga e a estreita.

67.1 **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

23. Que caminho percorrer para que se alcance a porta em que se batendo abre?
24. Quem são aqueles que mesmo batendo insistentemente à porta, ela não se abre?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

25. Qual é a lição da porta estreita para a meditação?

67.2 Introdução: As portas do caminho.

Na sequência, o tema deste sétimo e último Bloco do SM, A Caminho, encontra-se registrado, de novo, em Mateus e em Lucas. O primeiro evangelista permite uma comparação com o conteúdo do último estudo, a MC-66, tendo no atual sua continuação, através de um elo lógico que os une – a porta. Além dessa continuidade, há também um contraste. Antes, no tema 16, houve o "pedir, procurar e bater"; agora, no tema 17 estamos "diante das duas portas: a estreita e a larga". Se lá há a promessa inequívoca de resultado favorável – ao pedir, o receber, ao procurar, o encontrar, e ao bater, o ter aberto – aqui, nem todos que batem são atendidos. O que justifica essa marcante diferença?

O médico evangelista discorre assunto similar, mas não no contexto do SM. É possível que o Cristo a ele se referiu em mais de uma vez. Comparou "a porta estreita com a larga", em Mateus, no SM, e exortou com Lucas, noutra ocasião, "forçar entrar pela porta estreita". Nesse, a recomendação sucede uma pergunta. Não há qualquer indicação de tais intervenções no SM. Ele parece um discurso proferido num "fôlego único", onde qualquer pergunta seria extemporânea. Vinha imbuído de tamanha inspiração e força, que é quase inadmissível que alguém ousasse interromper o Cristo nesse momento de enlevo total. Isso sugere que a descrição de Lucas, embora similar, foi própria de outra ocasião. Nessa, alguém pergunta sobre a salvação, mais particularmente, "por que poucos são os que se salvam"?

Então, deparamo-nos de novo como a situação de alguém bater à porta, transformada igualmente em parábola. No entanto, contém uma porta que não se abre e sua justificativa é clara na estória que Jesus cria. Seu término desfecha-se com um dito enigmático, cujo significado a própria parábola revela. Trata-se de "os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos". Passemos aos devidos comentários do estudo.

O Sermão do Monte, apresentado em 20 princípios

A Abertura

134. As bem-aventuranças; **(I)**

135. Vós sois o sal da terra; vós sois a luz do mundo; **(I)**

136. A lei confirmada, mas completada. **(II)**

137. Quanto ao mandamento de não matar – sede benevolentes com o adversário; **(II - 6º mandamento)**

138. Quanto ao mandamento de não cometer o adultério –não cobiçais o afeto (bem) alheio; **(II - 7º e 10º mandamentos)**

139. Quanto ao juramento: seja vossa palavra, sim, sim; não, não; **(II - 3º e 9º mandamentos)**

140. Quanto a justiça: não resistais ao mal; **(III)**

141. Quanto ao mandamento de amar: amai os

143. Quanto à oração: a comunhão secreta; **(IV)**

144. Quanto ao jejum: a privação secreta; **(IV)**

145. Quanto às riquezas: não ajunteis tesouros na Terra; **(V)**

146. Quanto a precaução exagerada: ninguém deve servir a dois senhores; **(V)**

147. Quanto ao julgamento leviano: com o juízo que julgais sereis julgados; **(VI)**

148. Quanto a oferenda: não atireis pérolas aos porcos **(VI)**;

149. Quanta à mentalização no caminho: pedir, buscar e bater **(VII)**;

150. Diante das duas portas: a estreita e a larga;

inimigos, sendo perfeitos como Deus; **(III)**

142. Quanto a esmolas: a doação secreta; **(IV)**

(VII)

151. A má árvore dos falsos profetas;

152. Os dois tipos de fiéis: os falantes e os praticantes;

O Epílogo: sua autoridade.

67.3 **Evangelho-parte 1: As duas estradas e suas respectivas portas (Lc, Mt)**.

Lucas 13:23-24	Mateus 7:13-14
Lc 13:23. Alguém perguntou-lhe: "Senhor, **são poucos** os que se **salvam**"? Respondeu-lhes:	
Lc 13:24. **Forcejai** por entrar pela **porta estreita**, porque vos digo que **muitos procurarão entrar** e não serão capazes	Mt 7:13. Entrai pela **porta estreita**: porque **larga** é a **porta** e **espaçosa** a **estrada** que conduz à **perdição**, e **são muitos** os que por ela entram Mt 7:14. mas **estreita é a porta** e **apertada a estrada** que conduz **à vida**, e **poucos** são os que a encontram

46. "Senhor, são poucos os que se salvam"? Perguntou-lhe alguém.
47. "Vós que buscais a salvação, entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçosa a estrada que conduz à perdição.
48. Mas estreita é a porta e apertada a estrada que conduz à vida. E são poucos os que a encontram".

67.4 **Evangelho-parte 2: Quando os primeiros são excluídos e os últimos acolhidos** (Lc).

Lc 13:25-30
Lc 13:25. Quando **o dono da casa** se tiver levantado **e houver fechado a porta**, e vós, do lado de fora, **começardes a bater**, dizendo: "**Senhor, abre-nos**" e ele vos responder: "**Não sei donde sois**",
Lc 13:26. então começareis a dizer; "**nós comemos e bebemos** em tua presença e **tu ensinaste** em nossas praças.
Lc 13:27. E ele vos dirá: "**não sei donde sois**; retirai- vos de mim todos vós que praticais **a iniquidade**".

Lc 13:28. Ali haverá **choro e ranger de dentes**, quando virdes no reino de Deus Abraão, Isaac e **vós excluídos dele**.
Lc 13:29. Muitos virão **do oriente** e **do ocidente**, do **norte e do sul**, e hão de **reclinar-se à mesa** do **reino de Deus**.
Lc 13:30. E então **há últimos que serão primeiros** e **primeiros que serão últimos**.

49. Quando o dono da casa tiver levantado e houver fechado a porta, e vós, do lado de fora, começardes a bater, dizendo: "Senhor, abre-nos".
50. Ele responderá: "não sei de onde sois".
51. Replicareis: "nós comemos e bebemos em tua presença e tu ensinaste em nossas preces".
52. Ele repetirá: "não sei de onde sois: retirai-vos de mim todos vós que praticais a iniquidade".
53. Haverá ali choro e ranger de dentes, quando virdes no reino de Deus Abraão, Isaac e vós excluídos dele.
54. Muitos virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e hão de reclinar-se à mesa do reino de Deus.
55. Então, os últimos serão primeiros e primeiros que serão últimos.

67.1 **Auto-indagação reflexiva:**

23. **Que caminho percorrer para que se alcance a porta em que se batendo abre**?

Vimos do sermão que nos pôs diante da porta. Considerando ser a porta em que se batendo abre, para nela chegar é preciso pedir e procurar, para então, bater com determinação para que se deslinde o esperado. Aprendemos de acordo com a MC-66. Assim, para que a realidade difira da negativa esboçada pelo Cristo na parábola atual, um longo percurso carece ser trilhado.

Desenhar esse roteiro implica em estudos e perguntas. Pedir informações e esclarecimentos. Há quem que, por traquejo da prática, muito tem a oferecer. Cedem eles diretrizes. Tantas graduadas, outras, cifradas, em decorrência do limite de retenção do vaso recipiente que o interlocutor dispõe. Ao pedir, recebemos, sim, mas em consonância com a nossa maturidade.

A caminho, os veios do percurso para o reino de Deus não coincidem com a certeza unívoca do papel – o mapa não é o território. É preciso buscar. Escarafunchar, investigar, explorar e testar. Essa caminhada é longa e sua pavimentação depende da aplicação da mensagem do Orientador maior, no cotidiano das relações, com ênfase para o particular instituto chamado família.

Pisar seu chão significa adquirir substância. Dois grupos se destacam dessa experiência. Alguns, porque escolheram servir a família maior, diferenciam-se em missionários. Em extremo distinto, outros afastam-se desse especial cadinho. No afã de preservarem o bem-estar da esfera pessoal, fecham-se em egoísmo inoperante. Há também aqueles que não

constituem família por idiossincrasias do caminho. Nós outros, a maioria, por força do instinto que manda procriar ou pela carência que acaba impondo parceria afetiva, matriculamo-nos nesse campo de labor.

Os terrenos dessa andança ainda ampliam-se na profissão e na vida social, onde a singular mensagem do amor também precisa ser traduzida de forma convincente. Treinamos nesses campos o alargamento da nossa identidade grupal. Tal procura garante retorno e tal busca propicia encontro. Encontramos a porta, por consequência, a **porta estreita**. No terceiro estágio, o do bater, calcado nos outros dois bem feitos, o êxito, em tempo certo, será logrado. Mas ele não rima com incerteza, nem com inconsistência, jamais com tibiez.

Sob esta perspectiva descobre-se o quão apertada é a estrada que conduz à porta, que estreita, conduz à vida. Porque trafegar no seu leito é difícil, poucos levam a viagem a cabo. A maioria prefere as facilidades de ocasião e inflacionam a espaçosa estrada que leva à porta da perdição. Patente fica, então, o entendimento de que se o percurso é realizado com tal excelência, inevitavelmente ele desemboca na porta estreita, que aberta, conduz-nos ao Reino.

Resumindo, chega-se a esta porta em que se batendo abre percorrendo o caminho da experiência diária, realizando em todas as áreas da nossa existência as máximas cristãs. Esta é uma condição preliminar para conquistar a consciência crística. Ela inspira e dita toda palavra, cada ação. Por isso é dito que o reino de Deus está tão próximo que o fiel pode realizá-lo aqui e nele viver, agora, como vida imanente.

24. **Quem são aqueles que mesmo batendo insistentemente à porta, ela não se abre**?

Com as lágrimas da aflição, depois de facilmente atravessada a porta larga, já dentro do luxuoso e vazio salão do sofrimento inadiável, em desespero, acorrem seus transeuntes à porta paralela. “Senhor, Senhor!... tens piedade, abre a porta”. Silêncio sepulcral. “Senhor, Senhor!... Em nome de Deus, ajuda-me”. Nada. Nenhum movimento audível. “Senhor, Senhor!... acuda-me, por misericórdia. Na primeira hora, eu te escutei. Na sexta, contigo compartilhei a refeição principal. Sou da tua tradição e no Deus único da nossa fé eu creio...” Nenhuma resposta.

Entenderemos, então, não haver contradição alguma entre os gritos desesperados diante da porta silenciosa e hermeticamente fechada e a certeza confiada do “batei e vos será aberto”. A fé não se confirma às custas de vãs palavras. Religiosidade rasa distancia-se milhas e milhas da prática do coração. Espiritualidade verdadeira não se coaduna com interesses vulgares, promessas inconsequentes ou formalidades sociais. É compromisso interno, guardado em segredo, sem testemunhas. De si para consigo; do filho para o Pai. É nessa intimidade sagrada que nascem os pedidos sinceros, a busca tenaz e o clamor seguro pela presença divina. Haverá resposta e doação. Retorno e achado. Diante da porta estreita, o regime severo a que se submeteu o discípulo, dia e noite, meses e anos, acabou por lhe retirar gorduras da materialidade perturbadora. Aos céus das bem-aventuranças o livre acesso é permitido, onde a alma delgada, sóbria e serena, desfruta. A passagem pela porta estreita traz consigo a vida imanente do reino de Deus.

Sabemos quem são aqueles que batem em vão. Não há como ser testemunhado pelo Cristo, já que no calor da existência, nas horas duras das provas, não foram capazes de ser fiel àquilo que a boca disse, porque o coração não a confirmou. Se o compromisso formal colocou-os na dianteira da fila, a falta de testemunho lança-os, agora, para o derradeiro lugar. E não importa se materialistas e descrentes, prostitutas e ladrões malbarataram recursos diligentes por longo tempo, errando por descaminhos, se tão logo convertidos tornaram-se trabalhadores dedicados da última hora. Se assim foi, de últimos passam a primeiros. E aos primeiros que foram para a rabeira, o silêncio da porta fechada não corresponde a qualquer capricho divino punindo filhos refratários. A realidade árdua é simples resultado a feitio da lei. Se na seara o espinheiro foi plantado, não dá para colher uvas. São inevitáveis os frutos da safra envenenada. No entanto, ela imporá importantes reflexões consoantes à míngua atual. Na próximo plantio, outras sementes serão escolhidas e novo e previdente cultivo será levado a termo. As uvas futuras serão bagos de deleite para a Vinha do Senhor. Deus não quer o sofrimento e jamais o castigo, mas simplesmente que brilhe em cada herdeiro sua inalienável santidade. Mesmo que em muitos, no estágio atual, ela seja apenas um potencial promissor.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

25. **Qual é a lição da porta estreita para a meditação**?

Andar em meditação percorrendo o fio delgado do pensamento, sua vereda reta, é *caminhança* árdua. Obriga-me, Senhor, assentar, no posto de vigilância, a personalidade devotada ao seu serviço. Esta oferenda, em regime de exclusiva dedicação, é mesmo muito difícil. Ora divido-me operando mentalmente tarefas voltadas para os interesses pessoais, ora distraio-me com envolvimentos inoportunos, inconciliáveis com o espírito da proposta.

Por isso, preciso me convencer da intenção superior ao sentar-me na almofada para meditar. Vigiar, vigiar e vigiar para, só então, estabelecer a mente clara da oração.

Porque essa realidade repete-se na larga estrada em que me acostumei nas demais horas do dia, este mísero ego, apesar de assumir a consecução de inúmeras atividades, vagueia sonambúlico entre os atos de sua realização. Em correspondência, quando fecho os olhos para meditar, reconheço o mesmo comprometido padrão de pouca eficiência, no errante percurso mental. Por isso, a andança para porta estreita é facilitada pelo treinamento diário de disciplinar meu fluxo mental. Pela concentração verifico se sou capaz de me entregar totalmente ao Senhor, certo de que em primeiro lugar devo buscar o reino de Deus.

Exercito-me, conscientizando-me convictamente, no início de cada sessão, da importância sagrada do encontro com o Pai. Sobre a dedicação exclusiva para mergulhar no campo profundo de mim mesmo. Como? Dispondo-me à única função de servir o Mestre interior, nesta hora. Na vigilância, afastar-me de qualquer intenção que se conflite com o ideal maior. É nesta estrada apertada da meditação que devo me manter. Sem folga para desvios e ramificações do fluxo mental. O pensamento sem conteúdo há de ser reto, contínuo, para que venha a consciência estável que integre o

sujeito com qualquer fragmento observado. Entre um e outro, o lapso diminuto de tempo que cria a dualidade é suspenso, devido ao seu critério ilusório que o falso observador teimava em sustentar. Sementes de pensamento, sem terreno para se assentarem e nem adubo para se desenvolverem, vão-se.

Assim, alcanço a porta estreita. Tu me ensinaste ser ela transportadora para a vida imanente. À sua frente paro. Bater nela é prosseguir criando condições de permanência da consciência integradora, que se faz una. Aberta à graça, operando um nada fazer, a mente una apronta seu salto quântico para o inominável – a experiência inefável de ser um com o Pai. Neste portal estreito, o sujeito fica de fora e quem entra é o divino. Sem identidade, sem conteúdo e fora do tempo. Tendo a vigilância da meditação cumprido sua função, é chegado o Reino em oração contemplativa.

67.5 Versículo(s) para a meditação: Mateus 7:13 e 14

13. Entrai pela porta estreita: porque larga é a porta e espaçosa a estrada que conduz à perdição, e são muitos os que por ela entram

14. mas estreita é a porta e apertada a estrada que conduz à vida, e poucos são os que a encontram.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 274 – paragem 9-135 – 15.12.2019
MATEUS 7:15-20; LUCAS 13:43-45

RedeUnaViva: Meditação Cristã 274 – paragem 9-135 – 15.12.2019

68.RedeUnaViva: Meditação Cristã 68 – paragem 213 – 03.01.2016

MATEUS 7:15-20; LUCAS 6:43-45

SERMÃO DO MONTE

Bloco VII: A Caminho

18 – Debaixo das duas árvores: a má dos falsos profetas e a boa dos verdadeiros profetas.

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

26. Como a alegoria da boa e má árvore ensina-nos a acautelar dos falsos profetas?
27. Por que a árvore má será cortada e lançada no fogo?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

28. Como a relação entre abundância do coração e a fala favorece a meditação?

Introdução: Os profetas e os frutos das árvores.

Jesus continua a se valer de figuras fortes para, em explorando a dualidade que nos identifica e conturba, legar-nos o espírito de um método capaz de favorecer a identificação dos espíritos, principalmente aqueles que se dizem profetas. Nem todos vêm em nome de Deus, apesar de assim o afirmarem. Precisamos conhecê-los para evitar o embuste.

De novo, os dois evangelistas complementam-se na transmissão da mensagem. Fala-nos Mateus especificamente dos profetas. Daqueles, lobos vorazes, travestidos em pele de carneiros. Ambos narradores retratam a imagem das duas árvores frutíferas – aquelas que produzem o bom fruto e outras que produzem frutos nocivos. Em síntese, conheceremos a árvore pelo fruto. Não pelas folhas, não pelos galhos, nem pelo tronco ou raízes. Mas, por aquilo que organicamente experimentamos. Através da experiência de interação profunda e íntima, mastigando e degustando,

comendo o fruto, é que conheceremos sua árvore de origem. Saborear e saber, eis o toque de mestre passado a nós. Estende-se às pessoas, em geral, e aos diversos campos, não obstante seu alvo principal ser o religioso. Na próxima passagem, seu sentido ampliar-se-á, conforme haveremos de estudar.

Mateus especifica um ensino – o destino da árvore má, como erva daninha da lavoura. Lucas sugere a comparação entre essa matriz na árvore, responsável pela produção do fruto, e o coração humano, responsável por safra própria. Quanto à árvore, apontaríamos para o seu DNA, nos dias atuais. Quanto ao ser humano, continuamos com o coração como referência, ou seja, seus sentimentos mais íntimos, perscrutáveis através das suas ações. Acrescenta que o valor de uma pessoa não é aferido pelo que ela coloca na boca, mas pelo que dela sai. A fala, como fruto, revela a abundancia do seu coração. Educar, pois, o coração é exercício diário de todo cristão, como também de todo aquele que visa a experiência transcendental da iluminação.

O Sermão do Monte, apresentado em 20 princípios

A Abertura

153. As bem-aventuranças; **(I)**

154. Vós sois o sal da terra; vós sois a luz do mundo; **(I)**

155. A lei confirmada, mas completada. **(II)**

156. Quanto ao mandamento de não matar – sede benevolentes com o adversário; **(II - 6º mandamento)**

157. Quanto ao mandamento de não cometer o adultério –não cobiçais o afeto (bem) alheio; **(II - 7º e 10º mandamentos)**

158. Quanto ao juramento: seja vossa palavra, sim, sim; não, não; **(II - 3º e 9º mandamentos)**

159. Quanto a justiça: não resistais ao mal; **(III)**

160. Quanto ao mandamento de amar: amai os

162. Quanto à oração: a comunhão secreta; **(IV)**

163. Quanto ao jejum: a privação secreta; **(IV)**

164. Quanto às riquezas: não ajunteis tesouros na Terra; **(V)**

165. Quanto a precaução exagerada: ninguém deve servir a dois senhores; **(V)**

166. Quanto ao julgamento leviano: com o juízo que julgais sereis julgados; **(VI)**

167. Quanto a oferenda: não atireis pérolas aos porcos **(VI)**;

168. Quanta à mentalização no caminho: pedir, buscar e bater **(VII)**;

169. Diante das duas portas: a estreita e a larga;

inimigos, sendo perfeitos como Deus; **(III)**

161. Quanto a esmolas: a doação secreta; **(IV)**

(**VII**)

170. **Debaixo das duas árvores: a má dos falsos profetas e a boa dos verdadeiros profetas**; (**VII**)

171. Os dois tipos de fiéis: os falantes e os praticantes;

O Epílogo: sua autoridade.

68.1 **Evangelho-parte 1: Os falsos profetas, lobos em veste de ovelhas (Mt)**.

Mateus 7:15
Mt 7:15. Guardai-vos dos **falsos profetas**, que vêm a vós com **vestes de ovelhas**, mas intimamente são **lobos vorazes**.

56. Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós com vestes de ovelhas, mas intimamente são lobos vorazes.

68.2 **Evangelho-parte 2: os frutos maus e os frutos bons dos falsos e dos verdadeiros profetas** (Mt, Lc).

Mateus: 7:16-18	Lucas 6:43-44
Mt: 7:16 **Por seus frutos os conhecereis**. Colhem-se, acaso, **uvas de espinheiros** ou **figos de abrolhos**?	Lc 6: 44. Pois cada árvore se conhece por seu fruto; porque os homens não colhem figos dos espinheiros, nem dos abrolhos vindimam uvas.
Mt: 7:17. Assim **toda árvore boa dá bons frutos**, porém **a árvore má dá maus frutos.** Mt: 7:18. Uma árvore boa não pode dar maus frutos, nem uma árvore má dar bons frutos.	Lc 6:43. Não há árvore boa que dê mau fruto; nem tampouco árvore má que dê bom fruto.

57. Distinguireis os profetas pelos frutos, assim como se conhece cada árvore.

60. Não há árvore boa que dê mau fruto; nem tampouco árvore má que dê bom

58. Colhe-se, acaso, uvas de espinheiros, ou figos de abrolhos?
59. Toda árvore boa dá bons frutos, enquanto a árvore má dá maus frutos.

68.3 **Evangelho-parte 3: O destino da erva daninha e do falso profeta** (Mt, Lc).

Mateus: 7:19-20	Lucas 6:43-44
Mt: 7:19. Toda árvore que **não dá bom fruto é cortada e lançada ao fogo.** Mt: 7:20. Logo, **por seus frutos os conhecereis**.	Lc 6:45. O homem bom, do bom tesouro de seu coração tira o bem, e o homem mau, do mau tesouro tira o mal; porque a boca fala o de que está cheio o coração.

61. Toda árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada ao fogo.
62. O homem bom, do bom tesouro de seu coração tira o bem, e o homem mau, do mau tesouro tira o mal.
63. Porque a boca fala daquilo que está cheio o coração.

68.1 **Auto-indagação reflexiva:**

26. **Como a alegoria da boa e má árvore ensina-nos a acautelar dos falsos profetas**?

O que acontecerá com aquele pseudo-religioso que por bater à porta *errada*, ela não se abriu? Digo, porta errada para ele, que não soube cultivar, estando a caminho, a preparação interior que lhe conferisse, diante dela, a senha de abertura. Que acontecerá com essa pessoa, no curso da jornada da sua alma, na esteira de algumas encarnações? Vislumbro, a princípio, três possibilidades.

Na primeira aventada, escolherá outro deus e passará a frequentar templo diferente. Isto ocorreu com muitos jornadantes, até mesmo antes do advento do Cristo quando nos tempos pré-socráticos transitaram como os *atomistas*. Depois passaram pela Idade Média, na figura dos *nominalistas*, e consolidaram-se no Iluminismo, através dos *cientistas*. Constituíram um forte grupo, ostentando o selo do *realismo*, e uma escola à parte, chamada de *materialismo*. Agraciados pela dica renovadora de Descartes – apesar de não ser membro dessa confraria –, segundo a ontologia que diferenciou alma e matéria como entes distintos, fundaram nova religião: a ciência materialista-existencialista. Preferiram interpretar a não-abertura da porta esmurrada, como a não-existência de qualquer coisa do outro lado.

Não há Deus, não há espírito, não há outra vida. Apenas a matéria que já é fato, para conhecer e dominar. Quiçá, a possibilidade de construir um paraíso aqui mesmo. Por ironia, essa cultura ateísta está mais próxima de construir o inferno na Terra – sua temperatura já se eleva. Outros fatores precisariam ser considerados para que a gênese do materialismo fosse melhor explicada. Por fugir escopo deste estudo, partamos para a segunda opção.

Se um dos grupos, desiludido com a porta trancada, passou a enxergar apenas o brilho da matéria, um segundo continuou a glorificar o Senhor mas, infelizmente, com rituais, emblemas e discursos ocos, dada à incoerência dos seus atos. Criaram a falsa religiosidade e multiplicaram argumentos para que os inteligentes cientistas, com propriedade, abrissem fogo contra a religião – "religião é isso que demonstram?!!" A palavra *inconsistente* começou a demarcar tais profissionais da fé e a sua mensagem religiosa. Enquanto não são cortados e lançados ao fogo, amplia-se os estragos na lavoura.

Como distinguir esses que bateram com a cara na porta daqueles que, por lá entrarem, retornaram com a mensagem genuína? É o que a lição da vez cuida. O Cristo ensina o método, porque já sabia da sua pertinência, mesmo àquela época. Pelo discurso ambos grupos se parecem muito. Os falsos profetas não abandonaram o veio da estrada religiosa, porque no plano pessoal adquirem status bem gratificante. Pelo poder persuasivo requintado e dispondo de ovelhas crentes e ingênuas ficam consagrados, e até idolatrados, no pastoreio espiritual. Apascentam fiéis, que até se beneficiam com sua pregação, porque em alguma parte do caminho diminuem-nos, centrando-se no Mestre. Mas grande parcela deles igualam-se aos guias falsos. Aceitam a própria conduta canhestra justificada no estilo dos seus orientadores. Que grande mal criaram – guias e crentes!

Quis o Cristo, por isso, deixar conosco a prevenção contra eles. Usou outra magistral alegoria – a da árvore com o seu fruto. Conhecereis a natureza da árvore pelo fruto que produz. Dos espinheiros não vêm figos, nem dos abrolhos, uvas. Organicamente sabemos diferenciar o bom fruto, apetitoso e delicioso, do mau, amargo e nocivo. Um é alimento; o outro, veneno. Ligou-os intrínseca e indelevelmente, semente e fruto. Em tempos galileus, a imagem, além de perfeita, foi poética. O Mestre primou-se num estilo enlevado, belo e cativante. Nos tempos atuais, a mesma ciência materialista, que também alberga missionários do bem nos seus quadros, conquistou como parte do seu conhecimento, a *fotografia* da semente da árvore, inclusive de todo ser vivo. Descobriu-se o DNA – o ácido desoxirribonucleico – que, com sua particular fileira de genes, passou a nos oferecer a marca categórica de qualquer árvore.

Transpondo para o ser humano - o alvo preferencial do Cristo –, a correspondência entre *semente e fruto* dá-se com *coração e verbo*. Conhecendo essa matriz, conhece-se a essência do ser humano. "O homem bom, do bom tesouro de seu coração tira o bem, e o homem mau, do mau tesouro tira o mal; porque a boca fala o de que está cheio o coração" (Lc 6:45). Cuidando de escutar esse homem que se apresenta como profeta, não apenas pelo discurso de palavra estudada, mas pelo verbo espontâneo, sobretudo nas horas difíceis, firma-se base segura para identificar se ele vem de Deus. O verdadeiro, por ter sua missão ancorada na sede do coração, será pleno de bom ânimo para enfrentar os percalços,

terá sugestão clarificante para o companheiro visitado pela adversidade, e compartilhará seu pão e tempo em solidariedade, e assim, converterá mulheres e homens pelo amor.

Finalizando, a terceira opção frente à porta fechada contempla aqueles que capitularam. Se somos nós a quem a porta não se abriu em momento de ávido clamor, cabe aprofundar o raciocínio para a devida averiguação do insucesso. Explicado está, mas segundo limitado entendimento. Sob perspectiva que se amplia, muda. Recebemos não o que nossa ignorância primária expectava, mas o aguilhão indutor de transformação radical. Se de fato a porta não se abriu, decorreu de preparação inadequada**.** Agora, sob regime de escassez, virão os requisitos indispensáveis e o salto para um grau superior de consciência. As benesses do Reino chegarão. Basta aguardar o desenvolvimento da árvore e a produção dos frutos. Para a nossa própria nutrição, como beneficências em prol do semelhante.

27. **Por que a árvore má será cortada e lançada no fogo**?

Razão da providência, que por ora nos escapa, justifica a convivência, em regime de mistura, dos falsos com os verdadeiros profetas. Tal como na outra alegoria, entre o joio e o trigo, que crescem juntos e são discriminados na hora da colheita. Reserva-se ao trigo a boa acolhida, enquanto à semente daninha, o fogo **eterno**.

Esse tempo da safra ainda não é chegado. Advém daí a predominância dos escândalos. Ruim para quem pratica, prova de fogo para suas vítimas. Sob perspectiva altruísta, se nos candidatamos a servidores do Reino, é mister saber que não é posto fácil a ser ocupado pelos entusiastas da primeira hora. Requer treinamento intenso – nas fronteiras, sacrificial – para que o código do Reino consolide-se na alma. Como saber se tal assimilação já é conquista inalienável? Pelo teste. A prevalência dos falsos profetas, apesar de produzir estragos importantes na seara cristã, estimularão nos discípulos o desenvolvimento do raciocínio arguto e discernimento apurado. No extremo do amor, seguir trabalhando e paciente com os estragos. Contenção dos arroubos de justiça frente à disposição fácil de condenar os nocivos confrontados. É preciso força para sustentar serenamente o exercício da tolerância e compaixão. Saber que no tempo cósmico prevalece a palingenesia ajuda a entender a convivência desses contrários. Extenso é o tempo de educação da alma, como obrigatória é a lei da reencarnação. Acresce-se que ainda não raiou a época da colheita cósmica de alma. Admitamos a lógica límpida no sucesso da reencarnação: se em existência passada, como lobos travestidos de carneiros, cometemos danos à nossa volta, de algozes passamos, hoje, à condição de vítima. Este toque de compreensão avançada introduz disposição nova para suportar a injustiça, amando a quem nos fere. Sem confundir tolerância com cumplicidade, nem compaixão com conluio, transformamos o escândalo em grande oportunidade para a educação de nós mesmos. Apura-se mais ainda o amor, que colocado em prática, atrai o adversário para as cercanias do Reino.

Sob a perspectiva do corte e do fogo, quando a morte do corpo físico se tornar realidade tangível, a mudança de plano será modulada, de novo, pela porta, como barreira vibracional. Nas paragens de bem-aventurança, a entrada dos falsos profetas é vedada, simplesmente por uma questão de frequência mental. Prevalecendo na existência paixões

precárias, intenções perversas e ações maldosas, não há como ali entrar. Uma lei física, operando nos planos sutis da vida, impede. É seleção natural, no campo do espírito. Ali nesta porta, os falsos profetas, como árvores que não dão bons frutos, serão cortados e ao fogo da purificação lançados.

Quando soar para a Terra o momento de avançar para a sua condição de planeta de Regeneração, deixando para trás a realidade atual, de morada de Provas e Expiações, não somente os falsos profetas, mas todos os espíritos inveterados no mal, serão também cortados desta casa e lançados noutro mundo afim. No fogo consequente desse determinante da Lei, estarão eles no ardor sofrido de experiências restritivas e amargas, porém educativas.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

28. **Como a relação entre abundância do coração e a fala favorece a meditação**?

Se quero avançar célere na prática da meditação, preciso entender a pertinência da boa vibração do sentimento. Assim, me prepararei neste dia.

Já apurei o discurso, e em toda oportunidade onde ouvidos atentos predispõem-se à escuta, faço-me presente com o verbo do discípulo.

Nesses discursos, reverencio-te, Mestre querido, como aquele que mais toca minha alma. Seja pela clareza das lições, seja pela coerência do testemunho do amor ensinado, e mais, por sua presença viva como o caminho para Deus.

Sei e afirmo que trabalhas em mim, ainda hoje, para que eu alcance bendito destino. Se sou capaz de te exemplificar como já explicito minha afinidade com tua proposta, construo, deveras, o meu discipulado. Da lição atual aprendo que não quero ser um falso profeta. Não quero apresentar discurso que destoe dos meus atos. Quero vigilância extrema, porque sei que quando contrariado nas minhas expectativas, ofendido pelos meus erros ou agredido sem justa causa, o que de inopino levanta-se em mim é o ego machucado. Reclama do desprazer, insiste como o correto ou alega a contradição alheia. Resmunga ou levanta a voz, revida com agressão ou cala-se ressentido. Tudo isso contraria as convicções que meu verbo assegura. E quando tal realidade se apresenta, preciso me refazer o mais rápido possível. Mudar a disposição íntima: do afastamento para a conciliação, da queixa para a compreensão, do ataque para a trégua, e por que não, para a paz?

Abrir meu peito e braços, meu sorriso e serviço. Mas tirar tal expressão de onde? Se falso for, não se sustenta. Vira máscara mortuária, sem movimento, sem vida. Tem que estar amparado na fonte do coração. Mas o que lá existe? Se for fel ou raiva, se for tristeza ou mágoa, não ascende a vida. Nem para o rosto, nem para as mãos.

Disse-me tu, o Cristo, que é do coração que tira o homem o seu bem e que isso se manifesta na sua fala. Disse-me tu, Amado, que a todo instante é tempo para o amor. E sendo a linguagem a faculdade mais usual para comunicar ao irmão minha intenção, preciso educar meu coração, para que seja ele a fonte de amor.

É isto que pretendo fazer em todas as oportunidades deste dia, para que no retorno à casa, ao meu templo interno de oração, este bom sentimento e as boas obras desta jornada, sejam meu testemunho. Se ainda não me habilitei à função de profeta, de quem tanta doação é esperada, que eu possa ser, ao menos, um discípulo sincero. Que nesses atos pequenos e quase desapercebidos da convivência, eu aproveite toda oportunidade para que réstias de amor veiculem-se por mim.

68.4 Versículo(s) para a meditação: Lucas 6:43 e 45

43. Não há árvore boa que dê mau fruto; nem tampouco árvore má que dê bom fruto

45. O homem bom, do bom tesouro de seu coração tira o bem, e o homem mau, do mau tesouro tira o mal; porque a boca fala o de que está cheio o coração.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 274 – paragem 9-211 – 22.12.2019

LUCAS 1:26-38 – Natal

RedeUnaViva: Meditação Cristã 275 – paragem 9-211 – 22.12.2019

4. RedeUnaViva: Meditação Cristã 04 – paragem 114 – 12.10.2014

LUCAS 1:26-38

O Anúncio à Maria

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

29. Como entender o anúncio da concepção e nascimento de Jesus?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

30. O que a reação de Maria me ensina para melhor meditar?

Introdução: Gabriel visita Maria.

Após a gravidez de Isabel, tendo já alcançado o sexto mês, consolidar-se, o mesmo anjo Gabriel que anunciou o nascimento do precursor, João Batista, vai anunciar o nascimento do Cristo. Se em Jerusalém, buscou o sacerdote, esposo de Isabel, em Nazaré, vai direto à mulher. Na primeira, o homem racional exige sinais; na segunda, a mulher intuitiva, é muito mais receptiva, desenvolvendo diálogo muito límpido e direto.

Trata-se de uma concepção espiritual, mas mal-entendida pela Igreja, como uma derrogação das leis naturais da gestação.

O que Gabriel revela à noiva de José serve para a cristandade como eloquente sinal da condição excepcional tanto do filho e da mãe. Um vem a ser o Messias, e outra, a mulher guardiã e geradora do corpo do Messias.

Tanto nos ensina o anjo sobre aquele que começa planejar seu aparecimento no mundo, como a respeito daquela escolhida para ser mãe do fruto bendito.

Busquemos assimilar o significado desse especial conteúdo oferecido a nós pelos treze versículos do primeiro capítulo de Lucas.

4.1. Evangelho-parte 1: O anjo Gabriel visita Maria (Lc)

Lucas 1:26-27
Lc 1:26. No sexto mês, foi enviado da parte de Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré,
Lc 1:27. a uma virgem prometida a um homem que se chamava José, da casa do David, e o nome da virgem era Maria

4.2. Evangelho-parte 2: Maria se perturba com sua saudação (Lc)

Lucas 1:28-29
Lc 1:28. Aproximando-se dela, disse-lhe: "Alegra-te, **altamente favorecida**, o **Senhor é contigo**"
Lc 1:29. Ela, porém, ao ouvir essas palavras, **perturbou-se muito** e pôs-se a pensar que saudação seria essa

4.3. Evangelho-parte 3: O anjo esclarece o motivo da saudação (Lc)

Lucas 1:28-29
Lc 1:30. Disse-lhe o anjo: "Não temas, Maria, pois **conquistaste benevolência da parte de Deus**,
Lc 1:31. e conceberás em teu ventre e darás à luz um filho a quem chamarás JESUS.
Lc 1:32. Este será grande e será chamado **Filho do Altíssimo**, e o Senhor Deus lhe dará **o trono de seu pai David**
Lc 1:33. e ele reinará no futuro sobre a casa de Jacob, e **seu reino não terá fim**.

4.4. Evangelho-parte 4: O anjo esclarece a concepção (espiritual) (Lc)

Lucas 1:34-37
Lc 1:34. Então Maria perguntou ao anjo: "como será isso, uma vez que **não conheço homem**"?
Lc 1:35. Respondeu-lhe o anjo: "**um espírito santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te envolverá com sua sombra**; e por isso o nascituro será chamado santo, Filho de Deus.
Lc 1:36. Isabel, tua parenta, também ela concebeu um filho na sua velhice, e já está no sexto mês aquela que era chamada estéril,

Lc 1:37. porque, vindo de Deus nada será impossível".

4.5. Evangelho-parte 5: Maria se reverencia (Lc)

Lucas 1:34
Lc 1:38. Disse Maria: "Eis aqui **a escrava do Senhor**: faça-se em mim segundo a tua palavra". E o anjo retirou-se.

1. **Como entender o anúncio da concepção e nascimento de Jesus**?

   Após cumpridos dois terços da gravidez de Isabel, esposa de Zacarias, o mesmo anjo Gabriel visita outra mulher, agora numa pequena cidade da Galileia, de nome Nazaré. Significa, separada, consagrado. Essa é Maria, apresentada como virgem, noiva de José, (ambos) da casa de David. Lucas quer dar entender que pertencendo os pais a essa linhagem, o filho encaixa-se na referência contida na profecia de Isaías. Afirma que o Messias seria "filho de David", isto é, da linhagem do rei-poeta-guerreiro.

   O anjo confirma a especial condição de Maria chamando sua própria atenção para tal realidade – "o Senhor é contigo"! Se o Senhor é com ela, contigo, comigo, conosco, isso constitui razão importante para nos alegrarmos. Para nos enchermos de graça. Entretanto, havia ali outro motivo para tal regozijo. Além de o Senhor ser com ela, o Filho do Altíssimo haveria de habitar seu corpo gestador. Então, veio anunciar estar ela sendo *altamente favorecida*. Ao ser abordada com tamanha reverência, Maria se perturba, como deveras acontece com a pessoa verdadeiramente humilde. Experimentando algum tipo de temor, precisou o anjo recomendar-lhe tranquilidade. Pois, ao contrário, o momento justificava alegria. Conquistara a benevolência da parte de Deus. Fora a escolhida.

   O acurado planejamento da vinda do Cristo incluiu a escolha daquela que participaria de íntima comunhão com ele, durante a gestação da sua organização corporal. Mérito precisava ter para desempenhar essa louvada missão. Desde a gravidez até a cruz muitos episódios viriam exigir-lhe comedimento, resignação e fé. É certo que, já reencarnada, toda essa preparação fora esquecida por Maria. Daí a surpresa com que recebe a anunciação.

   A descrição de Lucas deu margem a supor que uma gravidez atípica, que prescindisse do contato sexual físico, estava prestes a acontecer. Um esmero a mais do evangelista, talvez, para imprimir marca divina ao nascimento de Jesus. Certa corrente, até mesmo hegemônica, do cristianismo privilegiou essa leitura. Quero, entretanto, frisar entendimento diferente, sem me abdicar da singularidade de tal gestação. Como, Maria quer saber, engravidará, se ainda é virgem? Está noiva de José, sim, contudo sem conhecer conjunção sexual com o escolhido. Gabriel não explicita, mas está a ressaltar a iminente concepção

espiritual, e não, a física. "Um espírito santo, ou seja, já cristianizado, virá sobre ti". Fala da conjunção prestes a acontecer entre Jesus e ela, aproximando intimamente os dois espíritos – Maria e Jesus. Não aponta para a concepção corporal, que começará a acontecer, quando pela relação sexual com José, espermatozoides seguirão na direção do seu óvulo para consumar a fecundação. Quando isso se der, o Espírito-Cristo, já jungido à organização psicofísica de Maria, começará a dirigir a construção do corpo que lhe dará entrada nesse mundo.

Repetindo, o que o anjo destaca é a concepção espiritual prestes a se realizar. Isto é, a conjunção entre Jesus e Maria, sob o controle do poder de Deus. Acrescenta, "quando nascer será santo, verdadeiro Filho de Deus".

Averiguemos, ainda, as quatro características sobre a identidade do nascituro.

1) O nome, Jesus – vem do hebraico, Iehoshua, e significa Iahô salva.
2) Seu epíteto, "Filho do Altíssimo" – sua unidade com Deus;
3) O reino a ser ocupado, de David – em concordância com a tradição profética;
4) Um Reino que não terá fim – o destino da Terra é ser uma paragem onde as pessoas pratiquem, na íntegra, os princípios cristãos.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre

2. O que a reação de Maria me ensina para melhor meditar?

Tal como Maria, também não sei e preciso saber que sou *altamente favorecido*, pois o Senhor é comigo.

Com algumas décadas de estudo e reflexão sobre a espiritualidade, felizmente, já me dei conta de que *Deus é comigo*. Por isso, devo, sim, *me alegrar bastante*. Todos os dias em que sentar para meditar será de grande utilidade me conscientizar de tal realidade. Com ela, a via de êxtase começa a se formar.

Portanto, *não preciso me deixar assustar*, como Maria fez, nem assumir qualquer orgulho tolo, porque não é na esfera do ego que tal grandeza se cumpre.

Após o advento do cristianismo, e com ele se fazendo presente em minha vida, sei também que o Mestre é ponte segura para consumar a comunhão com o Pai. O Cristo é caminho para a vida verdadeira. Ninguém vai ao Pai senão com ele e por ele. Não significa discriminação de qualquer outro credo espiritual. Mas tão somente que o Cristo veio ensinar o que sentiremos, o que pensaremos, o que seremos capazes de fazer, quando alcançarmos a condição crística que em nós está sendo gestada. Nesse sentido, Jesus ainda não veio à luz através de mim.

Para que eu experimente ainda hoje tal conjunção com o Cristo, não precisarei de condições mundanas e externas. Um culto específico, palavras mágicas, adentrar um templo de pedra, são todos dispensáveis. Quanto muito, funcionarão como facilitadores para condicionar minha mente a vibrar em plano superior.

Se a graça há de vir porque para *Deus nada é impossível*, a reverência final de Maria, me é exemplo poderoso a seguir. *Faça-se em mim a palavra do Cristo e dos seus mensageiros* quanto à minha natureza e quanto ao meu futuro próximo. Para isso, me coloco agora como *escravo do Senhor*.

Versículo(s) para a meditação: Lucas 1:38

> Disse Maria: "Eis aqui a escrava do Senhor: faça-se em mim segundo a tua palavra". E o anjo retirou-se.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 276 – paragem 9-212 – 29.12.2019

MATEUS 7:21-17; LUCAS 6:46-49

RedeUnaViva: Meditação Cristã 276 – paragem 9-212 – 29.12.2019

69.RedeUnaViva: Meditação Cristã 69 – paragem 214 – 10.01.2015

MATEUS 7:21-27; LUCAS 6: 46-49

SERMÃO DO MONTE

Bloco VII: A Caminho

18 – Os dois tipos de fiéis: os falantes e os praticantes.

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

31. Qual é a diferença de "ouvir e repetir o escutado" para "ouvir e praticar o escutado"?
32. Como a alegoria da construção dos dois tipos de casa auxilia-nos a vivenciar o genuíno espírito crístico?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

33. Como ser ouvido e reconhecido pelo Cristo?

Introdução: A morada dos adeptos.

O luminar discurso da espiritualidade superior chega ao final. Com sugestiva imagem Jesus enche-nos de graça e termina o Sermão do Monte. Trata-se da casa, uma fortaleza material neste plano efêmero. Como construir a morada, pouso para o descanso e lugar bendito para o aconchego da família? Serve ela para o desfrute das refeições assim como para alegria da singela convivência. Sendo endereço de atividades de extremado valor, como soerguê-la? O dedicado esmero sugerido em tal empresa, servirá de exemplo para a construção da nossa **fortaleza** interior, a fim de estarmos protegidos e salvos quando as intempéries do destino baterem à nossa porta.

De novo a dualidade – a casa segura fincada sobre pedra, e a outra frágil assentada sobre areia. O fiel previdente, que se mira no Pai, e o insensato, a quem importa tão somente a facilidade do presente, perfilam-se na passagem.

Tendo apresentado o sumo precioso da sua doutrina, nestes dezenove tópicos do Sermão, que achamos por bem dividir para melhor estudá-lo, conclui o Mestre como a dizer: "se atentardes para todo este conteúdo, fazendo dele o vosso sustentáculo, nos momentos difíceis das provas comuns estareis acobertados. Fazei isto e vivereis".

Mateus, nos seus sete versículos, amplia a mesma lição que Lucas retrata em quatro, com correspondência precisa.

Anotemos nossas últimas observações sobre a riqueza do SM, a fim de que, guardado na memória, venhamos a descobrir que mensagem semelhante palpita na vida imanente, que do nosso coração transborda.

O Sermão do Monte, apresentado em 20 princípios

A Abertura

172. As bem-aventuranças; **(I)**

173. Vós sois o sal da terra; vós sois a luz do mundo; **(I)**

174. A lei confirmada, mas completada. **(II)**

175. Quanto ao mandamento de não matar – sede benevolentes com o adversário; **(II - 6º mandamento)**

176. Quanto ao mandamento de não cometer o adultério –não cobiçais o afeto (bem) alheio; **(II - 7º e 10º mandamentos)**

177. Quanto ao juramento: seja vossa palavra, sim, sim; não, não; **(II - 3º e 9º mandamentos)**

178. Quanto a justiça: não resistais ao mal; **(III)**

179. Quanto ao mandamento de amar: amai os inimigos, sendo perfeitos como Deus; (**III)**

180. Quanto a esmolas: a doação secreta; **(IV)**

181. Quanto à oração: a comunhão secreta; **(IV)**

182. Quanto ao jejum: a privação secreta; **(IV)**

183. Quanto às riquezas: não ajunteis tesouros na Terra; **(V)**

184. Quanto a precaução exagerada: ninguém deve servir a dois senhores; **(V)**

185. Quanto ao julgamento leviano: com o juízo que julgais sereis julgados; **(VI)**

186. Quanto a oferenda: não atireis pérolas aos porcos **(VI)**;

187. Quanta à mentalização no caminho: pedir, buscar e bater **(VII)**;

188. Diante das duas portas: a estreita e a larga; (**VII**)

189. Debaixo das duas árvores: a má dos falsos profetas e a boa dos verdadeiros profetas; (**VII**)

190. **Os dois tipos de fiéis: os falantes e os**

praticantes; (VII)

O Epílogo: sua autoridade.

69.1 **Evangelho-parte 1: Chamar pelo Senhor não é suficiente** (Mt, Lc).

Mateus 7:21-23	Lucas 6:46
Mt 7:21. Nem todo o que me diz: "**Senhor**, **Senhor**", entrará no reino **dos céus**, mas **aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus**.	Lc 6:46. Por que **me chamais** "Senhor, Senhor"**, e não fazeis** o que vos mando?
Mt 7:22. Naquele dia **muitos** hão de dizer-me: "**Senhor**, **Senhor**, não **profetizamos em teu nome** e em teu nome não fizemos muitas coisas notáveis"?	
Mt 7:23. Então lhes declararei: "**nunca vos conheci**: **apartai-vos de mim** os que **praticais a ilegalidade**"	

64. Nem todo o que me chama Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando, entrareis no reino dos céus. Mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus.
65. Naquele dia muitos dirão: Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome e em teu nome não fizemos coisas notáveis?
66. Então, responderei: "nunca vos conheci; apartai-vos de mim os que praticais a ilegalidade".

69.2 **Evangelho-parte 2: O homem prudente pratica seus ensinamentos** (Mt, Lc).

Mateus 7:24-25	Lucas 6:46
Mt: 7:24. Todo aquele, pois, que **ouve estas Palavras**, eu o comparo a **um homem prudente**, que **edificou sua casa sobre a pedra**;	Lc 6:47. Todo o que **vem a mim** e **ouve minhas Palavras e as pratica**, eu vos mostrarei a que é semelhante.

Mt 7:25. e caiu **a chuva**, vieram a**s torrentes**, sopraram **os ventos** e **bateram com força contra aquela casa**, e **ela não caiu**, pois estava **edificada sobre a pedra**.	Lc 6:48. É semelhante **a um ho**mem que, **edificando sua casa**, cavou **abriu profunda vala e pôs os alicerces sobre a pedra**; e vindo **a enchente**, a torrente **bateu com força naquela casa** e **não na pode abalar**, porque **tinha sido construída sobre a pedra**.

67. Todo o que vem a mim e ouve minhas palavras e as pratica, eu vos mostrarei a que é semelhante.
68. É semelhante a um homem prudente que para edificar sua casa, depois de cavar e abrir profunda vala, pôs os alicerces dela sobre a pedra.
69. Caiu a chuva, vieram as torrente, sopraram os ventos e bateram com força contra aquela casa, e ela não caiu, pois estava edificada sobre a pedra.

69.3 **Evangelho-parte 3: O homem insensato desdenha os ensinamentos** (Mt, Lc).

Mateus 7:24-25	Lucas 6:46
Mt: 7:26. Mas todo aquele **que ouve estas minhas Palavras e não as pratica**, será **comparado a um homem tolo**, que edificou sua casa **sobre a areia**; Mt 7:27. e **caiu a chuva**, vieram **as torrentes**, sopraram **os ventos** e **bateram com força contra aquela casa**, e **ela caiu**; e foi **grande sua ruína**.	Lc 6:49. Mas **o que os ouve e não as pratica**, é semelhante a um homem **que edificou sua casa sobre a terra**, **sem alicerces**; a torrente bateu com força sobre ela, **e logo caiu**, e foi **grande a ruína daquela casa**.

70. Mas o ouve as minhas palavras e não as pratica, é semelhante a um homem tolo, que edificou sua casa sobre a areia.
71. Caiu a chuva, vieram almas torrentes, sopraram os ventos e bateram com força contra aquela casa, e ela caiu, pois estava edificada sobre areia. E foi grande a sua ruína.

69.1 **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

29. **Qual é a diferença de "ouvir e repetir o escutado" para "ouvir e praticar o escutado"?**

De que adianta simpatizarmo-nos com a mensagem cristã se não houver coincidência dela com os nossos atos? Funcionaria como exemplar valioso ostentado em vitrine de visitação. Objeto morto, enquanto o Cristo vivo é.

"Por que, reverentes, me chamais YHWH (*iod-hei-vav-hei*), tratando-me como Senhor, se não inseristes minhas exortações em vossos atos? Por que a ação solene, se vosso comportamento não corresponde à vontade de meu Pai? O Pai e eu somos um, e tendo eu vo-Lo revelado, por que não me obedecestes"? – aporá Jesus, quando na hora do desespero, ávidos e céleres, a ele recorrermos.

Não basta ser simpatizante ou aspirante ao Reino. Para nele adentrar é preciso militância esmerada; no extremo, dispor a própria vida à causa, se essa for pedida. No cume da espiral evolutiva, assumir missão de proa, fugindo do falso profetismo para não figurar como a má árvore ilustrada nos versículos anteriores.

No transcurso para Deus, progride o peregrino em gradação. Passa por estágios distintos, que vão da mera afinidade à iniciante da doutrina. Avança para seguidor e chega à condição do serviço desprendido. Galga o posto de pastor e culmina no apostolado. Como parte do processo de autoconhecimento, faz-se oportuno investigar em que fase cada um se encontra, consoante as características da sua trajetória espiritual.

No **primeiro estágio**, o peregrino caminha até o lugar onde a mensagem é veiculada. Lê um livro, escuta um áudio, assiste ao filme, entrevista ou palestra. A nota evangélica que perpassa o ar toca-lhe alguma fibra íntima. Ele contata e considera. De buscador passa a **simpatizante**. Questionado, acha interessante, mas não se compromete. Se for conveniente, apoia; se for desconfortante, esquiva-se. Seu posicionamento não tem consistência, pois falta-lhe raiz.

No **segundo estágio**, esse simpatizante mais caminha e transforma-se em **aspirante**. Almeja ser cristão ou vislumbra algum tipo de filiação religiosa. Frequenta o templo, suas reuniões ou rituais. Marca presença, de escassa a regular, conquanto não se conflite com programas de maior apelo emocional. Um dia será mais assíduo e aderido, mas não agora. Dos seus projetos o futuro cuidará.

Quando atinge o **terceiro grau**, o peregrino-aspirante passou por alguma iniciação, mesmo que implícita e informal e torna-se um **adepto**. Enquanto passeia pelos portais da escola ou tradição, uma beleza, uma grandeza, um ardor, de repente, toca-lhe a alma e o chama. Às vezes, pela força, arrasta-o. Faz dele um seguidor dos preceitos religiosos. Passa a cultivá-los, em resposta ao chamado, mesmo que não totalmente explicados. Consumam-se seus primeiros passos doutrinários e, por ter aceito os princípios da fé, compromete-se. Repete tais princípios, argumenta sua convicção, chegando a indicar seu caminho a amigos. Como seguidor precisa seguir um líder, uma igreja, uma tradição. Aqueles que apontam diretrizes balizadoras da conduta.

No **quarto estágio** do desenvolvimento, a dedicação leva-o a mergulhar de corpo e alma no percurso. Torna-se um **militante** da causa, ajudando o necessitado, como expressão da valorosa dimensão do amor. Expande o serviço espiritual para o lar, trabalho e sociedade. Dedica-se ao estudo e começa a elaborar respostas para as complexas questões doutrinárias. Defende com sinceridade seus valores, não apenas por razão de crença mas devido à insofismável experiência dos seus benefícios. Porém, tantas vezes ainda é visitado pelos padrões antigos que o derrubam. Cai numa faixa de vibração contrária que demanda luta e esforço para retornar à segurança e bem-estar já experimentados.

No **quinto estágio**, alcança-se a condição de **líder** por desvendar e visitar com frequência o tesouro sagrado contido em seu coração. Consciente, diariamente reserva tempo precioso para, através da oração silenciosa, falar com Deus. Por conta da genuína vivência da religiosidade, perquire com independência e responde com originalidade, nesse campo do saber, fruindo com espontaneidade. Não se restringe às autoridades e normas porque, sendo o que forem, são externas. Não obstante valida aquelas pertinentes, por força da vivência segura e do discernimento apurado. Seus atos dão sustentação à egrégora do grupo, onde os afins buscam nutrição espiritual. Torna-se referência valorosa sem usar essa deferência para motivo de orgulho ou para o reclamo de privilégios, atitudes que o fariam desandar para o falso profetismo. Devido à sobriedade, inteireza e idoneidade, passa a ser notado e seguido. Coerentemente, não senta no poder efêmero, nem visa status ou glamour, mas batalha pela liberdade e felicidade, sua e do próximo, aproveitando toda oportunidade como tempo de servir.

Tanto o líder como **o Missionário**, agente do **sexto-estágio**, se não cuidarem das forças retrógadas, poderão ser arrastados para o campo inferior de sua alma. Caracteriza o missionário o desempenho de uma específica função que coaduna com o seu talento ou preparação elaborada antes da atual encarnação. Não exclui o desempenho de alguma atividade social ou profissional comum, no entanto, essa será periférica ao seu serviço espiritual prioritário.

No **sétimo estágio** encontra-se **o apóstolo**, distinguido por já ter entregue totalmente seu tempo à causa espiritual. Alguns acreditando como talhados para esse ofício sagrado, almejarão saltar os estágios intermediários, na crença que para isso basta uma escolha. Mesmo que tenham entregue sua vida a tal propósito, bom seria que entendessem a necessidade de atravessar todos os estágios a fim de que sua dedicação resulte no trabalho dedicado do genuíno apóstolo.

30. **Como a alegoria da construção dos dois tipos de casa auxilia-nos a vivenciar o genuíno espírito crístico**?

A dualidade que compara o baixo e o alto, que diferencia o puro do impuro, é retomada, ressaltando referenciais próprios para os elementos da dicotomia-raiz: o Ser e o ego; o Criador e a criatura.

Não obstante qualquer um dos peregrinos aludidos como quem ouve a Palavra, qual deles figuraria como "o homem prudente" que edificou sua casa sobre pedra? Nos moldes da construção moderna, se uma pedra não é encontrada para nela fincar a estaca sustentadora da morada, aprendeu-se a construir, depois de muito cavar, o concreto, similar à rocha. Atividade que demanda esforço, dedicação e perseverança. Ao contrário, caso se prefira rapidez e parcimônia, a areia, um pouco mais dura, basta.

Esclarece-nos Lucas ser preciso muito cavar para vala profunda ser conseguida. No terreno do coração não é diferente. Placidez e amor incondicional somente são experimentados depois de muito cavar. É imperioso atravessar as várias camadas do coração, por onde vige a emoção vulgar, do sorriso fácil e do prazer descompromissado, da irritabilidade rotineira e do ressentimento frequente, a fim de fazer jorrar a água viva ou, então, para se deparar com a segurança

resistente. Se os pés aí forem fincados, as provas comuns balançarão nossos conteúdos mentais mas a resposta serena e generosa testemunhará, com certeza, fé na vida. Ou seja, comportamento sóbrio e educador.

Quem de nós, em várias passagens, estará eximido dos percalços próprios desta existência? Um casamento desfeito, a morte de familiar querido ou a perda de bens materiais? Quem não sofrerá, se visitado pela ingratidão ou traição inimagináveis? Quem permanecerá impávido, altaneiro, senão aquele que, com lucidez, construiu sua casa nas raízes fortes do Reino? Cairá a chuva, soprarão os ventos, varrerão as torrentes em noites de tornado, mas alguma construção notar-se-á em pé quando a bonança retornar. No entanto as casas rasas, as habitações rasteiras e as choupanas soltas terão destino comum. Nem rastros deixarão. Ruínas descaracterizadas serão a marca da imprevidência juvenil. Que tipo de construção planejaremos erguer? Pensaremos apenas no azul límpido do momento ou anteciparemos o período de tormentas a fim de assegurarmos o bem-estar nos dias difíceis?

Mesmo estando no início do transcurso espiritual, o peregrino inexperiente pode ouvir sobre as características de cada estágios e sobre a excelência inalienável do extremo superior da jornada. Divisará as vicissitudes naturais das etapas por que terá de trilhar e, com isto, anteverá sua inevitável labuta diária para consolidar em si a fé, a escolha acertada e a perseverança fertilizante.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

31. **Como ser ouvido e reconhecido pelo Cristo**?

Peço licença para sumária partilha da trajetória do peregrino, na personalidade que nesta existência veste-me a alma. Serei breve e atento a fim de não resvalar para o personalismo.

Tive na outrora juvenil meus dias de **simpatizante**, digo, depois da infância, quando ir à missa e fazer *primeira comunhão* foi mais um encaminhamento social dos meus pais, católicos não-praticantes, do que ato consoante à fé sentida e contagiante. Neste espírito, frequentei ileso, e logo *desfrequentei* satisfeito, já que o dever condicionado e vazio entediava-me por demais naquela igreja, com suas intermináveis manhãs dominicais. Havia mais vida lá fora, no futebol, no clube e nas ruas com os amigos. Muito mais!

Mas na juventude primaveril, como é comum acontecer com rapazes e moças, outras camadas da alma milenar fizeram ascender à tona novos interesses. No meu caso, veio a Índia misteriosa. O yoga bateu-me à porta e o siddhis encantaram-me, demonstrando nossos poderes anímicos adormecidos. Podiam ser despertados; maravilha! O cosmos se abria. Amador, pratiquei sozinho. Eu, os livros e meu quarto. A cada dia mais e com diferentes livros do mesmo. Um, dando ênfase a tradição ocidental, em particular, fez-se sol à meia-noite – O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec. Foi como ler tudo que eu já sabia e não sabia que sabia. Em duas, três, sentadas a vida se fez diferente, e Jesus Cristo, de tão próximo, colou e não mais saiu. Passara eu, peregrino da jornada, rápido, de simpatizante a **aspirante**, e sem notar, a iniciante, um **adepto**.

Mas o ardor da juventude, seus reclamos e seduções, sequestraram-me para tempo de ousadias e delicias, de dúvidas e dor, de céu e inferno, em frenesi de descobertas. Tudo isso ali, na Terra concreta da província mineira, no corpo cálido de desejos mil. E também, alhures, quiçá além, sob o infinito do azul dos céus. Deus sempre presente. Mas felizmente, a superlativa prova chegou. Era tempo de despertar. Freou abrupta, com a ferida aberta e à beira do abismo. Descer ou cair. Tudo ou nada. Por forças, que entendo como divinas, não soçobrei. Por três vezes dilacerou-me por inteiro, ali no lusco-fusco. Disseram-me: "hás de permanecer nesta Terra por mais tempo". Discrimino as três, nesta ordem. "Não perderás a lucidez, não perderás o corpo, e não perderás a alma... por enquanto". A primeira, no início do verão, saindo da mocidade, e a segunda, nos meados da estação. A última, quase na despedida do outono. E, graças!, aqui estou com os três – a razão, farol da estrada; o corpo, hígido sem carecer de medicamentos; e a alma, escolhendo cada vez mais o que deve primeiro ser buscado: o reino de Deus.

Felizmente, também, deixei para trás as três primeiras fases da peregrinação. O que pedir, nesta montanha à meia-altura? Serviço, que é a grata oportunidade de auxiliar. Onde? Na estrada apertada e em direção da porta estreita. Em que intensidade? Que o Cristo me conceda trabalhar diariamente, como operário do Reino. Para isto, cuidar do corpo, a fim de que este bote bem usado me conduza seguro pela correnteza dos rios, com chance de chegar ao mar. Sono e alimentação adequados como base da sua saúde. Tornar flexíveis os ossos, firmes os músculos e duros os tendões. Com as bênçãos do mestre Iyengar, sob as inspiração de Patandjali, o yoga me dá mais – a purificação dos nadis, no corpo sutil.

E orar sempre. Orar para revigorar, na fonte sagrada de cada dia, a nutrição da alma que oferece inspiração e sabedoria. Orar para dispor de amor, no serviço.

Avançando pelo quarto estágio, montanha acima, ouso a cada noite, antes de entregar meu corpo ao revigoramento do sono, chamar-te: "Senhor! Senhor! Aqui estou para me entregar. Agradeço a existência me concedida. Pelos afetos e amizades, tesouros da vida. Pela lucidez para reconhecer o que há para ser reformado e completado. Por de novo te buscar, no imo deste pensar sem pensamento, portal das bem aventuranças. Por me escutar e me responder com bênçãos sagradas. Pela liberdade de te seguir. Graças!

Que seja de alvenaria minha morada e de pedra seu sustentáculo. Que no Reino ela se situe, sendo tu sua rocha e água viva.

69.4 Versículo(s) para a meditação: Lucas 6:47 e 48

Lc 6:47. Todo o que vem a mim e ouve minhas Palavras e os pratica, eu vos mostrarei a que é semelhante.

Lc 6:48. É semelhante a um homem que, edificando sua casa, cavou abriu profunda vala e pôs os alicerces sobre a pedra; e vindo a enchente, a torrente bateu com força naquela casa e não na pode abalar, porque tinha sido construída sobre a pedra.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 277 – paragem 9-213 – 05.01.2020

MATEUS 7:28-29 e 8:1; LUCAS 7:1

RedeUnaViva: Meditação Cristã 277 – paragem 9-213 – 05.01.2020

70. RedeUnaViva: Meditação Cristã 70 – paragem 221 – 17.01.2015

MATEUS 7:28-29 e 8:1; LUCAS 7: 1

SERMÃO DO MONTE

O Epílogo

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Que autoridade mostrou Jesus para que o povo o admirasse tanto?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

2. Como usufruir o poder do Cristo?

Introdução: O povo admira o Messias encarnado.

Após dezenove domingos consecutivos em que a pauta da Meditação Cristã foi o magno discurso de Jesus, chega o momento da sua conclusão. Não obstante termos precisados tantas semanas para apurar o significado do Sermão do Monte, é certo afirmar que o Mestre deu sua luz num único ato. O cerne da sua doutrina de amor se fez verbo ali, no cume daquela colina. Mas como esclareceu no seu desfecho, um profeta não se revela apenas pelo uso da palavra. Se o Cristo concentra nesta exposição o sumo da sua mensagem, ela aguardaria o concurso dos vinte séculos sucedentes para confirmar o seu valor. Ali, ela veio a se apoiar nos extraordinários feitos – as curas e os ditos milagres. Para assimilar com precisão o sentido complementar que sua vida deu ao verbo proferido, torna-se necessário apanhá-la na sua integridade – é o que faremos, na sequência, com a leitura sistemática dos quatro evangelhos.

Se a subida ao morro-palco sucedeu acontecimentos distintos ali, em Cafarnaum – na sinagoga, praça ou praia –, quando desce é, de novo, para a mesma cidade que ele retorna.

Mateus exprime o amaravilhamento com que o povo distinguiu-o. Inebriaram-se, com gosto, pela lógica ousada e pertinente da nova proposta religiosa que surgia. Lucas informa-nos que o Cristo desceu do morro pronto para interligar ao seu relato, uma extraordinária cura.

No estudo desta semana realizaremos ligeira retrospectiva do Sermão do Monte, a fim de, nesta nota de epílogo, justificar a excelente admiração que o povo rendeu ao Messias.

O Sermão do Monte, apresentado em 20 princípios

A Abertura

1. As bem-aventuranças; **(I)**
2. Vós sois o sal da terra; vós sois a luz do mundo; **(I)**
3. A lei confirmada, mas completada. **(II)**
4. Quanto ao mandamento de não matar – sede benevolentes com o adversário; **(II - 6º mandamento)**
5. Quanto ao mandamento de não cometer o adultério –não cobiçais o afeto (bem) alheio; **(II - 7º e 10º mandamentos)**
6. Quanto ao juramento: seja vossa palavra, sim, sim; não, não; **(II - 3º e 9º mandamentos)**
7. Quanto a justiça: não resistais ao mal; **(III)**
8. Quanto ao mandamento de amar: amai os inimigos, sendo perfeitos como Deus; (**III)**
9. Quanto a esmolas: a doação secreta; **(IV)**
10. Quanto à oração: a comunhão secreta; **(IV)**
11. Quanto ao jejum: a privação secreta; **(IV)**
12. Quanto às riquezas: não ajunteis tesouros na Terra; **(V)**
13. Quanto a precaução exagerada: ninguém deve servir a dois senhores; **(V)**
14. Quanto ao julgamento leviano: com o juízo que julgais sereis julgados; **(VI)**
15. Quanto a oferenda: não atireis pérolas aos porcos **(VI)**;
16. Quanta à mentalização no caminho: pedir, buscar e bater **(VII)**;
17. Diante das duas portas: a estreita e a larga; (**VII**)
18. Debaixo das duas árvores: a má dos falsos profetas e a boa dos verdadeiros profetas; (**VII**)
19. Os dois tipos de fiéis: os falantes e os praticantes; (**VII**)

O Epílogo: sua autoridade.

70.1 **Evangelho-parte 1: Com admiração o Cristo é diferenciado pela multidão** (Mt).

Mateus 7:28-29
28. E aconteceu que, tendo Jesus terminado essas Palavras, a multidão estava admirada do ensino dele,
29. porque ele as ensinava como quem tinha autoridade, e não como os escribas.

1. Quando Jesus terminou este discurso, a multidão inteira estava admirada do seu ensino.

2. Distinguia nele uma autoridade própria, bem diferente da dos escribas.

70.2 **Evangelho-parte 2: Desce o morro e entra em Cafarnaum** (Mt, Lc).

Mateus 8:1	**Lucas 7:1**
1. Quando Jesus desceu do monte, acompanhavam-no grandes multidões.	1.Tendo Jesus concluído todos os seus discursos dirigidos ao povo, entrou em Cafarnaum.

3. Desceu do monte, acompanhado dessa mesma grande multidão, e caminhou para Cafarnaum.

Auto-indagação reflexiva:

1. **Que autoridade mostrou Jesus para que o povo o admirasse tanto**?

Ao término do sermão, Mateus informa que a multidão ficou admirada. Talvez extasiada. Confrontava verdadeiro Mestre, um profeta que com propriedade ensinava. Sua autoridade inexistia nos representantes do clero oficial.

Nós, depois de estudar por cinco meses o Sermão do Monte e descobrir o tesouro nele contido, sabemos muito bem porque ele encantou aquele povo. Apesar de sermos filhos deste século e milênios e, portanto, estarmos impregnados por uma cultura que respira na fonte cristã, não deixamos de reverenciar a sabedoria desse autor celestial. Imaginemos, então, o que se passou com aquela gente. Era a virgem que se fecundava pela Boa Nova. Todos, fomos brindados com ética avançada e libertadora.

Em agradecimento agora, repassemos, sinteticamente, a essência dos seus dezenove tópicos, concordando com a distinta superioridade com que o Cristo foi saudado no desfecho do seu sermão.

1. Descortinou-o, com a poesia das **bem-aventuranças**, identificando aqueles que mesmo sem saber já constavam como afiliados do Reino.

2. Penetrou o átrio do discurso, com **o sal da Terra** e **a luz do mundo**, informando de imediato o serviço destinado aos seus operários. O pictórico sermão foi iniciado com as figuras emblemáticas do sal e da luz.

3. **Não veio revogar a lei, mas completá-la**, pois o amadurecimento da humanidade clamava acréscimos superiores da lei espiritual. No Reino, destacam-se dois tipos de habitantes. Quis abríssemos ouvidos e coração para apreender a lei explanada, porque quem a repetisse ensinando, no Reino seria o menor, enquanto quem o fizesse praticando, seria o maior. A ênfase da prática abre e termina o sublime discurso.

4. Não basta **não matar;** é imperioso reconhecer e controlar, transmutar e sublimar a raiva e o ressentimento. Nenhuma chance há de encontrar Deus, na oração e no templo, se prevalecerem tais sentimentos. Através da alegoria – recurso pedagógico que permeará o ensino dessas máximas – o Cristo adiciona os sinais meteorológicos a indicar a necessidade de detectarmos internamente os sinais do céu, aqueles que nos dispõe a uma relação harmoniosa. Os outros, que alimentam dissensões, sustentarão os presídios do mundo interior.

5. Não é suficiente **não praticar o adultério** em atos, mas se precaver nos sentimentos. Para ser vencedor na árdua prova do casamento de fazer-se um com esse próximo, tão semelhante e tão diferente, se não aprendermos a cortar na própria carne, haveremos de passar por muitas privações educativas, providenciadas pelo instituto da reencarnação nas esteiras dos séculos. O melhor e mais desafiador é cortar, agora mesmo, os excessos do egoísmo e as sobras do orgulho.

6. **Não jurar por nada**, pois que de fato, nada possuímos, nem mesmo este corpo, vestimenta passageira. Não jurar nem mesmo em nome de Deus, mas se afiançar pela própria palavra, sincera e reta, comprometendo-se por inteiro com a verdade e sendo seu testemunho vivo.

7. Para figurar-se como cidadão do Reino é exigido que sua justiça sobressaia aquela **do olho por olho, dente por dente**. Semear e cultivar todas sementes da doutrina e praticar essa justiça que excede aquela corretiva e, por vezes, vingativa. **Não resistir ao mal** é, deveras, programa austero para esse cidadão. A imagem didática forte manda oferecer a outra face, corroborada com a disposição de ceder a túnica além da capa, e de andar mais mil passos acima do pedido.

8. Comparece como preceito preliminar **do amar os adversários, de orar pelos que nos perseguem**. Esta ousada exigência serve de preparação para a perfeição do Pai, que rege com amorosa justiça, sem distinguir qualquer dos filhos. Oferecer o sol e a chuva fertilizantes igualmente para todos.

9. Emerge a primeira recomendação **do segredo com o Deus**. Nova figura didática destaca-se: **não saber a mão esquerda o que a direita faz**. A maioria dos que entenderam a lição da benevolência, captou-a rasteira e quando a praticam ostentam-na para serem notados. Ao contrário, no secreto aproxima-se do Pai.

10. Ensinou-se a adentrar a câmara íntima da casa para, **em segredo, com a oração silenciosa meditarmos**. Com a beleza simples e contagiante do Pai Nosso, mostrou o quê como pedir para passarmos da devoção à contemplação. Apresentou a oração como alimento espiritual diário.

11. Termina a tríade do **exercício religioso secreto com a exortação do jejum discreto**, em que a privação da matéria supérflua e das emoções dispensáveis, enlevam a alma criando condições para os seus voos cósmicos.

12. E se o nosso destino aponta para a leveza que eleva, cuidar dos tesouros do céu pressupõe **desprendimento dos bens materiais – aqueles que ladroes não roubam e as traças não consomem**. Marcou, de novo com mais duas figurações potentes nosso aprendizado definitivo. Há riquezas mais valiosas do que o vil metal. No caminho celestial **não se pode servir a dois senhores**. O bem que guardarmos no nosso coração dirá qual dos dois tesouros armazenamos.

13. Garante que o peregrino do Reino **não precisa preocupar-se com as necessidades materiais**. Caso se entreguem, de fato, aos cuidados do Pai, será aquinhoado com o alimento necessário, como as aves e as flores. Que olhemos os lírios do campo e as aves dos céus, não plantam nem ceifam, no entanto são providos pelo amor divino.

14. **Não julguemos para não sermos julgados**, pois a medida da censura, enraizada em nosso psiquismo, usada para criticar o próximo, será a mesma apontada para si. Tantos julgamentos servem principalmente para, ao depreciar o alheio, enaltecer o julgador. A alegoria didática, desta vez, opõe a trave no olho do censor ao cisco no olho do julgado. Fica claro, então: a reforma pessoal é programa para nós, e não, para o semelhante.

15. Se já avançamos o suficiente para valorizar os preceitos elevados, distingamos a pedra da pérola. Ou, a preciosidade desta sobre a rudeza daquela. Se a beleza nutre o espírito, a ração sacia o estômago. Distingamos, pois, os homens que, nas questões espirituais, nutrem-se como os suínos. Saibamos **não dar pérolas aos porcos**. Isto é, dosar a palavra de acordo com o ouvinte para que a sua réplica insensata não contamine o campo doutrinário.

16. Se a iniciação for sincera, não desistir, mas perseverar. Isso porque, **pedindo, receberemos; procurando, encontraremos; e ao bater, a porta se abrirá**. A parábola do vizinho inoportuno e insistente é imagem valiosa a destacar a importância da perseverança e da fé no poder superior, que nos ampara em cada passo do caminho.

17. Para alcançar o sucesso, que é o Reino, torna-se imprescindível **seguir pela estrada apertada a fim de que a porta alvo para bater e adentrar seja a estreita**, pois é ela que conduz à vida imanente.

18. Finalizando o Sermão do Monte, o Cristo alerta-nos para **não confiarmos nos falsos profetas**. Não são as palavras que definem o profeta. Estava ele terminando a síntese do código de ética do reino de Deus. Muitos outros assim também poderiam falar, confundindo, pois, os incautos. Para não cairmos no engodo, deu-nos a

essência do método de autenticação dos profetas. Que experimentássemos seus frutos. **Da boa árvore vem o fruto saboroso e nutritivo, mas da árvore má, os venenos**.

19. Se há quem fala na condição de profeta, há quem ouve na condição de discípulo. É preciso **se precaver contra os falsos profetas**. Se já foi mostrado como discriminar o mestre verdadeiro do embusteiro, cabe-nos aproveitar todo o conteúdo do Sermão do Monte, pois que ele vem do divino sábio. Para autenticar o ensino da sua doutrina de amor não se poupou até mesmo do sacrifício máximo. Viveu o que ensinou. Para praticarmos como ele, valorizemos sua última alegoria. Em vez de agir como o homem imprevidente que constrói a casa sobre a terra batida, façamos com o homem cauteloso. Ele se prepara para as provas da vida. Que nossa casa tenha as estacas fincadas em pedra firme do solo cristão. As tempestades da vida levam as estruturas inconsistentes, as crenças rasteiras e as teorias frágeis. Mas todo aquele que constrói seu *modus vivendi* na grandeza desses ensinamentos, resiste, com firmeza e delicadeza, às intempéries do caminho.

Nós, ali representados por aquele povo que acompanhou reverente e embevecido o Sermão do Monte, só poderíamos admirar e afirmar tratar-se de um verdadeiro profeta. Tinha e tem, deveras, toda a autoridade divina na Terra.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

2. **Como usufruir o poder do Cristo**?

Jesus, asseverando no Sermão do Monte que os puros de coração verão Deus, apontou para a possibilidade de cada um de nós vivenciar a singular experiência divina. Nisso, eu creio. E acredito porque o reconheci como Mestre inquestionável. Tantas e distintas foram as oportunidades para tomá-lo não apenas como verdadeiro profeta, mas como o Messias, que a ele me rendo. A reflexão apurada associada à prática meditativa do SM é uma delas. Permitiu-me conhecer sua grandeza.

Sendo assim, ele não se restringe à figura histórica, mas é revelado, a quem se dispõe, como Deus vivo. Aquele que unificado com o Pai, respirou essa condição conosco. Sua mensagem não é letra morta, mas palavras de vida imanente. Ouvi-las e pensa-las é ensejo de respirá-lo vivo comigo, me desfazendo, nesse tempo, da ilusória personalidade.

O Cristo, oferecendo Deus como o Pai Nosso, na oração recém ensinada, retirou-me da orfandade e da indigência. Fez-me ter a certeza de que, como filho, não sou relegado, pois que o Criador dispensa cuidado zeloso até mesmo aos lírios e aos pássaros. Como seu filho sou ajudado no percurso de procurá-lo.

Ensinou-me a pedir a este Pai que venha a mim, a cada dia, a cada noite, o seu Reino, que é dos céus. E eu lhe peço, com fé de obtê-lo.

Esclareceu-me, ainda neste sermão, que preciso fechar as portas de casa e as janelas dos sentidos para, em silêncio e no secreto, orar a Deus.

E a fim de me preparar na jornada cotidiana para estreitar, durante a oração, tamanha intimidade com o Pai, preciso, em segredo, desenvolver a benevolência, que é exercício extremado de ver Deus no semelhante, seja esse quem for. Ainda, em segredo, fazer jejum da palavra dispensável, do sentimento negativo e do pensamento improprio. Purificar-me, assim, para a experiência divina.

Tendo aprendido contigo, Mestre, que a oração silenciosa é meditação que constrói a contemplação, faço uso dessa prática diariamente, como meio de usufruir o teu poder.

Tendo-te como o Caminho para Deus, vibro agora num único pensamento: contigo sou. Nessa senda mental que se prolonga e sutiliza vivencio a bem-aventurança do teu Reino.

Versículo(s) para a meditação: Mateus 7:28 e 29

28. E aconteceu que, tendo Jesus terminado essas Palavras, a multidão estava admirada do ensino dele,

29. porque ele as ensinava como quem tinha autoridade, e não como os escribas.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 71 – paragem 222 – 24.01.16
MATEUS 8:5-13; LUCAS 7:2-10

RedeUnaViva: Meditação Cristã 278 – paragem 9-214 – 12.01.2020

70. RedeUnaViva: Meditação Cristã 99 – paragem 424 – 07.08.2016

MATEUS 14:34-36; MARCOS 6:53-56; JOÃO 6:22-25

O PÃO DA VIDA - I
O Começo da Nutrição Espiritual

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

34. Depois de nutridos pelo pão do corpo, o que as pessoas queriam do Cristo?
35. O que foi Jesus fazer em Genesaré?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

36. O que preciso modificar para desfrutar da companhia do Cristo?

Introdução: O dia seguinte da multiplicação dos pães.

O dia seguinte à levitação do Cristo, usada para ir ao encontro dos apóstolos no mar, é narrado de forma diferente pelos evangelistas. João concentra-se numa margem do Lago, e Mateus e Marcos, na outra. João ocupa-se daquela parte da multidão que, mesmo tendo sido despedida por Jesus, não arredou o pé de Betsaida, porque tinham sido participantes de um fenômeno muito especial. Estamos ainda falando da multiplicação dos pães. Se o seu protagonista ali ficara – era assim que pensavam, pois não testemunharam a andança pelas águas –, ela permaneceria à sua espera, a fim de lhe seguir os passos, porque, doravante, deveria ele ditar o seu destino. Somente um profeta, cujo poder assentasse em Deus, conseguiria tal feito. Por isso, caberia mais dele ouvir para novos benefícios receberem. Era óbvio que ele teria outras benesses a oferecer. O que seria? Era ficar para ver.

Tinham visto os apóstolos saírem ao mar sem Jesus. Mas se ele não aparecia e se o seu paradeiro não era dado a conhecer, melhor ir atrás dos discípulos mais íntimos, porque, mais cedo ou mais tarde, de novo se reuniriam. Se seu grupo retornara à

Cafarnaum, aquelas dezenas de Betsaida não lograram mais esperar assim que barcos, vindos de Tiberíades com destino a Cafarnaum, ali, ancoraram. Foram, no afã de avistar o Cristo em sua cidade preferida, porém se frustraram porque, em lá chegando, não se depararam com qualquer sinal afirmativo.

Não poderiam encontrá-lo, porque Jesus deliberara, no seu Retiro, peregrinar alguns dias na região da praia de Genesaré, a fim de cuidar de outras ovelhas sem pastor, carentes da sua atenção. Por isto, dirigiu o barco até este porto e, descendo, deu indicações aos doze para atracarem em Cafarnaum.

Se João deu atenção ao vazio que ficou em Betsaida, no dia seguinte os dois sinóticos, Mateus e Marcos, preferem dar notícias sobre o que acontecerá com Jesus na sequência. Falam das curas realizadas, em Genesaré e vizinhança, apesar de ser por meio de um relato genérico. Não foram testemunhas oculares, e por isto nenhuma delas foi relatada em sua particularidade. Apenas informam que se repetiu a cura pela fé de tocar as bordas do manto do Messias.

Quando o Mestre, caminhando na direção norte, alcança Cafarnaum, estão lá os beneficiários de Betsaida-Júlias. Partem logo para a arguição. Queriam saber como Jesus chegara ali, e qual o itinerário usado. Ainda, porque os abandonara. Entretanto, interrogaram-lhe obliquamente, perguntando quando chegara. Quem trata desse diálogo e do discurso subsequente é João. Pertence-lhe a nobre missão de revelar o Cristo como o Pão da Vida. Estamos no preâmbulo deste banquete.

70.1 **Evangelho-parte 1: Na margem de Betsaida-Júlias, parte da multidão esperou que Jesus aparecesse.** (Jo)

João 6: 22-24
Jo 6: 22. **No dia seguinte**, a multidão que **permanecera** no **outro lado do mar**, viu que ali **não havia senão um barquinho**, e que **Jesus não entrara nele com seus discípulos**, mas que **estes tinham partido sós**.
Jo 6:23. Chegaram, todavia, **outros barquinhos de Tiberíades**, **perto do lugar em que tinham comido o pão**, depois de **o Senhor haver dado graças**.
Jo 6:24. Quando, pois, **a multidão viu que Jesus não estava ali**, **nem seus discípulos**, **entraram nesses barcos** e **foram a Cafarnaum, à procura de Jesus**.

72. Parte daquela multidão, agraciada pelo pão multiplicado, permaneceu na praia de Betsaida-Júlias, até o dia seguinte.
73. Esperavam que Jesus aparecesse, já que na véspera apenas os discípulos tinham partido, no único barco ancorado.
74. Como não apareceu, decidiram seguir rumo a Cafarnaum, nos barquinhos de Tiberíades que ali chegaram.

70.2 **Evangelho-parte 2: Jesus peregrina curando, de Genesaré para Cafarnaum.** (Mc, Mt)

Mateus 10:34-36	Marcos 6: 53-56.
Mt 10:34. Tendo passado para o outro lado, chegaram à terra de Genesaré.	Mc 6: 53. E tendo **atravessado além**, chegaram à **terra de Genesaré** e **atracaram**.
35. E **conhecendo-o os homens daquele lugar**, enviaram **a todos os arredores** e trouxeram-lhe **todos os que tinham enfermidades**,	Mc 54. E **saindo do barco**, **imediatamente o conheceram**, Mc 55. e **correndo** por toda **aquela circunvizinhança**, começaram **a levar nas macas** os que se achavam **doentes**, para onde ouviam dizer que ele estava.
36. e lhe **rogavam que** os deixasse tocar somente **na borda de seu manto**; e todos **os que tocaram, se curaram**	56. E **onde quer que ele entrasse**, nas **aldeias**, ou nas **cidades**, ou nos **campos**, punham **os enfermos nas praças** e lhe **rogavam** que os deixasse **tocar ao menos a borla de seu manto**; e todos os que o tocaram, **se salvaram**.

75. Jesus que fora ter com os apóstolos, andando por sobre as águas, desceu só na praia de Genesaré, enquanto eles prosseguiram até Cafarnaum.
76. Foi logo reconhecido, embora nunca ali pisara.
77. Sua presença noticiada fez convergir um grande fluxo de doentes e acamados.
78. Rogavam-no permitir que tocassem a borda do seu manto.
79. Todos que o tocaram foram salvos, incluindo os habitantes das vilas por que passou quando caminhou para o norte, na direção de Cafarnaum.

70.3 **Evangelho-parte 3: Em Cafarnaum, Jesus reencontra seus discípulos e parte da multidão** (Jo)**.**

João 6: 25
Jo 6:25. E, **tendo-o encontrado** no outro lado do mar, perguntaram-lhes: "**Rabbi, quando chegaste aqui**"?

80. Quando as pessoas, vindas dos barcos de Tiberíades, encontraram Jesus, perguntaram-lhe:

81. "Mestre, quando chegastes aqui"? Na verdade, intrigados com o seu paradeiro, queriam saber, como.

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Depois de nutridos pelo pão do corpo, o que as pessoas queriam do Cristo?

Diz o ditado que estando o discípulo pronto o Mestre aparece. Jesus oferecerá explicação original ao dito no próximo diálogo, quando abordado pelos buscadores da ocasião. Elucidará a primeira parte desse mistério com a frase: "ninguém pode vir a mim, se o Pai que enviou o não atrair"... (Jo, 6:35). Temos sede de Deus, mas se não o bastante para fazermos dele a nossa única atenção, não estamos prontos para o encontro divino. Se somos um buscador errático, ora aqui ora ali, ora voltado para o espírito ora para a matéria, teremos feito brotar na consciência apenas uma pequena chama de luz. Como ela brota? Não é por atitudes externas, de buscar templos e tradições, mas de movimentos internos, próprios do plano secreto que favorece a comunhão com Deus. Quando isso ocorre, então Deus nos toca, nos induz, e nos encaminha para algum auspicioso encontro.

Porque parcela significativa do povo judeu deu esse sinal, amadurecera o tempo de o Messias vir à Terra. Foi um tempo de graça e de congraçamento. Os sedentos foram encaminhados, por Deus, na direção do ilustre visitante, que abençoava o planeta com suas pisadas.

O buscador nesse estágio ouve o galo cantar à distância, ouve até mesmo se surdo do corpo for. Foi o que aconteceu com parte daquela multidão que presenciou o milagre dos pães e peixes. Muitos apenas se contentaram com a saciedade imediata do estômago, não se atentando para os significados ocultos que preenchiam os interstícios da Palestina. Mas algumas dezenas daquelas cinco mil pessoas pensaram diferente. Coube-lhes investigar o que havia para além das necessidades fisiológicas.

Por almejarem outro alimento não arredaram o pé de Betsaida-Júlias à espera do singular peregrino. Permaneceram até que ir à Cafarnaum despontasse como melhor opção. Lá chegando, ainda precisaram aguardar um ou dois dias antes de entrever de novo o Cristo. Não sabiam o que pedir nem o que falar, mas queriam estar com ele e assim aconteceu. "Rabbi, quando chegaste aqui"? Falavam de Cafarnaum, mas bem que poderia ser a Terra a referência – as nossas paragens planetárias.

Se já fomos tocados por Deus para buscar seu enviado especial, muito precisamos saber dele para que nossos passos acertados nos conduzam à sua presença. Como se essa simples escolha bastasse para usufruir da fonte que do seu peito se irradia. No início basta estarmos juntos para, em regime de passividade, assimilar suas benesses. Mas para o aprofundar o encontro de muito empenho carecemos. É trabalho árduo a jornada espiritual. O pão do corpo foi fornecido na bandeja fácil, mas o pão do espírito, cobra de nós a disposição de oferecer a cabeça (do ego) na bandeja de sacro-ofício.

É o que o Cristo esclarecerá quando a ingênua e introdutória pergunta for emitida: "Rabbi, quando chegaste aqui"?

2. O que foi Jesus fazer em Genesaré?

Jesus ainda não peregrinara pelas bandas (da planice) de Genesaré e viu naquela ocasião uma oportunidade. Por alguma razão que não se esclarece, passa por ali de um a três dias, enquanto os doze seguem e o esperam em Cafarnaum. Umas das formas de se fazer percebido, na sua dimensão messiânica, era se doando como o consolador, isto é, materializando a misericórdia divina.

Já havia dito que Deus quer mais misericórdia do que sacrifício. Como mostrado na MC-44, ao ser inquerido pelo farisaísmo radical sobre sua atitude de comer à mesa dos publicanos, Jesus remetera-os ao profeta: "Ide aprender com o profeta Oséias: quero misericórdia em vez de sacrifício. Interpretando, todo aquele que se dispõe a rever os valores éticos que dirigem seu modo de vida, do Pai recebem misericórdia. "Ao se comprometerem com a reforma mental, eu, em nome do Pai, dou-lhes nova oportunidade, porque o que Deus quer é a verdadeira transformação, e não a penitência com repetição dos equívocos. Não quer ritos hipócritas dos falsos justos que, ao cultivarem uma religião vazia, apenas aumentam a vã vaidade e endurecem a casca da personalidade. Abro os braços para acolher todo aquele que, como resultado do seu autoconhecimento, apesar de pecador, privilegia a sincera intenção de mudança, enquanto assisto, com pesar, o afastamento daqueles que, fechados na ignorância do homem velho, teimam em repetir os erros crassos do preconceito e da discriminação". No original: "Porém ide aprender o que significa: misericórdia quero, e não sacrifícios', pois não vim chamar os justos, mas os pecadores"(Mt 9:13)

É que na atitude misericordiosa, abrimo-nos como canais do amor espiritual. *Bem-aventurados os misericordiosos porque receberão misericórdia* – afirmou-o na sua prédica do Sermão do Monte.

Em Betsaida havia curado e sanado a fome. Agora, voltaria a curar noutra região, antes de esclarecer sobre a saciedade do espírito.

Ali, em Genesaré, acorreram até ele, enfermos em diversos graus de comprometimento. Fala-se dos acamados, aqueles que em se deitando nos leitos de dor não mais levantaram. Mateus aponta para doentes que vieram dos arredores em busca de alívio, e Marcos, sobre seu movimento na direção deles. É possível que primeiro parou, e depois, iniciou sua peregrinação. Genesaré localiza-se na margem ocidental do Lago, a sul de Cafarnaum, e dista desta, oito quilômetros. Sua andança percorreu aldeias e cidades, entranhando até mesmo os campos rurais. Nas praças irradiou consolação.

A tradição judaica apontava para as franjas nas bordas das vestes, onde os mandamentos postos serviam de lembrete para a observância da lei. Agora, os necessitados miram o profeta maior, para que tocando sua roupa se curem. Foi este o expediente principal de cura operado aqui. A fonte de amor sentava-se na praça e dali espargia virtudes curativas para quem quer que se aproximasse com fé. Este tipo de cura já fora explicitado no caso da mulher hemorroíssa. É repetido nessa caminhada, em abundância. A misericórdia de Deus amanhecera na Terra.

Mateus fala de cura, e Marcos, de salvação. A cura de um sintoma, de um mal episódico, não é fenômeno raro. Na atualidade, analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos conseguem tal resultado em horas. Contudo, é cura estrita e passageira, tal como a natureza dos próprios males. Já a cura profunda, definitiva, exige mais. É preciso transformar-se no próprio médico e fazer uso da terapêutica espiritual. Aguardemos o próximo diálogo, quando o Cristo apresentará conteúdo esclarecedor visando este fim maior.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. O que preciso modificar para desfrutar da companhia do Cristo?

Se te encontrei, Senhor, preciso me comportar em consonância com a tua condição – és o Mestre. Não, um monitor, um instrutor ou um professor (por mais mérito que cada qual tenha). Se eu quiser deslocá-lo para lugares impróprios, problema meu; não teu. Tu não irás e terei de me privar da tua companhia. Pior, se ainda me iludir de estar acompanhado. Afinal, muitos dos teus seguidores agiram assim. Em teu nome armaram trapalhadas sinistras e desatinos perversos. A história é pródiga em apontá-los. Muitos, até bem-intencionados, usaram seu próprio senso de justiça social e se intitularam teus representantes avançados. Chegaram a elegê-lo como patrono de alguma ideologia política. Em vão.

Voltando no tempo, que a multidão leiga quisesse coroá-lo, vá lá, mas os discípulos... E se o quiseram, como fruto de um engano, vá lá também. Apenas não deviam ter encarado teu contradito como desdita, a ponto de se chatearem contigo. No extremo, fechar seu coração. Pelo contrário. Explico-me.

Se eu quiser te conduzir para algum movimento escuso ou equivocado, devo agradecer-te se me puseres em quarentena. Quarentena para refletir e capitular. Pode ser que nem foi esse o teu propósito, no entanto os apóstolos se ressentiram. Por isso, não devo reclamar das adversidades. Em tantas delas, somente alcançarei seu motivo no seu término.

Tenho a intenção de te levar, Mestre, para as minhas funções cotidianas porque, privar-me da tua companhia é ventura extrema. Porém, devo precaver-me para não introduzir o trigo em joios. Devo levar-te como farol das minhas ações, presença clara no meu destino. Logo, se a vida me isolar em um barco parado no mar por uns dias, devo aceitar, buscando seu sentido maior. Essa deve ser minha atitude para com todas as vicissitudes. Tantas lições preciosas chegam pelas linhas tortas da vida. São as leis de Deus.

Portanto, não devo me comportar como aquela multidão. Se o pão do corpo vem fácil, como bênção da misericórdia, correr para junto do Cristo, no afã de que a ceia espiritual seja inteiramente doada, é puro engano. Ela é fruto do meu empenho

pessoal. Saber o que fazer para ser merecedor dessa ceia especial revela madureza. Esta, pretendo alcançar.

Por isso, peço-te, Mestre amado, dê-me o pão celestial, mas sobretudo inspire-me na atitude afinada com os teus ensinamentos, a fim de garanti-lo. Assim, o terei para me guiar nesta meditação. Assim, tu me abrirás para a vivência de outras dimensões da mente. Aquelas que revelam Deus como fonte suprema de cada ato de consciência. Estando com o Pai hei de compartilhar a abundância da vida.

Versículo(s) para a meditação: João 6: 24 e 25.

24. Quando, pois, a multidão viu que Jesus não estava ali, nem seus discípulos, entraram nesses barcos e foram a Cafarnaum, à procura de Jesus.

25. E, tendo-o encontrado no outro lado do mar, perguntaram-lhes: "Rabbi, quando chegaste aqui"?

RedeUnaViva: Meditação Cristã 100 – paragem 424 – 14.08.16
JOÃO 6:26-34

RedeUnaViva: Meditação Cristã 279 – paragem 9-221 – 19.01.2020

71.RedeUnaViva: Meditação Cristã 100 – paragem 431 – 14.08.2016

JOÃO 6:25-34

O PÃO DA VIDA – II
Para se sentar à mesa com o Cristo

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

37. Como distinguir o pão que perece (do trigo) do pão que permanece (da vida)?
38. Por que queriam aquelas pessoas mais demonstrações (sinais, milagres)?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

39. Como realizar a obra de Deus acreditando no Filho do Homem que Deus enviou?

Introdução: Aproximando-se da mesa para a ceia com o Cristo.

João cobre, com esta passagem, diálogo bem esclarecedor do fenômeno que funcionara como "sinal do profeta". A saber: **a multiplicação dos pães**. Ao singular sinal, cabia mais. Pelo menos as mentes mais exigentes assim expectavam. Jesus, que não lê livros, mas almas, logo descobre a subjacente intenção dos seus interlocutores. Miravam na incontável graça dos antepassados que foram alimentados, no deserto, durante longo tempo, pelo maná que Moisés intermediou do céu. Mas ali, na Galileia, eles não eram mais um povo nômade, em êxodo e em precárias condições de sobrevivência. Metaforicamente falando, não eram mais bebês necessitados do leite materno. Já crescidos, conseguiam providenciar o alimento do corpo. A não ser em situação extraordinária como a recente. E mais, eram capazes de entender referências sobre o alimento sutil e fundamental de que todos carecemos. Esse será o contraponto principal do esclarecedor diálogo, encetado pelo Mestre, destinado aos ávidos buscadores da iluminação espiritual.

Se em Betsaida o Cristo oferecera a parte prática da lição, agora, em Cafarnaum, viria seu suprassumo. João Evangelista, passados setenta anos (faleceu com cento e quatro), acrescentou riquíssimo adendo à Boa Nova. Nas primeiras décadas da "releitura da lei", prevalecia a extensa narrativa oral. Muitas foram as testemunhas oculares de vários episódios desta especial Jornada do Herói, protagonizada pelo Cristo. Compartilhavam-na, tanto nos círculos íntimos como nas Casas do Caminho (denominação dos primeiros locais de reunião dos discípulos de Jesus). Recorriam, para o estudo da doutrina, aos três evangelhos em circulação, os sinóticos. João, filho de Zebedeu, irmão de Tiago, pertencera ao grupo restrito e iniciático de Jesus. Optou por não repetir os relatos já descritos; outrossim, pela excelência de revelar Jesus como o Messias. Tinha dados suficientes para tal iniciativa, como o que contempla os quase cinquenta versículos finais do seu capítulo 6. Nos dez versículos desta ocasião, ocupa-se, da aula teórica, que revela o Mestre como o Pão da Vida.

Descreve o desdobramento da epifania que assistimos em Betsaida, evento que os outros três evangelistas não relataram. É um diálogo sublime. Apesar de o Mestre ir quebrando gradativamente as resistências daquele grupo, não logra o efeito esperado numa lógica tradicional. Porém, tal efeito fica facultado a nós outros, se bem entendermos o que o Mestre está nos oferecendo e seguirmos com uma prática coerente.

Estamos diante do segundo episódio desta série que intitulamos "O Pão da Vida". Aproveitemo-lo.

71.1 **Evangelho-parte 1: Jesus exalta a superioridade do pão da vida imanente.** (Jo)

João 6: 25-27
Jo 6:25. E, tendo-o encontrado no outro lado do mar, perguntaram-lhes: "Rabbi, **quando** chegaste aqui"?
26. Respondeu-lhes Jesus e disse: "Em verdade, em verdade vos digo: vós me procurais não porque vistes **demonstrações**, mas porque **comestes dos pães e vos saciastes.**
27. **Trabalhai** não pelo **alimento transitório**, mas pelo **alimento estável para a vida imanente**, que vos dará **o filho do homem**, pois **o Pai o confirmou**".

82. À pergunta oblíqua – "Mestre, quando chegaste aqui"? – Jesus responde reto.
83. "Em verdade, em verdade vos digo: vós me procurais não porque vistes os sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes.
84. Trabalhai não pelo alimento transitório, mas pelo alimento estável para a vida imanente, que vos dará o filho do homem, pois o Pai o selou".

71.2 **Evangelho-parte 2: Esclarece que tipo de trabalho proporciona esse pão.** (Jo)

João 6: 28-29
Jo 6:28. Eles lhe perguntaram: "**Que faremos** para **realizar** as **obras de Deus**"?

Jo 6:29. Respondeu Jesus e lhes disse: "**Esta é a obra de Deus**, que **acrediteis naquele** que **ele enviou**".

85. Solicitam explicação: "Com que trabalho executaremos as obras de Deus"?

86. E Jesus esclarece: "Esta é a obra de Deus, que acrediteis naquele que ele enviou".

71.3 **Evangelho-parte 3: Eles exigem provas de ser Jesus enviado de Deus.** (Jo).

João 6: 30-31
Jo 6:30. Perguntaram-lhe então: "Que **demonstrações fazes** para que **as vejamos e acreditemos em ti**? Que realizas tu?
Jo 6:31. Nossos pais **comeram o maná no deserto**, como foi escrito: "Deu-lhes a comer **o pão do céu**".

87. Voltaram a perguntar: "Que sinais fazes para que os vejamos e acreditemos em ti? Que realizas tu"?

88. Nossos pais comeram o maná no deserto, como foi escrito: 'Deu-lhes a comer o pão vindo do céu'."

71.4 **Evangelho-parte 4: Jesus esclarece sobre o maná do deserto.** (Jo).

João 6: 32-34
Jo 6:32. Replicou-lhes então Jesus: "Em verdade, em verdade vos digo: **não foi Moisés** que vos deu o pão do céu: mas **meu Pai vos dá** o verdadeiro pão do céu,
Jo 6:33. porque **o pão de Deus** é **o que desce do céu** e **dá vida ao mundo**",
Jo 6:34. "Disseram-lhe então: "Senhor, **dá-nos sempre esse pão**".

89. Replicou-lhes, Jesus: "Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés que vos deu o pão vindo do céu: mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão vindo do céu,

90. porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo"

91. Suplicaram-lhe, então: "Senhor, dá-nos sempre esse pão".

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

4. Como distinguir o pão que perece (do trigo) do pão que permanece (da vida)?

O Cristo esclarece a partir da ingênua e introdutória pergunta, "Rabbi, quando chegaste aqui"? Sem delongas, adentra o essencial:

"Sei porque estais aqui – é pela saciedade fácil que conseguistes através de mim, do alimento que vos dei em Betsaida. Mas não é mais tempo de serdes alimentados pelo maná, como Moisés o intermediou junto aos vossos antepassados. Despertai-vos para o trabalho fundamental. Buscai primeiramente o reino dos céus e tudo o mais ser-vos-á acrescentado. O trabalho fundamental proporciona a conquista da vida imanente. Dela, estais apartados. Dela, ainda, não sorveis. Podereis vos aproximar da sua porta entrada se dispuserdes a procura-la e até ela caminhar. Recebereis, então, do Filho do Homem a vida imanente, porque quem vos fala é o próprio, confirmado pelo Pai. Se ouvirdes a mim, o ouvireis. Se comungardes comigo, com ele vos unificareis. Não trabalheis pelo pão que sacia hoje, mas que não vos impede de ter fome, de novo, amanhã. Não vos preocupeis por aquilo que é transitório. Descobri em vós a vida imanente, aquela que não vos deixa passar como passam os dias".

Jesus ensinou que não somos o corpo perecível nem a personalidade que, jungida a esse e dependente das circunstâncias, desaparece; volta ao pó. Mas aquela gente, usando um corpo perecível, encantada com a possibilidade de ter na Terra o maná do céu, pensou: "se podemos ser nutridos por um poderoso profeta que veio habitar entre nós, por que não aproveitar? Por que não constituir com ele uma ordem, segundo a promessa em vigor de serem o povo escolhido por Deus"? Eram, sim, ovelhas desse rebanho – Jesus já confirmara. Mas não bastava esse pertencimento passivo. Deveriam assimilar a lei reformulada, de acordo com os princípios plantados no Sermão do Monte, a fim de participarem do banquete espiritual. Suas nuances práticas seriam mais uma vez apontadas nessa ocasião. E somos gratos a João, por ter feito que elas chegassem a nós.

Precisavam, precisamos, de mais esclarecimentos, de novas diretrizes sobre o que é a obra de Deus e de como realizá-la. Realizar essa obra-prima passa por acreditar naquele que Deus enviou. Ter olhos de ver que ele é o Messias prometido.

O Cristo veio sob a direção de Deus, num tempo soado para o plantio da nova semente de espiritualidade, em decorrência do amadurecimento dos habitantes deste orbe. O Cristo é o semeador que saiu a semear. Estava ali, face a face com os ditos fiéis, respirando com eles o mesmo ar da Galileia. Soprava uma brisa pura de esperança, baseada na integração com o Cristo interior. Materializou-se para que com sua fala e ação demonstrassem o ser divino que habita em nós. Vibrava seu instrumento carnal, para que, por ressonância, em corpos similares pudéssemos ser tocados no espírito. Que sua frequência, reverberada na nossa vizinhança, fizesse despertar em nós condição similar. Que começássemos a acreditar que estava ali, Jesus, enviado por Deus. Criada por Deus e igualada a Deus, estava ali, e aqui ainda está, a fagulha de luz, no nosso coração. Se começamos a acreditar em um, acreditamos no outro; se começamos a ouvir as indicações do sábio discurso de Jesus, ouviremos também as intuições que brotam do nosso íntimo, quando, na hora do secreto, nos recolhemos para, na oração silenciosa, falarmos com o divino. Com o divino que jaz em nós, mas que precisa renascer e viver. E assim, termos acesso à vida imanente.

5. Por que queriam aquelas pessoas mais demonstrações (sinais, milagres)?

Infelizmente aquelas pessoas não ouviram o Cristo. Sem ouvidos de ouvir não foram tocados pelas notas singelas brotadas do seu coração compassivo. Não escutando, exigiam mais. O quê? Mais sinais, mais demonstrações – na linguagem vulgar, milagres! Não bastou a magnífica multiplicação dos pães? Não foi suficiente a ressurreição do filho da viúva de Naim? As curas dos "impuros", a libertação dos endemoninhados? Não foi suficiente, o verbo fértil da doutrina de amor? Não! Querem mais sinais e chegam a apontar sugestão. Que tal a alimentação fácil, sem esforço. Sugerem ao lembrarem da nutrição espontânea, favorecida pelo maná. Que não precisassem mais plantar ou pastorear. Que de graça viessem o pão e o peixe. Esse desejo pueril Jesus já antevira de saída. "Não viestes pelas demonstrações, mas pela saciedade".

Em verdade, não sabem como se sucedeu a graça do deserto. Apenas miraram no extraordinário poder do patriarca do Sinai. É hora de novo esclarecimento. O maná não veio por Moisés, mas pelo Pai. E não veio como doação do passado. Essa doação, o Pai nos dá a cada dia – no pão cotidiano. Jesus o evocou na oração do Pai Nosso. Dá-nos o verdadeiro pão que vem do céu. Verte dos planos sutis do cosmos e, passando pelas moradas intermediárias, de plano a plano, chega até nós como vida. Mas vem direto, também, e imperceptível. Do contrário, como seríamos alimentados na sutiliza eloquente da gênese do nosso pensar? Dali, vez por outra, brotam as estupendas ideias da filosofia e a grandeza contagiosa do amor. Puros e alvos são como lírios do campo. De onde vem esse maná? Qual é a sua fonte? Acaso admitiremos que é a glicose que nos faz pensar? Que como combustível material, vindo da refeição diária e circulando pelo sangue, penetra os neurônios gerando a maravilha do pensamento? Não, esse é o pão perecível. O pão da vida é mais sutil. Paremos, agora, nossa ocupação mental para contemplar o fluxo do pensar que aflui na mente. Não encaremos o seu conteúdo, que tende a demonstrar apenas os costumeiros padrões de personalidade. Observemos a potencialidade do fluxo, que é tudo e nada, ao mesmo tempo. Constatemos o milagre constante de cada instante como ato de consciência, sem jamais falhar. Digo, ele transcende o tempo e permanece no eterno agora, como Deus. Nesse ato, Deus está sendo. Se promovemos o silêncio suficiente para escutá-lo e a estabilidade necessária para que ele nos escute, criamos o diálogo mudo-surdo. Nesse monólogo essencial de pausa, de transcendência, acontece o verdadeiro milagre da vida – a presença de Deus em nós, oferecendo o Pão Transubstancial como vida imanente. Esse pão vem a nós em cada ato de consciência, brota em nós como fonte de água viva, borbulhante e incessante, como fluía ali, tangível, através do Cristo. Realidade posta para eles.

Ao rememorarmos essa passagem, neles nos transformamos para receber do mesmo Cristo o pão da vida, e nos fartarmos. Foi o que pediram: "Senhor, dá-nos sempre esse pão". Mas que pão pediam, o pão material ou o pão da vida? É o que veremos na preleção do Cristo, que continua, no próximo capítulo desta série.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

6. **Como realizar a obra de Deus, acreditando no Filho do Homem que Deus enviou?**

   A obra de Deus sou eu mesmo. Acabada ou inacabada?

   Inacabada, se me identifico com aquele que, diante do Cristo, não o enxerga. Que diante de Jesus, o vê como alguém que precisa provar sua realeza divina.

Se ao olhar teus olhos, Mestre, não enxergar o sol do meio-dia que me penetra e enleva, se ao ouvir tua palavra, não escutar a sinfonia cósmica, que me inebria e consome, estou como o indigente que clama por alimento sentado à mesa, posta em fartura.

Se ainda exijo provas, é porque duvido. Se quero obter de ti vantagens que facilitem minha condição material, apenas confirmo minha realidade de obra inacabada de Deus.

Se enfatizo, quando busco Deus em oração, minhas imensas necessidades e dificuldades, sou pedinte, referenciado na falta. Como tal, talvez pretenda discriminar as crises que enfrento, a incompreensão familiar, o peso do carma ou a falta de recursos para realizar minhas nobres intenções. Aspiro encontrar em Deus algum refúgio. Haverá, então, uma imensa obra a ser realizada.

Assim será, caso me descubro com fome de sensações corporais, de emoções vulgares, de novidades para superar o tédio ou de mais conhecimentos para desfilar erudição.

Também, quando me sinto injustiçado por tanto oferecer e tão pouco receber, esperando do outro o pão perecível deste dia, é porque me reconheço como ego incompleto, em busca do transitório, da saciedade que vem e vai.

Mas se qualquer dessas realidades emergir em mim, mesmo como tendência, haverei de me lembrar da tua clara orientação: "realizar a obra de Deus é acreditar naquele que ele enviou".

Então, fecharei os olhos do corpo e abrirei os olhos da alma. Aproveito para fazer o mesmo agora, em meditação.

Vejo-te, Amigo, diante do espelho da minha mente, com os braços abertos a me chamar. Tu és o mesmo Cristo que chamou Pedro para andar por sobre as águas: "vem"; que também convidou André e João, quando lhe interrogaram onde moravas: "vêm".

Vendo-te como a mim mesmo, contigo me identifico e contigo me unifico. Tu, o Cristo, e eu somos um.

A obra de Deus está realizada, porque acredito no Filho do Homem. Nesta hora de integração e comunhão, a vida imanente eu sou. Fluo constante nesta realidade e o cosmos é a casa de Deus, para onde eu, filho pródigo, retorno.

Versículo(s) para a meditação: João 6: 32 e 33.

32. Replicou-lhes então Jesus: "Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés que vos deu o pão do céu: mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu,

33. porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo",

RedeUnaViva: Meditação Cristã 101 – paragem 432 – 21.08.16
JOÃO 6:35-46

RedeUnaViva: Meditação Cristã 280 – paragem 9-222 – 26.01.2020

72.RedeUnaViva: Meditação Cristã 101 – paragem 432 – 21.08.2016

JOÃO 6:35-46

O PÃO DA VIDA - III
Para contemplar o Cristo

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

40. O que determinava a ignorância dos judeus sobre a identidade de Jesus?
41. Como distinguir a genealogia entre Deus, o Pai e o Filho, para alcançar a contemplação?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

42. Como me ligar ao Cristo para a elevação da última etapa?

Introdução: Em busca da contemplação do Cristo.

No terceiro episódio da série "O Pão da Vida", avançamos um pouco mais no sexto capítulo do Evangelho de João. Nos doze versículos desta ocasião, a preleção substitui o diálogo. Aproveitando a súplica dos peregrinos, "Senhor, dá-nos sempre desse pão", o Mestre amplia o significado daquele clamor, ajudando-os a distinguir melhor a natureza do pedido.

Estavam conscientes de que demandavam o "pão da imanência"? Ou, embaralhados nos argumentos do diálogo, ainda requeriam o "pão material"? Se bem acompanhavam as palavras de Jesus, o pedido recaia, sim, sobre o pão transubstancial. Entretanto para obtê-lo não bastava pedir. Uma ação pertinente era necessária. Primeiro: urgia dar-lhes elementos para aprenderem a discriminar a dupla identidade do seu interlocutor – Jesus, como personalidade transitória dali, e o Cristo, como Espírito iluminado que não passa, pois é. Segundo: conheciam que força maior os tocara rumo àquele alvo?

São perguntas oportunas cabíveis a nós outros. O que estamos fazendo ao procurar o Cristo, por exemplo, aqui, nesta ceia dominical? Estamos certos de que o pão imanente está servido à nossa mesa? Ou, acaso, estamos a buscar conhecimento e erudição? Queremos cultura ou saúde espiritual? Esta que, em termos antigos, é *salvação*, e, em linguagem moderna, *iluminação*. Damo-nos conta da identidade essencial do Cristo, como aquela adormecida em nós, diferente do ego que sempre salta à frente, exigindo distinção e prioridade? Sabemos, de fato, que queremos aprender a contemplar o Cristo? Se assim é, por fim, tal como para eles, para nós também procede a mesma pergunta: conhecemos o que o Cristo irá fazer conosco, caso cumpramos esta parte difícil que nos cabe – a prática de contemplar o Cristo?

Vejamos, pois, o que conseguimos assimilar da aula, inexcedível em beleza e clareza, oferecida por Jesus ao grupo de peregrinos, em Cafarnaum. Isso é de suma importância para todo aquele que se apaixona pelo Cristo, tendo-o como ponte para a sublime unificação com o Pai.

72.1 **Evangelho-parte 1: O Pão da Vida para quem confia.** (Jo)

João 6:35-36
Jo 6: 35. Falou-lhes Jesus: "**Eu sou o Pão da Vida**; **o que vem a mim**, **de modo algum terá fome**, e **o que confia em mim nunca jamais terá sede**.
Jo 6:36. Mas eu vos disse que **vós até me vistes, e não confiais.**

92. "Eu sou o Pão da Vida; o que vem a mim, de modo algum terá fome, e o que confia em mim jamais terá sede.

93. Mas eu vos disse que vós até me vistes, e não confiais.

72.2 **Evangelho-parte 2: Cristo liga o fiel ao Pai.** (Jo)

João 6:37-40
Jo 6:37. **Todo o que o Pai me dá, virá a mim**; e **o que vem a mim** de modo, algum o lançarei fora.
Jo 6:38. porque **eu desci do céu**, **não** para fazer a **minha vontade**, mas **a vontade de quem me enviou**.
Jo 6:39. E esta é **a vontade de quem me enviou**: que **todo o que ele me deu**, **eu não o separe dele**, mas **o eleve na etapa final**.
Jo 6:40. Porque **esta é a vontade do que me enviou**: que **todo o que contempla o filho e nele confia**, **tenha a vida imanente**, e **eu o elevarei na etapa final**.

94. Todo o que o Pai me dá, virá a mim; e o que vem a mim de modo algum o lançarei fora.

95. Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade de quem

96. E esta é a vontade do que me enviou: que todo o que ele me deu, eu não o separe dele, mas o eleve na etapa final.

97. Porque esta é vontade do que me enviou o que contempla o filho e nele

me enviou.

confia, tenha a vida imanente, e eu o elevarei na etapa final.

72.3 **Evangelho-parte 3: O Pai envia o fiel e o Cristo o eleva.** (Jo)

João 6:41-46
Jo 6:41. Os judeus então **murmuravam dele**, porque dissera:
Jo 6:42. "Eu sou o pão que desci do céu", e perguntavam: "**este não é Jesus, o filho de José**, cujos pai e mãe **nós conhecemos**? Como, pois, diz isto: "**Desci do céu**"?
Jo 6:43. Respondeu-lhes Jesus e disse: "**Não murmureis uns com os outros"**,
Jo 6:44. **Ninguém pode vir a mim**, **se o Pai que me enviou o não atrair**, e **eu o elevarei na etapa final**.
Jo 6:45. **Está escrito** nos profetas: "E **serão todos instruídos** por Deus"; **todo o que ouviu do Pai e aprendeu, vem a mim**.
Jo 6:46. Não que alguém tenha visto o Pai, **senão aquele que vem de Deus**: esse viu o Pai".

98. Os judeus, ali da Galileia, murmuravam, procurando entende-lo, a partir da afirmação.
99. "Eu sou o pão que desci do céu", pois questionavam: "este não é Jesus, o filho de José, cujos pais conhecemos? Como, pois, assevera: "Desci do céu"?
100. Instrui-os Jesus: "Não murmureis uns com os outros"
101. Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não atrair, e eu o elevarei na etapa final.
102. Está escrito em Isaías: 'E serão todos instruídos por Deus'; todo o que ouviu o Pai e aprendeu, vem a mim.
103. Não que alguém tenha visto o Pai, senão aquele que vem de Deus: esse viu o Pai".

100.1 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

7. O que determinava a ignorância dos judeus sobre a identidade de Jesus?

Jesus esclarece que seus interlocutores vieram até ele, viram-no, mas não o conheceram. Não assimilaram o sentido da eloquente afirmação: "Eu sou o Pão da Vida. O que vem a mim nunca terá fome, e o que confia em mim jamais terá sede.". Aplica-se às ovelhas que arrodilham o Pastor. Aproximam-se porque nele confiam. Tanto nele se interpenetram que adquirem a vida imanente. Mas a frase não cabia, pelo menos, a uma parte do grupo. Tinham vindo até Jesus, mas não confiavam. Se algum deles considerasse impertinente sua exclusão, que contestasse. Ninguém o fez. Logo, todos vieram, viram-no, mas careciam de fé. Fé para vê-lo como o enviado de Deus. Por que, então, vieram? – seria a pergunta. Isso será esclarecido. Diz respeito à ignorância deles, judeus, como os referenciará João, logo mais.

Todos estão prontos para serem ligados ao Mestre, mas nem todos em condição "da elevação na etapa final". Pastorino insiste que esta tradução é melhor do que aquela em voga "a ressuscitação do último dia". E concilia-se com o nosso entendimento sobre os estágios do discipulado cristão. Corresponderiam aos simpatizantes; quiçá, aos militantes, adeptos. Até chegarem à condição de apóstolo muito falta. Reforcemos que mesmo os apóstolos, precisavam enfrentar seus demônios internos (não confundiram a figura do Mestre com a do demônio, no ato da andança sobre as águas?) e vencê-los para atravessar a última etapa do discipulado.

João os referencia como judeus quando o Cristo os admoesta pela dúvida perturbadora. Confundiam as duas identidades, ou seja, não discriminaram a entidade divina da humana. Tal discriminação corresponde ao primeiro princípio da psicologia transpessoal. Essa escola psicológica distingue a identidade transpessoal da identidade pessoal. Pastorino nomina a primeira de *individualidade*, e a segunda, de *personalidade*.

O Cristo, que já lera os solilóquios daquele grupo, esclarece: "eu desci do céu para fazer a vontade de quem me enviou e não a minha". Ao descer do céu, ele encarnou. Encarnado, ficou mais fácil ser identificado com a carne do que com o espírito. Isto é, ser reconhecido pelos dados biográficos que o vinculam à personalidade do que apreendido na realidade transcendente em que vive. É o que constatamos. Na confusão, perguntam: "não é ele o Jesus, cujos pais, José e Maria, nós conhecemos"? Jesus não entra no mérito para desdize-los. Não repete que vem do Pai celestial, mas se adianta citando o profeta para justificar o conjunto da sua preleção. "E serão instruídos por Deus". Isaías ensina-nos que, no plano sutil da mente, tantas vezes estamos em íntimo contato com Deus sem nos darmos conta. Através de pensamentos sutis, Deus nos intui buscarmos seu embaixador – o Cristo – a fim de recebermos orientações mais objetivas.

Essa é a realidade imediata dos seus interlocutores. Estão diante do embaixador de Deus, para serem ligados. Mas, dado à sua ignorância e inferioridade, não estão prontos para o exercício da etapa final. Carecem de mais aprendizado. Corresponde também à nossa realidade? Nós estamos ligados ao Cristo, porque a ele nos dirigimos. Mas precisamos perguntar: estamos permitindo que o Mestre prossiga seu trabalho de nos ligar ao Pai. O que temos oferecido para que aconteça o próximo passo, em direção à vida imanente? Ou padecemos da mesma ignorância daqueles judeus?

8. Como distinguir a genealogia entre Deus, o Pai e o Filho, para alcançar a contemplação?

O Mestre se auto afirma: "eu sou o *Pão da Vida*; o que *desceu do céu* para fazer a vontade *daquele que me enviou*". E qual é a vontade *daquele que o enviou*? Jesus se encarrega de responder: "que todo o que contempla *o filho*, e nele confia, tenha a vida imanente". Esclarece, ainda, a ação inicial do dispensador, aquele que o enviou: "ninguém pode vir a mim, se *o Pai* que me enviou o não atrair". E ainda explicita tal ação concreta no mundo, na intimidade dos seus filhos: "E serão instruídos por Deus; todo o que ouviu do Pai e aprendeu, vem a mim".

Resumindo. O Cristo está encarnado em um corpo. Até se revelar como tal, vinha sendo conhecido como Jesus, filho de Maria e de José. Mas, em essência, ele é o Pão da Vida. Desceu do céu, de paragem inacessível aos mortais, enviado pelo Pai. Por isto, ele é *o filho do Pai*.

Elaborando a respeito dessa especial relação, avancemos para a genealogia da trindade – Deus, Pai e Filho. Com o intelecto, apenas arranharemos o entendimento, pois esse *três-em-um* somente é assimilável pela experiência, aquela que ultrapassa a análise racional dado que a *unidade-plural* é um paradoxo. Pai não é somente sinônimo de Deus, mas um desdobramento da unidade, rumo à manifestação.

Na Criação, há um "princípio de síntese", aplicável na fronteira da manifestação, que precisa ser evocado. Ele possui duas vias de movimento, **uma**, para cima, da não-manifestação, da unificação; **outra**, para baixo, da manifestação, da dualização.

Ilustrando esse princípio, por analogia, trazemos a física das cores. Pela pigmentação, é coerente apontar a cor verde como síntese da cor amarela com a azul. Ou seja, grosseiramente, o verde (um) se decompõe em amarelo e azul (dois) – via da manifestação. No percurso inverso, da não-manifestação, o *dois* se integra no *um*. Azul com amarelo vira verde. Na física mais sofisticada, o fóton é compreendido como síntese da matéria com a anti-matéria, do elétron com o pósitron. No movimento inverso, matéria e anti-matéria se integram no fóton. Ainda, na psicologia, na abordagem Transpessoal, a identidade transpessoal, que o Ser, é tido como síntese entre um tipo de ego, por exemplo, ego bom, com o seu oposto, o ego mau. Na tradição taoísta, o Tao, o inominável, é concebido como síntese de dois princípios opostos e complementares, o yang e o yin. A lista é extensa mas, visando a trindade a trindade universal, paremos por aqui.

A trindade mais conhecida é Pai, Filho e Espírito Santo, apresentada pelo Cristo no término da sua missão, isto é, na *Santa Ceia*. Tratemos dessa, que é similar – Deus, Pai e Filho. Os três, inexprimíveis como tais neste plano da matéria e concebidos como unidade na dimensão sutil da vida, manifestam-se por aqui, na figura do Filho, o Cristo. Compreendemos que Deus, a unidade maior, integra em si os dois polos da Criação – o do Pai e o do Filho. O primeiro, é o do Pai, ativo, e o segundo, o do Filho, passivo. Talvez fique mais fácil entende-lo através da comum expressão usada no Evangelho, *o filho unigênito*. Pastorino, contempla os três, respectivamente, como o Amor, o Amante e o Amado.

Quando abordamos a queda seminal da manifestação, registrada no Livro Gênesis, temos A Perda do Paraíso. Nela distinguimos o espírito decaído, isto é, a condição humana, dividida na sua expressão de homem e mulher –forma que permite a multiplicação da dualidade, no plano da matéria. É possível discriminar aí, o polo ativo da Criação, como o Pai (o Pai Nosso, ensinado pelo Cristo), e o polo passivo, ainda abordado como o Filho, mas não o Filho vivenciando sua unidade com o criador-Pai, senão como anjo decaído, ou seja, nós. O filho como homem, do húmus, ou homem-terra, matéria. Aquele que precisa se revestir da matéria para refazer o percurso de retorno a Deus, de acordo com o sentido da *religação*, assumido pela *religião*.

Deus, a unidade integral, o Amor; o Pai, o polo ativo da criação, que quando se constitui como dualidade sutilíssima, apresenta o polo complementar, com quem ainda mantém a condição de unidade, que é o Filho, o Cristo. Esse, o Filho-espírito, realiza o movimento para Deus em linha reta, ou seja, diretamente. Mas se esse Filho cai, vai precisar fazer sua trajetória ascensional de retorno, que não será em linha reta. Temos aí, a realidade do ser humano. Ou, até mesmo, todo o aspecto material da criação. Essa pode ser vista como o polo passivo, em relação ao Cristo, porque este, apesar de ser o polo passivo em relação ao Pai, na interação com a humanidade assume sua condição ativa, pois como mesmo afirmou, eu (Filho)

e o Pai somos um. E sendo um, é Deus. E ele nos recebe para fazer nossa (re)ligação com o Pai, nossa elevação na última etapa, em consonância com escritura sagrada – "vós sois Deus".

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

9. Como me ligar ao Cristo para a elevação da última etapa?

Para dar o passo que me falta para a última travessia, devo me preparar a cada dia, fazendo uso das inúmeras oportunidades que Deus me concede. São bênçãos incomensuráveis.

Primeiro, agradeço a noite de sono vitalizante, oferecida como nutrição sutil. Descansado, recordo os sonhos e, abrindo-me à intuição, penetro suas entrelinhas, onde Deus me **instrui** para as reformas internas necessárias. Com a oração silenciosa, estreito o contato com o Pai tornando-me receptivo às provas da nova jornada. Agradeço o desjejum, posto à mesa, que me nutre com energias mais densas e me prepara o corpo para a labuta.

Então, te busco, Senhor, para melhor estudar a passagem evangélica semanal. Tu és o embaixador do Pai na Terra, aquele que cuida da minha educação espiritual. Devo tornar pragmática a lição da vez. Os doze versículos de João reportam-se à nossa relação. Além de Mestre, és o Pão que desce do céu. Não basta eu de ti me aproximar, nem basta eu te ver. Seja na sinagoga de Cafarnaum, seja na escuta desse discurso. Preciso encontrar em mim instância afim, solfejada por Deus. Nela, tuas palavras reverberam como sintonia sagrada.

Apontam sugestões práticas de como aumentar minha ligação amorosa com todos da minha convivência, independente do resultado do nosso encontro. Ao sucesso, agradecer, e ao insucesso, cultivar paciência e resignação, para ir além.

Reflito sobre o alcance filosófico desses versículos, visando o fortalecimento da fé raciocinada. E ainda, usufruo da transfusão de paz que eles me oferecem. Desfaço-me dos ruídos da mente, deixando para trás conflitos e pendências, para a comunhão de agora.

Tu és mesmo o Pão do Céu, aquele que me nutre por inteiro. Entrego-me a ti em incondicional contemplação e faço a travessia para a vida imanente. Tu me ligas ao Pai, como etapa final desse percurso.

72.4 **Versículo(s) para a meditação:** João 6: 39 e 40.

39. E esta é a vontade de quem me enviou: que todo o que ele me deu, eu não o separe dele, mas o eleve na etapa final.

40. Porque esta é a vontade do que me enviou: que todo o que contempla o filho e nele confia, tenha a vida imanente, e eu o elevarei na etapa final.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 281 – paragem 9-223 – 02.02.2020

73.RedeUnaViva: Meditação Cristã 102 – paragem 433 – 28.08.2016

JOÃO 6:47-58

O PÃO DA VIDA - IV
Para ser um com o Cristo

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

43. Qual foi a ignorância dos judeus sobre o corpo de Jesus?
44. Como distinguir a genealogia entre o Pai, o Filho e o homem para alcançar a unificação?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

45. Como saborear a carne e beber o sangue do Cristo para ter a vida imanente?

Introdução: Na unificação com o Cristo.

Partimos para o quarto episódio do Pão da Vida, o clímax. Após o clímax, ainda teremos o epílogo. É inevitável, a lâmpada, por sua luz, atrair mariposas, e estas grudarem mesmo desconhecendo o motivo. Idem para nós, figurados naquele grupo que buscou o Cristo, depois de testemunhar a multiplicação dos pães.

De saída, ele nos concitou a distinguir o pão do espírito do pão do corpo, acrescentando a superioridade do trabalho que garante o primeiro pão. Essa obra, que é a de Deus, consiste em crermos no seu Filho enviado. Não desfrutamos nós, os cristãos agora encarnados, o privilégio do *tête-à-tête* que os judeus tiveram com o Mestre. Não obstante, temos as notícias – a Boa Nova. Como usá-la para crer é questão pertinente. Há a fé nata, resultado da jornada do Espírito, através das encarnações. São muitos os que não a detêm. No seu conjunto há aqueles que se agitam no torvelinho das paixões humanas sofrendo sem bússola para alcançar o porto seguro da vida. Depois de muita labuta, todos a terão interiorizada em sua alma.

Mas, invariavelmente, o estágio atual da civilização já fornece elementos para a aquisição da fé raciocinada. Esta é uma espécie de transição para o terceiro tipo de fé – a integral, que é intuitiva e consciente.

Se perguntados se existimos, diremos que sim. Se provas forem pedidas, acharemos absurda tal solicitação, dada a evidência do fato. A realidade dispensa provas. Troquemos a palavra *existência* pela palavra *vida*, neste contexto. Temos a vida imanente, ou seja, a vida eterna? Quem possui a fé integral responde *sim*, dispensando qualquer necessidade de demonstração, por não ser uma questão de crença, mas **de saber enquanto sabor**, isto é, de experiência.

Veio o Mestre nos três últimos episódios do Pão da Vida empenhando-se para expor a verdade implícita para todos e explícita para quem tem olhos de ver. Veio no mister de afirmar que a luz do dia que enxergamos não se deve às velas que acendemos nem às lanternas que ligamos. Enxergamos pela presença da luz natural. Somos, invariavelmente, nutridos não pelo pão de trigo, de centeio ou de aveia, mas pelo Pão Vivo. E a luz dos olhos do Cristo atravessavam todos aqueles interlocutores. Queriam acredita-lo como mero nazareno, filho de José e Maria. Mas ele é o Filho do Homem, o especial mensageiro do Pai. Veio, com sua forte presença, favorecer nossa contemplação sagrada, e desta, seguirmos para a unificação indizível. Primeiro, com ele. Depois, passando por ele, para alcançar o Pai. Permanecer nele, saboreando-lhe a carne e o sangue, para que ele transite em nós. Vivendo, como ele, que vive no Pai que é vivo.

Esta e a lição máxima da unificação sublime, uma rotina singular para todo aquele que atravesse o portal da última fase.

73.1 **Evangelho-parte 1: Eu sou o Pão Vivo, descido à Terra.** (Jo)

João 6:47
Jo 6:47. '**Em verdade, em verdade** vos digo: quem **confia em mim** tem a **vida imanente**:
Jo 6:48. **eu sou o Pão da Vida**.
Jo 6:49. **Vossos pais comeram** o **maná no deserto**, **e morreram**.
Jo 6:50. Este é **o pão que desce do céu**, para que **qualquer um coma dele** e **não morra**.
Jo 6:51. **Eu sou o Pão Vivo** que **desci do céu**: se **alguém comer desse pão**, **viverá para a imanência**. E mais, **o pão que eu darei é minha carne**, **em lugar da vida do mundo**".

104. E prosseguiu: "em verdade, em verdade vos digo: quem confia em mim tem a vida imanente, pois eu sou o Pão da Vida.
105. Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram.

107. (Apoia a mão direita sobre a esquerda) eu sou o Pão Vivo que desci do céu: se alguém comer desse pão, viverá para a imanência. E mais, o pão que eu darei é minha carne, em lugar da vida do

106. Este (apoia a mão esquerda no peito) é o pão que desce do céu, para que qualquer um coma dele e não morra.

mundo"

73.2 **Evangelho-parte 2: O pão, carne e sangue, para ser comido e saboreado.** (Jo)

João 6:52-56
Jo 6:52. **Discutiam**, então, os judeus uns com os outros, dizendo: "Como pode este **dar-nos de comer sua carne**"?
Jo 6:53. Respondeu-lhes Jesus: "**Em verdade, em verdade** vos digo: **se não comeis a carne do filho do homem** e **não bebeis seu sangue**, **não tendes a Vida em vós**.
Jo 6:54. Quem **me saboreia a carne e me bebe o sangue** tem **a vida imanente**, e **eu o elevarei na etapa final**.
Jo 6:55. Porque **minha carne é verdadeiramente alimento**, e **meu sangue verdadeiramente bebida**.
Jo 6:56. Quem **me saboreia a carne e me bebe o sangue**, **permanece em mim e eu nele.**

108. Cochicham, em conversa paralela, sobre o absurdo ouvido. Mas o Cristo não se detém na objeção.
109. "Em verdade, em verdade vos digo: se não comeis a carne do filho do homem e não bebeis seu sangue, não tendes a Vida em vós.
110. Quem me saboreia a carne e me bebe o sangue tem a vida imanente, e eu o elevarei na etapa final.
111. Porque minha carne é verdadeiramente alimento, e meu sangue verdadeiramente bebida.
112. Quem me saboreia a carne e me bebe o sangue, permanece em mim e eu nele".

73.3 **Evangelho-parte 3: O pão da imanência para a unificação com o Filho e o Pai.** (Jo)

João 6:52-56
Jo 6:57. Assim como **o Pai que vive me enviou** e **eu vivo através do Pai**, assim **quem me saboreia**, **esse viverá** também **através de mim**.
58. **Este** é **o pão que desceu do céu**; não é como **o que comeram vossos pais, e morreram**; **quem saboreia este pão viverá para a imanência**.

113. "Assim como o Pai que vive me enviou e eu vivo através do Pai, assim quem me saboreia, esse viverá também através de mim.
114. Este é o pão que desceu do céu; não é como o que comeram vossos pais, e morreram; quem saboreia este pão viverá

para a imanência".

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

10. Qual foi a ignorância dos judeus sobre o corpo de Jesus?

Os judeus interagem com a mesma ignorância demonstrada ainda há pouco quando Jesus disse ter descido do céu. No episódio anterior de O Pão da Vida, não aceitaram sua origem celeste porque, alguns deles tendo o visto crescer pelas vielas de Nazaré, eram sabedores da sua filiação conterrânea. Agora, Jesus volta à carga, repetindo o já dito, antes de acrescentar outra novidade. Repete que quem nele confia tem a vida imanente, pois que é o Pão da Vida. Opta por distinguir uma vez mais o pão que ele é do maná do deserto. Diferença fundamental: quem come do primeiro não terá mais fome, porque vive. Quem come do segundo, ainda há de morrer.

Não nos queixemos da repetição, pois seu discurso vem à guisa de *mantra*. Ou quase. Reprisa, mas com variações. Estas se coadunam com a pluralidade que nos-é própria, enquanto a repetição consagra a unidade, entremeada no entoar da fala. Sua cadência, embora sustentada na imanência, promove a transcendência. É ponte de passagem, da ignorância para a sabedoria e da morte para a vida.

Repete que é o pão que *desceu do céu*, mas traz a bela novidade: **qualquer um** que desse pão comer, jamais morrerá. Atentemo-nos para a generalização: **qualquer um**. Isto é, você, eu; seu pai, sua mãe, seu filho, sua companheira. Qualquer um que o comer há de experimentar metamorfose inexcedível. Mesmo que seja acometido por doença, por acidente, ou for levado à cruz, não mais estará identificado com o corpo perecível ou com a personalidade transitória. Esses morrem, passam. Só não passa aquilo que é.

Repetirá mais uma vez que não somente é o pão que desceu do céu, mas o *pão vivo.* Repete, diferente. Não mais o pão da vida, mas o *pão vivo*. Está ele ali, entre os judeus, respirando o ar e exalando vida, porque vivo é. Quem dele comer, viverá a vida imanente. É cauteloso com a novidade a ser introduzida, preparando-nos com "e mais", a fim de explicitar a informação chocante. "O pão que eu darei é *minha carne*, e esta eu vos darei *no lugar* (da vida/existência) do mundo". Pastorino nos ensina que a preposição grega "hupér", deste texto, pode ter cinco significados. Entre eles, "por" ou "para", que geram a palavra "**pela",** usada na frase "o pão que eu darei é minha carne, que eu darei **pela** vida do mundo", com o sentido de "substituição". Em consonância, enfatiza "em lugar de" como a melhor tradução. Resulta em: "o pão que eu der é a minha carne, que eu darei **em lugar da** vida do mundo".

Os ouvintes confundem-se com a literalidade, tal como o doutor da lei Nicodemos, que chegou a admitir que "nascer de novo" implicasse em retornar ao ventre materno. Confabularam, dessa vez, outro estrondoso absurdo. Que Jesus recomendava a antropofagia como novo ritual religioso.

Mas o Mestre atropela aquela ignorância não se estendendo em segundo esclarecimento. Já discriminara a identidade pessoal da transpessoal, no episódio anterior. Era o bastante. Aprofunda, então, o ensinamento, intensificando o pasmo da perplexidade pública. "Se não comeis da carne e não bebeis do sangue do Filho do Homem, não tendes a vida em vós". O pão vivo não é apenas carne, mas também sangue. Atém-se ao concreto, terra e água, símbolos da essência, mas apontando para a luz e o éter. Volta a utilizar sua expressão preferida de *auto-trans*-identidade, o Filho do Homem, e insiste em mais uma repetição: "quem me saboreia a carne e o sangue, esse tem a vida imanente, e eu o elevarei a etapa final". No último ato, a transcendência. Não basta comer, engolir, tragar, é preciso vagar na apreciação a fim de que a substância da quintessência seja saboreada, degustada. É processo ativo-passivo. E justifica: "porque minha carne é alimento verdadeiro e o meu sangue, bebida verdadeira".

Avança, através de nova repetição, visando, primeiro, a unificação entre o "qualquer um" e o Filho do Homem. "Quem me saboreia a carne e me bebe o sangue, permanece em mim e eu nele". E compara esta unificação com a outra, a anterior, destacando, de novo a vida imanente. "Assim como o Pai que vive (o Pai é vivo, e ele, também, pois é o Pão Vivo) me enviou, e eu vivo através do Pai, assim quem me saboreia, esse viverá também através de mim". A circulação deste sangue etéreo, que é vida, pelos três, unifica-os. O Cristo é unificado com o Pai que o enviou a nós, a fim de que aquele de nós que o saborear, unificando-se com ele, também o faz com o Pai.

Arremata a lição, voltando ao início – que desfecho mandálico! – quando distingue, de novo, os dois tipos de pães. "Quisestes me pedir sinais que me igualassem a Moisés, mas digo-vos, vossos pais comeram o maná e morreram, mas quem saboreia este pão viverá para a imanência".

Ignorantes, confundiam corpo com espírito, personalidade com individualidade. Faltou-lhes entender que da contemplação, saboreando a essência crística, se passa à unificação. Mas isto podemos fazer agora.

11. Como distinguir a genealogia entre o Pai, o Filho e o homem para alcançar a unificação?

A abordagem desta pergunta associa-se intimamente com questão similar, desenvolvida na MC-101. Lá, "como distinguir a genealogia entre Deus, o Pai e o Filho, para alcançar a contemplação"? Aqui, "como distinguir a genealogia entre o Pai, o Filho e o *homem* para alcançar a unificação"? Do primeiro triângulo, cujo vértice apontado para o céu é de Deus, somado aos dois vértices da base ocupados pelo Pai e o Filho, desdobra-se o segundo triângulo. Este tem a mesma base, só que de localização superior, da qual emerge o terceiro vértice apontando para a Terra e ocupado pelo homem-humanidade.

Estão aí as duas genealogias que propusemos abordar nestas duas MCs. Uma intimamente intrincada com a outra. Como humanidade, decaímo-nos, separamo-nos, e o Cristo, missionário celeste, veio nos resgatar ensinando-nos tudo sobre a reintegração. Ou seja, como realizar a síntese suprema. Materializou-se para que o enxergássemos e o palpássemos, usando corpo da mesma natureza que o nosso. Materializou-se para se tornar acessível, e acessível, verbalizar a lei, a misericórdia, o caminho em um só ato. Enfim, o amor. Dirigiu-nos sua mão e convidou: "vem"! Repete-o agora, com desdobramentos: "vem me contemplar, vem se unificar comigo para se unificar com o Pai, em Deus".

Oferece-nos como alimento. Não apenas para ser ingerido, mas saboreado. Se, como nos ensinou, não veio por vontade própria, porém identificado com a vontade do Pai, ele não é o corpo, ou a identidade associada à sua história biográfica. É o Cristo, o Filho, o Filho do Homem, o Pão Vivo. O que temos de ingerir não é, pois, a carne que estrutura sua vestimenta material, mas a carne que é essência, feita também de sangue, do humor precioso, a Água Viva. E mais, é Espírito, é Éter. Como alimento sagrado, oferece-se a nós para o banquete de luz. Ouça quem tem ouvidos de ouvir.

Então, ele é o Filho Unigênito diante de nós, os tantos, multiplicados na diferença, os filhos plurigênitos, que não se reconhecem na semelhança, na unidade que somos. Nesse compasso caótico, gozamos com a afirmação da nossa singularidade, aquela que defendida com unhas e dentes, com armas e exércitos, produz a desdita na babel inoperante da comunicação truncada. Pontuamos dissensões com partidos, conflitos com guerras, para depois laborar bastante pelos armistícios de paz que demoram chegar. Estamos tão acostumados à existência precária deste plano, que acreditamos na nossa fome superficial, na pobreza de recursos e na falsa morte. Em consequência brigamos muito pelo pão perecível, cuja saciedade é tão exígua quanto a fé no real. O outro e o dinheiro são nossas posses insuficientes, o pão inviável que nos nutre apenas por fora como ilusão sonhada.

Enquanto teimamos em afirmar, através de conduta provocada por fome inextinguível, nossa genealogia imediata de filhos da Terra e de progenitores de longa ancestralidade, não alcançamos a beleza do convite que nos concita a contemplar o Cristo. Pede-nos que o assimilemos na descoberta de que somos feitos da mesma substância, da mesma carne e do mesmo sangue, de essência sutilíssima, revelada no ato supremo da consciência unificada.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

12. Como saborear a carne e beber o sangue do Cristo para ter a vida imanente?

Comer e beber são gestos abrangentes; demandam manuseio, degustação e olfação do alimento. Envolvem ingesta de carne e sangue, se a referência é a alimentação carnívora, e não deixa dúvidas quanto à introdução de um corpo ou de pedaços seus em outro corpo. Há ingestão e assimilação.

Respirar é mais delicado, quase imperceptível se a função é saudável. Requisita narinas por onde passa sentido mais delicado, o olfato e seu rio de aromas. Há inalação e assimilação.

Nossa organização somática dispôs-nos de outros sentidos, ainda mais sutis. Sua matéria não envolve pedaços de alimento nem moléculas aromáticas dispersas. A audição depende de distorções da camada atmosférica que a energia do som produz como onda, e a visão sujeita-se à vibrações mais poderosas da luz que se desfaz em imagens depois de atingir a retina. Há, de novo, absorção e assimilação. Ouça quem tem ouvidos de ouvir; veja quem tem olhos de ver.

Fluem por esses sentidos alimentos diversos, dos densos aos maneiros. Servem para nos manter vivos, ou melhor, existindo. Conferem-nos vida, também pode se dizer, contudo por meio da grosseira fisiologia.

Lembrou-nos o Mestre, no Sermão do Monte: "vós sois o sal da terra" – serve de alusão à materialidade da espécie; presente. Ademais, "vós sois a luz do mundo" – esta outra aponta para a dimensão espiritual do ser; prestes a espocar.

Entendo-te mais, agora, querido Mestre, quando me pedes para te comer, te engolir, te digerir, te assimilar, fazendo-te correr por minhas veias, o tempo todo. Que eu, na minha mais densa materialidade, te entenda, te acolha e te assimile. Só que, mesmo habitando um corpo de carne, junto de nós na Galileia, foste de substância sutilíssima, que me cabe saborear e saber no ato desta ingestão. Sou também carne e espírito, e devo te descobrir luz no ato íntimo da contemplação.

Entendo o que é contemplação. Sou ritmo e repetição – aliás, tudo no universo é ritmo e repetição, e o maravilhoso é que em cada repetição há uma abertura para o novo, uma dimensão mais rarefeita para entrar. Em cada repetição há uma fresta para a fertilização do mais nobre e sutil. Uma descoberta sem fim até a assimilação principal da etapa derradeira.

Deste-me por inteiro: "comas a minha carne e bebas do meu sangue para teres a vida em ti". Compreendo. Ao saborear tua carne e teu sangue, só tenho a ti. Se sutilizo esta ingestão, não uso mais a boca, mas as narinas. Aspiro-te e me inspiro. Somos feitos da mesma substância etérea. Inalo e exalo do mesmo. Esta tua última lição é a que eu ingiro e respiro, para além das palavras, pois que a transformei num sentido que prescinde a roupagem do verbo, tampouco dos pensamentos. Despi-a na unidade que é. Assim te ouço sem ouvidos e te vejo sem os olhos. É Cristo que entra, sai e permanece. "Quem me saboreia a carne e me bebe o sangue, tem a vida imanente. Permanece em mim e eu nele. Assim como eu vivo através do Pai, assim quem me saboreia, esse vive através de mim".

Não há pluralidade de pensamentos, nem diversidades de demandas, não há historietas de ego com desejos e insatisfações. Há saciedade neste ato mental de unidade com o Cristo e o Pai. Medito, da contemplação para unificação.

Versículo(s) para a meditação: João 6: 55-56.

55. Porque minha carne é verdadeiramente alimento, e meu sangue verdadeiramente bebida.

56. Quem me saboreia a carne e me bebe o sangue, permanece em mim e eu nele.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 103 – paragem 434 – 04.09.16
JOÃO 6:59-71

RedeUnaViva: Meditação Cristã 282 – paragem 9-224 – 09.02.2020

74.RedeUnaViva: Meditação Cristã 103 – paragem 434 – 04.09.2016

JOÃO 6:59-71

O PÃO DA VIDA - V
Epílogo: a imanência nas palavras

74.1 **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

46. Como o diálogo entre Jesus e Pedro nos serve para entender a lição do Pão Vivo?
47. Por que Jesus escolheu Judas como apóstolo se o tinha como adversário?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

48. Como experimentar o espírito e a vida?

74.2 **Introdução: O poder da palavra.**

Na conclusão do Pão Vivo, lição magnifica, retratada apenas por João, temos síntese preciosa do que é a meditação cristã.

Aprendamos com toda a sequência: 1) Jesus busca um lugar isolado para, em Retiro com os apóstolos, lhes proporcionar a convivência de unificação – as motivações circunstancias já foram elencadas: a decapitação de João Batista, o retorno da primeira peregrinação dos doze, e a demanda intensa da multidão sobre ele e os apóstolos; 2) Ao chegarem em Betsaida, o povo clamoroso já os antecipara, e ele, generoso, faculta-lhes mais um dia de assistência curativa; 3) No cair da tarde, para atender as necessidades materiais das cinco mil pessoas presentes, fez a primeira multiplicação de pães (e peixes); 4) Declina diante do levante entusiasmado do povo – e até apoiado por seus íntimos – de torná-lo rei dos judeus; 5) Despede os discípulos ao mar, o povo à terra, e sobe ao morro para a oração solitária e silenciosa (que seria melhor entendida no desfecho

desta sequência); 5) Anda por sobre as águas do mar da Galileia a fim de acudir o barco encalhado nas ondas mentais perturbadas dos seus ocupantes – mostra que qualquer um poderia levitar sobre o peso do seu corpo e das suas mentalizações conflituosas e Pedro alcança êxito parcial; 6) Doutrina e cura, sozinho, em Genesaré; 7) Em Cafarnaum, discursa para os discípulos e o grupo que presenciara a multiplicação dos pães em de Betsaida. Dialogando com eles, inicia os cinco episódios do Pão da Vida, abordado nas MCs anteriores:

1. O Começo da Nutrição Espiritual – MC-99
2. Para se Sentar à Mesa com o Cristo – MC-100
3. Para Contemplar o Cristo – MC-101
4. Para Ser Um com o Cristo – MC-102
5. A Imanência das Palavras – MC-103 (episódio atual)

Na base da lição, está o serviço espiritual, cuja essência é dar o melhor de si para o próximo, sendo os donativos em matéria ou espírito. É consequência direta da lei do amor. É o Cristo servindo a multidão, curando e, quando preciso, dando-lhes até mesmo o pão do corpo.

Mas o pão do corpo é apenas uma exígua parte daquele todo que vem da saciedade oferecida pelo Pão Vivo. E foi isto que aprendemos nos quatro episódios anteriores. Assimilemos, por último, sua conclusão agora.

O Pão Vivo é o próprio Cristo, que devemos contemplar para, em seguida, absorvê-lo, em espírito, tal como fazemos com o alimento vulgar.

74.3 **Evangelho-parte 1: Palavras que são espírito e vida.** (Jo)

Jo 6:59-63
Jo 6:59. Estas coisas disse ele, ensinando **na sinagoga de Cafarnaum**.:
Jo 6:60. Ouvindo isso, **muitos de seus discípulos** disseram: "**Difícil é esse ensino, quem pode entendê- lo**"?
Jo 6:61. Mas sabendo Jesus em si mesmo que seus discípulos **murmuravam** disso, disse-lhes: "isso **vos escandaliza**?
Jo 6:62. Então se vísseis **o filho do homem subir aonde estava antes**! ...
Jo 6:63. O **espírito é o que vivifica**; **a carne não aproveita nada**: as palavras que eu vos disse são **espírito e são vida**.

115. Após proferir o ensino do Pão Vivo na sinagoga de Cafarnaum, um consequente diálogo prosseguiu no círculo íntimo.
116. Discípulos concordavam sobre a dificuldade de compreensão.
117. Jesus pergunta: "isso vos escandaliza?
118. E se vísseis o filho do homem subir aonde estava antes..."! – não conclui, mas convida-os a novo raciocínio.
119. Prossegue: "O espírito é o que vivifica; a carne em nada aproveita: as palavras que eu vos disse são espírito e são vida."

74.4 **Evangelho-parte 2: A segunda seleção dos apóstolos.** (Jo)

Jo 6:64-66
Jo 6:64. Mas **alguns** há **entre vós** que **não confiam**". Pois Jesus **conhecia desde o princípio os que não confiavam**, e **quem o havia de entregar**.
Jo 6:65. E falou: "Por isso eu vos disse, que **ninguém pode vir a mim**, **se pelo Pai não lhe for concedido**".
Jo 6:66. Desde aí **muitos de seus discípulos andaram para trás**, e **não andavam mais com ele**.

120. Porque conhecia, desde a escolha dos apóstolos, quem haveria de entregá-lo, prossegue: "mas alguns há entre vós que não confiam".
121. E enfatiza a causa que restringirá seu grupo íntimo: "por isso eu vos disse, que ninguém pode vir até mim, se pelo Pai não lhe for concedido"
122. Um novo subgrupo foi se constituindo por aqueles que andaram para trás, apartando-se dele.

74.5 **Evangelho-parte 3: A divisão dos apóstolos, em duas sub-lideranças.** (Jo)

Jo 6:67-71
Jo 6:67. Perguntou, então, Jesus **aos doze**: "**Não quereis vós também retirar-vos**"?
Jo 6:68. Respondeu-lhe **Simão Pedro**: "Senhor, **para quem iremos**? Tu tens **palavras de vida imanente**,
Jo 6:69. e **nós confiamos**, e **sabemos** que **tu és o santo de Deus**".
Jo 6:70. Replicou-lhes Jesus: "**Não vos escolhi eu a vós, os doze**? E, no entanto, **um de vós é adversário**".
Jo 6:71. Falava de **Judas**, filho de **Simão Iscariotes**, **um dos doze**, porque **era ele quem o havia de entregar**.

123. Facilita a deserção com pergunta direta aos doze: "não quereis vós também retirar-vos"?
124. Pedro explicita sua decisão, que também era a dos seus afins: "Senhor, para quem iremos? Tu tens palavras de vida imanente. Nós confiamos e sabemos que tu és o santo de Deus".
125. Selam sua posição, mas Jesus conclui: "não vos escolhi eu a vós, os doze? E, no entanto, um de vós é adversário".
126. Sua palavra era dirigida diretamente a Judas Iscariotes, mas explicitava ao grupo que tinha conhecimento da divisão.

103.1 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

13. Como o diálogo entre Jesus e Pedro nos serve para entender a lição do Pão Vivo?

O Cristo insiste por seis vezes, neste discurso, sobre a necessidade de confiar. Repetidas algumas, acabam sintetizadas em quatro.

1) O labor espiritual, inspirado por Deus, rumo à iluminação, começa na **confiança** (Jo, 6:29). Alguns a traduzem por crença; outros, por fé. Na atualidade, a fé dogmática é defenestrada, e com muita pertinência, porque ela, associada a interesses escusos, causou danos desastrosos à nossa cultura. Não vou defender essa fé cega, principalmente nos tempos atuais, por existirem elementos suficientemente capazes de facultarem, à mente idônea, a construção de uma fé raciocinada e apurada. No entanto, para melhor entender a proposição do Mestre ao indicar a confiança, é preciso voltar àquela época, referenciada como infância espiritual. O movimento espontâneo de uma criança, frágil, diante do pai adulto, forte, é de confiança em sua proteção amorosa. Se, crescendo, vir esse pai falhar, demonstrando caráter improbo e conduta desarrazoada, nada mais compreensível de o filho perder admiração e, até mesmo, respeito. A confiança vai embora junto. Apesar de o Cristo jamais ter decepcionado seus seguidores, seus representantes desvirtuaram bastante sua mensagem. Aí se embute, com certa complexidade, a crítica espiritual dos ditos pensadores livres, filósofos e cientistas. No entanto, tal análise não consta como objeto de interesse no contexto desta Meditação. Ao contrário daqueles representantes, o Cristo pediu crença nele, demonstrando às crianças espirituais o seu poder divino. Com fartura de prodígios, ofereceu proteção, cuidado e guiança.
2) Acrescentou, à fé solicitada, a condição limitada dos ouvintes. "Vós me vistes e mesmo assim não confiastes" (Jo, 36). Apesar dos maravilhosos feitos, que não se resumiram em improvisar o pão perecível do corpo, mais ele deu. Deu de si mesmo – como aquela anciã, cuja magnificência do "óbolo da viúva" ele ressaltará mais à frente – como o pão da vida. Mesmo assim, muitos não creram.
3) E explicou que, caso apresentassem a fé referida e o comessem como Pão da Vida, estariam saciados (Jo, 6:35). Em contemplação, o assimilariam em Espírito, tal como um carnívoro quando se alimenta passa a ter carne e sangue em sua circulação.

4) A quarta consideração, sobre a necessidade da confiança, será comentada na próxima pergunta.

Nesta passagem, em que é ensinada a essência da religiosidade, a unificação com o Pai, o Cristo esclarece ser o intermediário desta *religação*, que Deus dá partida com um toque interior. Impulsionado, o inspirado vai até à *ponte celestial*. Mas se prevalecer o fechamento, por certezas superficiais, ou a defesa psicológica, por conflitos inconfessáveis, a pessoa não enxergará a expoente luz à sua frente capaz de despertar a sua própria. Refratada, no espelho da mente, tal luz revelará apenas uma personalidade imatura diante de um interlocutor estranho. Entretanto, caso se aproxime com a espontaneidade afetiva da criança, não prevalecerá a malícia. Outrossim, permitirá que seu coração dite o comportamento. Corresponderá aos infantes e simples, apontados pelo Mestre: "Deixai vir a mim as criancinhas..." (Lc, 18:16), "bem-aventurados os pobres de espírito..." (Mt 5:3), "bem-aventurados os que têm puro o coração..." (Mt 5:8).

Chegara o momento de frisar como a questão da confiança evidenciava os dois tipos de adeptos do seu grupo. Ele, o Pão Vivo, oferecendo-se aos discípulos como *transporte divino* para a iluminação, separava os dois. Ao explicitar seu conhecimento de que naquele colégio havia as duas categorias de discípulos, aqueles que vestiam a roupa da adesão apenas por conveniência afastaram-se. Começaram a rabear o grupo desde que Jesus, com rigor, coibiu a iniciativa deles de o empossar como rei.

Àquela altura, dada a necessidade de explicitação, ele provocou: "não quereis vós também retirar-vos"? Foi o suficiente para que a divisão ficasse bem demarcada. Simão Pedro tomou a dianteira e, em nome dos afins, deixou o coração falar. Afirmou ter visto nele o Pai protetor – o doador de vida imanente. Então, por que sair do seu entorno. Para onde ir? Na espontaneidade, reprisou a confiança, encontrando outro epíteto para o Cristo: "tu és o santo de Deus".

14. Por que Jesus escolheu Judas como apóstolo se o tinha como adversário?

Depois de o Cristo apontar a necessidade de verem-no como o Pão Vivo, que comido, isto é, contemplado em unificação, produziria a saciedade, enviado pelo Pai, e que os que assim procedessem seriam saciados, ele voltou a repetir que havia ali muitos que não confiavam.

Jesus conhecia desde o princípio, ou seja, desde a escolha dos doze, os que não criam ser ele o Cristo. Fato que nos atribula porque de duas, uma: **ou** ele escolheu Judas Iscariotes sem que este tivesse sido tocado por Deus, **ou,** mesmo após essa graça ser concedida pelo Pai, sua confirmação carecia de um importante esforço do filho. Isto é, contemplar o Cristo em unificação exige empenho subsequente a escolha do Pai. Na primeira hipótese, o Cristo convidaria Judas para seu apostolado para que, na lida com as demonstrações diárias do Mestre, o apressado apóstolo abandonaria o ímpeto despropositado de fundar o reino dos céus aqui. Não vibraria mais com a lógica da política terrena e dispensaria as armas da rebelião cruenta. Então, a última decisão dependia do arbítrio do Espírito e Judas não escolheu a melhor opção. Com a segunda hipótese, o esforço necessário rumo à iluminação ficou para um tempo futuro.

O Cristo veio do céu coadjuvado por uma plêiade de Espíritos que o ajudaram a preparar as condições do seu ministério terrestre. Mas não escolheu doze anjos para encarnarem e constituir, junto com ele, um agrupamento nos moldes celestes.

Escolheu pescadores, agricultores, comerciantes e até um publicano, visando um conjunto à feição humana. No bojo, um deles, movido por ambição política, pretendeu transformá-lo em objeto útil do seu anseio revolucionário. Queria um reino neste mundo, casando sua ideologia com a teologia vigente. Segundo essa, o povo escolhido haveria de contar com Deus para derrotar o Império, coadunando a conquista geopolítica com a posse da Canaã prometida. Para consumar tal fim, Judas até trairia o Cristo, mas jamais o seu ideal. No entanto, pelo lado do Cristo, uma nova teologia estava sendo fundada de acordo com o amadurecimento espiritual dos judeus.

O colégio apostólico, portanto, continha a pluralidade e os defeitos próprios das organizações tradicionais. E Jesus não logrou fugir dessa convivência. Pelo contrário, preferiu trabalhar com as mesmas nuances que um líder comum, atuando nas nossas organizações, enfrenta. Teria que solucionar dificuldades similares àquelas que uma pessoa bem-intencionada contempla, por exemplo, no âmbito da família. Fez-se humano acatando nossa humanidade na sua intimidade. A divisão permeava o círculo de colaboradores, com os conflitos e ambiguidades corriqueiros. Havia os liderados por Pedro e aqueles, por Judas. Estes seguiram mais atrás do grupo por conta de um desconforto natural. Jesus conhecia e já explicitara a dissonância dos princípios e objetivos. No entanto, não escolheram rumo próprio. Tinham consciência de não haver por toda a Palestina outra força singularmente poderosa como a de Jesus. Expectavam algum desfecho propício para desfraldarem sua bandeira de luta. Quem sabe, confabulavam, que na hora agá, o próprio Mestre não colocaria seus poderes na direção de uma guerra santa e justa? Por isso, mesmo à meia distância, seguiam-no.

Chama muito a atenção que neste momento da sublime lição do Pão Vivo, quando se ensinou a contemplação e a unificação, ficasse também como o instante de demarcar nítida divisão do grupo. Unidade do Mestre e dualidade dos homens. Unificação e dualização convivendo ali, à feição do joio e do trigo. Apesar de afirmar a necessidade da confiança, aceita em seu entorno os que nele não confiam. Este é o quarto aspecto da confiança aludido na primeira pergunta. Jesus os aceitava, mas os destacava como os que não confiavam. Precisava mostra-los como não preparados para comer o Pão da Vida. A saciedade ainda passava-lhes ao longe.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

15. Como experimentar o espírito e a vida?

Cristo, tu me dizes através de teus representantes aquilo que é mais denso à minha compreensão – o dizível. O que excede, sopras-me em linguagem inarticulada, através dos ouvidos da alma. Aliás, Deus concedeu-me, primeiro, a graça de ser tocado a ponto de crer. Se pretendo cruzar um cabo de aço a quatrocentos metros do chão equilibrando-me na corda bamba, o que deve passar pela minha cabeça é somente o êxito. Esse, feito de passo-a-passo, de ato-a-ato de consciência. Preciso confiar. Preciso confiar tal como Pedro ao dar os primeiros passos por sobre as águas do Tiberíades, quando tu o convidaste: "vem".

Deus me concedeu ser tocado e vim escutar o teu discurso do Pão Vivo. Fez-me todo o sentido. Aprendi com ele o que é

contemplação e como realizá-la, quando sento pra meditar. O próximo passo, o da unificação, não é para ser entendido, outrossim, realizado. É muito simples, mas de uma simplicidade atordoante. Alguma vez, como os discípulos, asseverei: "é difícil de entender este ensino". Mas tu obtemperaste: "então, mais escandalizarei caso te informe de minha morada e da obra do Pai que lá executo". Sim, é uma pedra de tropeço, se ouso tal exercício.

Mas desta vez, não; o essencial, mesmo indizível, assimilei. Entendi o que fazer (ou não fazer) para contemplar e unificar-me quando, em secreto, me recolho em silenciosa oração. Pedro, na sua espontaneidade, me ofereceu outro quinhão quando a ti respondeu. Ficou claro que a carne e o sangue, postos para saborear, são o Cristo à minha frente, quase absorvido. Inalado, a ponto de eu me tornar um contigo. E o pão se torna carne, a carne se torna palavras, e as palavras, o espírito que vivifica, e vida é.

"Não quero me retirar de ti nem andar para trás, pois se te tenho comigo e tu és palavras de imanência, para que outro lugar seguir? Tenho para mim que tu és o santo de Deus, o Filho que veio ser ponte para que unidade fosse meu nome. Meu nome, em transcendência, na última etapa de ligação. Tudo isso agora, nesta meditação.

Tu estás à minha frente dizendo ser o pão da imanência. Palavras que revelam tua identidade verdadeira. Não apenas ouvidas penetram o espírito que sou. Circulam tocando a fonte de onde emergem as mesmas palavras de vida para qualquer ocasião. Basta a sintonia deste mergulho unificador.

74.6 **Versículo(s) para a meditação:** João 6: 63.

"O espírito é o que vivifica; a carne não aproveita nada: as palavras que eu vos disse são espírito e são vida".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 104 – paragem 435 – 11.09.16
MARCOS 4:26-29

RedeUnaViva: Meditação Cristã 283 – paragem 9-231 – 16.02.2020

75.RedeUnaViva: Meditação Cristã 33 – paragem 323 – 03.05.2015

JOÃO 4: 39-45; LUCAS 4:16:22; MARCOS1:14-15; MATEUS 4: 12 e 17.

ADMIRÁVEL CHEGADA NA GALILÉIA: AS ESCRITURAS SÃO CUMPRIDAS

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Qual a diferença entre crer pela narrativa e crer pelo testemunho?
2. Qual a diferença entre a crença dos samaritanos e a dos galileus?
3. Por que escolheu Jesus ler este trecho de Isaías, como marco do início do seu ministério galileu?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

4. Como acolher a profecia de Isaías reeditada pelo Cristo?

Introdução: o início do ministério galileu.

A caminhada de Jesus, com alguns discípulos, do vale do Jordão à Galileia, revela uma descrição não superposta dos evangelistas. Façamos uma revisão dos quatro, no relato do começo da missão.

Marcos, o mais sintético, inicia seu capitulo 1 narrando o ministério de João Batista, nas águas do Jordão. Jesus parte da Galileia até o precursor e recebe o mergulho. Depois, vem sua quarentena no deserto e a prisão do filho de Zacarias. Retorna a Cafarnaum e abre o seu ministério naquelas paragens.

Mateus enceta o capítulo 4 narrando o jejum do Cristo no deserto, o que inclui o diálogo da tentação perpetrada pelo diabo. Bem coincide com a descrição de Marcos. Neste, a partir da notícia da prisão de João, Jesus retorna à Galileia e troca Nazaré por Cafarnaum, seu novo domicílio, de acordo com a profecia de Isaías.

Lucas também inicia seu capítulo 4, tal como Mateus, descrevendo a preparação e a provação por que atravessa Jesus no deserto, superando o diabo num confronto acintoso. Volta à Nazaré, sua cidade natal, para, na sinagoga em um sábado, ler o

trecho de Isaías que destaca os feitos a serem consumados pelo Messias.

João, a seu turno, não descreve o desafio diabólico do deserto. Entretanto, com sua autoridade, relata seis atos da maior importância, não abordados pelos sinóticos:

1) inclui, no seu retorno à Galileia, a formação da primeira base apostólica, com cinco discípulos;

2) a transformação da água em vinho, nas Bodas de Caná;

3) breve passagem por Cafarnaum, antes de subir para sua primeira Páscoa pública, em Jerusalém;

4) a purificação do Templo, que os sinóticos colocam na semana da crucificação, como se houvera duas;

5) o diálogo sobre o "nascer de novo", com Nicodemos;

6) o diálogo sobre "a água viva", com a samaritana, seguida da conversa sobre o "maná divino", com os discípulos.

Segundo João, somente depois do percurso pela Samaria é que Jesus volta a Nazaré. Não seria – parece – o início do ministério do Cristo, dado os significativos eventos já acontecidos e narrados por João. Mas poderia, sim, ser marco da fundação do grande ministério galileu. Nisso, os quatro se superpõem.

O estudo atual compõe-se de três partes: 1) o término da passagem pela Samaria, descrito por João; 2) o ingresso e primeiros passos na Galileia, cobertos pelos quatro evangelistas; 3) a leitura de versículos de Isaías e a pregação na sinagoga de Nazaré, relatada por Lucas. Daremos ênfase à terceira parte.

75.1 Na graça da sua companhia por dois dias, os samaritanos exaltam Jesus como o salvador do mundo.

João 4:39-42
Jo 4: 39. Muitos **samaritanos** daquela cidade **creram nele** por causa **das palavras da mulher**, que atestara: 'Disse-me ele **tudo o que fiz'**.
Jo 4: 40. Quando, pois esses samaritanos vieram ter com Jesus, pediram-lhe **que ficasse com eles**. E passou ali **dois dias**.
Jo 4: 41. E **muitos mais acreditaram**, por causa **das palavras de Jesus**, e diziam à mulher:
Jo 4: 42."Não é mais pelas tuas palavras que nós cremos, mas porque nós mesmos ouvimos **e sabemos que este é verdadeiramente o salvador do mundo**".

127. Aquela mulher especial, que já atraíra seis varões da comunidade, servia agora de mensageira espiritual.
128. Revelava, nada menos, entre eles, a presença do Messias.
129. Creram na sua palavra muitos concidadãos; outros mais ainda devido à experiência própria e inalienável,
130. Pois que o Cristo bonificou-lhes com mais dois dias de convivência.
131. Apesar de não constituírem seu público alvo, do Reino lhes falou, exemplificando seu acesso.

comprovadora da notícia.

75.2 Concluindo sua viagem de retirada, Jesus é bem recebido na Galiléia (Nazaré) e inicia o seu ministério.

Mt 4:12. Ora, tendo ouvido Jesus que João fora entregue, retirou-se para a Galileia.	Mc 1:14. Ora, **depois que João foi entregue**, veio Jesus para a Galileia **pregando o evangelho de Deus**.	Lc 4:14. Então, voltou Jesus para a Galileia **no poder do Espírito**; e a **sua fama correu por toda a circunvizinhança.**	Jo 4:43. Depois desses **dois dias**, **partiu** dali para a **Galileia**.
			Jo 4:*45*. Assim, quando chegou à Galileia, **os galileus o receberam bem**, porque **tinham visto tudo o que ele fizera em Jerusalém** na ocasião da festa, pois eles também tinham ido à festa.
			Jo 4:*44*. Porque Jesus mesmo **testificou** que **um profeta não tem honra na sua própria pátria**.

132. Após a prisão de João Batista, chega Jesus na Galiléia para o início do seu ministério, com o poder do Espírito.
133. Aquele mesmo santo Espírito que descera sobre ele, por ocasião do mergulho, e com ele permanecera na quarentena do deserto.
134. Repete, ali, em Nazaré, os apelos do Batista, para a reforma mental, ingente e necessária.
135. Receberam-no alguns daqueles galileus, que em Jerusalém nele creram, por presenciar seu discurso e feitos, na recente Páscoa finda.
136. Por terem sua fama espalhado, em muito contribuíram para a primeira acolhida entusiasmada mas efêmera, como João se encarrega de antecipar.
137. Pois, no solo da própria pátria é mais difícil distinguir, na personalidade conterrânea, o Ser cósmico que o homem público agora ostenta.

75.3 Na sinagoga de Nazaré, Jesus lê Isaias.

Lucas 4:16-18
Lc 4:16. E foi a **Nazaré**, onde se tinha criado; no **sábado**, entrou na **sinagoga**, segundo seu costume, e levantou-se para ler.
Lc 4:17. Foi-lhe entregue o livro do profeta **Isaías** e, tendo-o desenrolado, achou o lugar em que estava escrito:
Lc 4:18. "**Um espírito do Senhor está sobre mim**; por cujo motivo **me ungiu para anunciar boas notícias aos mendigos**; enviou-me **para proclamar libertação dos cativos**, **restauração da vista aos cegos** e para **por em liberdade os oprimidos**, e **proclamar o ano aceitável ao Senhor**".

138. Usa a tradição espiritual do encontro sabático, na sinagoga (lugar de reunião), para ler o profético trecho de Isaías.
139. Que tanto expressa a ação missionária do profeta, como sua fantástica reedição, pelo Messias prometido.
140. Com o Espírito de Deus abundaria os mendigos, curaria os enfermos do corpo e os aflitos da alma, substituindo ignorância por sabedoria.
141. O tempo de aceitar o Senhor chegara, pela força da presença viva do Cristo.

75.4 Com graça e admiração, o Messias anuncia o cumprimento das Escrituras.

Lucas 4:16-18
Lc 4:19.Tendo enrolado o pergaminho, entregou-o ao assistente e **sentou-se**; e todos, na sinagoga, **tinham os olhares fixos nele**.
Lc 4:20.Então começou a dizer-lhes: **Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos**.
Lc 4:21. E todos lhe davam **testemunho**, e **se admiravam** das palavras de **graça (amor)** que saíam da sua boca; e diziam: Este não é **o filho de José**?

142. Anunciado de forma simples e direta, com sua presença exposta à visitação, as Escrituras estão cumpridas.
143. Os ouvintes presentes passariam a ser as admiradas testemunhas da graça divina e perene.

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. **Qual a diferença entre crer pela narrativa de crer pelo testemunho?**
   A samaritana entusiasmada pela magnífica experiência, proporcionada pelo contato direto com o Cristo, corre a transmitir a Boa Nova aos semelhantes. Sua pregnância é tamanha que seu verbo contagia. Pelo teor da notícia provoca imediata adesão de muitos conterrâneos. Mas, facultado pelo Cristo, eles também recolhem suas próprias impressões, pelo contato direto, nos dois dias subsequentes.

   Para os ávidos buscadores do mestre espiritual, simbolizado na espera do Messias, cabe correlacionar a vivência da comunidade de Samaria com os dois tipos de crença (ver também os tipos de fé na MC-28):

1) o mestre chega indiretamente pela mensagem transmitida por um narrador autorizado;

   ou

2) ele se apresenta pela força de uma vivência direta e extraordinária.

Nesse contexto, qual é realidade de cada um de nós, espíritos milenares? Tivemos contato direto com o Cristo, aqui ou no plano espiritual, mesmo que inacessível à memória atual? Em outras palavras, somos os samaritanos do primeiro ou do segundo momento? Ou, se nenhum dos dois, qual é a nossa condição?

Estamos ainda à procura de um mestre ou já contatamos o Cristo, força viva e lúcida da nossa intimidade? Na afirmativa do segundo caso, por que via? Contagiados por cristãos que tiveram sua teofania, ou escutando gabaritados intérpretes da mensagem libertadora? Ou, ainda, assimilamos a essência cristã mergulhando no tesouro dos evangelhos? Eles estão aí, para revelar o espírito que vivifica, a todo aquele que vier realizar trabalho esmerado e inspirado de vasculhar sua letra?

Crer que Jesus é o Messias significa tê-lo como guia salvador, já que ele nos revela as leis da vida, indispensáveis para toda e qualquer ocasião. Entramos, assim, no caminho da libertação.

341/273

2. **Qual é semelhança e diferença entre a crença dos samaritanos e a dos galileus**?
Embora fosse a Boa Nova, desde o início, uma mensagem universal do amor, seu ministério foi, prioritariamente, dirigido aos judeus, por ser o povo que aguardava o Messias. Somente, por meio do desdobramento apostólico ulterior, ela avançaria aos gentios e alcançaria os pagãos. Mas se as migalhas que caem da mesa alimentam os cãezinhos, o Cristo, nos interstícios da sua pregação, perpassou os não-judeus. Admitindo que o arcano três representa os contados estágios do processo – início, meio e fim –, ao passar dois dias com os samaritanos, apenas deitou ali as sementes do Reino, deixando seu aprofundamento e conclusão para o futuro. Não obstante, tanto a samaritana como seus pares creram nele como o salvador do mundo. Não tivemos mais notícias do cultivo daquela chama, acesa no seu coração, a não ser através da referência airosa que Jesus dedica àquela comunidade, quando conta a Parábola do Bom Samaritano.

   Mas sobre os judeus da primeira Páscoa, em Jerusalém, Jesus já se acautelara com respeito à crença deles. Fora imediata, mas superficial. Não resistiu aos pequenos abalos, que se apresentam como provas complementares. Embora tivessem transmitido, pela região da Galileia, os prodígios de Jesus, e o recebido com deferência em Nazaré, a adesão não perdurou. Vieram a engrossar o coro que confirmava a assertiva de João: “um profeta não tem honra na sua própria pátria”.

   Quanto a nós, em que estágio de estruturação encontra-se nossa fé? Na superficialidade que o primeiro contato faculta, ou trabalhada pelos acréscimos da racionalidade? Ou, mais avançada, já capaz de superar intempéries que todo o cristão precisa passar para transpor portais de iniciação?

   Não basta simpatizar-se pela ética da justiça divina, nem empossar qualquer discurso de convencimento. O testemunho

vivo é indispensável. Nessa hora, o sacrifício e o amor são o fermento que leveda a crença.

3. **Por que escolheu Jesus ler este trecho de Isaías, como marco do início do seu ministério galileu**?

Os profetas, como mensageiros ou médiuns a serviço de Deus, tornaram-se guias-vivos para os judeus ao longo da sua história de fé. Isaías foi um dos que mais completamente cumpriram sua missão. Amparado por espírito superior, teve condições adequadas para dar cabo da sua tarefa, com destaque para a anunciação da vinda do Messias. Disso tratam os versículos 1 e 2 do capítulo 61.

> *O espírito do Senhor DEUS está sobre mim; porque o SENHOR me ungiu, para pregar boas novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos; A apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os tristes;*
>
> A mesma, assim ficou em Lucas (4:18).
>
> *"Um espírito do Senhor está sobre mim; por cujo motivo me ungiu para anunciar boas notícias aos mendigos; enviou-me para proclamar libertação dos cativos, restauração da vista aos cegos e para por em liberdade os oprimidos, e proclamar o ano aceitável ao Senhor".*

Jesus, por Lucas, o sintetiza para afirmar, naquele sábado, na sinagoga de Nazaré, que passaria a cumprir o proclamado. Lembremos que o sinal, por excelência, oferecido ao Batista para que identificasse o Messias, foi *o da abertura do céu*, com a descida do "espírito de Deus" para dentro de Jesus. No ato, ele deve ter entendido que o Cristo cósmico que ele é, e que ficara resguardado esperando soar o tempo do início do seu ministério, deveria passar a se explicitar em todos os momentos vindouros. A figura de Jesus, filho do carpinteiro, que se prevalecera antes, provavelmente, muito mais pela não-ação do Espírito crístico do que por marcas de caráter perturbado que toda personalidade possui, foi totalmente eclipsada pelo *sol divino*. Não precisava mais construir mesas e cadeiras nem circunscrever seus movimentos à pacata Nazaré. Inaugurado estava, pois, o seu ministério.

Com a leitura, não quis o Mestre registrar a similaridade entre o trabalho dos profetas e do Messias, mas enfatizar a função de preparação que eles desempenharam, amadurecendo a lógica humana para a assimilação da mensagem messiânica. Estava ele, ali, portanto, em carne e espírito, para, em superlativação dramática, encenar na arena da Palestina, o código da lei do amor. Então, anuncia: "cumpre-se hoje a Escritura, porque eu aqui estou para alentar os *pobres de espírito* (os mendigos), esclarecer os ignorantes (os cegos) e libertar os aflitos (os prisioneiros), sendo o acessível caminho para Deus. O poema que é o capítulo 60 de Isaías refere-se à vinda do Messias e, por isso, Jesus o escolheu ler no justo momento do início do ministério galileu. Todos os termos citados nos dois versículos do profeta cumpriram-se com o Mestre, a começar pela unção que recebe no mergulho de João Batista. É batizado pela água e pelo espírito. As benesses que traria à Terra estão ali anunciadas: a Boa Nova, que bem reformula a lei moisaica; as curas do corpo que dão alívio ao sofrimento; e, principalmente, a libertação da ignorância q faz evitar os desastrosos erros produtores de tremendo carma.

Enfim, o ano aceitável do Senhor, que é a era cristã, passava a vigorar.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

4. **Como acolher a profecia de Isaías reeditada pelo Cristo**?
Entendo, Mestre, que é dedicando-me inteiramente ao sagrado momento do contato íntimo com Deus.

Sendo o mendigo que sou, carente das verdadeiras notícias da espiritualidade, tua chegada como o Messias, seguramente, me alentou.

Prisioneiro nas teias cármicas do destino, tua chave de aceitação e paciência abriu as portas da minha cela.

A cegueira, que fomenta em mim paixões de intolerância e repúdio, de apego e compulsão, foi substituída por vidência que alumia meus passos de paciência e gentileza.

Com o remédio que tu trazes meus desejos estão sendo modificados e, por consequência, o foco da minha expectativa. A aflição é levada, e lavada é a angústia opressora, permitindo a fluência da paz como liberdade genuína.

Investindo continuamente nesta cura da minha alma, sento a cada dia, em meditação, aspirando pela graça do contato direto contigo, meu Cristo salvador.

A era do Reino, à Terra, chegou. Inscrevo-me como um pequeno mas dedicado construtor dela.

Na meditação:
Mestre, provê minha mendicância,
cura-me da cegueira julgadora
e liberta-me da prisão da ignorância.
descondiciona em mim os padrões da enfermidade,
para que, sendo eu um operário do Reino de amor,
torne-me o pouso do seu Espírito
e anuncie, com meus atos, o tempo glorioso do Senhor.

Versículo para a meditação: Lucas 4: 18.

"... enviou-me para proclamar libertação dos cativos, restauração da vista ao cegos..."

RedeUnaViva: Meditação Cristã 284 – paragem 9-232 – 23.02.2020

76.RedeUnaViva: Meditação Cristã 146 – paragem 6-413 – 02.07.2017

JOÃO 8:21-30

JESUS DECLARA-SE *YHVH* (יהוה)

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

49. Por que foi tão difícil para os judeus entender e aceitar Jesus como EU SOU?
50. O que é necessário aos habitantes da Terra para conhecer e se assumir como YHVH?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

51. Como ser EU QUE SOU?

Introdução: O Eu Sou no templo.

É de se supor que nesta passagem Jesus ainda se mantivesse no interior do Templo. Para propagar declaração de tamanha grandeza, que fosse no recinto sagrado da Tradição. Não que todos os recantos da natureza (onde pregou a Boa Nova) não fossem, não são, tão sagrados quanto esse. Contudo, Jerusalém ficou reservada por ele para ser o palco final do seu ministério. Em verdade, o Cristo caminhou na direção do julgamento, pronto para o necessário e definitivo confronto com aqueles que ansiavam por puni-lo. Então, ele se deu ao julgamento. Como parte do desfecho, deveria acrescentar outras substanciais peças a fim de que sua doutrina ficasse completa. Seu caminhar, contudo, era cauteloso. Sondava no plano astral o movimento dos fariseus e escribas para se ajustar às suas intenções e ações. O certo é que, ali, em Jerusalém, marcaria com imagens indeléveis sua saída da Terra, contando com a pregação no Templo para proferir os essenciais discursos derradeiros. Estamos diante de um deles. João oferece no capítulo oito quatro passagens que fazem jus a esse propósito. Iniciou com o episódio da mulher adúltera, seguido do discurso "Eu sou a luz do mundo". Restam mais dois dignos da mesma envergadura.

Cuidaremos agora da terceira passagem, nos dez versículos de João, quando oferece a sua declaração maior e mais sintética – o direto e potente EU SOU, que o tetragrama grego YHVH revela. Trata-se da identificação suprema do Elohim Cristo, apresentado 6.828 vezes no texto hebraico do Antigo Testamento.

Diferenciando-se das demais composições da Meditação Cristã, nesta nos deteremos mais em pormenores adicionando esclarecimentos que essa palavra sagrada pede.

76.1 **Evangelho-parte 1: Jesus prenuncia sua partida.** (João)

João 8:21-22
21. Disse-lhes então de novo: "Eu me vou retirar, e me procurareis, e morrereis em vossos erros; para onde vou, não podeis ir"
22. Diziam então os judeus: "Acaso se matará? Pois diz, para onde vou, não podeis ir".

1. De outra vez, disse-lhes: "Eu vou me retirar. E continuareis a me procurar onde estais, até morrer com e por vossos erros, porque para onde vou, não podeis ir".
2. Não entendiam os judeus. "Acaso se matará – se perguntavam – porque está a dizer que para onde vai não podemos ir"?

76.2 **Evangelho-parte 2: Jesus como Eu Sou.** (Jo)

João 8:23-24
23. Disse-lhes Jesus: "Vós sois de baixo, eu sou de cima; vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo.
24. Por isso vos disse que morreríeis em vossos erros; pois se, não credes que EU SOU, morrereis em vossos erros"

3. Responde-lhes Jesus: "Vós sois de baixo, eu sou de cima"; vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo.
4. Por isso vos disse que morreríeis em vossos erros; pois se não credes que EU SOU (YHVH), morrereis em vossos erros".

76.3 **Evangelho-parte 3: Jesus, o Cristo, repete sua identidade definitiva** (Jo)

João 8:25-27
25. Perguntaram-lhe, então: "Quem és tu"? Respondeu-lhes Jesus: "Acima de tudo, aquilo mesmo que vos estou dizendo.
26. Muitas coisas tenho que falar e decidir sobre vós; mas quem me enviou é verdadeiro, e o que dele ouvi, isso falo ao mundo".
27. Eles não perceberam que lhes falava do Pai.

5. Abismaram-se: "Quem és tu"!?
6. Respondeu-lhes: "Acima de tudo, aquilo mesmo que vos estou dizendo.
7. Muitas coisas tenho que falar e decidir sobre vós, vindo
8. O que dele ouvi, isso falo ao mundo".
9. Eles não perceberam que lhes falava do Pai.

daquele que é verdadeiro e me enviou.

76.4 **Evangelho-parte 4: o Filho do Homem conhece YHVH.** (Jo)

João 8:21-30
28. Disse, pois, Jesus: "Quando desenvolverdes o Filho do Homem, então conhecereis porque EU SOU e nada faço de mim mesmo, mas como me ensinou o Pai, assim falo.
29.Quem me enviou, está comigo: não me deixou só, porque sempre faço as coisas agradáveis a ele".
30. Falando estas coisas, muitos creram nele.

10. Continuou: "Quando desenvolverdes o Filho do Homem, então conhecereis porque EU SOU (YHVH) e nada faço de mim mesmo, mas como me ensinou o Pai, assim falo.
11. Quem me enviou está comigo. Não me deixou só, porque o que faço lhe é agradável".
12. Falando essas coisas, muitos criam nele.

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. **Por que foi tão difícil para os judeus entender e aceitar Jesus como EU SOU?**

Era tamanha a distância espiritual entre o Cristo e os fariseus que ao mencionar a iminência do seu retiro para onde não poderiam ir, supuseram falasse de suicídio. Interpretaram errado, tal como em seu último pronunciamento no Templo (MC-132; Jo 7:33-36). Antes, entenderam que se retiraria para fora das terras judaicas, tendo a Grécia como destino. Agora, cogitam sobre o suicídio, atitude absurda para um Espírito que detém a vida imanente. Ocorreu-lhes tal hipótese porque, sendo proibido pela tradição, pudesse mais uma vez estar ele confrontando as leis. Para não deixar dúvida, acrescentou que enquanto ele era de cima, nós somos de baixo; ele, do Reino, e nós, da Terra. Sendo nossa marca a do erro, a morte é nossa companhia constante, porque nada mata mais do que estar vibrando fora da sintonia divina. Estamos sujeitos à morte e por ela sofremos devido à consideração que a finitude do corpo significa o desaparecimento total de nós mesmos.

Outra forma de anunciar que se tem a vida imanente é afirmar de si: EU SOU! – em hebraico יהוה (pronuncia-se: *iod hei vav hei*) e em grego YHVH. Chegara o momento e o lugar de imprimir tal assertiva. Isso deixou seus interlocutores perplexos, passados. Por quê?

Para entender o pasmo que tomou conta dos fariseus, é necessário esboçar um breve histórico da Tradição, associado à palavra sagrada.

A origem do termo – YHVH – vem do Êxodo 3:14-15: "E disse Deus (elohim) a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós". Ou: "O Senhor Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó, me enviou a vós; este é meu nome ETERNAMENTE, e este é meu memorial de geração em geração".

Pastorino afirma que *elohim* não significa o *Deus absoluto* como aparece na tradução acima. Recorreremos às suas palavras textuais que elucidam a identidade do Espírito Jesus e a relação existente entre *Elohim* e YHVH.

> "Já estudamos em "La Reencarnación en el Antiguo Testamento" que ELOHIM – plural de EL ou ELOHÁ – tem o sentido exato de "espírito desencarnado". A médium de Êndor (1 Sam. 28:13) ao ver o espírito desencarnado de Samuel aparecer-lhe, diz a Saul: "vejo um ELOHIM subir da terra... O espírito desencarnado que se "manifestava" como "guia" de pessoas, cidades ou nações ("Santo" protetor), era chamado EL ELOHÁ ou ELOHIM entre os hebreus; "*Deus*" entre os romanos"; "*Theós*" entre os gregos. Mas nenhum desses termos jamais se referiam ao DEUS o ABSOLUTO. Então, apesar da pecha de politeístas, os povos antigos (pelo menos a elite intelectual e espiritual) cria num só DEUS, embora atribuísse aos espíritos desencarnados de categoria mais elevada os epítetos de ELOHIM (hebreus), DEUS (romanos), THEOS (gregos), exatamente como nós, hoje, da idade moderna acreditamos num só Deus supremo, imanente em tudo e transcendente a tudo, mas denominamos "SANTOS" (católicos), DEVAS (hindus), "GUIAS" (espiritistas), os espíritos desencarnados de elevada categoria moral e espiritual. Ora, bem numerosos são os passos do Antigo Testamento, em que lemos a frase: "porque eu, YHWH, sou vosso ELOHIM". Se lermos a Bíblia sem preconceitos de "escolas", veremos que é irrespondível nossa argumentação: YHWH é um ELOHIM, isto é, um "espírito desencarnado", GUIA (Protetor) do povo hebreu (e por isso encarnou entre eles), mas nunca o Deus Absoluto. O próprio Moisés (Éx. 5:3) designa YHWH como "homem combativo".
>
> No Génesis (3:22), após narrar a passagem dos animais ao estado hominal, pelo fato de "haver comido o fruto da árvore da vida", isto é, de haver conquistado o intelecto racional (localizado acima da espinha dorsal em posição vertical de árvore, e não mais na posição horizontal dos animais), dizem os elohim que "o homem se tornou igual a nós", no plural. Ora, inadmissível o anacronismo do plural, "majestático", consideremos que o homem se tornara "espírito", igual aos espíritos desencarnados, mas jamais igual a DEUS o Absoluto!
>
> Então, YHWH é um ELOHIM, o ELOHIM dos hebreus ou israelitas e, no dizer de Isaías (60:2) "nascerá em ti (Israel) e em ti se verá sua glória". Ora, **neste trecho Jesus se declara YHWH**, quando taxativamente diz: "se não credes que EU SOU, morrereis em vossos erros". Não foi assim que YHWH se definiu a Moisés: "EU SOU QUEM SOU: dize aos filhos de Israel: EU SOU enviou-me a vós"? (Êx. 3:14) (Pastorino, páginas 62 a 64, volume 6 – A Sabedoria dos Evangelhos)

Jesus, o Cristo, declara que É – EU SOU (YHVH) – para mostrar a diferença entre *quem é vida* e *quem é morte*, ou, *sujeito à morte*. Outras considerações a respeito se fazem necessárias. O tetragrama grego corresponde ao teônimo hebraico, (יהוה), comumente transliterado nas letras latinas como **YHWH**. Variações acadêmicas em Inglês, como YHVH, JHVH e JHWH, são validadas. Sua pronúncia, baseada nas letras hebraicas (יהוה) seria algo como *Yahweh*, e daí Jehovah.

Aos ortodoxos ficou proibido pronunciar o nome de Elohim YHWH. Embora há aqueles que não pronunciam יהוה, seja em voz alta ou para si mesmos em silêncio, nem as formas inglesas transliteradas como *Jehovah* ou *YAHWEH*. Em vez disso, usam termo diferente como, *hakadosh baruch hu* ("O Bendito Santo") ou *Adonai* ("O Senhor") ou *HaShem* ("O Nome").

A antiguidade judaica legitimou o tetragrama como "O Nome do Pai", impronunciável porque se sentiam temerosos em transgredir o terceiro mandamento: "*Não tomarás o nome de YHWH, em vão, pois YHWH não considerará impune aquele que tomar seu nome em vão*" (Êxodo20:7).

Ainda se pontua que a pronúncia correta do termo em Cananeu (língua que dá origem ao hebraico original, e praticamente extinta) foi perdida, pois a língua precisaria se dobrar de uma forma que especialistas no assunto descreveriam hoje em dia como impossível.

Tanto em aramaico e hebraico, **יהוה**, *escrito e lido horizontalmente, da direita para esquerda,* produz YHVH. Formado por quatro consoantes hebraicas — **Yud י Hêi ה Vav ו Hêi ה**, com as respectivas pronúncias: Yud ou Yodh; Hêi ou He; Vav ou Wav.

Também a Cabala – tradição esotérica e mística dos judeus – considera o Nome de Deus tão sagrado quanto impronunciável. Segundo ela, a Torá teria sido revelada a Moisés no alto do Monte Sinai, e ele teria registrado de forma escrita aquilo que só poderia ser entendido diretamente de Deus, garantindo assim que permaneça impronunciável. Afirmam uma relação do Tetragrama com o nome de Adão (*Yode*) e Eva (*Chavah*) no Génesis, já que **Y**ode-c**H**a**V**a**H** é exatamente YHWH, o Tetragrama Sagrado, dando a entender uma relação mais profunda ainda entre o Senhor Deus e sua obra. Na Cabala, as palavras correspondem a valores que são calculados usando-se uma atribuição de valores às letras do alfabeto hebraico. Isto chama-se gematria. É considerado um dos mais importantes mecanismos de interpretação do texto bíblico usados pelos místicos judeus. Usando gematria, os cabalistas calculam o valor numérico do Tetragrama Sagrado como sendo 26 (Yode = 10, Hê = 5, Vau = 6, Hê = 5; 10 + 5 + 6 + 5 = 26), cujo número menor é 8 (2+6). Para os rabinos, o número 26 também é sagrado pois identifica-se com o Tetragrama YHWH. Os ocultistas interpretam o Tetragrama YHWH e outros símbolos cabalísticos como signos mágicos poderosos, capazes de abrir as portas da consciência humana.

YHWH é também considerado uma extensão de dois nomes: *Yah*, que aparece no livro do Êxodo, e *WAh*. *Yah*, por sua vez, é tido como a tradução da palavra "Ser". O que está em sintonia com uma difusão grande de YHVH como sendo a expressão, EU SOU O QUE SOU ou EU SOU.

2. O que é necessário aos habitantes da Terra para conhecer e se assumir como YHVH?

Para conhecermos YHVH, nós, os terrestres, os que somos *de baixo*, precisamos trocar o erro pela retidão, a morte pela vida, a ignorância pela sabedoria.

Isso poderia muito bem estar sintetizado nas palavras do Cristo, quando finaliza esse diálogo com os fariseus DIZENDO que quando tivéssemos desenvolvido o Filho do Homem, então conheceríamos que Ele É, auto-referenciado como EU SOU.

Já esclarecera o Mestre, na lição do Pão Vivo, que para obter o alimento estável, próprio da vida imanente, é necessário realizar a obra de Deus. E realizar essa obra é crer naquele que Deus enviou. Mas como crer? Houve demonstrações pungentes como a multiplicação dos pães e peixes. Não só. Houve sua presença curativa, seu verbo eloquente capaz de transferir para todo aquele que, minimamente, se abre, a misteriosa força portadora de vida

Muitos retrucarão que, por ser esse um artigo de fé, não basta o querer. Quando se esforçam para crer, se deparam com barreiras intransponíveis. E pode ser que, em decorrência desse sentimento, desolados, se paralisem à beira do caminho.

Outros tomam direção diferente, mesmo experimentando o intenso vazio da fé. Tantas vezes é a descrença superlativa que favorece a mudança. No fundo do poço encetam, a partir da valorização de questões cruciais, sua jornada espiritual. Os ensinos do mestre se encaixam de tal forma que suas contestações se dissolvem. Confrontemos algumas pontuações com a receita cristã.

Não se afinará com os princípios dessa receita aquele que compreende ter nascido para a morte. Entretanto, se a chama de vida, que em si palpita, alcança sua consciência indicando um sentido transcendente à temporalidade humana, não mais se acomoda nas distrações vazias

Não dará atenção ao conteúdo da Boa Nova aquele que se encontra dominado pelos instintos. Sustentará que o sucesso é decorrente da esperteza que faz dos mais fortes os vencedores. No entanto, basta ser tocado de verdade, pelo sentimento de comiseração e solidariedade para descobrir um novo tipo de saciedade.

Não acolherá exortações de lutar em favor do próximo aquele que não vislumbra um tempo de igualdade para todos. Mesmo assim alguns que acolhem tal ideal comprometem o fim com a escolha de instrumentos de confronto. Diferente acontece com quem age associando doação e desapego, lucidez e auto sacrifício. Enquanto constrói uma sociedade justa, experimenta paz que desafia os raciocínios complexos.

Enquanto tais entendimentos não forem plenamente assimilados pelo religioso, sua verdadeira adesão ao Cristo ainda será projeto. E mesmo que tal compreensão o coloque em sintonia fina, se não realizar o Filho do Homem em si, não terá a inalienável experiência do Eu Sou. Mas em caso positivo, saberá porque o Cristo escolheu esta expressão para identificar o Elohim que foi ao longo da história da Tradição e continuou a ser quando desceu para sua missão. E ainda, a pertinência de a repetir nesse momento em que o seu ministério caminha para o desfecho

76.5 **Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

3. Como ser EU QUE SOU?

Graças, Senhor, te rendo por ter compreendido a condição indispensável de negar a mim mesmo para ser teu seguidor. Foste tu que a tornaste cristalina à minha razão.

Graças, YHVH, te retorno por ter entendido a necessidade de carregar a cruz como símbolo de minha cura cármica e do oferecimento em sacrifício.

Compreendi ser a doação amorosa a forma mais eficaz com que o cristão transmite ao próximo tua mensagem revolucionária. Sem tal doação e compartilhamento não há Reino; nem dentro nem fora.

São lições primorosas para que o curso da Boa Nova seja aprendido de cor, isto é, no coração.

Negar a mim mesmo significa não mais me identificar com o sujeito da encarnação. Então, quem eu sou?

Que estou em experiência de resgate cármico não resta dúvida. Basta destacar meus desafios cotidianos. Situam-se na esfera pessoal e familiar; profissional e social. E se os tomo como roteiro prático da minha autorrealização, vou além da racionalidade estrita visando desenvolver o Filho do Homem em mim.

Nessa prática preciso negar várias tendências de fazer valer os padrões da identidade pequena. Preciso resistir à sua força. Se não os sou, quem eu sou?

Algo diferente começa a nascer no coração. Compõe bem com a oração silenciosa, momento de agradecer e comungar. Tempo de experimentar a singular consciência, Eu Sou.

76.6 **Versículo(s) para a meditação:** João 8:28.

Disse, pois, Jesus: "Quando desenvolverdes o Filho do Homem, então conhecereis porque EU SOU e nada faço de mim mesmo, mas como me ensinou o Pai, assim falo.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 147 – paragem 413 – 09.07.17
JOÃO 8:31-59

RedeUnaViva: Meditação Cristã 285 – paragem 9-233 – 01.03.2020

RedeUnaViva: Meditação Cristã 155 – paragem 6-434 – 03.09.2017

JOÃO 10:22-39

EU E O PAI SOMOS UM

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

52. Como entender a nova abordagem dos judeus/sacerdotes sobre Jesus?
53. Que argumentos Jesus utilizou para combater a acusação de ser blasfemo?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

54. Como vivenciar minha realidade essencial de "ser Deus, sendo um com o Pai"?

Introdução: Antes de deixar Jerusalém.

Fechando o capítulo dez de João, temos um excelente diálogo do Cristo com os sacerdotes.

Ele não mais se encontra à Porta das Ovelhas, mas em frente do portal de Salomão. Era inverno e ali, na face oriental, os ventos, mais amenos, já não castigavam tanto. Contudo, não faltariam a frieza da letra nem a dureza dos corações.

Jesus é procurado pelos *judeus* – denominação comum em João para identificar os religiosos. Até pareciam deveras interessados em resolver, de vez por todas, a questão messiânica que o contornava. Em realidade, estampavam tal justificativa, mas o desejado era sua eliminação.

Devia ser a mesma ocasião, quem sabe o mesmo dia, em que Jesus proferira a parábola das ovelhas, comentada nas últimas MCs. De diferente, apenas o portal escolhido para adentrar o Templo. Por isso, o Mestre utiliza conteúdos da parábola na condução do diálogo. Demonstra uma vez mais magnífica argúcia para lidar com o casuísmo religioso. Querem-no em contradição ou, de preferência, em blasfêmia, já que a profanação, na antiga tradição, era crime tão severo que justificava a

morte por apedrejamento. Todos nós, emergidos recentemente do reino animal, carregamos o instinto selvagem tão arraigado na alma que facilmente ele se manifesta como truculência punitiva. Inclusive no meio religioso. Eram amplamente justificáveis no judaísmo a punição violenta em nome de Deus. O catolicismo herdou o costume, posto sob outra argumentação. Em verdade, todo o fundamentalismo acaba por beber nessa fonte animal.

Naquela tradição, Deus encontrava-se e encontra-se acima de tudo. Abaixo, fazendo a intermediação, a Escritura, que deveria ser seguida à risca. No estado teocrático, essa lei funcionava também como código civil e penal. Era também contra essa dureza, justificada desde Moisés (1500 a.C) que o Cristo viera. Vinha trazer brandura – misericórdia – no justiçamento. Vinha como mensageiro do amor.

Tentam apanhá-lo de qualquer forma. Mas o Mestre, inspirado, tem a palavra certa para cada acusação. Sugere revisão do radicalismo ignorante que cega, oferecendo como alternativa uma perspectiva libertadora no faceio da lei. Aponta capitulação com vistas ao encontro com o Deus, que tanto prezam. Se fossem coerentes o encontrariam naquele que acusavam.

Estudemos esse fértil diálogo, contido nos 18 versículos que quase fecham o capítulo dez de João. Sobram três, do 40 ao 42, que tratam do início do seu ministério na Pereia, já comentados na recente MC-153.

155.1- Evangelho-parte 1: Jesus responde a arguição dos judeus sobre ser o Messias. (Jo)

João 10:22-30
22. E aconteceu a festa da dedicação em Jerusalém; era inverno.
23. E Jesus passeava no templo, no pórtico de Salomão.
24. Cercaram-no os judeus e diziam-lhe: "Até quando suspendes nossa alma? Se és o Cristo, fala-nos abertamente".
25. Respondeu-lhes Jesus: "Eu vo-lo disse e não credes; as ações que eu faço em nome de meu Pai testificam a meu respeito.
26. Mas não credes, porque não sois de minhas ovelhas.
27. As minhas ovelhas ouvem minha voz, e eu as conheço e elas me seguem.
28. e eu lhes dou a vida imanente, e nunca jamais se perderão, e ninguém as arrebatará de minha mão:
29. o Pai, que as deu a mim, é maior que tudo, e ninguém pode arrebatar da mão do Pai:
30. eu e o Pai somos um".

13. Aconteceu a Festa da Dedicação, em Jerusalém. Era inverno.
14. Jesus passeava no Templo, no pórtico de Salomão.
15. Cercaram-no os judeus, interrogando-lhe: "Até quando deixa em suspenso nossa alma? Se és o Cristo, fala-nos abertamente".
16. Respondeu-lhe Jesus: "Eu já vo-lo disse, mas não credes.
18. Mas não credes, porque não sois de minhas ovelhas.
19. Eu conheço minhas ovelhas. Elas ouvem minha voz e me seguem.
20. Por lhes dar vida imanente jamais se perderão porque ninguém as arrebata de minha mão.
21. Por ser o Pai que as deu a mim maior do que tudo ninguém pode as arrebatar da sua mão.

17. As ações que eu faço em nome de meu Pai testificam a meu respeito.

22. Eu e o Pai somos um".

155.2 Evangelho-parte 2: E apresenta forte argumentação. (Jo)

João 10:31-39
31. Os judeus outra vez buscaram pedras para apedrejá-lo.
32. Retrucou-lhes Jesus: "Mostrei-vos muitas belas ações da parte do Pai; por causa de qual ação me apedrejais"?
33. Responderam-lhe os judeus: "Não te apedrejaremos por uma bela ação, mas por blasfêmia, porque, sendo tu homem, te fazes um deus".
34. Retrucou-lhes Jesus: "Não está escrito na lei: "Eu disse, vós sois deuses"?
35. Se ele chamou deuses aqueles nos quais se manifestou o ensino de Deus - e a Escritura não pode ser ab-rogada
36. a quem o Pai consagrou e enviou ao mundo, dizeis "blasfemas", porque eu disse: "sou filho de Deus"?
37. Se não faço as ações de meu Pai, não me creiais,
38. mas se faço, embora não me creiais, crede nas ações, para que conheçais e tenhais a gnose de que o Pai está em mim e eu estou no Pai".
39. E de novo procuravam prendê-lo, mas ele saiu das mãos deles.

23. Os judeus buscaram pedras para apedrejá-lo.
24. Jesus lhes retrucou: "Mostrei-vos muitas belas ações da parte do Pai, por qual delas me apedrejais"?
25. Responderam-lhe os judeus: "Não te apedrejaremos por uma bela ação, mas por blasfêmia, porque, sendo tu homem, te fazes um deus".
26. Retornou-lhes Jesus: "Não está escrito na lei: "Eu disse, vós sois deuses"?
27. "Se ele chamou deuses aqueles nos quais se manifestou o ensino de Deus – e a escritura não pode ser ab-rogada
28. a quem o Pai consagrou e enviou ao mundo, dizeis "blasfemas", porque eu disse: "sou filho de Deus"?
29. "Se não faço as ações de meu Pai, não me creiais, mas se faço, embora não me creiais, crede nas ações, para que conheçais e tenhais a gnose de que o Pai está em mim e eu estou no Pai".
30. E de novo procuravam prendê-lo, mas ele saiu das mãos deles.

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Como entender a nova abordagem dos judeus/sacerdotes sobre Jesus?

Pode até parecer sincera a nova abordagem dos fariseus, pretendendo que Jesus se comprometesse literalmente com a identidade do Messias. E que, em havendo confirmação, de pronto adeririam? Qual seria, então, a confirmação válida? "Sim, eu sou o Messias" – seria esta?

Não vamos afirmar que todos aqueles que compunham a falange religiosa do sinédrio fossem seus detratores. Houve quem, num ato de reflexão imparcial, buscou perscrutar na própria alma, à cata de resposta. Vide Nicodemos, que o procurou – é certo que na calada da noite – para um solilóquio direto.

Apesar da ressalva, é justo pensar que esse grupo que o cercou no interior do Templo, nas adjacências do pórtico de Salomão, tivesse a intenção camuflada de comprometê-lo. Fosse através do próprio sinédrio ou até por meio de julgamento popular e sumário, seguido de morte, como ocorrerá com Estevão, em futuro próximo. No entanto, é crível também admitir que pretendessem caminho diverso. Apresentá-lo às autoridades romanas como um agitador de massa, endereçando-lhe destino muito parecido com tantos que assim se avultaram – a crucificação. Queriam, enfim, se verem livre do "intruso".

Nesse raciocínio, é lícito supor que já trouxessem consigo o veredito condenatório. Algo do tipo: "fala-nos abertamente, porque falando nos darás justificativas para te condenarmos".

Mas Jesus, o arguto interlocutor, ausculta além. Percebe a tramitação oculta que, circulando nos refolhos da alma, revela-se pelas fisionomias e gestos. E, com a força superior, assentado em lógica consistente, confronta-os.

Responde haver duas maneiras de a revelação ser oferecida – pelo discurso e pelos sinais. "Dizer, eu já disse em várias oportunidades. E sinais, eu os dei por meio de inúmeras ações. Esse conjunto que vos ofereci veio em nome do Pai e de mim testifica. Eu vim pastorear em vasto campo, mas as ovelhas que são parte do meu rebanho, ao ouvirem minha voz, o conteúdo do meu sermão, me reconhecem como seu pastor e, seguras, me seguem. Por sua reação, eu também as reconheço. A confiança que depositam em mim decorre da vida imanente que lhes transfiro. É o alimento espiritual da libertação. Continuando dele se nutrirem, jamais serão arrebatadas da minha mão, da minha condução. Há nessa conexão um liame forte porque comunga da mesma essência daquele que me une à mão do Pai. E sendo o Pai o poder absoluto, ninguém tem a capacidade de arrebata-las da sua mão. Tal como eu e Pai somos um, cada uma das minhas ovelhas se unifica a mim".

Discurso poderoso, no entanto, incomodativo. Explicitava a defesa psicológica que fariseus, escribas e doutores da lei usavam para se tornarem imunes à sua demonstração. Não queriam aderir porque, entre outras razões, teriam que abrir mão do poder religioso. Dava-lhe status e conforto material. De imediato, pelo desconcerto, ou porque já tivessem a reação pronta, procuraram por pedras para atingi-lo. Embora se furtassem ao trabalho de refletir, a resposta, cristalina, fora dada.

2. Que argumentos Jesus utilizou para combater a acusação de ser blasfemo?

Perguntaram-se se era ele o Messias. Com discurso vigoroso e justificado, respondeu que sim. De outro modo, com impulsiva reação condenam-no e quase passam à execução. Porém, postando timbre diferente na voz que ascendera, estancou-lhes o movimento. Estagnaram, ainda que momentaneamente, pela argumentação límpida que se fez acompanhar.

"Ofereci-lhes as mais belas ações a demonstrar o poder do Pai operado por mim. Por qual delas quereis me apedrejar"? Constataremos que tal argumento será repetido no julgamento a que será sujeito na Páscoa vindoura. Respondem que a condenação não é pelas ações. Então, parece que essas eles aceitam. Aceitariam as curas maravilhosas, mas desde que não

tivessem se consumadas no dia de sábado, pois que assim significava heresia, conforme comprovamos em várias ocorrências. Mas como não era dia de sábado e nem cura houvera, a acusação decorria do discurso que acabara de proferir. Indo direto ao ponto, "não te é lícito sendo homem, quereres te fazer um deus" - afirmaram.

O Mestre, com base nos conteúdos da Lei, já que por está sendo condenado, contra-argumenta. "Contrariados, me acusam de blasfêmia porque afirmo que sou um com o Pai? Está lá dito "vós sois deuses e todos filhos do Altíssimo" (Salmo 82:6). É certo que na Escritura, o epiteto deuses (elohim) aplicava-se aos juízes que julgavam em nome de Deus, mas Jesus vai além e estende-o a todos os seres humanos, conforme esclarece Pastorino (A Sabedoria do Evangelho – V – p. 120). "Se a Escritura afirmou serem deuses aqueles em quem se manifestou o ensino de Deus, quanto mais não se aplicaria àquele que o Pai consagrou para vir à Terra como seu Filho"?

Continuou o Mestre: "Criastes para vós ambiguidade insolúvel. Não credes quando faço as ações de meu Pai, pois preferíeis ater-vos em artigos pequenos não mais justificáveis. Não credes também quando não faço, pois preciso parar para me afirmar diante da pergunta com que me abordam. Pior cego não é o que não vê, mas o que se obstina em não ver. Estou aqui diante de vós, eu e o Pai, e eu não somente o declaro como o demonstro segundo as ações que realizo".

Sem mais argumentos, quiseram partir para o corpo a corpo, mas o Espírito, mais forte, desvencilhou-se como um sabonete em mãos molhadas. Ficaram com o vácuo, feito de dissabor e perplexidade. Mais uma vez perderam. A hora ainda não havia chegado. E assim, precisava Jesus deixar a Judeia. Atravessou o Jordão, indo na direção da Pereia. Passaria a estação do inverno por aquelas paragens e voltaria à Jerusalém apenas na última semana do seu ministério. Seria consagrado, antes de preso. E depois, julgado, condenado e crucificado.s

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como vivenciar minha realidade essencial de "ser Deus, sendo um com o Pai"?

Te escuto, divino Amigo, quando afirmas ser eu elohim. Todos somos. Todos somos deuses enquanto Espírito, com vida independente do corpo. Se eu for atento e preciso, descobrirei a vida imanente que jorra de mim, agora.

Por mais sagrado seja este corpo, e útil quando me faculta operar a matéria, um dia serei instado a deixá-lo. Tu, antecipando esse momento, me ensina ir além dele.

Embora no campo da carne eu seja instado a superar desafios próprios da interação social e do trato familiar, para ser escola da alma o desapego preciso exercitar. Estar no mundo sem ser do mundo.

Te ouço, insuperável Mestre, quando me pedes que perceba a realidade refinada das tuas ações, para que, com olhos de ver, adquira o conhecimento direto – a gnose de Deus. Tais ações testificam tua grandeza e tal conhecimento revela que o Pai está em ti como tu nele estás.

Complementando, afirmaste que sou ovelha do teu rebanho, pois reconheço, na tua voz límpida e suave, o meu Pastor. O vínculo entre mim e ti é tão forte quanto aquele que te insere em Deus.

Entendi que tu és a ponte que me eleva da terra dos enganos e sofrimento para o reino da paz e alegria. Tu és o caminho para a verdade e a vida.

Assumiste a corporeidade de Jesus, a fim de cochichar nos meus ouvidos os segredos da felicidade. Duas, três frases foram capazes de revelar o necessário.

Sento para meditar e instalando o nobre silêncio em minha mente, tua luz, já vislumbrada, acende-se em meu coração. Na plenitude vivenciada, repito: sou Filho de Deus, o Pai e eu somos um.

Versículo(s) para a meditação: João 10:30.

"Eu e o Pai somos um".

Condução desta meditação.

Sentado, de olhos abertos ou fechados,

Sou eu ovelha ou judeu?

Ou, sou eu o Cristo?

RedeUnaViva: Meditação Cristã 156 – paragem 435 – 10.09.17
LUCAS 13:31-33 e // LUCAS 13:34-35 e MATEUS 13:34-35

RedeUnaViva: Meditação Cristã 286 – paragem 9-234 – 08.03.2020

20. RedeUnaViva: Meditação Cristã 20 – (paragem 223 – 01.02.15)

MATEUS 3:13-17; MARCOS 1:9-11; LUCAS 3:21-22; JOÃO 1:29-34

O MERGULHO DE JESUS

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

55. Por que devia João Batista batizar Jesus?
56. O que autorizou João Batista anunciar o Messias?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

57. **Por que batismo devo passar**?

Introdução: Jesus procura por João Batista no Jordão.

Após João Batista passar pelo interrogatório dos sacerdotes que queriam saber se ele era o Messias – o que foi substancialmente negado –, Jesus aparece ali, no Jordão. Assistiremos nesta passagem o batismo (de água) por que o Mestre passa e entenderemos porque ele insistiu em ser mergulhado por João.
Acontecimentos *sui generis* se apresentam na ocasião, manifestando o poder superior que assistia a grande missão do Cristo. Ali, nesse episódio, mediunicamente, pode se falar em fenômenos de efeito físico, envolvendo o aparecimento de luz superior e, até mesmo, a manifestação da *voz direta.* Nessa, por mecanismo complexo, cordas vocais materializadas – mesmo sem ser vistas – permitem a escuta por todos de uma voz parecida com a humana ser articulada.

O Batista que testemunha a expressão dessa força da vida confirma estarmos diante do Messias e o anuncia a todos presentes. Um anúncio que atravessa o tempo e chega até nós nos dias atuais.
Para contemplar o grandioso feito do batismo recorremos a quatro versículos do capítulo 3 de Mateus, a três do capítulo 1 de Marcos, e a dois do capítulo 3 de Lucas. Já a anunciação do Messias decorre de seis capítulos do capítulo 1 de João. Estudemo-los.

20.1 Evangelho-parte 1: Jesus convence João Batista em batiza-lo. (Mt, Mc)

Mateus 3:13-15	Marcos 1:9.
Mt 3:13. Depois veio **Jesus** da Galileia ao **Jordão** ter com **João**, para ser **mergulhado** por ele	Mc 1:9. Naqueles dias veio Jesus de **Nazaré** da Galiléia, e foi mergulhado por João no Jordão.
Mt 3:14. Mas **João objetava-lhe**: "Eu é que preciso ser mergulhado por ti e tu vens a mim"?	
Mt 3:15. Respondeu-lhe Jesus: "Deixa por agora; **porque assim nos convém cumprir toda justiça**". Então ele anuiu.	

20.2 Evangelho-parte 2: As quatro fases do batismo de Jesus. (Mt, Mc, Lc)

Mateus 3:16-17	Marcos 1:10-11	Lc 3: 21-22
Mt 3:16. E Jesus tendo mergulhado, saiu logo da água; e eis que **se abriram os céus** e viu **o espírito de Deus descer** como **pomba sobre ele,**	Mc 1:10. Logo ao sair da água, viu os céus se abrirem e **o espírito**, como pomba, descer sobre ele.	Lc 3: 21. Quando **todo o povo havia sido mergulhado**, tendo sido Jesus também mergulhado, e **estando a orar,** o céu abriu-se
f) Mt 3:17. e **uma voz dos céus** disse: "Este é **meu filho amado**, com quem **estou satisfeito**".	Mc 1:11. E ouviu-se uma voz dos céus: "Tu és meu Filho amado, estou satisfeito contigo".	Lc 3:22. e **o espírito santo** desceu como pomba sobre ele **em forma corpórea**, e veio uma voz do céu: "Tu és meu Filho amado, estou satisfeito contigo."

20.3 Evangelho-parte 3: João apresenta o Cristo como o Cordeiro. (Jo)

Jo 1:29-31
Jo 1:29. No dia seguinte, **viu João a Jesus que vinha a ele e disse**: "Eis **o Cordeiro de Deus** que **tira o erro do mundo**!
Jo 1:30. Este é o mesmo de quem eu disse: **Depois de mim vem um homem**, que **começou antes de mim**, porque **existia primeiro que eu** ;
Jo 1:**31. eu não o sabia**, mas **para que ele fosse manifestado a Israel, é que eu vim mergulhar na água**".

20.4 Evangelho-parte 3: João justifica apresenta-lo como o Messias. (Jo)

Jo 1:32-34
32. E **João deu testemunho**, dizendo: "**Vi o Espírito descer do céu como pomba e permanecer sobre ele**.
33. Eu não o sabia, mas **aquele que me enviou** para mergulhar na água, disse-me: "Aquele sobre quem **vires descer o Espirito** e **ficar sobre ele**, **esse é o que mergulha num espírito santo**".
34. E eu **vi** e **testifiquei** que **ele é o Escolhido de Deus**.

1. **Por que devia João Batista batizar Jesus**?

   Ao término da missão de João Batista, isto é, tendo mergulhado e preparado toda a parcela sensível do povo, chega o momento de o Cristo aparecer. Então, Jesus ali se apresenta.

   Apesar de o pregador do Jordão saber que Jesus chegara para o batismo, pressupôs uma inversão de protagonismo que, de fato, não ocorreria. Pensou que a diferença entre os dois exigia alternância de papéis. Assim, seria batizado por Jesus e esse, como Cristo, assumiria o seu lugar. Passaria o bastão e sua missão finalizaria.

   Mas o nazareno sustentou convincentes razões para que João o batizasse. Dos nascidos de mulher – conforme será revelado mais tarde – João Batista é o maior. Deveria o Cristo, pois, ser introduzido nessa Terra por ele. O domínio espiritual dessas plagas pertencia ao filho de Zacarias. Era motivo suficiente para João vir a desempenhar a função de precursor do advento do reino de Deus. Seria capaz de reconhecer o Messias. Ademais, Jesus, que não exerceria o ministério usando o rito do batismo pela água, não o utilizaria nem mesmo naquele marco, onde o ser debaixo diminuiu para o ser do alto crescer. Conforme esclarecido pelo próprio Batista, o mergulho do Messias seria o de fogo. Radical, e mais poderoso, substituiria até mesmo a circuncisão, consubstanciada como a primeira aliança dos hebreus com o Altíssimo. Quem estaria disposto e preparado para tal iniciação?!

   João não demorou na resistência de protagonizar o batismo de Jesus. Num relance ele tudo entendeu e anuiu.

2. **O que autorizou João Batista anunciar o Messias**?

   Quatro episódios emergem no ato do batismo.

   1) **Jesus mergulha e logo sai da água** – na nudez que lembra aquela que se repetirá no término do seu divino trabalho, no madeiro da crucificação, Jesus se despe e entra de corpo inteiro nas águas do Jordão. Não estaria se purificando pelo arrependimento de erros, já que não os tinha. Mas fez questão de se diminuir. De se igualar a nós, os que foram *limpos*

pelo pregador dos desertos. Nesse ato, indica que cumprirá seu ministério sujeitando-se às mesmas limitações dos seres humanos. Mergulhou na carne, como todos o fizemos. Retira a túnica, ainda, para ensinar que precisamos abrir mão da costumeira identidade firmada no estágio anterior. Se somos do mundo, precisamos também nos desapegar dos condicionamentos e padrões próprios que nos aferram à Terra. Ainda mais, o desnudamento mostra que, de acordo com a ética do Reino, uma única túnica é suficiente. Entra na água e sai.

2) **Ora e os céus se abrem** – naquele momento solene, Jesus ora. Sua prece, pela força da comunhão, promove singular abertura dos céus. É como um raio rasgando o céu, se explicado com base nos fenômenos atmosféricos. Mas é o espírito que, das dimensões superiores, derrama-se como um jorro de luz sobre a nossa tridimensionalidade espacial.
3) **O espírito é visto, como pomba, descer sobre ele (e permanecer**) – o espírito santo, ou o de Deus, flete a fronteira entre céu e terra e assumindo a forma de "v", que lembra o voo da pomba quando aterrissa, desce sobre Jesus. Desce e nele permanece. Pode haver, de novo, uma ligação entre o início e o fim, entre o batismo e a crucificação. No final, Jesus proferirá: "Pai, por que me abandonaste?". Seria o voo *desse espírito* em sentido contrário?
4) **Uma voz é ouvida –** se essa voz o trata como Filho é porque se sente na posição de seu Pai, tal como seria razoável Jesus se dirigir a nós, chamando-nos de filho. Na direção do nosso sistema planetário, segundo Emmanuel (A Caminho da Luz – F. C. Xavier) há uma Comunidade de Espíritos Puros, da qual Jesus é um dos seus membros divinos. Na sua vinda à Terra, esse Conselho aproximou-se das suas cercanias. A presença de um Tutor superior avalizando as decisões de tal Comunidade não é hipótese desmedida. Assim, poderia tratar Jesus como Filho. É hipótese mais confortável do que supor a presença de um Deus antropomorfizado comunicando-se conosco, mesmo que apenas através de uma articulada voz humana. Esse Tutor diz: "Tu és o meu Filho amado, estou satisfeito contigo." Está confirmando que desde a decisão da descida do Cristo em nossa direção, incluindo sua preparação na própria Terra, até aquele momento, marco do início do seu ministério, só há aprovação e contentamento.

Toda a sequência assistida por João Batista, enfatizando a quarta parte, consolidou a certeza de que Jesus era mesmo o Messias. Bastava, então, anuncia-lo.

Escolhe a referência do *cordeiro* para declaração de tal monta. Por que assim procede?

Se João Evangelista repete as palavras de João Batista que identifica aquele que acabou de passar pelo batismo iniciático como o Cordeiro que tira o erro do mundo, mais tarde, o Cristo, ao nos contar a parábola do Bom Pastor, induz-nos a identifica-lo como esse Pastor cuja ovelhas conhecem a voz e o seguem. Quando diz, na passagem do Pão Vivo, que sua carne, doadora de vida imanente, nós deveríamos comer, ou que, na Ceia Pascoal, ceia em que o cordeiro é o animal do repasto, deveríamos beber do seu sangue, ele está se assemelhando ao Cordeiro. Nos dois aspectos, ele, como Pastor ou ovelha, faz-se próximo de nós. Somos as ovelhas que carecem de pastor, e ele, o pastor que se dispõe ao sacrifício. Ensina-nos e demonstra que se quisermos ser, deveras, seus discípulos, teremos de atravessar prova similar em algum trajeto da senda espiritual. Deveríamos preparar-nos para a entrega, aquela que realçou quando se sujeitou ao julgamento fatal. Com esse gesto livrou a humanidade do pecado, mas não porque assumiu nossos erros, eximindo-nos da responsabilidade autoral da nova harmonização com as leis da vida. O Cristo ensinou-nos o batismo de fogo visando a elevação da consciência para outro patamar de vibração. É uma iniciação muito instigante. Não apenas por procedermos o reajuste cármico, mas porque, através

da entrega em imolação, colaboramos construindo um eficiente modelo de paz. Implica em responder com amor a violência que campeia na Terra, aquela agressividade que tantas vezes o nosso interlocutor expõe. É assim que ela será banida daqui.

Então, o Cristo, além de pastorear muito bem suas ovelhas, ensina-nos como comportar nas condições extremas da prova de fogo, que funciona como batismo libertador.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. **Por que batismo devo passar**?

Se eu quiser ser teu discípulo, Mestre, e nesta meditação alcançar a unificação contigo, sei que devo negar a mim mesmo, tomar minha cruz e seguir-te os passos.

Aquelas que não eram as tuas ovelhas não te aceitaram como o Filho Unigênito de Deus, muito menos a tua completa comunhão com o Pai. Quiseram-no como filho de Maria ou o carpinteiro de Nazaré.

Bebo dessa preciosa lição. Não sou filho da carne de minha mãe e pai. Deram-me, sim, a oportunidade da experiência neste mundo material, educandário da minha alma. Sou imensamente grato a eles. Além do corpo ofertaram-me orientação substancial balizando meu comportamento e convivência terrestres.

No entanto, as tuas lições são maiorais pelo incontestável cunho libertador. Valorizo cada tema, engrandeço-me com todo princípio de lei contido em tua fala e exemplo.

Nego-me, sim, enquanto apenas sujeito da vida mundana. Sou mais. Sou o Espírito crístico, e todo dia me preparo para que ele prevaleça.

Assim me exercito na abençoada função de ecoar a tua voz. Pastoreando o próprio cordeiro que sou para poder apascentar as ovelhas com quem a vida me permite permutar.

Tomar minha cruz é a lição mais difícil, pois aponta para a assunção da entrega e doação, da resignação e sacrifício. São todos atos do *sacro-ofício*. Conduzem-me aos voos altaneiros do espírito.

Seguir tuas pegadas porque tantas vezes, no burburinho das atribulações ou nas tentações do homem velho que me habita e espreita, titubeio sobre como me proceder. Recorro à oração silenciosa para que a inspiração se fertilize.

Transformar-me no cordeiro e oferecer minha carne e sangue àquele que me confronta ou acompanha é o ato sublime da oferta. Significa desprender-me do corpo, não-identificação com a fugaz vestimenta. Significa permitir o consumo da minha essência, e saber que quando isso é feito integramo-nos na sagrada unidade da vida.

Versículo(s) para a meditação: João 1:29.

"... viu João a Jesus que vinha a ele e disse: Eis o Cordeiro de Deus que tira o erro do mundo".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 21 – (paragem 224 – 08.02.15)
MATEUS 4:1-11; LUCAS 4:1-13; MARCOS 1:12-13

RedeUnaViva: Meditação Cristã 287 – paragem 9-235 – 15.03.2020

77.RedeUnaViva: Meditação Cristã 145 – paragem 6-412 – 25.06.2017

JOÃO 8:12-20

A LUZ VIVA

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

58. Como entender a auto declaração do Cristo: "Eu sou a luz do mundo"?
59. Em que diferencia o testemunho do Cristo para o dos seres humanos?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

60. Como olhar para o Cristo e ver a ele e o Pai?

Introdução: A luz da vida no templo.

Após a magnífica lição da mulher adúltera, Jesus mais adentra o Templo indo divisar a Câmara do Tesouro. Local para o donatário público, onde profere o discurso da Luz do Mundo. Confere significado especial ao lugar, já que em futuro próximo pronunciará ali outra preciosa lição. Retirará de um episódio trivial elementos que permitem demonstrar o funcionamento da *balança de Deus*. Trata-se de "o óbolo da viúva", a ser comentado mais à frente. Agora, depois de humilharem a mulher adúltera com a intenção de vê-lo fraquejar, tiveram os fariseus que se render à sabedoria do Mestre, retirando-se do seu círculo íntimo.

Na presença dos apóstolos, do povo que o admirava e dos fariseus, que serão derrotados em mais uma disputa verbal, Jesus toma a iniciativa de deixar na Casa de Deus, consagrada pela tradição judaica.

Os nove versículos que ora nos ocupamos constam da segunda passagem do capítulo oito do Evangelho de João, cujo estudo iniciamos na semana passada.

Desta vez, o Mestre ensina sobre a luz e sobre a sua especial condição de testemunhar, afeita, sem dúvida, à identidade divina que carrega, como defenderá. Não é destituído de significado transcendente o fato de a epifania espiritual ser denominada de *Iluminação*. A palavra vem do termo latim *lúmen*, que significa luz. Iluminar-se é encher-se de luz, ou seja, dar mostras da sua verdadeira natureza. Para que um Espírito faça aparecer sua condição luminosa é necessário deixar vibrar a essência que é, eliminando barreiras materiais e mentais que impedem seu livre curso. O Cristo já havia demonstrado sobejamente essa realidade no episódio da Transfiguração, no monte Tabor (MC-119). Agora, ele se aproveita do recinto íntimo do Templo para proclamar aquilo que Pedro, Tiago e João já haviam presenciado. Vejamos nós.

77.1 **Evangelho-parte 1: O Cristo é a luz do mundo.** (João)

João 8:12
12. Então Jesus falou-lhes de novo, dizendo: "Eu sou a luz do mundo: quem me segue, de modo algum andará nas trevas, mas terá a luz da vida"

31. Tendo ido a outro ambiente do Templo, iniciou nova prédica: "eu sou a luz do mundo: quem me segue, de modo algum andará nas trevas, mas terá a luz da vida".

77.2 **Evangelho-parte 2: A diferença entre o testemunho do Cristo e o dos fariseus.** (Jo)

João 8:13-15
13. Disseram-lhe pois os fariseus: "Tu dás testemunho de ti mesmo: teu testemunho não é verdadeiro".
14. Respondeu Jesus e disse-lhes: "Embora eu dê testemunho de mim mesmo, meu testemunho é verdadeiro, porque sei donde vim e para onde vou; mas vós não sabeis donde venho nem para onde vou
15. Vós escolheis segundo a carne; eu não escolho ninguém.

32. Retrucaram-lhe os fariseus: "teu testemunho não é verdadeiro, porque não há um segundo a confirmar tua afirmação. Tu dás testemunho de ti mesmo".
33. Replica Jesus: "meu testemunho é verdadeiro porque sei quem eu sou – de onde vim e para onde vou. Eu tenho o conhecimento.
34. A norma do testemunho de um segundo é válida para vós que não sabeis quem sois – de onde viestes e para onde vais. Vós estais perdidos sem saber o que quereis.
35. Vós sois os que escolhem e escolheis segundo a carne. Escolheis de acordo com vossas necessidades.
36. Eu não escolho ninguém".

77.3 **Evangelho-parte 3: A lei escrita para os seres humanos** (Jo)

João 8:16-18
16. E se escolho, minha escolha é verdadeira porque não sou só, mas eu e quem me enviou,
17. e na vossa lei foi escrito que o testemunho de dois homens é a verdade.
18. Eu sou o testemunho de mim mesmo e o Pai que me enviou testifica a meu respeito".

37. Continuou: "E se escolho, minha escolha é verdadeira porque não sou só, mas sou um com quem me enviou.
38. A lei escrita é para vós, necessitados do testemunho de dois homens que a verdade seja afirmada.
39. Ao contrário, eu sou o testemunho de mim mesmo porque o Pai que me enviou testifica a meu respeito".

77.4 **Evangelho-parte 4: O Pai está no Cristo assim como o Cristo está no Pai.** (Jo)

João 8:19-20
19. Eles lhe perguntaram: "Onde está teu Pai"? Respondeu Jesus: "Não vedes nem a mim nem a meu Pai. Se me vísseis, também veríeis meu Pai'.
20. Proferiu essas palavras na câmara do tesouro no templo; e ninguém o prendeu porque ainda não chegara sua hora.

40. Mirando no pai terrestre, indagaram: "Onde está teu pai"?
41. Esclareceu o Mestre: "não vedes nem a mim nem a meu Pai. Se me vísseis, também veríeis meu Pai".
42. Proferiu tais ensinamentos na vizinhança da câmara do tesouro no Templo, e ninguém o prendeu porque sua hora ainda não chegara.

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

2. Como entender a auto declaração do Cristo: "Eu sou a luz do mundo"?

Terminadas as bem-aventuranças que servem de abertura do Sermão do Monte, o Cristo vem enaltecer duas preciosidades em nós – o "sal da Terra" e a "luz do mundo". Manifestam-se quando a essência crística, reconhecida, passa a prevalecer.

Com as bem-aventuranças, afirmou que as pessoas situadas no extremo passivo – os que choram e os que têm sede de justiça – serão consolados e justiçados. Já os ativistas, no extremo oposto – os misericordiosos e os pacificadores –, trazem consigo imenso galardão pois as forças da misericórdia e da paz já os promovem à condição de Filhos de Deus. No entremeio, localizou os simples, os harmoniosos e os puros. Trazem em si o reino dos céus e, pela experiência divina, herdarão a Terra. Farão dela um grande jardim celestial.

Na segunda parte, ele muda o ritmo mas, mantendo-se na mesma poesia, aponta as duas condições lapidares – o sal e a luz.

"Vós sois a luz do mundo" – sim, disse-nos isso. Complementou, destacando que a luz posta na altura não tem como passar despercebida. Dedução imediata: nós, os cristófilos, deveríamos ser como a vela no castiçal. Colocada no alto, há de clarear todo o recinto. É da nossa responsabilidade. Faz parte do serviço. Disse aquilo e agora acrescenta sua correspondência: "Eu sou a luz do mundo". Como se relacionam?

Ele, que tinha dito possuir a Água Viva que, bebida, impede o retorno da sede, ele que se apresentara como o Pão Vivo, capaz de transfundir a vida imanente, identifica-se agora, como a Luz Viva. Alumiando, expõe o caminho certeiro.

Na atualidade, tendo a civilização já construído usinas hidroelétricas que permitem o afastamento da escuridão em, praticamente, todas as circunstâncias desejáveis, a metáfora perde a força do impacto próprio daquele tempo. Uma noite de lua nova, por exemplo, sem o auxílio do fogo, era um tempo de breu total. Quem já passou pela experiência sabe que, se não conhecer o caminho, cada passo é perigoso. E a ameaça externa de qualquer espécie cresce terrivelmente por conta do medo. Deslocar-se em tal circunstância é movimento penoso e lento. Muito maior do que do cego que aprendeu a ver com os outros sentidos.

Transposta para o campo da espiritualidade fica evidente a benfeitoria da luz. Seja a do plural, quando somos a luz do mundo, e, em particular, a singularidade da luz da vida que é o Cristo. Quem o segue, por entender e adotar suas lições, enxerga todo o terreno e bem escolhe a trilha certa. Todos que o seguem conectam a fiação da sua lanterna mental à usina prodigiosa de luz – o Cristo em nosso coração.

Sermos luz é assumir a luz que já somos. O trabalho de iluminação é árduo porque, para que a luz brilhe, é necessário retirar as camadas opacas que se estruturam em volta da centelha divina acesa em nosso íntimo. Essas capas, mantidas pelos padrões de ego, assentam-se no pensar problemático quase sempre induzido pelo mal desejo emocionalizado. A iluminação pede vigilância e trabalho na mente o tempo todo. Somente assim a personalidade cede, esvaziando o centro da consciência para que o Ser se manifeste.

2. Em que diferencia o testemunho do Cristo para o dos seres humanos?

Toda essa diferença se resume nos conceitos de unidade-dualidade, trabalhados no sistema transpessoal que elaboramos. Assim, diferença entre os dois testemunhos pode ser tratada. Esses conceitos guardam intimidade com os termos trazidos por Jesus. Ele se proclama "o Filho do Homem", reservando a nós, exemplificado no comentário aludido a João Batista, o epíteto de "os filhos de mulher". Quando fala de si usa os termos "uno", "único", "um", tal como "O Pai e eu somos *um*". A nós, dedica a referência da pluralidade, encontrada em várias passagens e, também, nesta.

Tal abordagem numérica está presente na tradição taoísta, que aplica o termo *Tao* para o incomensurável, aquilo que nenhuma palavra ou conceito consegue alcançar – tudo a ver com *Deus* que, no judaísmo, nem deveria ser nomeado. O

Tao, quando se manifesta, parte em dois, o *yin* e o *yang,* opostos e complementares. Esta primeira dualidade quando se multiplica cria *as dez mil coisas existentes.* Para a comparação que nos interessa, o *Tao* é a unidade, e o *yin* e o *yang*, a dualidade, isto é, semente da pluralidade. A similaridade com os conceitos apontados nas palavras do Cristo é evidente.

As palavras Totalidade e Absoluto, em sintonia com a palavra Unidade, compõem, respectivamente, com suas opostas, Parcialidade, Relatividade e Dualidade, as duas ideias-mestras que ora abordamos, ampliando-as. Retratam o plano próprio da condição iluminada do Cristo, e o nosso, da obscuridade humana. O primeiro diz respeito ao Espírito puro; o segundo, ao Espírito comprometido carmicamente, necessitado de reencarnação. Daqui é retirado a expressão "filhos (nascidos) de mulher", em oposição ao "Filho do Homem". Notemos: os primeiros se afeiçoam à pluralidade, cuja base é a dualidade, enquanto o segundo, à unidade. Uns, à ilusão; o outro, à verdade.

Quem é iluminado – com luz própria manifesta – possui a prerrogativa de testemunhar por si, por trazer consigo a verdade. Não tem interesse algum em mentir ou iludir. Já os que procedem ao contrário precisam distorcer a realidade, seja para se beneficiarem com algum privilégio, seja para esconderem atos ilícitos, assumidos com tal propósito.

Nós, humanos, podemos muito bem ver a intensidade da nossa fraqueza mediante a "necessidade" de mentir, de distorcer, de *arrumar* os fatos. Por sermos assim, a lei usou o recurso do testemunho do segundo para reforçar a descrição de alguma afirmativa. Não será apenas um a declarar que a coisa se passou de determinada forma. Serão dois, ou mais do que dois. Disse o poeta: "sonho que se sonha só é só um *sonho* que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é *realidade*". De novo, a diferença entre sonho e realidade, entre ilusão e verdade, com base na referência numérica, do *dois-e-um,* pode ser destacada. Está afinada com a exposição do Cristo, embora a sua realidade transceda à humana.

Responde ele, não precisar de um segundo a ratificar sua afirmação. Primeira justificativa: eu sei de onde vim e para onde vou. Isso toca a questão filosófica abordada por muitos pensadores ao longo da história – "de onde viemos, onde estamos e para onde vamos". A sabedoria do Cristo dá conta da questão. Nossa ignorância, não. Segunda justificativa: nós somos entes dirigidos por escolhas. É fácil verificar tal assertiva. Quantas escolhas cada um de nós fez hoje para estar aqui. Outros fizeram escolhas diferentes. Uns usufruem benefícios decorrentes de escolhas felizes, outros padecem horrores por causa de preferências equivocadas. De novo, estamos diante da dualidade, consoante ao uso do livre-arbítrio. Escolhemos uma entre, pelos menos, duas opções. Ele, o Cristo, não escolhe. Não escolhe algo ou alguém para lhe conferir prazer pessoal, como nós o fazemos. Esse que não escolhe pode até parecer ter escolhido, aos olhos de quem assiste à sua ação; mas não. Exemplo, ao escolher os apóstolos, Jesus não o fez por preferência pessoal, não o fez como parte do conhecido jogo: "eu te escolho para isso, você me escolhe para aquilo" – troca de favores. Ao escolher vir à Jerusalém durante a Festa dos Tabernáculos, não buscou satisfazer a tradição ou um gosto próprio. Tanto num quanto noutro caso, escolheu em decorrência de sua unidade com Deus. É o que declara: "Minha escolha é verdadeira porque não sou só, mas estou em sintonia íntima com aquele que me enviou". Quando disse isso, se referindo ao Pai, deu margem que o pensassem enquadrado na condição deles, dos fariseus, pois confundiram o Pai celestial com o pai terreno querendo logo saber onde estava o pai-José, para que lhe servisse de testemunha, tal como exigia a Torá. Precisou explicar que se não o vissem como o Messias, não veriam Deus nele. Ao contrário, todo aquele que o vê como o Cristo vê Deus nele. E também em si.

A escolha de quem se encontra em sintonia fina com o Pai não é sua, mas do Pai. Essa marca confere abertura para que em qualquer situação da vida, esse Espírito esteja em acordo com o que a vida lhe pede. Não escutará qualquer clamor pessoal em si, pois não há resquício de pessoalidade nele. Escutará a voz de Deus lhe pedindo fazer aquilo que precisa ser feito – seja para escolher apóstolos ou para ir à Jerusalém, para subir o monte das Oliveiras ou para retornar ao Templo, para discursar ou curar. Sua unificação com o Pai permite que o que precisa ser feito se realize.

Esta é a compreensão de porque o Cristo não precisa de testemunha para corroborar sua fala, enquanto, nós, humanos e fariseus, sim.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como olhar para o Cristo e ver a ele e o Pai?

Sei que tu és, Divino Amigo. Tu és um e um com o Pai. Quero olhar para ti e ver como realmente tu és, porque assim verei Deus.

Ensinaste que é próprio dos puros ver Deus, e desde então aprendi que tenho de tirar a trave do meu olho, de excluir a jaça que me adentrou o espírito, para olhar sem preconceito e não projetar minhas nódoas no outro. Se não, tu que és puro, refletirá a mísera realidade em que, de ordinário, me debato.

Se não me desfizer dos julgamentos personalistas verei sempre o outro com aquilo que carrego dentro. Se o outro for deficitário, talvez justifique o visto como próprio dele e não meu. Mas, e se o outro fores tu, a sétima estrela de Davi que desceu para alumiar nossa estrada? Como dizer que a mazela vista a ti pertence? Se fui portador deste julgamento descabido em época remota, graças rendo ao Pai, por já não alimentar a mínima receptividade para sua prevalência agora.

Vejo-te como enviado de Deus, aquele que pode me dizer, com a mais profunda lógica, as leis do amor, sustentáculo da vida. Assim, tu és o Pai encarnado, por me traduzi-lo na sua mais ampla justiça. Por me apresenta-lo como razão por que giram as galáxias, como causa do perfume que a flor exala, e como o móvel do sorriso com que a terna mãe abraça seu rebento. Até mesmo o mais celerado dos homens guarda a mesma chama divina, exuberante em ti. E é por isso que, enquanto os seus iguais (do criminoso), acreditando serem distintos, teimam por puni-lo e matá-lo, tu te rumas para assisti-lo com desvelo.

Hoje consigo entender o teu ensino do Pão Vivo. Preciso, sim, comer da tua carne, pois que és comida que veicula o sagrado, e beber do teu sangue, pois que é bebida com teor de vida, para saborear a essência que é Deus em ti, para que tu te tornes imanente em mim.

Retenho a mais nova lição, a grandeza da Luz Viva. Quero, então, te seguir as pegadas seguindo tuas palavras e gestos. Absorver tua luz capaz de fazer ressoar a mesma chama que, ainda fraca, pisca em mim.

Assim, ser contigo um, tal como tu és um com o Pai. Vejo-te assim, porque igual começo a me ver.

Versículo(s) para a meditação: João 8:12.

Então Jesus falou-lhes de novo, dizendo: "Eu sou a luz do mundo: quem me segue, de modo algum andará nas trevas, mas terá a luz da vida"

RedeUnaViva: Meditação Cristã 146 – paragem 412 – 02.07.17
JOÃO 8:21-30

RedeUnaViva: Meditação Cristã 288 – paragem 9-311 – 22.03.2020

78.RedeUnaViva: Meditação Cristã 212 – paragem 8-113 – 07.10.2018

JOÃO 14:1-14

CRISTO, O EU DE CADA UM

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

61. Para onde o Cristo está indo?
62. O que o Cristo tem a oferecer aos discípulos?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

63. O que faço para estar no caminho?

Introdução: O caminho.

Inicia, agora, o capítulo quatorze de João que será dividido em três partes para efeito de estudo. As duas primeiras abordaremos nesta e na próxima MC, respectivamente. A última ficará para mais à frente, pelo seu caráter de despedida. Mas continuaremos por algumas semanas penetrando o significado profundo dos próximos capítulos de João, isto é, até o dezessete. Passagens especiais para serem adentradas com um zelo especial; não resta dúvida. Os evangelistas sinóticos não as haviam narrado, e João, já no final da existência, tomou a feliz decisão de fazê-lo, legando à cristandade imenso tesouro.

Nos primeiros versículos deste capítulo quatorze, Jesus revela o caráter sagrado do "eu". Se não for focalizado pela perspectiva correta, esse "eu", rebaixado, continuará sendo exposto na vitrine humana, com a mesma vulgaridade dos milênios. Quantas vezes por dia repetimos a palavra "eu", referindo-nos apenas à identidade superficial, ilusória e efêmera, acreditada como robusta e real? Não são poucas. Atinge dezenas ou centenas de vezes. Repetimos, sim, sem nos darmos conta da sacralidade que o termo carrega. Este terço de capítulo joanino acena para um despertar que, mais do que necessário, é urgente.

Vem o Cristo de um diálogo com Pedro, desenvolvido na última MC (211), quando o "pescador de homens" quer saber para onde seu Mestre vai e porque é proibido acompanha-lo. Desta vez, introduzem-se Tomé e Filipe, almejando o mesmo que Simão. Pressentem a sombria hora da despedida e, tristes, não se conformam.

Então, o ímpar Mestre aproveita para ampliar lições inolvidáveis, assimiladas por todo aquele que penetra seu sentido implícito. Todo aquele que apreende tal significado, precisa agradecer a João por tê-lo trazido à tona. E muito mais, a Jesus Cristo, que, mesmo na iminência do seu martírio *redentor*, no-lo revelou.

Nesta MC, diferente das demais, o texto de nossa autoria, colocado abaixo da referência evangélica, é substituído por um do Pastorino, que traduz o original para além do textual. De capital importância, ele foi colocado ao lado, à direita.

78.1 **Evangelho-parte 1: O eu crístico vai preparar a morada para o fiel.** (Jo)

João 14:1-4	
1. "Não se turbe vosso coração: crede em Deus e crede em mim.	1. "Não se turbe vosso coração: sede fieis **à Divindade** e ao Eu.
2. Na casa de meu Pai há muitas moradas; senão, ter-vos-ia dito que vou preparar lugar para vós?	2. Na casa de meu Pai há muitas moradas: senão, ter-vos-ia dito que **o Eu** vai preparar lugar para vós?
3. E se eu for e preparar lugar para vós, de novo volto e vos tornarei junto a mim, para que, onde estou, também vós estejais"	3. E se **o Eu** for e preparar lugar para vós, de novo **volta** e vos tomará **junto a si**, para que **onde esteja o Eu** estejais vós também.
4. E para onde vou, sabeis o caminho".	4. E para onde vai **o Eu**, sabeis o caminho".

78.2 **Evangelho-parte 2: Ele é o próprio caminho para o Pai .** (Jo)

João 14:5-7	
5. Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais; como poderemos saber o caminho?	5. Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais, como poderemos saber o caminho?
6. Disse-lhe Jesus: "Eu sou o caminho da Verdade e da Vida: ninguém vem ao Pai senão por mim.	6. Disse-lhe Jesus: "**0 Eu** é o caminho da Verdade e da Vida: ninguém vem ao Pai senão pelo **Eu**.
7. Se me conhecesses, conheceríeis também meu Pai; e agora o conheceis e o vistes",	7. Se conhecêsseis **o Eu**, conheceríeis também meu Pai e agora o conheceis e o vistes".

78.3 **Evangelho-parte 3: Filipe quer ver o Pai, e cego, não o vê ao lado.** (Jo)

João 14:8-11	
8. Disse-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai e basta-nos.	8. Disse-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai e basta-nos.
9. Disse-lhe Jesus: "Há tanto tempo estou convosco e não me conheceis, Filipe? Quem me vê, vê o Pai. Como dizes tu: mostra-nos o Pai?	9. Disse-lhe Jesus: "Filipe, há tanto tempo **o Eu** está convosco e não o conheceis? Quem vê **o Eu**, vê o Pai. Como dizes tu: mostra-nos o Pai?
10.Não crês que estou no Pai e o Pai (está) em mim? As palavras que vos falo, não falo por mim mesmo: o Pai que habita em mim faz as obras dele.	10. Não crês que **o Eu está no Pai e o Pai no Eu**? As palavras que vos falo, não falo por mim mesmo: o Pai **que habita no Eu** faz as obras dele.
11. Crede-me que eu (estou) no Pai e o Pai em mim; se não, crede nas próprias obras.	11. Crede-me que **o Eu (está) no Pai e o Pai no Eu**; senão, crede nas próprias obras.

78.4 **Evangelho-parte 4: O Pai é visto através das obras do Filho.** (Jo)

João 14:12-14	
12. Em verdade, em verdade vos digo: o fiel a mim, fará as obras que eu faço e fará maiores que elas, porque vou para o Pai,	12. Em verdade, em verdade vos digo: **o fiel ao Eu** fará as obras que faço, e fará maiores que elas, porque **o Eu vai para o Pai**,
13. e tudo o que pedirdes em meu nome, isso farei, para que o Pai se transubstancie no Filho.	13. e tudo o que pedirdes **em nome do Eu, isso o Eu fará**, para que o Pai se transubstancie no Filho.
14. Se me pedirdes algo em meu nome, eu farei".	14. Se pedirdes algo **em nome do Eu, o Eu fará**".

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. **Para onde o Cristo está indo?**

Quis Pedro saber o itinerário do Mestre e, pela insistência, precisou ser situado quanto à sua condição espiritual. Negaria o Cristo por três vezes ainda naquela noite. Jesus retoma a questão e amplia sua resposta.

Começa dizendo: "não se turbe vosso coração", isto é, o nosso, o de cada um de nós. Significa que quando as emoções crescem, a mente se turva e desejos controversos passam a dominar a pessoa. Respostas impulsivas acorrentam o ego, e as encrencas se avolumam. Como proceder para não se tornar cativo desse jogo? O professor da vida está a nos ensinar: "crede

em Deus e crede em mim". Pastorino refina: "sede fieis à *Divindade* e ao *Eu*". Troca o verbo "crer" por "ser fiel", isto é, estar em sintonia, em ressonância, e a locução "em mim" pelo pronome "Eu", mais especificamente por "***o*** Eu".

O Mestre ensinou, em muitas ocasiões – como repete agora –, a distinção ou a correspondência entre *Jesus* e o *Cristo*. Parte do seu caso próprio, o que se refle no nosso. Em nós, há a diferença e a similaridade entre *o eu superficial*, a *personagem*, e *o eu superior*, a *individualidade*. Os narradores não discriminaram na sua escrita o "Eu" com o foco que merece. Há muitas questões envolvidas para explicar isso.

Tomemos o quarto versículo: "E para onde ***[eu] vou***, sabeis o caminho". Pastorino informa que além da tradução literal há o sentido real: "E para onde vai ***o Eu***, sabeis o caminho. Por que não teria sido escrito assim?

Um, porque os gregos nunca escreviam o artigo antes do pronome pessoal, embora fosse plausível. Exemplo: "ego (eu) é o filho de Deus"; e "***o*** ego (***o*** eu) é o filho de Deus" – o primeiro, grafado com o artigo, e o segundo, sem. Entretanto, os gregos não usavam a segunda construção. *Dois*, não interessando aos evangelistas falar abertamente, não escolheram, mesmo em detrimento da verdade, quebrar a regra gramatical. Não se interessavam em falar abertamente porque isso daria aos poderosos mais condições de justificar suas ações (do eu superficial) como vindo da fonte nobre (eu superior). Continuando com a visão rasteira, o temor de um Deus vingativo servia de freio às suas iniquidades – um tempo de inocência que acabou. Atualmente, roubam, cometem atrocidades, matam, sem qualquer temor da vida futura e, pior, até em nome de Deus. *Três*, quem falava era o Cristo e não Jesus – o que vem a ser a essência da lição atual (A Sabedoria do Evangelho, tomo 8, p. 4 – Carlos Pastorino).

É preciso ser fiel ao Eu. Com ele estar em sintonia. Na casa do Pai há muitas moradas – todas diferenciadas por padrão vibratório do pensamento. Santo Agostinho até entendia que o Cristo construía moradas ao preparar Espírito para habitá-las. Contudo, apesar de preexistirem, o Rabi prepara a humanidade para ocupá-las. Antecipava sua chegada nelas por contingências circunstanciais, mas de lá, através dos seus prepostos continuaria, como continua, em contato conosco, incentivando-nos à ascensão.

Tomando que o Cristo é o Eu, é certo que a palavra Eu, reverberada por ele, ressoe no eu superficial que cada um de nós é, e o concite a habitar moradas superiores do Pai, através do eu profundo, ou, simplesmente, do Eu. Pastorino polariza as duas instâncias – *personagem* e *individualidade* – superpondo-as com o *eu superficial* e o *eu profundo*, respectivamente. Outros, tratam-nos como *eu inferior* e *eu superior*. Na nossa referência transpessoal, fazemos distinção entre o ego-personalidade, o ego-alma e o ego-espírito. O primeiro diz respeito à personalidade, afeita à existência corpórea; o segundo, à alma desprovida do corpo físico, mas ainda sujeita às encarnações por se identificar com os mesmos padrões estreitos da personalidade (a libertação, ou iluminação, não depende apenas da morte corporal); e o terceiro, ao Espírito liberto. Poderia, ser chamado, além de ego-espírito, de eu-crístico, eu-espírito, ou simplesmente de Eu.

Assim, diz o Cristo: " (O) Eu (o Eu que está em vós, que é vós, como potencialidade – e que ele também é, como realidade já presente) transito por vários níveis da casa do Pai, convidando-vos a estar comigo neles. Se vosso coração não se turbar, sendo mantida a fidelidade ao Pai e a mim (e ao Eu), esse convite recebido por vós, permite que onde Eu esteja vós estejais

também. Por isso, para onde Eu vou (o Eu vai), vós sabeis o caminho. Eu sou o caminho. O que falo, o que faço e por onde ando, tudo isso é o caminho, constantemente oferecido a vós. Eu sou o caminho (o Eu é o caminho)".

Explicitou para onde o Cristo estava indo e por que caminho. As evidências nem sempre são tidas como tais. Vide Tomé.

2. O que o Cristo tem a oferecer aos discípulos?

Como Tomé questiona, o Cristo explica. Ou, porque a personalidade indaga, o Eu esclarece. ()

As traduções comuns escrevem: "Eu sou o caminho *e* a verdade *e* a vida". Pastorino mais uma vez detalha que o primeiro e o segundo "e" da frase correspondem à figura gramatical grega *hendíades*, que seria melhor traduzido por "da". Não se diz "aquele é o caminho E a cidade", mas "aquele é o caminho DA cidade". A não ser que o caminho e a cidade estejam tão imbricados um no outro que se confundem. E não se deve confundir o meio como a meta. O caminho, como meio; a cidade, como meta.

Então, porque Tomé confessa não conhecer o destino nem o caminho, o Messias responde: "Eu sou o Caminho; o caminho *da* verdade e *da* vida". O Eu é o caminho da verdade e da vida.

O ensino prossegue. "Ninguém *vem* ao Pai senão por mim". *Vem*, e não, *vai*. Portanto, dá mais esclarecimento. O Pai é a verdade (una, absoluta), é a vida (imanente) É alcançável através do modelo que o Cristo está oferecendo. Modelo vibrado aos olhos dos discípulos por três anos. Por ressonância, o Mestre toca a instância similar no interior de cada um. Desde que haja, por parte do receptor, consciência do fenômeno. Então, ele se descobre como o Cristo. Parafrasearia: Eu (o Eu que sou) e o Cristo somos um. E se o Cristo e o Pai são um, Eu venho ao Pai através do Cristo. Ou melhor, O Eu me conduz ao Pai – aqui e agora. Eu e o Pai somos um, também repito.

Prossegue. "Se conhecêsseis o Eu, conheceríeis também meu Pai e agora o conheceis e o vistes. Mas Felipe é cego que nem Tomé – como fomos (ou ainda somos) por muito tempo –, pois implora: "mostra-nos o Pai..." Dá mostras de não ter escutado o que o Mestre acabara de dizer: "Agora conheceis o Pai porque me vistes (durante esses largos meses)". Precisa, então, detalhar: "Filipe, há tanto tempo Eu estou convosco e não me conhecêsseis"? A equivalência é: "Tu estás há tanto tempo com o Eu, como não o conheces? Como não te conheces, ainda? Volta-te para ti, amigo, e pergunta-te, 'quem sou Eu'? Se te conheces, se conheces o Eu que é, o Eu sou, conhecereis o Pai, e não me pedirás, 'mostra-me o Pai'. O Eu está no Pai e o Pai está no Eu.

Continua o Mestre. "Minhas expressões, minhas obras, não são minhas. O Pai que está em mim as faz". Tal correspondência, a fim de Filipe despertar para seu batismo de fogo, seria: "se tu és fiel ao Eu, és também fiel ao Pai, e o Pai que está no Eu fará, através de ti, as obras que faço e outras maiores". O Cristo havia realizado feitos magníficos – controle do seu corpo, na saúde; do corpo alheio, na doença; controle das forças da natureza; discursos de expressiva lucidez e atos de amor inigualável – mas ainda estava na Terra, nos limites do corpo e do planeta. Ao sair dessa esfera, outros feitos mais grandiosos ainda

poderiam vir a ser realizados, como já fora no passado – ele é governador e foi um dos engenheiros construtores do nosso planeta.

E conclui – por ora – com ensino ousado. "Tudo o que pedirdes em meu nome, isso farei, para que o Pai se transubstancie no Filho. Ou, "tudo que pedirdes em nome do Eu, isso o Eu fará, porque é assim que o Pai se transubstancia no Filho". Quer dizer, quando cada um de nós realizar a sintonia fina com o Eu, com o ego-Espírito, isto é, com fé, com a vontade convicta, o Pai, o Ser, irradia-se todo para o Eu e se torna coincidente com ele.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. O que faço para estar no caminho?

Duas medidas. Duas atitudes.

Uma: a de me interiorizar a ponto de que quando eu diga "eu", que quando pense "eu", que quando capte o senso de "eu ", esse estado mental seja tal que tenha duração. Seja um fio durável em que a mente decole. Isso porque, nessa duração de unidade, o tempo se dissolve e o eu pequeno no Eu maior se dilui, como o gelo na água. Então, tudo que há é o Eu que sou, o Ser, num agora sem fim.

Entretanto, os adversários do Ser, através das diversas facetas de ego, estarão lançando farpas contra a fortaleza do Bem. Estarão jogando, ali, sementes do joio para fazer crescer algum arbusto. Virão lembranças do dia, imagens do passado, assuntos pendentes, ideias sedutoras, teses sensatas, emoções diversas, boas e más, de alegria e medo, de raiva e tristeza, todas pedindo ancoragem na Terra suspensa para que suas criações ganhem existência, mesmo que fugazes. É por meio dessas criações que o falso eu se sustenta, mesmo que efêmero.

A prática que se opõe à ação dessas forças condensadoras e fragmentadoras chama-se meditação. Caminho para a contemplação.

Outra: através dos atos de amor que o modelo, Jesus Cristo, plasmou entre nós. Informou, ensinou como nós agiremos, desde que plenamente sintonizados no Eu. As obras que faremos. As falas que diremos. Esteve ele nas mais diversas situações e, inspirado pelo Pai que está no Eu, solucionou todos os problemas a contento, na mestria da vida. Falou como o profeta dos profetas e sua palavra foi sempre a da verdade. Arauto da verdade e transmissor da vida imanente. Deu pão e doou amor.

Foste, Senhor, preparar lugar, onde, espero, no final do curso, ao estar diplomado na Terra, me seja facultado transitar. As paragens superiores em que possa habitar. Mas antes da tua partida, deixaste aqui um rastro de luz a guiar meus passos e acertar minha conduta. Ofereceste os campos de experiência necessários. Família, trabalho e sociedade como locais de prova, onde a adversidade grassa. Neles, através da demanda diária, poderei mirar no teu modelo e orientar-me por tua fala que traduziu em linguagem acessível as leis divinas. Em tuas palavras e obras o Pai se expressou. Cabe-me fazer o mesmo, afinado e coincidente com o Eu.

Para tal, no mínimo, nos três períodos do dia, paro, sento e fecho os olhos. Assisto na tela mental o filme que me é próprio para o momento vivido. Mas treino a suspensão, isto é, sobrepairar o trailer vulgar. No silêncio mental, no trilho sutil do Eu que sou, do Eu sou, passo à fluência da vida, pura fruição. Fico mais preparado para, no momento seguinte, abrindo os olhos, retornando às interações humanas, ser capaz de te repetir, no modelo que tua grandeza afirmou.

78.5 **Versículo(s) para a meditação:** João 14:6.

6. Disse-lhe Jesus: "Eu sou o caminho da Verdade e da Vida: ninguém vem ao Pai senão por mim.

6. Disse-lhe Jesus: "**0 Eu** é o caminho da Verdade e da Vida: ninguém vem ao Pai senão pelo **Eu**.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 213 – paragem 114 – 14.10.18
JOÃO 14:15-24

RedeUnaViva: Meditação Cristã 289 – paragem 9-312 – 29.03.2020

79.RedeUnaViva: Meditação Cristã 138 – paragem 6-324 – 07.05.2017

MATEUS 11:25-30 e 13:16-17; LUCAS 10:17-24

O REGRESSO DOS SETENTA E DOIS e DIANTE DA AFLIÇÃO

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

64. Que tipo de resultado satisfatório os 72 conquistaram com a peregrinação missionária?
65. O que foi revelado aos missionários que nem mesmo muitos profetas obtiveram?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

66. Qual é a graça de ir ao encontro do Cristo, em meditação?

Introdução: Avaliando a ação missionária.

Em algum momento na Judeia, os setenta e dois missionários retornaram. Tendo cumprido a missão, consoante à recomendação do Mestre, detalham seus feitos e regozijam-se com a obra. Serem aprovados era questão de pouco tempo – pensavam. Tal como aluno cioso de ter aprendido a lição e a colocado em prática, aguardavam o elogio do professor.

Mas a grandeza de Jesus reserva ao interlocutor, com frequência, respostas inusitadas. Já fomos testemunhas de diversas tiradas surpreendentes. Sua sabedoria se assenta em dimensões tão superiores que é bem comum o Mestre apresentar uma leitura inesperada dos fatos. Aconteceu, por exemplo, com a pergunta de Pedro sobre a adequação de se perdoar sete vezes. Ou com João, por ter proibido que outros expulsassem Espíritos em nome do Cristo. Por outra, quando quiseram os discípulos saber quem era o maior no reino de Deus.

Desta vez também os impressionou. Mesmo tendo eles concretizado o recomendado, não deveria ser esse o motivo principal da satisfação. Cabia aos discípulos contemplar outras causas. Lucas trata do tema em quatro versículos do seu capítulo 10.

Ao comentar sobre o contentamento dos discípulos, uma alegria mais requintada ascendeu pelo Cristo. Estava diante de um sucesso que somente podia ser aquilatado com outra medida – a métrica do Reino. Nem todos estavam em condição de valorizar precisamente sua descida à Terra. A *sabedoria* dos humanos é prenhe de orgulho e presunção e, por isso, não alcançam a verdadeira que é de ordem celestial. Paradoxalmente, os incultos da Terra detêm a faculdade de penetrar o cerne do real, porque não foram impermeabilizados pelo verniz da ciência materialista. Esta dialética – do saber que oculta e da ignorância que revela – faz-se presente na passagem em análise. Neste particular, outros quatro versículos do capítulo 10 de Lucas correspondem a quatro de Mateus, sendo dois do capítulo 11 e dois do 13.

Apesar do que foi conquistado, falta aos discípulos capacitarem-se à unificação, no derradeiro passo do caminho. Para isso, o Cristo distingue outros aspectos do discipulado, que começamos abordar na MC-118, e que são retratados aqui através de outros três versículos exclusivos de Mateus.

79.1 **Evangelho-parte 1: A alegria dos missionários peregrinos.** (Lc)

Lucas 10:17-20
17. Voltaram os setenta e dois com alegria, dizendo: "Senhor, até os espíritos se nos submetem em teu nome".
18. Respondeu-lhes Jesus: "Eu via o adversário cair, como relâmpago do céu.
19. Atenção: dei-vos poder para pisardes sobre serpentes e escorpiões e sobre toda a força do inimigo, e nada, de modo algum, vos fará mal.
20. Mas não vos alegreis de que os espíritos se vos submetam: alegrai-vos antes de que vossos nomes estão inscritos nos céus".

43. No seu regresso, entusiasmados contaram os setenta e dois: “Senhor, até os espíritos se nos submetem em teu nome”.
44. Jesus já o sabia: “enquanto agiam eu via o adversário cair como relâmpago do céu”.
45. Mas quis lhes alertar sobre o principal: “dei-vos poder para pisardes sobre serpentes e escorpiões e sobre toda a força do inimigo. Nada, de modo algum, vos fará mal”.
46. “No entanto não vos alegreis porque os espíritos se vos submetam, mas antes por estarem vossos nomes inscritos nos céus”.

79.2 **Evangelho-parte 2: A quem é dado a graça de conhecer.** (Lc)

Mateus 11:25-27 e 13:16-17	**Lucas 10:21-24**
25. Naquela ocasião **Jesus disse**: "Abençoo-te, Pai, Senhor do céu e da Terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios intelectuais e as revelaste aos pequeninos; 26. Sim, Pai, pois assim se torna bom perante ti.	21.Nessa hora **Jesus alegrou-se em espírito** e disse: "Abençoo-te, Pai, senhor do céu e da Terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios intelectuais e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, pois assim se torna bom diante de ti.

27. Todas as coisas me foram transmitidas por meu Pai; e ninguém tem a gnose do Filho senão o Pai, e ninguém tem a gnose do Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho quer revelar.	22. Tudo me foi transmitido por meu Pai, e ninguém tem a gnose do Filho, senão o Pai, e ninguém tem a gnose do Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho quer revelar".
16. Mas **felizes são vossos ouvidos porque ouvem**.	23. E voltando-se para seus discípulos, disse: "**Felizes os olhos que veem o que vedes**,
17. pois em verdade vos digo, que muitos profetas **e justos** desejaram ver o que vedes e não viram; e ouvis, e não ouviram.	24. pois digo-vos que muitos profetas **e reis** quiseram ver o que vedes e não viram, e ouvir o que ouvis, e não ouviram".

47. Jesus alegrou-se em espírito e disse: “abençoo-te, Pai, senhor do céu e da Terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios intelectuais e as revelaste aos pequeninos.
48. Sim, Pai, pois assim se torna bem perante ti”.
49. Voltando aos discípulos disse: “tudo me foi transmitido por meu Pai, e ninguém tem a gnose do Filho, senão o Pai, e ninguém tem a gnose do Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho quer revelar.
50. Felizes são os ouvidos que ouvem e felizes os olhos que veem o que vedes.
51. Muitos profetas, justos e reis quiseram ouvir o que ouvis, e não ouviram. Quiseram ver o que vedes e não viram”.

79.3 **Evangelho-parte 3: O convite estendido.** (Lc)

Mateus 11:28-30
28. Vinde a mim todos os fatigados e sobrecarregados, e eu vos repousarei.
29. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou doce e modesto de coração e achareis repouso para vossas almas,
30. porque meu jugo é benéfico e meu fardo é leve".

52. Dirigindo a sua fala ao círculo maior, continuou: “vinde a mim todos os fatigados e sobrecarregados e eu vos repousarei.
53. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou doce e modesto de coração, e achareis repouso para vossas almas.
54. Porque meu jugo é benéfico e meu fardo é leve”.

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Que tipo de resultado satisfatório os 72 conquistaram com a peregrinação missionária?

Quando cumprimos nossa função, executando bem a tarefa ou serviço, só podemos mesmo é nos dar por satisfeitos. É o expectado. Mas com os missionários da segunda leva foi diferente. Primeiro, o conteúdo do seu relato já era conhecido do Mestre. Com vidência privilegiada já testemunhara, mesmo à distância. Jesus confirma que um poder espiritual lhes fora transmitido, em decorrência de especial filiação. É parte de uma iniciação, que guarda muitos mistérios e, por isso, tem múltipla expressão. Tornaram-se capazes de afastar Espíritos trevosos e perseguidores, causa de vastos transtornos psíquicos. Além disso, ficaram imunes à peçonha, não exclusiva de animais. Protegidos contra o mal passaram a ser. Mal que lesiona o corpo, a personalidade, mas que é impotente diante do espírito crístico. Esses dons eles receberam.

São recursos que trazem conquistas do primeiro nível da escola espiritual. Devem ser computados, avaliados, mas não motivo para glória já que se trata de um começo. E não deixa o Mestre de lhes dar mais uma lição que, por correspondência, acolhemos.

Quando se assume a missão cristã sem olhar para trás, isto é, não gastando tempo computando vantagens, o resultado é a queda vertiginosa do adversário. Não pensemos, neste caso, com exclusividade no inimigo que ronda o espaço externo, mas sobretudo no diabo – o antagonista – que mora dentro. Quando se adere em totalidade à causa superior, os padrões antigos do ego não mais ecoam na consciência. Essa vibra numa sintonia fina, encontrando seu dispensador aqui e agora como companhia ímpar.

Nessa circunstância, a mudança é tão intensa e profunda que implica na morte do ego e renascimento do eu superior. Muitos que fizeram tal travessia se depararam com vida tão nova que não titubearam em trocar seu nome. Aqueles que conviveram com o Cristo passaram por tal revolução. Tiveram, em consequência, seus nomes escritos no céu. Simão, passado a Pedro, simboliza o processo coletivo dos apóstolos. Aconteceu também com Mateus, Estevão, Paulo. Os 72 ou 84, quando somados aos 12 missionários da primeira leva, integram-se nesta condição. Seus nomes foram inscritos nos anais do Reino. Tinham, pois, motivo suficiente para desfrutar de uma alegria diferente.

Ter o nome inscrito no céu significava, pois, ser salvo. Traduz-se por termo mais atual – iluminação – uma conquista que, se já ingressamos na romagem evolutiva consciente, almejamos.

Aconteceu com Moisés o contrário. Pediu que seu nome fosse retirado do livro sagrado, caso o Senhor não perdoasse o pecado do seu povo, acometido pela loucura de trair o Deus único, já que assumia, como verdadeiro patriarca, a missão de conduzir os hebreus à Terra Prometida.

2. O que foi revelado aos missionários que nem mesmo muitos profetas obtiveram?

Se a satisfação dos discípulos era por ter submetido os Espíritos da sombra, o Cristo, a seu turno, experimenta alegria distinta, para a qual não estavam amadurecidos. Admira e externa para que aprendamos a grandeza do regozijo de quem cumpre a lei (vontade) de Deus. Poderíamos inscrever o conteúdo do seu louvor no capítulo que versa sobre "os mistérios da fé".

O que é necessário para crer? É possível começar a apreender esse mistério através da prosaica relação entre filhos e pais, onde os pequeninos apresentam disposição inata de confiar nos progenitores. A base dessa confiança reside no cuidado que reflete amor. São da mesma natureza os ingredientes natos da nossa fé no Pai criador. Ele nos cuida por conta do seu amor, ou por muito nos amar nos ampara e inspira. Seu desvelo providencial, de máximo grau, encontra, na atenção dos genitores, um mero arremedo.

Como explicar a (des)confiança na relação horizontal com o próximo, seja pessoa comum ou um ser especial? Na mesma base, apontada acima. Mire nos olhos do semelhante, mas olhe profundamente, com olhar intenso, desnudo, livre de preconceito. Assim, você se abre para ver com o espírito e não com a personalidade que o camufla. Mirando com o espírito, você descobre se o outro vibra a partir da essência ou da superfície, uma aparência efêmera e mutável. Se ele age pelo Ser ou pelo ego. A recíproca é verdadeira para o outro, que olha dirigido pelo espírito. Ter acesso a esta condição de olhar e ver é parte do mistério.

Quem vinha a Jesus nessa condição via nele o Ser especial – o Eu sou. E, quanto mais se desarmava, mais recebia. Quem chegava com dúvida, com a precaução da soberba, de quem detinha o poder de, em última instância, decidir se era ele o Messias, essa pessoa ficava retida nas malhas das elucubrações intelectuais. Prendia-se e perdia-se.

Ficavam diferenciados os dois tipos de pessoa que o abordavam – os *grandes* e os pequenos. Eram eles quem procediam a classificação. O Cristo, com sua autoridade genuína, apenas verbalizava o que o olhar, o gesto e até a palavra, estampavam. Uns aderiam, outros o combatiam. Aos primeiros, transmitiu poderes elementares – dos quais quiseram se glorificar – ao realizarem a missão lhes confiada.

Em João 6:65 (MC-103), o Cristo falou: "ninguém pode vir a mim, se pelo Pai não lhe for concedido". Ambos tipos, acima discriminados, ao se aproximarem são conduzidos pelo Pai, que concede o dom de olhar e ver. Porém, não devem obstruir essa visão com o pseudo saber. É esta realidade da lei – a vontade de Deus - que o sublime galileu está a admirar e a comunicar.

Em João 6:39 (MC-101), mais esclareceu: "a vontade de quem me enviou é que todo aquele que ele me deu, eu não me separe dele até a etapa final". Estava consubstanciando os liames da filiação divina com os missionários, da primeira e segunda levas.

Em João 6: 40 (MC-101), continuou: "ainda como vontade do Pai, que todo aquele que contempla o Filho e nele confia, tenha vida imanente. Este eu o elevarei na etapa final". Discrimina o destino de todos os seus liderados, que passam a ter a gnose do Pai, o conhecimento pleno, direto.

A grande diferença é que esses com conviveu nas terras e andanças pela Palestina, receberam diretamente, sem intermediação, tal oferta grandiosa. Seus passos foram encaminhados, sua conduta ensinada, e os poderes lhes transmitidos por sua singular presença. São poucos, pouquíssimos os Espíritos que continuam em missão pisando o chão do planeta ou até mesmo as dimensões sutis do plano extra-físico que tiveram o privilégio desse contato direto. Então conclui: muitos profetas,

justos e *reis* (grau avançado da iniciação na escola cristã) desejariam ouvir e ver aquilo que os oitenta e quatro missionários estavam recebendo.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Qual é a graça de ir ao encontro do Cristo, em meditação?

Ouvi bem o teu convite anterior, Amigo Divino, quando mostraste três passos do discipulado: aceitei-os de bom grado, tal o sentido que me fizeram: 1) Negar a mim mesmo; 2) Tomar a cada dia minha cruz: 3) E seguir-te.

Com este segundo chamado, tudo mais clareado ficou: 1) Teu convite é dirigido para todo aquele que sofre, fatigado ou sobrecarregado. Isto é, aos que se cansaram, pela dureza do caminho ou pelo peso a ser carregado na travessia. 2) Justificas o motivo para aceitar teu convite. Darás repouso, que é tudo o que o caminheiro quer no final de cada dia – alcançar pousada aprazível para descarregar o fardo, e ter leito acolhedor para se refazer por meio do sono noturno.

Prossegues com singular auto apresentação: 1) És doce e modesto de coração; 2) Levas consigo, na andança, jugo benéfico e fardo leve; 3) E tens o que ensinar sobre o caminho.

Ou seja, estás conosco na mesma estrada, pois que aqui desceste para participar da nossa rotina. Quer dizer, tiveste um jugo a te restringir os braços e uma carga a te pesar o corpo. Todos os temos.

Entendo e aceito as condições do teu convite. Preciso aprender a negar a mim mesmo, fazendo uma opção por ti. Crer, com absoluta certeza, em cada passo, que não sou o pequeno eu com o qual me acostumei a trilhar nas agruras do cotidiano. Sou o Cristo, na mesma unidade de que és um com o Pai. Paulo realizou esta mudança radical e declarou: "não sou mais eu quem vivo, mas é o Cristo quem vive em mim".

Tomar minha cruz, porque tu também carregas um jugo. No teu caso, o fardo foi o de ter descido até nossas regiões sombrias para nos ensinar a como andar pelo caminho. Não tinhas máculas como aquelas que nos impõem o fardo pessoal. Não apenas ensinaste, mas recebeste, em troca, agressão desmedida pela gravidade do teu ensino que nós, crianças rebeldes, não soubemos assimilar.

Devo aceitar o que me restringe, pois preciso aprender com tais limites a me libertar das cobranças que faço para ser feliz. Devo acolher o peso da mochila que carrego. No seu interior estão os carmas que vão se escoando, na medida que curso bem o caminho.

E rememoro o último passo – seguir-te – que agora mais se esclarece, porque significa aprender contigo. Convidas-me a aprender contigo, porque tens o que ensinar. Não és daqueles que ensinam como conquistar os autos postos da hierarquia humana. Pelo contrário, és doce e modesto do coração. Não é da falsa modéstia que falas. Tua coroa, que aceitaste, foi de espinho, e teu trono, que acolheste, foi uma cruz. Não discutiu para ter razão e ser liberado de juízes e algozes precários, pois já tinhas a liberdade, apesar de toda a aparência contrária.

Ensinar essa realidade é uma luta de dois milênios, mas, felizmente, estou começando a aprender, e agradeço a oportunidade de te seguir os passos.

Versículo(s) para a meditação: Mateus 11:28-30.

28. Vinde a mim todos os fatigados e sobrecarregados, e eu vos repousarei.

29. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou doce e modesto de coração e achareis repouso para vossas almas.

30. porque meu jugo é benéfico e meu fardo é leve".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 139 – paragem 331 – 14.05.17
MATEUS 12:31-37; MARCOS 3:28-30

RedeUnaViva: Meditação Cristã 290 – paragem 9-313 – 05.04.2020

80.RedeUnaViva: Meditação Cristã 122 – paragem 221 – 15.01.2017

MATEUS 17:19-21; MARCOS 9:28-29

A CURA DO EPILÉPTICO – A FÉ

Cura 12 (continuação)

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

67. Por que não puderam os discípulos expulsar o Espírito obsessor do jovem epiléptico?
68. O que é a fé que remove montanhas?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

69. Como jejuar para alcançar a oração meditativa?

80.1 Introdução: Sobre o insucesso dos discípulos na cura do epiléptico.

De novo os discípulos se intrigaram com aquele evento público. Desde que Jesus os despachou para a primeira peregrinação pela Galileia, outorgou-lhes o direito, e dever, de propagar o reino de Deus, tal como ele próprio fazia. Eles já tinham participado bastante desse serviço, testemunhando o *modus operandis* do Mestre. Jesus também os autorizou a curar em seu nome. Conseguiram resultados tão satisfatórios que, convocados a repeti-los pelo pai desesperado, tomaram a inciativa. É provável que algumas iniciativas foram tentadas. Cabe-nos a hipótese de que alguns, ou todos, dos nove apóstolos colocaram-se na posição de curador. Pediram, ordenaram, impuseram as mãos e, até, outros recursos usaram. Mas nada, o Espírito resistiu e permaneceu no seu posto de influência danosa. No entanto, quando o Cristo entrou em ação, o resultado testemunhado foi diferente. Maravilharam-se tal como procedeu a multidão que assistia à cena. Não obstante o silêncio, seguiram com atroz dúvida. Diversas ideias perpassaram-lhes a mente.

A sós com o Mestre, no ambiente protegido da casa de Pedro, disferem, de imediato, a pergunta: "por que não conseguimos curar o jovem enfermo? Por que não conseguimos eliminar aquilo que se deduz ser a causa da sua doença, ou seja, a influência e domínio de um Espírito inferior sobre o mancebo"?

Em três versículos de Mateus e dois de Marcos é exposto o colóquio íntimo do colégio cristão, elucidando para eles e para nós a lição. O versículo central de Mateus não tem correspondência em Marcos. Aborda especificamente a fé. O sintético esclarecimento de Jesus sobre a questão merece acurada análise a fim de que não venhamos repetir a experiência frustrante e, até vexatória, dos primeiros voluntários da seara evangélica.

80.2 **Evangelho-parte 1: Fé, oração e jejum.** (Mc, Lc)

Mateus 17:19-21	**Marcos 9:28-29**
19. Então chegando-se os discípulos a Jesus em particular, perguntaram: "Por que não pudemos nós expulsá-lo"?	28. E tendo **entrado ele em casa**, perguntaram- lhe seus discípulos **particularmente**: "**Por que não pudemos nós expulsá-lo**"?
20. Jesus respondeu-lhes: "Por **vossa falta de fé**, pois em verdade vos digo que, **se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a este monte**: **Passa daqui para lá, e ele passará; e nada vos será impossível**".	
21. Mas esse tipo não sai senão com oração e jejum".	29. Respondeu-lhes: "Esta espécie **só pode sair** pela **oração e jejum**".

55. Entrando em casa, os discípulos perguntaram-lhe, em particular: "por que não pudemos nós expulsá-lo"?
56. Jesus respondeu-lhes: "por vossa falta de fé, pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a este monte: passa daqui para lá, e ele passará; e nada vos será impossível".
57. "Mas esse tipo de Espírito não sai senão com oração e jejum."

80.3 **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

16. Por que não puderam os discípulos expulsar o Espírito obsessor do jovem epiléptico?

Jesus foi sintético na primeira resposta: falta de fé. Depois, explicou melhor a relação do poder (curativo) com a fé. Concluiu, então, sobre a necessidade de oração e jejum para enfrentar problemas graves, como obsessões daquele jaez.

Quando Jesus convocou os doze, deu-lhes poder para expulsarem espíritos perseguidores e curarem toda espécie de enfermidade (Mt 10:1). Após elencar as instruções indispensáveis à missão, despediu-os dois a dois, em peregrinação. Assumiram o posto de primeiros mensageiros do reino de Deus (MC-88 e seguintes). Apoiou-os magneticamente à distância, no desempenho do nobre serviço. Nesta passagem, deparamo-nos com um dos seus insucessos, embora é crível que outras decepções tenham ocorrido. Quiseram conhecer os motivos dessa incapacidade e, na primeira oportunidade, isto é, em particular, na casa de Pedro, interrogaram seu Mestre.

A ciência espírita já esclareceu o suficiente para entendermos que a "expulsão" de Espíritos malignos, ou *imundos*, depende de muitos fatores. Não é obra de voluntarismo técnico que um exorcista eleja na intenção de desligar os dois Espíritos comprometidos. O uso de amuletos, talismãs ou palavras mágicas decorre de um precário entendimento sobre a natureza da obsessão. O poder real, que vem do coração, é dirigido pela lucidez que o conhecimento gera. Essas prerrogativas transbordavam do Cristo. Quem as tem usa a palavra com tamanha exatidão e firmeza, deixando o subordinado a única opção de acatá-la. O poder moral irradiado é soberano. Assistimos a isso em alguns casos de cura dos endemoninhados, protagonizados pelo Nazareno. Eles reconheciam e se submetiam à sua autoridade. Ela produz o afastamento por instalar uma aura luminosa de proteção sobre o perseguido da atualidade – sim, esta designação temporal é cabível, pois a vítima de hoje pode muito bem ter sido o algoz do passado – para que o obsessor não volte à carga.

No entanto, mesmo desprovido desse grau de autoridade, o cristão pode ajudar através do intercâmbio espiritual, onde a mediunidade desempenha importante função. Cooperar nesse processo de libertação implica em operar nas duas pontas do problema. A cura depende de *evangelização*. Tanto do obsessor e do obsidiado, como do *doutrinador* – isto é, do encarnado que enceta diálogo esclarecedor com o Espírito. Através de um médium de psicofonia (faculdade mediúnica utilizada pelo Espírito para se exprimir pela fala), essa abordagem permite que o Espírito mostre suas motivações à perseguição, enquanto a vítima pode vir a conhecer seus comprometimentos de outrora. A evangelização está na base da cura porque, invariavelmente, a obsessão é movida por ódio decorrente de confrontos ocorridos em outras encarnações. Quando conhecidos, ensejam a compreensão da necessidade do mútuo perdão. As vibrações de amor em torno do campo mental dos competidores produzem mudanças significativas e, após um tempo de tratamento, é possível falar em restauração da saúde espiritual.

Fé, oração e jejum funcionam como elementos curativos indispensáveis para os três, incluindo até mesmo o médium doutrinador, concebido como a ponta visível da singular equipe médica. Mas o jejum mais eficiente para o médium, como agente facilitador, é aquele que o afasta das paixões que enredam o ego nas faixas inferiores da vida. E o seu cultivo deve ser diário e constante.

17. O que é a fé que remove montanhas?

Fé é o sentimento de quem acredita naquilo que considera verdadeiro. Embora haja a fé em algo concreto, como o si mesmo, na acepção religiosa a fé se relaciona com o transcendente, o imponderável ou o abstrato. No Pai, em Deus. A dificuldade do

iniciante reside em não reconhecer o Pai em si, ou seja, sua identidade com Deus. Em não admitir o transcendente como também imanente. O Si mesmo como Deus e base da fé excelente.

Fé, como atitude, pressupõe vontade convicta dirigida para um objetivo, não somente realizável, mas que virá a ser realizado. O fim almejado será atingido. O fiel considera saber o que fazer para alcançar seu escopo, ou saber esperar pelo seu resultado.

A fé, como crença, pressupõe a validação dos princípios religiosos, pelo menos, para si.

Como é isto, na doutrina cristã?

Jesus diferenciou o valor do pão transitório daquele alimento estável para a vida imanente que o próprio Filho do Homem tem para dar. Ou seja, separou as coisas que são da Terra, efêmeras e transitórias, daquelas que são do Espírito, permanentes e definitivas. Exaltou a diferença entre realizar as obras do homem daquelas próprias de Deus.

Nesse contexto, afirmou: "Eu, que aqui estou, que vos olho e por vós sou visto, palpável, eu sou o Pão Vivo. Realizar a obra de Deus começa por acreditar nesta afirmação que vos dou. Quem dá este pão, na verdade, é o Pai, que o deu a Moisés para distribuir com vossos pais, no deserto, como o dá, agora, a mim. Eu desci do céu para fazer a vontade do Pai e não a minha. E a vontade dele é que eu não separe dele todo aquele que ele me deu, mas que o eleve na etapa final. Eu sou o Pão da Vida e quem comer desse alimento terá a vida imanente. Ninguém vai ao Pai senão por mim. (João 6:27 e seguintes). "Quem crê em mim, crê, não em mim, mas naquele que me enviou" (João 12:44). Jesus, o imanente, traz consigo o Cristo transcendente. Cada um de nós, na imanência de ser humano, traz consigo a transcendência crística.

Apossar-se da fé cristã implica em participar da corrente que compacta e transmite, em torno de trinta gerações, a unidade do Cristo com o Pai, como o legado da Tradição. Implica em descobrir nessas gerações, desde a primeira, os verdadeiros apóstolos capazes de manter aceso o testemunho de fé do Mestre, revelado em palavras e atos. Reatualizaram em cada época a fé em essência – sua comunhão com o Cristo e o Pai –, como exemplos vivos. Cabe a nós descobri-los para que, pegando deles o bastão, o transmitamos aos nossos filhos e seguidores.

Na atualidade, é possível a utilização de um fenômeno estudado pela Física Quântica, para ilustrar o ensino especial do Cristo sobre a fé. Trata-se do **Efeito Compton.** Em termos simples e rápidos, o fóton, como partícula de luz, detém a propriedade de "expulsar" um elétron da sua órbita em torno do núcleo atômico, na dependência da sua frequência. Quanto maior a frequência de uma partícula quântica mais elevada é a sua energia. Acima de uma dada frequência (na faixa da luz verde), a energia do fóton é suficiente para interagir com o elétron *massivo* (que contém massa) como se fossem duas "bolinhas de bilhar". E o fóton por ser mais potente, nesta condição, joga o elétron para longe. Se sua frequência for baixa, o fóton funcionará como uma onda, cuja energia será absorvida pelo elétron. Entenderam sua correspondência, como fenômeno físico, com o fenômeno mental?

Essa correspondência permite-nos desvendar aquilo que parece absurdo na frase, "se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a este monte: passa daqui para lá, e ele passará..."? A mente bastante energizada, em estado de fé, é capaz de agir, de mover, a matéria.

O Cristo já utilizou a figura dessa diminuta semente como comparação do reino de Deus, dizendo que ele se parece com a pequenina semente, quase imperceptível, mas depois de desabrochar, torna-se um imenso arbusto. De outra feita afirmou que João Batista era o maior dos nascidos de mulher, mas que o menor no reino de Deus era maior do que o precursor.

Se ainda somos da Terra, filhos de mulher, com fé comparável com a dos menores moradores do reino de Deus, isto é, pequena, do tamanho de um grão de mostarda, mesmo assim, nossa mente, vibrando em alta frequência, funcionará como uma montanha maior do que aquela que queremos mover – analogia entre o fóton e o elétron. Um corpo maior *tende a dobrar* outro menor. De outro modo, transpondo o fenômeno físico para a esfera da obsessão, se a frequência mental do curador for grande o suficiente, ele "expulsará" o *Espírito imundo* do campo vibratório da vítima, tal como o elétron foi "expulso" do campo atômico.

A mente depurada tem a capacidade de mover a matéria e ainda, subordinar Espíritos que vibram em frequência mais baixa. Assim, poderá ser entendida a fé, associando a palavra do Cristo com a ciência atual.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

18. Como jejuar para alcançar a oração meditativa?

Sou também um aprendiz da fé, Amigo divino. No mais das vezes esforço-me para fazer o que me cabe nas tarefas diárias, deixando à providência a escolha daquilo que me é necessário, útil e valoroso. E ao que me vem, devo responder a contento.

Ensinaram-me os Espíritos, teus mensageiros, que para alcançar aquilo que é pedido, preciso três requisitos: saber pedir, fazer por merecer e esperar com paciência o concurso do tempo. Esse, muito mais o de Deus do que o meu.

Posso pedir o inadequado e, como medida de segurança, tal como um pai zeloso, que não dá de acordo com os caprichos do seu rebento, Deus resguardar-me do pior. Não estaria alcançando o objetivo por falta de fé? Não. Mas pela impropriedade do pedido.

Posso pedir aquilo que para ser alcançado careço de passos intermediários que ainda não trilhei e, portanto, não detenho. Não estaria conquistando o almejado por falta de fé? Não. Mas por não ser merecedor de tal. De que serviria ter poder se seu uso comprometesse a empreitada?

Portanto, nas mãos de Deus me coloco, pedindo que se faça a sua vontade e não a minha. E me exercito na paciência, esperando pelo melhor enquanto a fruta interior amadurece.

Aquilo que já entendo como imprescindível em cada situação para agir como trabalhador da causa cristã, nisto peço ajuda. Para que os padrões do ego se desvaneçam, reflito em cima das tuas máximas e, para isto, peço ajuda.

Para os familiares e companheiros do bom trabalho, peço força, sim. Peço resistência para suportarem os desafios que lhes batem à porta. E lucidez para escolherem o que produz crescimento. Peço para que esteja disponível, acolhendo toda oportunidade de ajudar, mesmo que isso implique em somente saber calar, ou transformar em mim aquilo que vislumbro ser necessário neles. O exemplo genuíno fala mais fundo do que conselhos e sugestões.

É certo que muitos resultados dependem de oração e jejum, tal como na cura do jovem endemoninhado. E para vencer meus demônios interiores, tenho mesmo que recorrer aos dois – oração e jejum. Entro em meditação diária para educar minhas veredas do pensar e do sentir; para alcançar a estabilidade mental que torne mais potente a prece para segundos e terceiros. Seus oponentes são as emergências egoicas que brotam na consciência na hora da prática.

Cuido para distinguir nessas emergências as sementes da fome de emoções supérfluas, de conversações comprometedoras e de ações desajustadas. Este é o jejum que devo cultivar. Aproveito para realizar autoterapia: assumo *completações* para conhecer e me livrar dos padrões de sofrimento que ainda carrego.

Depois deste jejum e oração, me preparo para a comunhão. E com fé, colaboro com aqueles que comigo partilham esta jornada.

80.4 **Versículo(s) para a meditação:** Mateus 17:20

Jesus respondeu-lhes: "Por vossa falta de fé, pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para lá, e ele passará; e nada vos será impossível".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 123 – paragem 222 – 22.01.17
MATEUS 17:22-23; MARCOS 9:30-32; LUCAS 9: 43-b-45.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 291 – paragem 9-314 – 12.04.2020

81.RedeUnaViva: Meditação Cristã 245 – paragem 8-331 – 26.05.2019

MATEUS 28: 9-10; MARCOS 16:9-11; JOÃO 20:11-17

RESSURREIÇÃO III – Jesus ressurge à Maria Madalena

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

70. Como harmonizar os evangelistas no relato da ressurreição?
71. Como melhor entender o singular encontro entre Jesus ressurrecto e Madalena?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

72. Como o Cristo ressurgiu em mim?

Introdução: A euforia de Madalena.

Já foi dito que harmonizar o relato da ressurreição escrito pelos quatro evangelistas é tarefa difícil. Há referências desencontradas e fatos que, apesar de parecerem ser um só, se repetem. Tudo indica, por exemplo, que o diálogo de Maria Madalena com os anjos, estudado nesta Meditação Cristã, foi distinto daquele outro envolvendo o grupo de mulheres. É sugestivo, inclusive, que Madalena compusesse tal grupo. Ainda parece verdadeiro que ela foi portadora de duas distintas mensagens dirigidas aos discípulos. Mas, o seu estado de espírito é bem diferente, com certeza, nas duas ocasiões; isto é, dos dois diálogos com suas mensagens. Quanto ao primeiro diálogo, junto com Salomé, Joana e Maria, tia de Jesus, para citar algumas, ela não deu ao anjo o crédito devido. Não coincidirem sobre o número de mensageiros (um ou dois anjos) parece ter decorrido também da duplicidade dos encontros. Para Marcos e Lucas, o anjo único ajusta-se ao primeiro encontro. Para Mateus, os dois Espíritos corresponderiam aos protagonistas do segundo. Quando havia um, Maria se surpreendeu mais pela ausência do corpo do Mestre do que pela inusitada informação dos mensageiros iluminados. A frase sobre a ressurreição não preponderou em suas considerações, pois a clareza com que a assimilamos hoje pode ter lhe parecido confusa ou até

metafórica. O que mais saltou à sua percepção foi o corpo desaparecido. Furtado? Escondido? Comunicou isso a Pedro e João na sua primeira ida. Entre a primeira e a segunda conversa com os discípulos, houve a vistoria do sepulcro por eles, confirmando o já constatado por Maria. Na sequência veio o principal, ou seja, a aparição do Cristo. Com ela, tudo se modificou. Encontrar o corpo não era mais necessário porque sua ausência passou a significar o ressurgimento do Mestre, a demonstração da vitória da vida.

Depois dessa capital revelação, ela correrá de novo aos irmãos. Não mais tristeza ou preocupação a lhe consumirem; outrossim, a euforia, pois o Senhor não morrera.

Novamente, a expressão de Mateus, com dois versículos, e de Marcos, com três, são menores, se comparadas com os onze de João. Ali encontram-se os detalhes do diálogo ímpar – entre o Mestre ressurrecto e a discípula enlevada.

81.1 **Evangelho-parte 1: Madalena vê Jesus ressurrecto.** (Mc, Jo)

Marcos 16:9	**João 20:11-17**
9. E Jesus, tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demônios.	11. E Maria estava em pé, chorando, diante do sepulcro. Estando ela, pois, chorando, abaixou-se para olhar dentro do sepulcro. 12. E viu dois anjos vestidos de branco, assentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. 13. E disseram-lhe eles: Mulher, por que choras? Ela lhes disse: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. 14. E, tendo dito isto, voltou-se para trás, e viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus. 15. Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? Quem buscas? Ela, cuidando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. 16. Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni, que quer dizer: Mestre. 17. Disse-lhe Jesus: Não me detenhas, porque ainda não subi

	para meu Pai, mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.

1. Jesus ressuscitou na manhã do domingo e apareceu primeiramente para Maria Madalena, de quem ele havia expulsado sete demônios.
2. Madalena chorando fora do sepulcro, abaixou-se para olhar no seu interior.
3. Viu dois anjos vestidos de branco, sentados na pedra onde ficara o corpo de Jesus. Um, à cabeceira, e o outro, aos pés.
4. Perguntaram-lhe: "mulher, por que choras?
5. Ela respondeu: "porque tiraram o meu Senhor e não sei onde o puseram.
6. Ao dizer isso, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus.
7. Perguntou-lhe Jesus: "mulher, por que choras? A quem procuras"?
8. Julgando ser o jardineiro, respondeu: "Senhor, se tu o levaste, dize-me onde puseste e eu o levarei".
9. Disse-lhe Jesus: "Maria"!
10. Ela, virando-se, disse-lhe em hebraico: "Raboni"! que quer dizer "Mestre".
11. Disse-lhe Jesus: "não me toques porque ainda não subi ao Pai, mas vai aos meus irmãos e dize-lhes que eu subo para o meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.

81.2 **Evangelho-parte 2: Madalena anuncia a ressurreição do Cristo.** (Mt, Mc, Jo)

Mateus 28:9-10	**Marcos 16:10-11**	**João 20:18**
Mt 28:9 E, indo elas a dar as novas aos seus discípulos, eis que Jesus lhes sai ao encontro, dizendo: Eu vos saúdo. E elas, chegando, abraçaram os seus pés, e o adoraram.	10. E, partindo ela, anunciou-o àqueles que tinham estado com ele, os quais estavam tristes, e chorando.	18. Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos que vira o Senhor, e que ele lhe dissera isto.
Mt 28:10 Então Jesus disse-lhes: Não temais; ide dizer a meus irmãos que vão à Galiléia, e lá me verão.	11. E, ouvindo eles que vivia, e que tinha sido visto por ela, não o creram.	

12. E, partindo, Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos que vira o Senhor e aquilo que ele lhe dissera.
13. Ouviram, mas não creram em suas palavras.

É difícil encaixar quando teria acontecido o narrado por Mateus. Poderia se pensar que elas chegaram quando Jesus dialogava com Madalena. Mas como o abraçaram, se Jesus impedira de Madalena o tocar? Teriam visto na sequência depois de terem falado com os anjos dentro do sepulcro, conforme se vê nos versículos anteriores de Mateus? Nesse caso, a aparição de Jesus para essas mulheres teria sido em momento distinto daquele em que ocorrera com Madalena.

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

3. Como harmonizar os evangelistas no relato da ressurreição?

Há muita dificuldade em harmonizar a narração dos quatro evangelistas sobre a ressurreição.

A sequência dos fatos até agora se mostra assim. Na madrugada de domingo, Maria Madalena, junto com outras mulheres, rumaram em direção ao sepulcro, na intenção de realizar a última unção no corpo do Senhor. Acessaram fácil seu interior, já que a pedra que o tapara fora removida (MC-243). Não encontraram o corpo de Jesus, senão um anjo que lhes informou haver Jesus ressuscitado. Segundo Lucas, eram dois homens, e não um anjo, conforme descreveram Mateus e Marcos. Foi lhes recomendado irem até os discípulos, distinguindo Pedro, para contarem o acontecido. Entre o temor e a alegria, seguiram céleres e transmitiram a mensagem. Os três sinóticos descrevem com mais detalhes esse preâmbulo do que João (Mt 28:1-8; Mc 16:1-8; Lc-24-12; Jo 20:1 – MC 243). Divergem Mateus dos outros dois, já que o ex-publicano, na sequência, isto é, nos versículos 9 e 10, diz que a essas mulheres, enquanto estavam a caminho, Jesus apareceu. Perplexas e entusiasmadas, se lançam aos seus pés, em adoração. Ele recomenda avisarem aos ***seus irmãos*** para descerem até a Galileia, onde o veriam. Entretanto, Marcos e Lucas não mencionaram o encontro com Jesus nesse entremeio.

Na sequência, João, com exclusividade, amplia a narrativa (Jo 20:2-10 – MC-244). Resume Madalena como a única a visitar o sepulcro na aurora daquele domingo. Não inclui qualquer diálogo com anjos ou homens. Apenas verificou o túmulo vazio, fixando-se no entendimento que seu corpo fora levado. Contudo, ao narrar o acontecido aos discípulos, usa o plural "... ***não sabemos*** para onde ele foi levado". Falava em nome das mulheres ou usava um plural protocolar? A primeira hipótese é mais plausível, já que nas outras descrições está dito que um grupo de mulheres, entre elas, Maria Madalena, se dirigiu ao sepulcro. Teria ela ouvido o(s) anjo(s)? Admito que sim. No entanto, seu sofrimento era tanto e a sua devoção tamanha, que só pensava no cuidado póstumo, como expressão do seu sincero amor ao Senhor. A ressurreição, para ela, estava fora de cogitação, mesmo que já anunciada pelo anjo. Na descrição de João, nesse momento, ele não avistou os mensageiros especiais.

Respondendo à mensagem, correram os dois, Pedro e João, até o sepulcro no afã de confirmarem o fato. Apenas Mateus vai dizer que nesse intervalo, as mulheres avistaram Jesus. Não é coerente com as demais descrições, principalmente com a de João, mais esmiuçada.

Depois de vistoriarem a gruta do sepultamento e constatarem a ausência do corpo, é que João começa a cogitar sobre a realidade da ressurreição do Cristo.

É possível que as mulheres resolveram permanecer por um tempo na casa de João – estavam cansadas da correria. Mas Madalena seguiu ao encalço dos dois discípulos. Chegou depois e também lá permaneceu após a saída pensativa deles. Pesarosa e sofrida, entre lágrimas buscava em longos haustos o ar que quase lhe faltava. Foi nessa perambulação em torno do sepulcro que em certo momento decidiu espiar seu interior.

4. Como melhor entender o singular encontro entre Jesus ressurrecto e Madalena?

João detalha o que se passou com Madalena ali no sepulcro depois que ele, junto com Pedro, partiram. Provavelmente, colheu da própria, sua experiência.

Inquieta e inconsolável, ela decidiu olhar mais uma vez dentro do jazigo. Se o corpo lá estivesse, aplicaria as ervas aromáticas misturadas com bálsamo que, com tanta dedicação, na véspera preparara. Segurava o frasco da mistura não apenas envolvido em panos mas em todo o seu ser. Só enxergava o ato de intimidade devota que prestaria ao seu Senhor, já que a morte era fato. São momentos em que o ego, obstinado, teima em tornar realidade a sua cara fantasia.

Olhou e, de novo, viu os anjos. Ah, os anjos! Que queriam já que não a ajudavam reaver o Senhor?! Pareciam velar o corpo invisível, sentado um à cabeceira da pedra sepulcral e o outro, aos seus pés. A brancura de suas vestes era de candura lirial, quase diáfana. Quiseram saber o motivo do seu choro e respondeu o óbvio. Perdera o corpo do Mestre e só pensava no seu resgate. Ouviu passos à retaguarda e de relance admitiu tratar-se do jardineiro do horto, um servo do Arimateia. Também esse quis saber o mesmo – o motivo do seu pranto. E mais, a quem ela buscava. Maria entreviu nova oportunidade de conhecer o paradeiro do corpo. Dispôs-se até, no delírio, locomove-lo sozinha. Mas, então, foi arrebatada. Não havia dúvida – saía de um pesadelo ou penetrava em algum sonho? Seu nome fora pronunciado com aquele timbre inconfundível. Só podia ser... Seu Senhor a chamava pelo nome – Maria! De inopino, correspondeu: "Raboni".

Mencionou se atirar nele, mas foi contida. "Não me toques". Entendeu haver necessidade de fluir no regozijo espiritual. De olhos para olhos, de coração no coração. Não soube precisar quanto tempo durou aquele idílio compensatório. Mas fruiu em cada palavra que, atenta, sorvia. Era alimento vivo para sua alma renascente.

Subiria para o Pai, para Deus, que é Pai e Deus de todos eles. Seria a mensageira da alvissareira notícia, que maravilha! Que alegria anunciar para os discípulos que o Senhor vivia, estava vivo. Fora capaz de vencer a cruz e o túmulo e voltara para testemunhar como alguém jamais fizera. Suas promessas auspiciosas estavam cumpridas. Num átimo, uma centelha brilhante renascia em si mesma e precisava compartilhar. Queria permanecer mas também tinha força imensa para correr e espalhar a notícia.

Não teve a mesma força do Cristo para retirar os amigos do acabrunhamento pessimista. Uma plenitude nunca experimentada lhe invadira e transbordava. Não sabia como se conter, mesmo com a descrença dos "irmãos".

Foi assim que o Mestre os tratara. Haviam crescido na escala do afeto. Não mais servos nem discípulos. Não mais apóstolos ou amigos, mas irmãos.

Maria Madalena se tornara a mensageira do Cristo, da melhor notícia dentro da Boa Nova. O Cristo vive e, com ele, todos nós, tal como os ramos da videira que usufruem da mesma seiva que sobe do tronco a nutri-los.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como o Cristo ressurgiu em mim?

Por que choras? – ressoou em mim a pergunta daquele singelo ente, quase confundido comigo, já que não o vi, mas apenas escutei.

Choro porque, apesar de estar nesta linda paragem, um horto de aromas e flores, de mim me perdi. Aonde ir, que lugar alcançar? Como suprir minhas necessidades para além do desfrute estético da paisagem incrível que me foi dada habitar? Ou, basta ter o que me envolve? Bastaria, se me contentasse em apreciar, admirar.

A quem procuras? – vibra a indagação singular, a que me flagra na limitação de um buscador, por me identificar com o faltante. Não preciso de flores, não obstante sua beleza ímpar. Não careço de frutos, apesar da saciedade prazerosa que veicula. Não é de conhecimento que necessito, embora me confira poder.

Qual falta essencial, então, me captura?

A voz se fez afirmativa num chamado irresistível: "Luiz"!

Entre o nome evocado e minha espontânea resposta, a eternidade me visitou. Soube o que ele tinha a me dizer porque já fora dito em outro tempo e dimensão. Tenho vivido dessa experiência desde que a semente de completude, por ele semeada, alcançou o terreno profundo de minha alma.

"Mestre"! – aquiesci. "Tome-me por inteiro" – não falei, mas espalhei.

"Sou vivo e contigo compartilho a chama divina, a fonte viva, a certeza de sermos filhos de Deus e, por isso, irmãos – ele retornou, para além das palavras.

Soube, então, o que me faltava: o eu crístico que sou. Aquele que me procura tal como esse reverberado pelo Cristo. Uno. Um com o Pai. E passei a querer a ser Um com ele, que vive em Deus.

Continuou: "como mais experiente, oriento-te nas escolhas visando a comunhão plena, em cada instante. Vá dizer aos irmãos que encontrares que compartilhamos a mesma abundância do Pai. A beleza da flor, o deleite do fruto, o sabor do saber. E aqueles que ligares em meu nome, para o serviço de amor que favorece a superação da morte e da dor, eu ligarei ao Pai. Como família humana, estamos na obra sublime de instalar na Terra o reino de Deus".

Assim, propago a sua palavra: "viva a vida imanente, a plenitude essencial, a paz do Espírito divino".

81.3 **Versículo(s) para a meditação:** João 20:18.

Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni, que quer dizer: Mestre.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 246 – paragem 332 – 02.06.19
MATEUS 28:9-10; MARCOS 16:9-11; LUCAS 23: 44-48
JOÃO 20:11-20

RedeUnaViva: Meditação Cristã 292 – paragem 9-321 – 19.04.2020

82.RedeUnaViva: Meditação Cristã 118 – paragem 211 – 18.12.2016

MATEUS 16:24:28; MARCOS 8:34-33-38 / 9:1; LUCAS 9:23-27

O DISCIPULADO CRISTÃO

82.1 **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

73. Como entender a primeira máxima do discipulado – negar-se a si mesmo?
74. Como entender a segunda máxima do discipulado – tomar sua cruz?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

75. Como realizar o discipulado, em meditação?

82.2 **Introdução: O discipulado.**

Depois de Pedro, na espontaneidade, ter explicitado sua dualidade de anjo e demônio – em semelhança conosco –, o Cristo aproveita e expõe os requisitos para ser seu discípulo. Ainda na passagem anterior, pelo tropeço na segunda pedra que materializou, Pedro foi posto no seu lugar – "vai para trás de mim, adversário". Agora, Jesus complementa. "De todos vós que situais à minha retaguarda, quem quiser me seguir tem que negar a si mesmo e tomar sua cruz".

Este versículo sintetiza o profundo significado do discipulado. Não parou nele, mas acrescentou outros dois para, em linguagem direta e quase contraditória, esclarecer o que é *o negar a si mesmo*. O sentido de *tomar a própria cruz* ficou embutido na frase subsequente que realça o balanço entre *preservar-e-perder* a alma. É preciso cavoucá-la para apreender o significado da cruz, já que Jesus dela cuidará, com mais especificidade, em lição vindoura.

Para melhor entender *o negar a si mesmo* carece de esmiuçar a diferença entre identidade pessoal e transpessoal, assim como a relação entre as duas, para que o posicionamento certeiro do aluno, no seu processo de resgate cármico, seja consistente.

Ademais, para o aspirante ser aceito nesta escola espiritual, não há como prescindir do primeiro e fundamental elemento, o imperioso uso do livre-arbítrio. É preciso dizer: eu quero ser discípulo do Cristo.

Os dois versículos finais apontam para a chegada do reino de Deus como consequência natural, advinda do seu coração, sob o investimento do verdadeiro adepto.

O conteúdo singular desta Meditação Cristã serve de preâmbulo para o magnífico presente que o Mestre oferecerá no próximo passo da sua andança, nesses tempos de retiro. Consoante à afirmação recente que, depois da morte física do justo, a ressurreição é certeza total, receberemos seu equivalente – a bendita graça da Transfiguração no Tabor – após passarmos por esse difícil ensinamento.

Apesar de muito parecidos esses textos de Marcos (capítulo 8), Mateus (capítulo 16) e Lucas (capítulo 9) – todos com cinco versículos – algumas diferenças analisadas com esmero trazem detalhes relevantes sobre a lição do discipulado. Vejamos o aprendizado que eles nos reservam.

82.3 **Evangelho-parte 1: A síntese do discipulado do Cristo.** (Mc, Mt, Lc)

Mateus 16:24	Marcos 8:34.	Lucas 9:23
Mt 16:24. Jesus disse então aos seus discípulos: "Se alguém quer vir após mim, negue- se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.	Mc 8:34. E **chamando a si a multidão**, **junto com seus discípulos** disse-lhes: "Se alguém **quer vir após mim**, **negue-se a si mesmo**, **tome sua cruz** e **siga-me**.	Luc. 9:23. Dizia, então, **a todos**: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia sua cruz e siga-me.

58. Estando com os discípulos, chamou a si a multidão e disse-lhes: "se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia sua cruz e siga-me".

82.4 **Evangelho-parte 2: O resultado para aquele que o segue e para aquele que o rejeita.** (Mt, Lc, Mc)

Mateus 16:24	Marcos 8:34.	Lucas 9:23
Mt 16:25. Porque aquele que quiser preservar sua alma, a perderá; e quem perder sua alma **por minha causa, a achará.**	Mc 8:36. Pois que adianta a um homem ganhar o mundo inteiro e perder sua alma?	Lc 9:24. Pois quem quiser preservar sua alma, a perderá; mas quem perder sua alma **por amor de mim**, esse a preservará.
26. Pois **que aproveitará ao homem** se ganhar o mundo inteiro e perder sua alma? Ou que dará o homem em troca de sua alma?	37. **E que daria um homem em troca de sua alma**?	25. De fato, que aproveita a um homem se ganhar o mundo inteiro, mas **arruinar-se** ou **causar dano a si mesmo**

59. Pois quem quiser preservar sua alma, a perderá; e quem perder sua alma por amor a mim e à minha causa, a achará.
60. Pois o que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro e perder sua alma?
61. O que adianta a este se para ganhar o mundo precisar arruinar-se?
62. O que ele conquistou do mundo há de devolver-lhe a alma perdida?

82.5 **Evangelho-parte 3: O reino de Deus próximo.** (Mc, Lc, Mt)

Mateus 16:24	Marcos 8:34.	Lucas 9:23
27. Porque **o Filho do Homem há de vir na** glória de seu Pai, **com** seus mensageiros, e **então retribuirá a cada um segundo seu comportamento**.	Mc 8:38. Porque **se alguém nesta geração adúltera e errada se envergonhar de mim e de minhas doutrinas, também dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na glória de seu Pai com seus santos mensageiros**".	26. Porque **aquele que** se envergonhar de mim e de minhas doutrinas, dele se envergonhará **o Filho do Homem**, quando vier **na sua glória**, na do Pai e na dos santos mensageiros.
28. Em verdade vos digo, que alguns dos aqui presentes absolutamente experimentarão a morte **até que o Filho do Homem venha em seu reino**.	9:1 E disse-lhes: "Em verdade em verdade vos digo que há **alguns dos aqui presentes**, os quais absolutamente **experimentarão a morte**, até que **vejam o reino de Deus já chegado em força**".	27. Mas eu vos digo verdadeiramente, há alguns dos aqui presentes que **não experimentarão a morte até que tenham visto o reino de Deus**.

63. Porque se alguém desta geração adúltera e errada se envergonhar de mim e de minhas doutrinas, também dele se envergonhará o Filho do Homem.
64. O Filho do Homem vindo na glória do Pai, ou os seus discípulos vindos na glória do Filho, retribuirão a cada um segundo o seu comportamento.
65. Em verdade, em verdade, vos digo que alguns dos aqui presentes, não experimentarão a morte, antes de ver o reino de Deus em toda a sua potência.

118.1. Auto-indagação reflexiva e expansiva:

19. Como entender a primeira máxima do discipulado – negar-se a si mesmo?

A magnificência do Cristo é percebida quando suas palavras são penetradas com o zelo devido, capaz de extrair delas a pérola contida. O resultado é brilho sem fim, lição de extrema beleza que alumia as sendas escuras da Terra.

Estamos diante de um desses tesouros. É preciso esmerar, já que de saída se pressente haver ouro na peneira do garimpo.

O primeiro requisito para ser discípulo do Cristo ressalta a função da vontade. Não há como forçar, indicar, cobrar, sugerir que alguém adira à sua escola. É escolha íntima, vinda de foro especial. Decorre de alguma singular experiência, jamais transferível. Pode começar por testemunhar a mudança ocorrida em algum cristão após esse tipo de decisão. Assim, o livre-arbítrio é soberano e vem à frente. Consequência auspiciosa é quando a vontade bem trabalhada se transforma em fé.

Nesta passagem, a lógica irretocável do Mestre emerge da análise cuidadosa e comparada dos versículos dos três evangelistas. São *quase* iguais.

Começa assim: "se alguém **quiser** vir após mim, **negue-se a si mesmo**, **tome sua cruz** e **siga-me**".

Querer ser seu discípulo, como quesito preliminar e imprescindível, desdobra-se em três atitudes:

1) negar a si mesmo;

2) tomar sua cruz;

3) e segui-lo.

Quem **não** quiser negar a si mesmo está querendo se preservar, **preservar sua alma**. E este, ao contrário, **a perderá**.

Estamos diante, de novo, da imperiosa necessidade do autoconhecimento – quem sou eu? – para sabermos o que deve ser negado e o que deve ser preservado em nós. O termo alma, oferecido pelo Cristo, permite cogitarmos sobre a essência que somos. Está posta como elemento intermediário entre o espírito e a personalidade. Vamos lá.

No espiritismo, uma das definições de alma é a do espírito encarnado. Eu a modificaria um pouco, colocando a alma como o espírito reencarnante. Isto é, aquele sujeito ao *samsara*, ao movimento de morte e renascimento (reencarnações) para realizar seu progresso espiritual. Mas por estar vinculada ao espírito, no final do processo esta alma se livrará de todos os óbices que impedem o brilho intenso da essência. Ou seja, aí a alma se sobreporá totalmente ao espírito, sem haver diferenciação entre um e outro.

Quando afeita ao processo evolutivo, a alma (encarnada) fica conhecida como personalidade, que se constitui em decorrência do seu tempo e circunstâncias, assimilando marcas da cultura e da família em que é gerada. Além desses fatores circunstanciais, a estruturação personalidade tem como matriz a alma reencarnante, cuja essência é o espírito.

Para aquele que mergulha na carne e passa a ter o mundo material como realidade principal, a personalidade torna-se referência única para que cada um cole nela um "eu" – o eu pequeno, o pessoal, diferente do eu transpessoal, crístico. Corresponde à alma que o Cristo diz que alguém não quer negar, a alma como sinônimo de personalidade.

Assim, quem **não** quiser negar a si mesmo está querendo preservar seu ego-personalidade – depositário da sua alma. Não percebendo que o ego-personalidade é apenas a roupagem que propicia os enredos existenciais à alma, passa a privilegiar o secundário em detrimento do principal. Preserva a alma como ego-personalidade e perde a alma como o espírito, nos dizeres do Cristo.

Opondo-se ao primeiro, quem **quiser** negar a si mesmo, "quiser perder sua alma", ou seja, negar a personalidade que pareceria ser tudo – mas que é apenas a roupagem – este preservará o principal, ou seja, a alma como espírito.

Quem não nega sua personalidade, mas a coloca em primeiro plano, este vai buscar no mundo os objetos que sua personalidade pede. Tantas vezes ganhará posições no mundo, valores do mundo, objetos do mundo, porque são eles que alimentam a personalidade, esta que ele pretende sustentar e preservar.

Quando essa pessoa conquista o mundo, cabe a ela a pergunta: dentro de tudo que adquiriu o que poderá ser utilizado para reaver sua alma? Nada deste mundo detém tal propriedade. Perceberá que para conquistar o mundo precisou vender sua alma, arruinar sua reputação, perder a dignidade. Constatará uma imensidão de danos que precisou provocar em si. Trocou sua alma, sua essência, por aquilo que seu eu pequeno exigiu? No returno, se conseguir alcançar a doutrinas do Cristo, entenderá que precisará abrir mão de tudo isso para reaver sua alma. Mas, o apego permitirá esse returno? Talvez somente quando a ruína for total, quando o fundo do poço for realidade extrema.

Em síntese, são estes os dois tipos de pessoas da geração adúltera que habita a Terra – os que acham ser a personalidade e tudo fazem para preservá-la e os que sabem ser o espírito e não se importam de perder a personalidade. Nós fomos incluídos, pelo Cristo, nesta geração adúltera. Em qual dos dois grupos nós nos colocamos?

20. Como entender a segunda máxima do discipulado – tomar sua cruz?

A crucificação foi expediente corrente como pena capital aos criminosos da Palestina cristã. Foi dirigida tanto ao indivíduo, como praticada em massa. No ano 4 a.C, por ocasião da morte de Herodes, 2.000 judeus foram crucificados, e também todos que se fizeram prisioneiros pela grande rebelião deste povo em 40-52 d.C.

Fazia parte do ritual sinistro que o condenado carregasse o madeiro do próprio suplício, subjugando ao extremo sua dignidade humana.

Certamente, o Cristo no uso da sua clarividência, enquanto assenhorava dos movimentos próximos do seu destino terrestre, descobriu que não somente seria condenado – lembremo-nos do estudo da última MC-116 (Mt 16:21) – mas que o instrumento da sua morte seria o da crucificação. Estaria reservado a si o episódio deplorável imposto a tantos.

Logo, na declaração do código mínimo do seu discipulado, ele utiliza uma imagem inteiriça. Aquele que o quisesse ter como Mestre, não bastaria aderir de coração e entendimento às suas doutrinas, mas haveria de carregar sua cruz como ele, o Cristo literalmente o faria.

Para quem não adentrou os meandros da espiritualidade afeita aos encarnados na Terra, pode parecer estranho este estatuto do discipulado. Por que ter de passar pelo sofrimento? Por que ter de atravessar uma via-crucis? Estranha doutrina, não? Por que não nos reservou o Cristo uma agenda diferente, do tipo: faça o bem a todos, realize seus exercícios espirituais cotidianos e, no final desse curso, a felicidade será, com certeza, seu galardão? Seria bem mais auspicioso adentrar caminho espiritual desse porte do que outro de natureza sacrificial, não?

Muitos dirão não. Esse caminho, que implica castigo e sofrimento, eu não quero. E mais, abomino tal doutrina, tal proposta. Quem são? São aqueles que rejeitam a felicidade futura, trocando-o por uma imediata. No entanto, se enganam. O mundo é incapaz de oferecer-lhes a felicidade almejada. Já vimos o que lhes acontecerá. Perderão contato com sua essência ao mesmo tempo em que se deparam com a realidade dura do mundo. Alguns mais céticos ou pessimistas, em particular os intelectuais materialistas, declararão a impossibilidade de se obter uma cultura de paz e benquerença disseminada pelo planeta. Apregoarão realidade árida para nossa espécie quase animalesca, cuja sociedade é assegurada pelo homem, lobo do próprio homem. Apontam para tal realidade, mas apenas tocando a superficialidade do problema. Não se dão conta do seu caráter transitório. Isto é, a precariedade das humanidade terá seu fim.

Uma iniciação espiritual de monta é necessária para o entendimento diferente e real. Ás vezes, a chave para tal compreensão está implícita numa simples locução. Na passagem atual, a chave está contida na expressão "geração adúltera e errada", de Marcos. Entendemo-la.

Geração adúltera diz respeito aos Espíritos decaídos. Aqueles que, figurativamente, perderam o paraíso, que escolheram um caminho diverso de evolução. Experimentaram-no e se comprometeram. Consolidaram conceitos tendo o egoísmo e o orgulho como base. Investiram na vida de ego, separada do Ser, e chafurdaram no campo da personalidade a grandeza do espírito, confundindo ego com Ser. Valorizavam a personalidade e não na alma reencarnante. Mais ainda, desprezaram o espírito puro que habita em si. Macularam-se na queda e, assim, se comprometeram por várias encarnações. Sedimentaram padrões de comportamento calcados em princípios equivocados. Criaram o carma e sofrem suas consequências. Esta, em ligeira exposição, é a causa de as dores, moral e física, campearem pelo planeta, transformando sua beleza em vale de prantos.

Não há lar sem aflição, nem pessoa feliz. A não ser aquela que admitiu seu quinhão de resgate cármico a se manifestar diversamente, e se pôs a carregar sua cruz diária, como meio de se redimir dos erros, retirando-os da estrutura do seu pensar e sentir. Nesta perspectiva, a cruz fica leve e o jugo suave, já que segue o Cristo. Paradoxalmente, para esse a

felicidade chega ainda neste tempo, como o desfecho do ensino. Passa pelo batismo de fogo. "Há alguns dos presentes que não experimentarão a morte sem que antes vivenciem o reino de Deus em si, chegado com toda a sua força".

Por isto, a compreensão de que ele veio retirar os nossos pecados é superficial. Ninguém retira o pecado de ninguém. Somente o próprio, à custa de acurada reflexão e de radical mudança de comportamento. O Cristo veio nos ensinar o caminho de subida menos íngreme para o templo. É íngreme, mas ela mostra sua face suave.

O Cristo não veio retirar de nós o pecado. Veio mostrar como se anda neste mundo. Na sua descida verifica-se seu amor pela humanidade porque, por necessidade própria, não precisava morar na carne deste planeta. Mas querendo dar materialidade à sua doutrina, não se furtou de descer aqui para servir de modelo na lida com as situações cotidianas. Não haveria de fazê-lo sem sofrimento. Se caminhamos em um pântano, a lama úmida penetra nossa roupa. No entanto, é neste habitat que a flor de lótus germina como beleza alva e cândida. Assim fez o Cristo. Mostrou ser possível carregar a indefectível cruz sem perder o ânimo, a tolerância e o amor. Deu o exemplo, deixando claras as suas pegadas para que o discípulo verdadeiro pudesse segui-lo.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

21. Como realizar o discipulado, em meditação?

Sou eu, sim, aquele que te escolheu como divino Mestre. Fui um na multidão que escutou tuas palavras, que sorveu tuas doutrinas, que presenciou curas profundas e que te viu fazer sempre o certo. Nutrido por essa experiência, fiz a escolha. Disseste à Marta que Maria escolhera a boa parte e que esta não lhe seria tirada. Fiz a minha melhor escolha e essa não me será negada.

Mas sei que de contínuo preciso negar a mim mesmo, este patético e sofredor ego, senhor de inúmeras opções infelizes. Tantas ainda em passado recente. Ignorância é a explicação de tal procedimento. Ignorância por desconsiderar que a fartura do mundo acaba por fazer do caminhante não um peregrino da luz, mas um velho envergado por ilusões, vestindo andrajos em forma de doenças.

Por decidir não mais compactuar com este falso eu, recorro a cada noite à inspiração superior, que como meditação integra meu novo conjunto de prática.

Abro-me a analisar a pertinência de minhas ações e até mesmo a perscrutar os sentimentos que as justificam. Contento-me, algumas vezes, por me dar conta que esses sentimentos impróprios permaneceram no plano da mente.

Neste momento em que te busco em oração, preciso disciplinar minha alma reencarnante, alijando da sua estrutura egoica esses sentimentos que ainda teimam em surgir.

Como recurso desta reeducação, a cruz me é professora. Limita-me os passos, condiciona-me em horários e responsabilidades, impondo-me parcimônia. Mas, pouco com Deus é muito, e muito sem Deus é nada.

Há configurações familiares que assinto assumir, pois fazem parte do carma. Ajudo arrumar o passo de quem outrora menosprezei. Não quero resistir hoje, pois a fatura do amanhã pode embutir juros e moras.

Há cerceamentos do corpo, poucos felizmente, que devo observar e respeitar. Obrigam-me a investir no que é saudável, cultivando valores de perseverança e regularidade.

Se na convivência estreita recebo acusações descabidas, pergunto-me se não são lembretes pertinentes me alertando para não repetir ações que ainda há pouco eram itens do meu cardápio.

Sinto-me privilegiado pela oportunidade do serviço voluntário, onde a partir da minha reforma interior, me habilito a auxiliar o semelhante, trabalhando com os companheiros de jornada.

Não tenho pressa em largar a cruz própria desse planeta, por ter a bênção de uma escola construída em formoso jardim, e por já conseguir me nutrir a cada noite da paz que ultrapassa todo o entendimento.

Só me resta a te agradecer, Mestre da vida, a graça de ser teu discípulo, com a permissão para divulgar o teu verbo dentro da estreiteza que me é própria.

Sim, sigo-te os passos, carregando a cruz que me auxilia a negar minha personalidade.

82.6 **Versículo(s) para a meditação:** Marcos 8:34

E chamando a si a multidão, junto com seus discípulos disse-lhes: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 119 – paragem 212 – 25.12.16
MATEUS 17:1-9; MARCOS 9:2-8; LUCAS 9:28-36

RedeUnaViva: Meditação Cristã 293 – paragem 9-322 – 26.04.2020

83. RedeUnaViva: Meditação Cristã 21 – paragem 224 – 08.02.2015

MATEUS, LUCAS, MARCOS.

A TENTAÇÃO DE JESUS

Auto-indagação reflexiva:

1. Qual é o sentido de a "Tentação" suceder o "Mergulho" de Jesus?
2. Como entender as três tentações dirigidas a Jesus?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. O que devo fazer para vencer a tentação?

Introdução: A Quarentena do Cristo.

Jesus, depois de se deixar batizar por João (a rigor pediu), nas águas do Jordão, mostrando que todos nós, encarnados, precisamos com muita frequência avaliar a reforma mental urgente que carecemos, adianta-se para um período de quarentena no deserto. Ali, com jejum e oração, prepara-se e confronta-se com o diabo. Ou seja, passa em revista tudo aquilo que enfrentaria na Terra como tentação. O quilate da sua iluminação permitiria passar ileso por elas. Mas demonstra, através de eloquente diálogo com as sombras, aquilo que tantas vezes leva o ser humano à falência. São tão conhecidas as tantas as garras do mundo material que com sua desmesurada força ataca-nos, de frente ou sorrateiramente, que sua nominação quase se faz desnecessária.

Nossa vulnerabilidade, invariavelmente se expõe a partir dos demônios interiores, figurados como egoísmo e orgulho. Por eles vêm os excessos em nome do poder, das paixões, do erotismo, dos jogos viciantes, dos aditivos que prometem o céu, mas fazem o sujeito acordar nas sarjetas da indignidade.

A Terra favorece, diante da imensa fome de sensações, cama e luxo, para deitar e se deleitar, ou trono e passarela, para mandar e se exibir.. Quem já experimentou suas teias envolventes sabe muito bem do risco que tais miragens representam. Feliz de quem diz "não", e passa.

O Cristo nos ensina como vencer a si mesmo, através da sagrada escritura que já fora dada a Israel. Cita os Salmos e o Deuteronômio, que ele veio demonstrar e os testemunhou com grandeza incomparável o seu sucesso. A mesma empreitada a que todos nós estamos sujeitos. Ao passar quarenta dias em isolamento, lutando com a tendência inferior que todo ser humano que baixa à Terra possui, mostrou como se recolher para dentro de si, a fim de vencer os demônios famintos que, de ordinário, carregamos.

Conhece-los para não sermos surpreendidos nas esquinas do caminho é o alerta. E trabalhar diariamente para vencer a sombra que mora em nós é a receita.

83.1 **Evangelho-parte 1: Jesus é tentado pela antagonista no deserto.** (Mt, Mc, Lc)

Mateus 4:1-2	Marcos 1:12-13.	Lc 4:1-2
Mt 4:1 Então **foi levado Jesus pelo espírito ao deserto** para **ser posto à prova** pelo **adversário**.	Mc 1:12. **Imediatamente** o espírito o impeliu para o deserto	Lc 4:1 **Cheio de um espírito santo**, voltou Jesus **do Jordão** e foi levado com o espírito ao deserto,
2. E tendo **jejuado quarenta dias e quarenta noites**, depois teve **fome**.	13. e ali ficou quarenta dias **tentado pelo antagonista**; e estava com as **feras** e os **anjos o serviam**.	2. **durante quarenta dias, sendo experimentado pelo adversário**. E **nada comeu** nesses dias; mas, **passados eles**, teve **fome**.

66. Imediatamente após o mergulho no Jordão, pleno do Espírito Santo, Jesus foi levado ao deserto, onde passaria pela prova de ser tentado pelo adversário.
67. Durante quarenta dias e quarenta noites, ele, jejuando, foi tentado pelo antagonista.
68. Estava entre as feras, mas os anjos o serviam.
69. Depois dos quarenta dias, teve fome.

83.2 **Evangelho-parte 2: Não só de pão vive o homem.** (Mt, Lc)

Mateus 4:3-4	Lc 4:3-4
3. Chegando o **tentador** disse- lhe: "se és **filho de Deus,** dize que estas **pedras** se tornem em **pães**".	3. Então lhe disse o **adversário**: "se **és Filho de Deus**, manda que esta **pedra** se torne em **pão**".
4. Mas Jesus respondeu: "Está escrito: **"Não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que sai da boca de Deus".**	4. Respondeu-lhe Jesus: **"Está escrito que não só de pão viverá o homem".**

70. Aproximou-se o tentador e disse-lhe: se és Filho de Deus, manda que esta pedra se transforme em pão.

71. Respondeu-lhe Jesus: Está escrito que não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que sai da boca de Deus.

83.3 **Evangelho-parte 3: Não tentarás ao Senhor teu Deus.** (Mt, Lc)

Mateus 4:5-7	Lc 4:9-12
5. Então o **adversário** o levou à **cidade santa** e o colocou sobre **o pináculo do templo**,	9. Então o levou a **Jerusalém** e o colocou sobre **o pináculo do templo** e lhe disse : **"se és filho de Deus, lança-te daqui abaixo,**
6. e disse-lhe: "se és **filho de Deus**, lança-te daqui abaixo, porque está escrito: "**a seus anjos ordenará** a teu respeito, e **eles te susterão** em suas mãos, para **não tropeçares em alguma pedra**".	10. porque está escrito: **"a os seus anjos** ordenará a teu respeito **para te guardarem**, 11. e "**eles te susterão nas mãos** para **não tropeçares em alguma pedra".**
7. Tornou-lhe Jesus: "Também está escrito**: não tentarás o Senhor teu Deus",**	12. Respondendo disse-lhe: **"dito esta que não tentarás ao Senhor teu Deus**".

72. O adversário o levou à Jerusalém, colocando-o sobre o pináculo do templo e lhe disse: "se és Filho de Deus, lança de daqui abaixo, porque está escrito "a os seus anjos ordenará a teu respeito para te guardarem e eles te susterão em suas mãos para não te tropeçares em pedra qualquer".

73. Respondendo, disse-lhe Jesus: "dito está que não tentarás ao Senhor teu Deus".

83.4 **Evangelho-parte 4: Somente ao Senhor teu Deus adorarás.** (Mt, Lc)

Mateus 4:8-12	Lc 4:5-8
8. De novo o adversário o levou **a um monte muito alto** e mostrou-lhe **todos os reinos do mundo e o apreço deles**,	5. E levando-o a uma **altura**, mostrou-lhe num relance de tempo **todos os reinos habitados.**
9. e disse-lhe: "**tudo isto te darei** se, **prostrado, me adorares".**	6. Disse-lhe o **adversário**: "dar-te-**ei o domínio absoluto** e **o apreço deles**, porque **eles me foram entregues** e **os dou a quem eu quiser**;
10. Respondeu-lhe Jesus: "**Vai para trás, antagonista,** porque está escrito**: ao Senhor teu Deus adorarás e só a Ele darás culto**".	7. se tu, pois, me adorares, **tudo será teu**".
	8. Respondeu Jesus: "Está escrito: **ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele darás culto**".
12. Então o **adversário o deixou**; e eis que vieram **os anjos e o serviam**	

74. De novo o adversário o levou a um monte muito alto e mostrou-lhe num relance de tempo todos os reinos habitados do mundo.
75. Disse-lhe: dar-te-ei o domínio absoluto e o apreço deles, porque eles me foram entregues e os dou a quem eu quiser.
76. Se tu, pois, prostrado, me adorares, tudo será teu"
77. Respondeu -lhe Jesus: "vai para trás antagonista, porque está escrito "ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele darás culto".

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

22. Qual é o sentido de a "Tentação" suceder o "Mergulho" de Jesus?

Após o mergulho na água, seguindo a própria indicação de João Batista, cabia ao indivíduo na sua jornada espiritual, passar pelo segundo mergulho – mais difícil e radical, o do fogo.

No primeiro batismo, a orientação é determinada por aquilo que se apreende pela razão. Depois vem o teste prático. Isto é, atravessar as adversidades comuns e, até mesmo, as extremas do cotidiano.

Não que Jesus, o Cristo, estivesse inserido nesse tipo de romagem evolutiva. Sua encarnação obedeceu ao fim de estampar, com precisão, o divino modelo da alforria humana.

Então, após o mergulho na água, acolhe Jesus o mergulho no fogo. Não se nega ir ao encontro das provas que o antagonista impõe a todo habitante da Terra que aspira morada no Reino.

Tendo sido assinalado como o Messias, o Espírito santo, do qual é pleno, o encaminha para a prova, no iminente começo do seu ministério. Logo, o Cristo ensina que ao se mergulhar no campo do ego, uma conduta resoluta de auto superação é necessária, já que o adversário é a própria personalidade.

Cada um de nós, firmando o propósito de espiritualização neste plano da matéria, por ter compreendido o sentido da vida, haverá de ser testado na sua convicção.

Para cada intenção nobre, uma tentação desabrida. No limiar do passo para a unidade, o transpasse da dualidade insidiosa.

O deserto, da geografia hostil, é o lugar da escassez, da penúria, da sede e dos extremos – calor escaldante do dia, o das paixões desmedidas, e frio congelante da madrugada, próprio da angustiosa solidão. Simboliza o lugar mais apropriado para a iniciação pelo fogo, ou seja, o campo da jornada real engajada.

Durante o ciclo de 40 dias, Jesus colhe e apresenta, no jejum e na oração, a clareza da consciência para enfrentar o fogo do deserto, insuflado pela prova do tentador.

Se no deserto da existência haveremos de conviver com feras e anjos, é bom saber que a brecha para o ataque da fera desponta-se na nossa natureza faminta, onde os instintos, fazendo-se humanos, refinam-se nas pulsões.

23. Como entender as três tentações dirigidas a Jesus?

Se no mergulho do Jordão Jesus foi proclamado "o filho de Deus", o antagonista exige prova dos fatos: "para saciar tua fome, na ausência de alimento, deverás transformar o que há, pedras, em pão", disse-o.

Provocativo, tal como Eva, porta-voz da maliciosa serpente, quer o adversário que Jesus, para saciar sua fome, coma pedras.

De que temos fome? De sensações? De emoções? De conhecimentos? Se assim é, por que não nos saciarmos, tão ao gosto do tentador, com a mais densa das nutrições, aquela feita de matéria?

O diabo – aquele que divide –, dissimulado, usa o expediente da camuflagem. Esconde seu real desejo com ardilosa proposição. Lança um desafio que se cumprido, parece, dará mérito ao empreendedor, quando, na verdade, o induz, ao contrário, a concretizar o que o separatista tenciona.

Nesse embate, nenhum mérito há na saciedade mais densa dos sentidos: glutonaria para a fome, luxúria para sexo e preguiça para o sono. Nós, enredados nas malhas das sensações, oferecemos certamente a vitória para o adversário.

O Mestre não cai na cilada: "não só de pão vive o homem, mas de tudo o que sai da boca de Deus".

Mais do que responder ser Deus o nosso alimento, Jesus excede. Ensina que para se saciar nem mesmo é preciso ingerir; seja pela boca do corpo, das emoções ou da mente. Basta exalar – o halo divino – para que o ser humano esteja nutrido. Isto é, nossa ação cooperativa com a obra do Senhor é nutrição essencial no exato ato da ação.

A Primeira Tentação serve para a superação do **egoísmo**, exposto nos apetites inferiores da matéria.

O diabo dualista conduz o Cristo às "alturas de Deus" – no pináculo do Templo, na cidade sagrada. Desfrutando, portanto, da companhia divina, estará protegido por mais inconsequente sua ação seja.

Utiliza, então, as escrituras (Salmos, 91:11-12) já que na primeira resposta Jesus bebera nessa fonte. Não obstante, recorre o Mestre, agora, ao Deuteronômio (6:16). Dessa vez não para combate-lo no mérito da pergunta; outrossim, no expediente do antagonista, o de usar a tentação contra Deus.

Aquele que se julga merecedor de privilégio com Deus, por mínimo que seja, e se descuida na imprudência do voluntarismo, sucumbe-se à **vaidade**, presente no cerne da Segunda Tentação.

Por fim é oferecido ao Cristo o poder – o governo de todos os reinos da Terra. Basta, pra isto, que seu alvo de adoração seja o diabo. Em oportunidade futura, esclarecerá não ser deste mundo o seu Reino. Adoração é entrega total, prostração da alma diante do venerado.

Nesta disputa, a personalidade quer dominar a individualidade, submetê-la às conquistas e derrotas do seu jogo do poder, marca insofismável do tentador nas lides ilusórias da Terra. Dinheiro, posse, status, comando e influência funcionam como o brilhante à porta da armadilha.

O Cristo não se atém ao mérito da proposta, que é o poder, nem tampouco no expediente do antagonista, que é a tentação, mas, se a prova se radicaliza no objeto da adoração, afasta o adversário, em definitivo, com a reiterada palavra do Deuteronômio (6:13), afirmando que adorado apenas um Senhor deve ser, e este é Deus.

Vence, assim, a Terceira Tentação, a do **poder**, de quem, nos píncaros, possuindo e manda. Poder ilusório que aprisiona às pesadas correntes do carma. Enquanto quem aprende obedecer ao poder divino, esse sim, como fez o Mestre, adquire e demonstra a verdadeira liberdade.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

24. O que devo fazer para vencer a tentação?

83.5 **Versículo(s) para a meditação:** Lucas 4:8

Respondeu Jesus: "Está escrito: ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele darás culto".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 294 – paragem 9-323 – 03.05.2020

84. RedeUnaViva: Meditação Cristã 88 – paragem 332 – 22.05.2016

MATEUS 10:1 e 5-15; MARCOS 6:7-11; LUCAS 9:1-5

INSTRUÇÃO AOS APÓSTOLOS – I

A PARTIDA

84.1 **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

76. A convocação com as primeiras instruções aos apóstolos, divide-se em três conjuntos. Como entender cada um deles?
    a. Conjunto 1: a partida – a preparação com o Mestre: onde irem e para quê?
    b. Conjunto 2: o percurso – como ir e o que levar (traje e pertences)?
    c. Conjunto 3: a chegada – relação deles com a cidade, aldeia e casa – como entrar, permanecer e sair?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

77. Como traduzir estas instruções se pretendo tornar-me um apóstolo na meditação?

84.2 **Introdução: A peregrinação como missão.**

Conforme exposto na MC passada, a de número 87, chega um novo momento no ministério do Cristo – o da **Instrução aos Apóstolos** (IA). De acordo com a tese recém defendida, após o Mestre ter escolhido os doze apóstolos e fundamentado o código de ética do seu Reino com o Sermão do Monte, ele continuou mostrando qual seria o serviço a ser desempenhado visando sua implantação na Terra. Usou, de ordinário, dois recursos: o discurso e a prática; verbalizou os princípios doutrinários e demonstrou, cabalmente, sua viabilidade através de ação coerente. Fez isto com mestria inigualável. Ensinou

explicando e demonstrou fazendo. Depois de discursar formalmente, como no SM e na ocasião das parábolas, agiu curando, ressuscitando, expulsando os espíritos desencarnados e atrasados que, jungidos a desafetos, sugava-lhes energia e vida. Nas interações interpessoais expunha seus fundamentos amorosos, que justos eram. Complementando, enfrentou adversários fanáticos como críticos e detratores que, no afã de zelar pela tradição religiosa, acabavam associados à letra morta em vez do espírito que vivifica.

Este foi o legado construído em alguns meses para que os discípulos e, particularmente, os apóstolos, detivessem o cenário explicativo daquilo que deveriam repetir, a fim de se tornarem os segundos semeadores do Reino de Paz na Terra. A fim de que se enquadrarem como seus continuadores na Obra de Deus.

Já comentamos alhures que, além dos refratários, que negam ou combatem as diretrizes cristãs, o círculo dos afins inicia-se com os simpatizantes, desenvolve-se com praticantes e militantes, para desaguar, no último grau de adesão, nos apóstolos. É com este grupo íntimo e menor que o Cristo inicia a passagem do seu bastão doutrinário, conforme verificaremos no estudo atual.

De acordo com a última Introdução – da MC-87 – esta Instrução prefigura a narrativa do capítulo dez de Mateus. Marcos e Lucas complementam-no. Outros comentários são necessários para esclarecer parte do ministério da Galileia. Os versículos iniciais, de um a cinco, do capítulo dez de Mateus, que tratam da escolha dos apóstolos, já foram abordados na MC-49, por comparação com versículos do capítulo três de Marcos e com outros do capítulo seis de Lucas. De acordo com estes dois evangelistas, a escolha dos doze teria ocorrido antes do Sermão do Monte ser proferido. Faz sentido: cria-se o colégio apostólico e esclarece quais são os princípios áureos do reino de Deus. Mas Mateus reserva a nominação dos escolhidos para agora, quando vão ser explicitadas orientações básicas para o início do apostolado. Assim, pairaria dúvida se a escolha teria ocorrido antes do SM ou antes da formulação da Instrução aos Apóstolos (IA). Como Mateus não prima sua descrição pela cronologia, e juntando com a lógica recém defendida, preferimos vincular a escolha dos doze ao SM. Mateus assim não procede. Para ele foi suficiente expor a espontaneidade do convite de Jesus aos irmãos Pedro e André, e aos filhos de Zebedeu, Tiago e João, no capítulo quatro, para desfiar o SM nos sucessivos capítulos – do cinco ao sete. Usa os ulteriores, oito e nove, para apresentar mais alguns meses do Ministério da Galileia, para então, nominar a escolha dos doze, agora, no capítulo dez, bojo da Instrução dos Apóstolos (IA). Segundo Pastorino, estamos no ano 30, provavelmente em janeiro ou fevereiro.

84.3 **Evangelho-parte 1: Preparando-se com o Cristo para a peregrinação – a partida.** (Mt, Mc, Lc)

Mateus 10:1-7	**Marcos 6:7**	**Lucas 9:1-2**
Mt 10:1. E, **chamando os seus doze discípulos**, deu-lhes **poder sobre** os **espíritos imundos**, para **os expulsarem**, e para **curarem toda a enfermidade** e	Mc 6:7. E chamou a si os doze e começou a enviá-los **dois a dois** e deu-lhes **autoridade sobre os**	Lc 9:1. Convocando a si os doze, deu-lhes **poder e autoridade** sobre todos os espíritos **desencarnados** e para

todo o mal.	**espíritos atrasados**,	curarem doenças,
Mt 10:5. A estes **doze enviou Jesus**, dando-lhes estas **instruções**: '**Não ireis** pelas estradas dos **gentios**, **nem entrareis** nas cidades dos **samaritanos**,		2. e enviou-os **a pregar o reino de Deus** e **a curar**.
6. mas ide **antes às ovelhas perdidas** da **casa de Israel**.		
7. Pondo-vos **a caminho**, **pregai** dizendo "**está próximo o reino dos céus**".		
Mt 10:8. **Curai os enfermos**, **ressuscitai os mortos**, **limpai os leprosos**, **expeli os espíritos desencarnados**; **de graça recebestes, de graça dai**.		

144. Jesus chama a si os doze apóstolos a fim de enviá-los a pregar o reino de Deus.
145. Para isso infunde-lhes autoridade e poder sobre os espíritos atrasados, as enfermidades e todo o mal.
146. Envia-os dois a dois para se porém a caminho. Dizei: "está próximo o reino dos céus".
147. "Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos e expulsai os espíritos ignorantes.
148. Dai de graça o que de graça recebeis".
149. "Não ireis pelas estradas dos gentios, nem entrareis nas cidades dos samaritanos. Ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel".

84.4 **Evangelho-parte 2: O que levar na peregrinação – o percurso.** (Mt, Mc, Lc)

Mateus 10:9-10	Marcos 6:8-9	Lucas 9:3
Mt 10:9. **Não** vos provereis **de ouro**, nem de **prata**, nem **de bronze** em vossas cinturas;	Mc 6:8. e **ordenou-lhes** que **nada levassem para o caminho**, **exceto um só bordão**; **nem alforje, nem pão, nem dinheiro na cintura**;	Lc 9:3. E disse-lhes: "Nada leveis para o caminho, **nem bordão**, nem alforje, nem pão, nem prata, nem tenhais duas túnicas.
Mt 10:10. **nem de alforje** para **a jornada**, **nem** de **duas túnicas**, **nem de sandálias**, **nem de bordão**, **pois é digno o operário de seu sustento**.	Mc 6:9. mas que **fossem calçados de sandálias** e que **não vestissem duas túnicas**.	

150. Não deveriam levar dinheiro, fosse ouro, prata ou bronze.
151. Não deveriam dispor nem de alforje nem de muda de roupa.
152. Nem sandália, nem bordão.
153. Nem mesmo o pão.
154. Despojamento total deveria ser sua atitude, confiante de que todo operário é digno de receber seu sustento.

84.5 Evangelho-parte 3: Sobre a entrada, a permanência e a saída da casa – a chegada. (Mt, Mc, Lc)

Mateus 10:11-15	Marcos 6:10-11	Lucas 9:5-6
Mt 10:11. Em qualquer **cidade** ou **aldeia** em que **entrardes**, indagai **quem nela é digno**; e **aí ficai até vos retirardes**.	Mc 6:10. Disse mais a eles: "**Em qualquer casa onde entrardes**, **permanecei ali até que vos retireis do lugar** .	Lc 9:5. Em qualquer casa em que entrardes, **nela ficai e dali partireis**.
Mt 10:12. Ao entrardes na casa, **saudai-a**	Mc 6:11. E se algum (lugar) **não vos receber**, **nem vos ouvir** saindo dali **sacudi o pó da sola de vossos pés em testemunho contra eles**".	Lc 9:6. E qualquer (local) que vos não receber, ao sair da cidade, sacudi o pó de vossos pés, em testemunho contra eles.
Mt 10:13. e **se a casa for digna**, **desça sobre ela a vossa paz**; mas se o não for, **torne para vós** vossa paz.		
Mt 10:14. E **se alguém vos não receber** nem ouvir vossas palavras ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, **sacudi o pó de vossos pés**.		
Mt 10:15. Em verdade vos digo, que **no dia do carma haverá menor rigor para a terra de Sodoma e de Gomorra**, do que para aquela cidade".		

155. Na cidade da pregação, indagar quem é digno de receber o apóstolo.
156. Ao entrar, saudar com a paz a casa e
158. Ao sair, se sua palavra não for ouvida e sua ação não for assimilada, sacudir o pó dos pés.

seus moradores e, se receptividade não houver, de retorno recebê-la em si mesmo.

157. Nela permanecer até o término da sua missão naquela comunidade.

159. Eximir-se de qualquer julgamento, pois que este cabe a Deus.

88.1 **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

25. A convocação com as primeiras instruções aos apóstolos, divide-se em três conjuntos. Como entender cada um deles?

a) Conjunto 1: a partida – a preparação com o Mestre: onde irem e para quê?

Os primeiros emissários acabaram sendo aqueles que se mostraram mais capacitados na doação. A leitura desta condição, sendo operada pelo olho espiritual do Mestre, permitiu a escolha dos doze. Comparados a alunos, receberam aula teórica e prática. Chegara o momento do exercício.

Estes aprendizes dispunham de boa vontade e de dedicação para o desempenho da desafiadora missão. A unidade, como excelência da autorrealização, não fora ainda alcançada. Era a especial condição do Mestre. Por isto, a caminho desta conquista, ainda no campo raso da dualidade, foram postos em duplas para a primeira peregrinação. Chamados à intimidade da convivência com o iluminado peregrino, passaram por uma preparação difícil de ser comentada – aquela em que lhes foram infundidos poder e autoridade. A nobre missão era a de iniciar a pregação do Reino. Ressalte-se que Jesus lhes portou de recursos para que objetivo da andança fosse atingido. Frases de poder. Aquele que possui a verbalização contida pelo filtro da observância e da pertinência, de acordo com os altos princípios da vida, quando emite a palavra, carreia esta um poder penetrante. O precursor João Batista já vinha utilizando a frase anunciadora e despertadora "está o próximo o reino de Deus" – talvez até mesmo assoprada pela egrégora espiritual do Cristo que presidia os movimentos do seu advento. Era palavra de poder. Há uma segunda que será mostrada daqui a pouco.

Para semear a semente do Reino, carecia de mostrar que entre as suas propriedades estava o alívio do sofrimento. Por isto a andança do Cristo foi de um lenitivo ímpar. Cabia aos seus apóstolos reproduzi-la. Para tal fim, receberam poder e autoridade, a fim de sobrepujarem às doenças, em particular duas encontradiças expressões – a lepra, cuja cura era rotulada como "limpeza", e a obsessão espiritual, resultado da influência negativa de espíritos ignorantes (já foram abordadas em algumas MCs). Era corretamente admitido que o sofredor estava endemoniado, e sua cura pressupunha lida com esta esfera oculta da vida. Os princípios cristãos serviam, e servem, tanto como profilaxia do sofrimento advindo da doença – já que sua causa é, em essência, de ascendência espiritual ou psíquica, como promotores da felicidade. Há que vivenciá-los na sua plenitude para que esta realidade transcendente seja experimentada.

Como resultado desta íntima convivência, os apóstolos já haviam se certificado do complexo teor da sua missão. Coube a Jesus, naquela hora, orientar-lhes os passos na peregrinação iniciante. Tal como o Mestre, que viera prioritariamente para transitar na casa de Israel, assim também deveriam proceder. Evitassem, pois, as estradas que desembocassem em terras dos

samaritanos ou em cidades dos gentios. Significava alguma discriminação? Não, pois a história do cristianismo acabaria por demonstrar seu caráter universalista. Mas naquele momento, era preciso concentrar energia e economizar investimentos para que se evitasse a dispersão. Havia, ainda, um compromisso com aquele povo, que por sua fidelidade, fora escolhido, e por isto não deveria lhe ser negada a possibilidade da celebração na culminância desta jornada espiritual. Pelo menos parte dele poderia participar desta consagração. Hoje, gentios e samaritanos podem ser tomados como outras expressões de fé da humanidade, e como tal devem ser respeitados, evitando-se o proselitismo. O cristão, sobretudo, precisa convencer a partir do exemplo. Ao demonstrar o poder desta diretriz de reformular seu modo de ser no mundo, para se tornar, por excelência, servidor de todos, é que transmite o valor da sua mensagem. Pois deve ser peça ativa na diminuição da dor no mundo, e operário lúcido comprometido com um cenário distinto e promissor no futuro da humanidade. Assim, ele atrai atenção para si, daqueles interessados em conhecer que mistério repousa por detrás de sua ação firme e pacífica. Um estilo diferenciado de vida, que distingue implicitamente os valorosos princípios do Reino.
E fundamental: todo este serviço deve ser feito na base da graça. Isto é, dando de graça o que de graça é recebido.

b) Conjunto 2: o percurso – como ir e o que levar (traje e pertences)?

Como parte da preparação, mas agora já a caminho, cabe o exercício severo do auto despojamento. A peregrinação missionária do semeador é um tempo de profunda reflexão sobre quem é em essência. Enquanto seus passos pisam a terra, sua realidade de espírito estará sendo cogitada continuamente. Isto porque, as condições desta *caminhança* não é nada fácil. Os desafios são imensos e, se vencidos, a recompensa, também. Leva no alforje invisível – já que o material não existe – as sementes do espírito, no qual sua introspecção adentra. *In extremis*, vai quase nu. Sem muda de roupa ou sandália. Sem reserva alimentar. Nem bordão para se apoiar, nem dinheiro para comprar. Que garantia detém para assim partir? A crença na providência divina é todo seu capital. Jesus oferece-lhe senha para se abrir às provisões do alto: "todo operário é digno do seu sustento". Quem é o patrão deste operário, senão Deus? Lá no SM, ele fez questão de ampliar a perspectiva com que enxergamos a vida: "olhai os lírios do campo, olhai as aves do céu..." a fim de enfatizar que filho algum é abandonado pelo Pai. É óbvio que tal realidade, o olhar político e crítico do existencialista não divisa quando, pertinentemente, deseja combater a injustiça social. É correto ambicionar tal feito, porque são o egoísmo humano desmedido acompanhado de ambição comprometida que não permitiram o engendramento de uma sociedade igualitária, onde um sistema racionalmente benevolente amparasse o desvalido na pobreza, na doença e na velhice. Este estado de amplo amparo não se efetivou porque na base do humano, daquele que administra o bem coletivo, estacionou seu avantajado cofre pessoal, familiar ou de grupo, transbordando, em inoperância, a cobiça que defende o supérfluo. Sem a consideração de que somos nós, enquanto humanidade atrasada, os causadores desta penúria, e por consequência, os responsáveis pelo conserto de tal vileza, a tendência é a de afirmar a injustiça divina ou a de, simplesmente, negar nele nossa paternidade. Ou Deus é injusto ou Deus não existe. É o veredito que sobra pela leitura apressada e superficial. Sem dimensionar o ajuste desta reforma ao instituto do carma com as elucidações que a lei da reencarnação oferece, dificilmente a solução desta equação social contemplará a presença da justiça divina em associação com a vontade e a ação humanas.

Quando o Cristo propõe a peregrinação, em jejum do corpo e da alma, em oposição radical à abastança material, àqueles que assumem a coragem do exercício do apostolado, é um convite radical para a experiência do Reino, enquanto ainda a caminho. Terás tu, terei eu, caminhado o suficiente, em regime de doação, para ser digno de receber tal convite? Se não, vale a pena insistir em passos intermediários da sua preparação. O despojamento já pode ser experimentado em graus diversos sem que predomine a totalidade do voto de pobreza. Então, a renúncia prescindirá da nudez máxima dos pertences mínimos, para se concentrar no modo operoso de bem administrá-los. Assim, além de desfrutar o resultado parcimonioso da previdência pessoal, para si e para os seus, estenderá seus benefícios, de forma diversa e generosa, para aqueles que a vida colocou como os próximos da convivência.

No campo estrito do espírito, há que buscar meios de realizar esta peregrinação. Um tempo de experiência onde o discípulo se despe de todos aqueles pertences para que a semeadura do Reino aconteça através de si.

c) Conjunto 3: a chegada – relação deles com a cidade, aldeia e casa – como entrar, permanecer e sair?

Após se preparar e a estrada caminhar, há de se chegar à casa da pessoa adequada, aquela que se dignificou a ponto de receber o peregrino do Reino. Lembremo-nos que esta é o meio principal de Jesus semear a Boa Nova. É certo que ele pregou nas sinagogas e praças publicas. Mas fez da peregrinação o modo excelente de plantar a semente. Afirmou que o Filho do Homem não tinha um travesseiro para repousar a cabeça – ou seja, seguia com fidelidade o frugal figurino recomendado. Andava e andava. Com pouco, muito pouco, o suficiente para que os mais frágeis fossem providos. De vez em quando voltava ao seu quartel general – o domicílio de Pedro – para tomar fôlego ou para permitir que os seus assim fizessem. Circunvaga por toda a Galileia, alcançando cidades, aldeias, lugarejos... as casas. E são as residências o alvo daqueles seis pares de peregrinos.

Instrui-os sobre como entrar e como sair daquela casa que os recebeu. Sobre o que fazer ali já sabiam: mostrar-lhes que tal como abriam seu lar à oferenda que também abrissem o espírito, porque estando o Reino próximo, ele podia acontecer ali, durante aquela estada dos peregrinos do Cristo. Através da íntima associação criada entre os dispensadores do bem e a fé dos anfitriões, o lenitivo para os males do corpo e da alma poderiam vicejar sob o poder do Pai. Era crer para ver. Cada visita, nestes moldes, era para ser um tempo de bonança, um transbordar da graça divina. Deveriam, portanto, ao se assentarem o solo daquela casa, ali permanecerem até o momento da partida, que segundo a tradição, não deveria exceder a dois dias, a fim de que não se abusasse da hospitalidade e, principal, cumprisse a missão apostólica de ajudar aquela família. Estava, pois, claro, sobre o que fazer durante a permanência no lar alheio.

Mas à entrada, caberia a segunda frase de poder, que na sequência deveria até ser a primeira: "a paz seja presente". Se a palavra e ação importantes eram, igualmente era a atitude. Esta deveria ser a que emana o bem, a paz. Assim procede para que encontrando o coração receptivo faça-se o vínculo da tradição – "onde estiverem dois ou mais em meu nome, eu aí estarei"(Mt 18:20). Com o espírito *crístico* presente, muito há de ser realizado – verdadeiras maravilhas da natureza. Se a

palavra e o gesto o veiculam, é a atitude que dirige toda a ação e suas consequências. Se o peregrino está pronto para bênçãos distribuir, como se comportar quando elas não encontram a contrapartida positiva para a interação desejada? É a atitude correta que permitirá que a paz retorne à fonte de onde partiu, o coração. E na saída, o gesto simples e silencioso de sacudir o pó dos pés – repetindo o gesto de todo israelita quando retorna à terra santa para não a contaminar – é ato de força que quer dizer: se não houve interação salutar que dignificasse o objetivo da empresa, que não ficassem vexados os mensageiros. Que não levassem consigo quaisquer resíduos da intolerância ou da hostilidade. Que não deixassem se contagiar por qualquer força negativa da visitação. Simplesmente, deixassem no local o que do local era. E seguissem... porque o trabalho para o bom operário, na seara do Senhor, não há de faltar.

Também que não construíssem nenhum sentido de valor, qualquer julgamento, para respostas daquele jaez, pois caberia a Deus, ou seja, à Lei, que é onipresente, operar. No dia do juízo, que é o dia do acerto do carma, isto é, todo o tempo de fim de ciclo – e eles são vários – no íntimo de cada pessoa, as experiências necessárias à transformação se imporão. A Deus isto pertence.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

26. Como traduzir estas instruções se pretendo tornar-me um apóstolo na meditação?

Na meditação, cuja imersão faz desaparecer o mundo externo, a matéria desvanece-se. É reino do puro espírito.

Noutra modalidade, posso olhar e ouvir com este corpo, e minha mente, assim funcionando, reafirma a matéria, em mim e no universo.

A caminho do reino do puro espírito, vou me despindo de necessidades e pertences, de consumos, pertinentes e supérfluos. Dispondo-me ao jejum do corpo e da alma. É jornada de despejo e despojo, pra diante de mim, nu, encontrar-me. Atravesso fronteira e portal, para no avesso do espelho da mente desencontrar imagem e dissolver pensamentos. Aqueles que, distraídos, embutem o eu sorrateiro através de todas as ideias, espontâneas e formuladas. E o impõe como real, inquestionável. Quero, ou quereria se não fosse ter descoberto a ilusão desta iniciativa, dominar o mundo e a mim mesmo. Projeto risível. Um caracol infinito de vais-e-vens de pensamentos e imagens, de vozes externas e internas, querendo dar conta do imediato, na pretensão de que isto é tudo. Ou de outra coisa, além do mundo fenomênico, não ter para se ocupar porque parece não haver, o que dá no mesmo. É o mundo confuso do ego, insistente, obstinado, renitente e (quase que) indefectível.

Mas de posse do conhecimento da falácia deste domínio egoico, da sua frágil intenção, firmada no imediatismo e na superficialidade, cuido de dar cabo dele. Tarefa árdua e paradoxal, pois o ego é o Ser. Em mim, além do Cristo nada já.

Asserenar o lago da mente é necessário. Implica em estabilizar, parar o fluxo mental, pairando no entremeio da dimensão una que se desponta.

Emergir, pulsar, preencher, ser. Ser o que sou. É o que a meditação me ensina. Tomo como auxilio de grande valia a frugal andança que o Cristo inspira. Peregrinar pela minha própria galileia, suas cidades e aldeias, encontrar domicílios que se estruturaram como fortalezas da subjetividade. Habitações da doença, de certezas falsas, que não se sustentam diante da luz do Senhor, que peregrina adentra: "seja sua paz comigo. O reino dos céus é próximo".

84.6 Versículo(s) para a meditação: Mateus 10: 7.

Pondo-vos a caminho, pregai dizendo "está próximo o reino dos céus".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 89 – paragem 333 – 29.05.16
MATEUS 10:16-23

RedeUnaViva: Meditação Cristã 295 – paragem 9-324 – 10.05.2020

RedeUnaViva: Meditação Cristã 275 – paragem 9-211 – 22.12.2019

5. RedeUnaViva: Meditação Cristã 04 – paragem 114 – 12.10.2014

LUCAS 1:26-38

O Anúncio à Maria

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

78. Como entender o anúncio da concepção e nascimento de Jesus?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

79. O que a reação de Maria me ensina para melhor meditar?

Introdução: Gabriel visita Maria.

Após a gravidez de Isabel consolidar-se – o sexto mês já fora alcançado –, o mesmo anjo Gabriel que antecipara o nascimento do precursor, João Batista, vai anunciar o nascimento do Cristo. Se em Jerusalém, buscou o sacerdote, esposo de Isabel, em Nazaré, vai direto à mulher. Na primeira anunciação, o homem racional exige sinais; na segunda, a mulher intuitiva acolhe o mensageiro divino. Desenvolve-se, então, entre eles, diálogo direto, apesar de instigante.

Gabriel esboçou a concepção espiritual. Porém, mal-entendida, a Igreja precisou justifica-la como fenômeno que se apoiou na derrogação das leis naturais da gestação.

O que o anjo revela à noiva de José serve para a cristandade como eloquente sinal da excepcional condição, tanto do filho quanto da mãe. Ele vem a ser o Messias, e ela, a guardiã geradora do santo corpo.

Tanto nos ensina o anjo sobre aquele que está a planejar seu aparecimento no mundo, como a respeito da escolhida para ser mãe do bendito fruto.

Busquemos, então, assimilar o significado da especial gravidez, presente nos treze versículos do primeiro capítulo de Lucas.

5.1. Evangelho-parte 1: O anjo Gabriel visita Maria (Lc)

Lucas 1:26-27
Lc 1:26. No sexto mês, foi enviado da parte de Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré,
Lc 1:27. a uma virgem prometida a um homem que se chamava José, da casa do David, e o nome da virgem era Maria

5.2. Evangelho-parte 2: Maria se perturba com sua saudação (Lc)

Lucas 1:28-29
Lc 1:28. Aproximando-se dela, disse-lhe: "Alegra-te, **altamente favorecida**, o **Senhor é contigo**"
Lc 1:29. Ela, porém, ao ouvir essas palavras, **perturbou-se muito** e pôs-se a pensar que saudação seria essa.

5.3. Evangelho-parte 3: O anjo esclarece o motivo da saudação (Lc)

Lucas 1:30-33
Lc 1:30. Disse-lhe o anjo: "Não temas, Maria, pois **conquistaste benevolência da parte de Deus**,
Lc 1:31. e conceberás em teu ventre e darás à luz um filho a quem chamarás JESUS.
Lc 1:32. Este será grande e será chamado **Filho do Altíssimo**, e o Senhor Deus lhe dará **o trono de seu pai David**
Lc 1:33. e ele reinará no futuro sobre a casa de Jacob, e **seu reino não terá fim**.

5.4. Evangelho-parte 4: O anjo esclarece a concepção (espiritual) (Lc)

Lucas 1:34-37
Lc 1:34. Então Maria perguntou ao anjo: "como será isso, uma vez que **não conheço homem**"?
Lc 1:35. Respondeu-lhe o anjo: "**um espírito santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te envolverá com sua sombra**; e por isso o nascituro será chamado santo, Filho de Deus.
Lc 1:36. Isabel, tua parenta, também ela concebeu um filho na sua velhice, e já está no sexto mês aquela que era chamada estéril,
Lc 1:37. porque, vindo de Deus nada será impossível".

5.5. Evangelho-parte 5: Maria se reverencia (Lc)

Lucas 1:38
Lc 1:38. Disse Maria: "Eis aqui **a escrava do Senhor**: faça-se em mim segundo a tua palavra". E o anjo retirou-se.

3. **Como entender o anúncio da concepção e nascimento de Jesus**?

Após cumpridos dois terços da gravidez de Isabel, esposa de Zacarias, o mesmo anjo Gabriel visita outra mulher, agora numa aldeia da Galileia, de nome Nazaré. Seu significado: separada, consagrada. Uma cidade consagrada, no coração da "região cercada", isto é, na Galileia. A mulher, Maria, é apresentada como virgem e noiva de José. Ambos pertencentes à casa de David. Lucas pretende com a informação da linhagem indicar que o filho bem se encaixa na profecia de Isaías. Consta lá que o Messias seria filho do rei poeta-guerreiro.

O anjo confirma a especial condição de Maria, chamando sua própria atenção para tal realidade – "o Senhor é contigo"! Se o Senhor é com ela, contigo, comigo, conosco, isso constitui, por si, razão importante para nos alegrarmos. Para nos enchermos de graça. Entretanto, havia ali outro motivo para o regozijo. Além de o Senhor ser com ela, o Filho do Altíssimo haveria de habitar seu corpo gestador. Então, veio anunciar estar ela sendo *altamente favorecida*. Ao ser abordada com tamanha reverência, Maria se perturba, como deveras acontece com a pessoa verdadeiramente humilde. Experimentando algum tipo de temor, precisou o anjo recomendar-lhe tranquilidade. Pois, ao contrário, o momento justificava alegria. Conquistara a benevolência da parte de Deus. Fora a escolhida.

Maria, certamente, não foi escolhida entre as mulheres encarnadas da Galileia que estavam disponíveis à gestação àquele momento. Foi contemplada com a missão quando ainda se encontrava na pátria espiritual e o ministério do Cristo era programado. Seu acurado planejamento incluiu a escolha daquela que participaria de íntima comunhão com ele, durante a gestação da sua organização material. "Quem lhe serviria de mãe"? "Quem possui méritos para essa intimidade com o

Espírito Cristo"? Estas devem ter sido constadas como primeiras perguntas? Carregar no ventre por nove meses a construção do templo orgânico do Mestre, inclusive, sendo acompanhado por sua presença abençoada, deve isso lhe conferir mesmo a qualidade de "uma mulher cheia de graça". Incluiu sua capacidade de desempenhar louvada missão, do ventre à cruz. Atravessar serenamente episódios difíceis que lhe exigiriam comedimento, fé e resignação. É certo que, já reencarnada, toda essa preparação fora esquecida por Maria. Daí a surpresa com que recebe a anunciação.

A descrição de Lucas deu margem a supor que uma gravidez atípica, que prescindisse do contato sexual físico, estava prestes a acontecer. Talvez um esmero a mais do evangelista para imprimir marca divina ao nascimento de Jesus. A corrente hegemônica do cristianismo privilegiou essa leitura. Quero, entretanto, frisar entendimento diferente, sem me abdicar da singularidade de tal gestação. Como – Maria quer saber – engravidará, se ainda é virgem? Está noiva de José, sim, contudo sem conhecer conjunção sexual com o escolhido. Gabriel não explicita, mas está a ressaltar a iminente concepção espiritual, e não, a física. "Um espírito santo, ou seja, já cristianizado, virá sobre ti". Fala da conjunção prestes a acontecer entre Jesus e Maria, aproximando intimamente os dois espíritos. Não aponta para a concepção corporal, que começará a acontecer, quando, pela relação sexual com José, espermatozoides seguirão na direção do seu óvulo para consumar a fecundação. Quando isso se der, o Espírito-Cristo, já jungido à organização psicofísica de Maria, começará a dirigir a construção do corpo que lhe dará entrada nesse mundo.

Repetindo, o que o anjo destaca é a concepção espiritual prestes a se realizar. Isto é, a conjunção entre Jesus e Maria, sob o controle do poder de Deus. Acrescenta, "quando nascer será santo, verdadeiro Filho de Deus".

Averiguemos, ainda, as quatro características sobre a identidade do nascituro.

5) O nome, Jesus – vem do hebraico, Iehoshua, e significa Iahô salva.
6) Seu epíteto, "Filho do Altíssimo" – sua unidade com Deus;
7) O reino a ser ocupado, de David – em concordância com a tradição profética;
8) Um Reino que não terá fim – o destino da Terra é ser uma paragem onde as pessoas pratiquem, na íntegra, os princípios cristãos.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre

4. O que a reação de Maria me ensina para melhor meditar?

Tal como Maria, também não sei e preciso saber que sou *altamente favorecido*, pois o Senhor é comigo.

Com algumas décadas de estudo e reflexão sobre a espiritualidade, felizmente, já me dei conta de que *Deus é comigo*. Por isso,

devo, sim, *me alegrar bastante*. Todos os dias em que sentar para meditar será de grande utilidade me conscientizar de tal realidade. Com ela, a via de êxtase começa a se formar.

Portanto, *não preciso me deixar assustar*, como Maria fez, nem assumir qualquer orgulho tolo, porque não é na esfera do ego que tal grandeza se cumpre.

Após o advento do cristianismo, e com ele se fazendo presente em minha vida, sei também que o Mestre é ponte segura para consumar a comunhão com o Pai. O Cristo é caminho para a vida verdadeira. Ninguém vai ao Pai senão com ele e por ele. Não significa discriminação de qualquer outro credo espiritual. Mas tão somente que o Cristo veio ensinar o que sentiremos, o que pensaremos, o que seremos capazes de fazer, quando alcançarmos a condição crística que em nós está sendo gestada. Nesse sentido, Jesus ainda não veio à luz através de mim.

Para que eu experimente ainda hoje tal conjunção com o Cristo, não precisarei de condições mundanas e externas. Um culto específico, palavras mágicas, adentrar um templo de pedra, são todos dispensáveis. Quanto muito, funcionarão como facilitadores para condicionar minha mente a vibrar em plano superior.

Se a graça há de vir porque para *Deus nada é impossível*, a reverência final de Maria, me é exemplo poderoso a seguir. *Faça-se em mim a palavra do Cristo e dos seus mensageiros* quanto à minha natureza e quanto ao meu futuro próximo. Para isso, me coloco agora como *escravo do Senhor*.

Versículo(s) para a meditação: Lucas 1:38

> Disse Maria: "Eis aqui a escrava do Senhor: faça-se em mim segundo a tua palavra". E o anjo retirou-se.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 276 – paragem 9-212 – 29.12.2019

MATEUS 7:21-17; LUCAS 6:46-49

RedeUnaViva: Meditação Cristã 296 – paragem 9-324 – 17.05.2020

85. RedeUnaViva: Meditação Cristã 88 – paragem 332 – 22.05.2016

MATEUS 10:9-10; MARCOS 6:8-9; LUCAS 9:3

INSTRUÇÃO AOS APÓSTOLOS – I

A Caminho

85.1 **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

80. A convocação com as primeiras instruções aos apóstolos, divide-se em três conjuntos. Como entender cada um deles?
    a. Conjunto 1: a partida – a preparação com o Mestre: onde irem e para quê?
    b. Conjunto 2: o percurso – como ir e o que levar (traje e pertences)?
    c. Conjunto 3: a chegada – relação deles com a cidade, aldeia e casa – como entrar, permanecer e sair?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

81. Como me dispor ao sentar para a peregrinação interior?

Introdução da MC-296: O despojamento com o Cristo.

Conforme já pontuado, o tema A Instrução aos Apóstolos, dividido em cinco partes, está sendo mais minuciado nesta segunda passagem do seu estudo. A primeira parte passou a ser abordada em três conjuntos. O primeiro contemplou a orientação oferecida pelo Mestre aos discípulos na hora da partida, encaminhados em duplas. Hoje, trataremos da indicação de como se porem a caminho, denominada Instrução I, conjunto-2. Seguimos com o propósito de detalhar o Apostolado Cristão.

Ser o trabalhador do Cristo, nas condições que ele apresenta, constam como verdadeiro desafio. Um despojamento total. Os santos inspirados e singelos assim fizeram. Correspondeu ao seu verdadeiro batismo de fogo. Os apóstolos aceitaram e partiram. E nós, você, eu? Como nos posicionarmos diante de tal chamado?

Observemos os detalhes no sentido literal e simbólico a fim de melhor entender como está o nosso vínculo com o Cristo e em que nível queremos nos comprometer com ele, ainda hoje. São dois versículos do capítulo 10 de Mateus e do capítulo 6 de Lucas, acrescidos de mais um do capítulo 9 de Lucas.

85.2 **Introdução: A peregrinação como missão.**

Conforme exposto na MC passada, a de número 87, chega um novo momento no ministério do Cristo – o da **Instrução aos Apóstolos** (IA). De acordo com a tese recém defendida, após o Mestre ter escolhido os doze apóstolos e fundamentado o código de ética do seu Reino com o Sermão do Monte, ele continuou mostrando qual seria o serviço a ser desempenhado visando sua implantação na Terra. Usou, de ordinário, dois recursos: o discurso e a prática; verbalizou os princípios doutrinários e demonstrou, cabalmente, sua viabilidade através de ação coerente. Fez isto com mestria inigualável. Ensinou explicando e demonstrou fazendo. Depois de discursar formalmente, como no SM e na ocasião das parábolas, agiu curando, ressuscitando, expulsando os espíritos desencarnados e atrasados que, jungidos a desafetos, sugava-lhes energia e vida. Nas interações interpessoais expunha seus fundamentos amorosos, que justos eram. Complementando, enfrentou adversários fanáticos como críticos e detratores que, no afã de zelar pela tradição religiosa, acabavam associados à letra morta em vez do espírito que vivifica.

Este foi o legado construído em alguns meses para que os discípulos e, particularmente, os apóstolos, detivessem o cenário explicativo daquilo que deveriam repetir, a fim de se tornarem os segundos semeadores do Reino de Paz na Terra. A fim de que se enquadrarem como seus continuadores na Obra de Deus.

Já comentamos alhures que, além dos refratários, que negam ou combatem as diretrizes cristãs, o círculo dos afins inicia-se com os simpatizantes, desenvolve-se com praticantes e militantes, para desaguar, no último grau de adesão, nos apóstolos. É com este grupo íntimo e menor que o Cristo inicia a passagem do seu bastão doutrinário, conforme verificaremos no estudo atual.

De acordo com a última Introdução – da MC-87 – esta Instrução prefigura a narrativa do capítulo dez de Mateus. Marcos e Lucas complementam-no. Outros comentários são necessários para esclarecer parte do ministério da Galileia. Os versículos iniciais, de um a cinco, do capítulo dez de Mateus, que tratam da escolha dos apóstolos, já foram abordados na MC-49, por comparação com versículos do capítulo três de Marcos e com outros do capítulo seis de Lucas. De acordo com estes dois evangelistas, a escolha dos doze teria ocorrido antes do Sermão do Monte ser proferido. Faz sentido: cria-se o colégio apostólico e esclarece quais são os princípios áureos do reino de Deus. Mas Mateus reserva a nominação dos escolhidos para

agora, quando vão ser explicitadas orientações básicas para o início do apostolado. Assim, pairaria dúvida se a escolha teria ocorrido antes do SM ou antes da formulação da Instrução aos Apóstolos (IA). Como Mateus não prima sua descrição pela cronologia, e juntando com a lógica recém defendida, preferimos vincular a escolha dos doze ao SM. Mateus assim não procede. Para ele foi suficiente expor a espontaneidade do convite de Jesus aos irmãos Pedro e André, e aos filhos de Zebedeu, Tiago e João, no capítulo quatro, para desfiar o SM nos sucessivos capítulos – do cinco ao sete. Usa os ulteriores, oito e nove, para apresentar mais alguns meses do Ministério da Galileia, para então, nominar a escolha dos doze, agora, no capítulo dez, bojo da Instrução dos Apóstolos (IA). Segundo Pastorino, estamos no ano 30, provavelmente em janeiro ou fevereiro.

85.3 **Evangelho-parte 2: O que levar na peregrinação – o percurso.** (Mt, Mc, Lc)

Mateus 10:9-10	**Marcos 6:8-9**	**Lucas 9:3**
Mt 10:9. **Não** vos provereis **de ouro**, nem de **prata**, nem **de bronze** em vossas cinturas; Mt 10:10. **nem de alforje** para **a jornada**, **nem** de **duas túnicas**, **nem de sandálias**, **nem de bordão**, **pois é digno o operário de seu sustento**.	Mc 6:8. e **ordenou-lhes** que **nada levassem para o caminho**, **exceto um só bordão**; **nem alforje, nem pão, nem dinheiro na cintura**; Mc 6:9. mas que **fossem calçados de sandálias** e que **não vestissem duas túnicas**.	Lc 9:3. E disse-lhes: "Nada leveis para o caminho, **nem bordão**, nem alforje, nem pão, nem prata, nem tenhais duas túnicas.

160.Para o caminho, nada devem levar.
161.Em vossas cinturas, não vos provereis de ouro, prata ou bronze.
162.Portanto, nada de dinheiro. Tampouco, pão.
163.Nenhum alforje para a jornada.
164.Quanto à túnica, basta a do corpo.
165.Sandália e bordão, escolham.
166.Saibam: o operário é digno do seu sustento.

88.2 **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

27. A convocação com as primeiras instruções aos apóstolos, divide-se em três conjuntos. Como entender cada um deles?

d) Conjunto 2: o percurso – como ir e o que levar (traje e pertences)?

Continuando o Mestre a preparar os apóstolos para a peregrinação evangélica, realça como o exercício do auto despojamento seria necessário quando se pusessem a caminho. A andança missionária do semeador é tempo de profunda reflexão sobre

quem ele é em essência. Enquanto seus passos pisam a terra, sua realidade de espírito estará continuamente em cogitação. As condições nada fáceis da peregrinação assim demandarão.

In extremis, vai quase nu. Sem muda de roupa e pouco calçado. Sem reserva alimentar nem dinheiro para comprar o pão. Até mesmo um bordão para se apoiar, dispensa. Que garantia detém para assim partir? A crença na providência divina é seu capital, por excelência. Jesus oferece-lhe a senha para se abrir às provisões do alto: "todo operário é digno do seu sustento". Quem é o patrão desse operário senão Deus? Leva no alforje invisível – já que o material inexiste – as sementes do espírito, onde sua introspecção demora. Os desafios são imensos, mas, se vencidos, trarão recompensa.

No Sermão do Monte, ele ampliou a perspectiva com que enxergamos a vida: "Olhai os lírios do campo, olhai as aves do céu. Os pássaros não plantam nem ceifam nem ajuntam em celeiros, e vosso Pai celestial os alimenta; os lírios não trabalham nem fiam contudo nem Salomão em todo o seu esplendor se vestiu como um deles". Enfatizou que filho algum é abandonado pelo Pai. Transposto para a ocasião afirma que o operário do Reino será suprido de alguma forma.

Ao propor a peregrinação, em jejum do corpo e da alma, àqueles que assumem a coragem do exercício do apostolado, faz um convite radical para a experiência do Reino, enquanto ainda a caminho. Terás tu, terei eu, se preparado o suficiente, em regime de doação, para ser digno de receber tal convite? Se não, vale a pena insistir em passos intermediários da sua preparação. Pode-se optar a experimentar o despojamento em graus menores sem instituir o radical voto de pobreza. Em vez da renúncia máxima dos pertences pessoais, a pessoa se concentrará no modo operoso de bem administrá-los. Assim, além de desfrutar o resultado satisfatório da sua previdência, estenderá seus benefícios, de forma diversa e generosa, para os necessitados à sua volta.

Trazendo o minimalismo material para o campo do espírito, missionário do bem há de buscar os meios de realizar sua peregrinação. Do que ele precisará para iniciar o singular serviço, senão daquilo que ele é e que já se encontra disponível. Se apresenta como cacife a boa vontade aliada a fé, estará pronto para escutar os sinais a lhe indicar a ação necessária. A referência há de sempre de utilizar toda oportunidade para a prática do amor. O discípulo se despe de tudo que se aderiu a ele, dos falsos pertences, mas que não é ele. Assim estará pronto para que a semeadura do Reino aconteça através de si.

Quando o Cristo propõe a peregrinação, em jejum do corpo e da alma, (em oposição radical à abastança material), àqueles que assumem a coragem do exercício do apostolado, é um convite radical para a experiência do Reino, enquanto ainda a caminho. Terás tu, terei eu, caminhado o suficiente, em regime de doação, para ser digno de receber tal convite? Se não, vale a pena insistir em passos intermediários da sua preparação. O despojamento já pode ser experimentado em graus diversos sem que predomine a totalidade do voto de pobreza. Então, a renúncia prescindirá da nudez máxima dos pertences mínimos, para se concentrar no modo operoso de bem administrá-los. Assim, além de desfrutar o resultado parcimonioso da previdência pessoal, para si e para os seus, estenderá seus benefícios, de forma diversa e generosa, para aqueles que a vida colocou como os próximos da convivência.

No campo estrito do espírito, há que buscar meios de realizar essa peregrinação. Um tempo de experiência onde o discípulo se despe de todos aqueles pertences para que a semeadura do Reino aconteça através de si.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

28. Como me dispor ao sentar para a peregrinação interior?

Tu, querido Mestre, orientou-me: sem ouro, nem prata ou bronze. Dos metais que representam o dinheiro devo me retirar. Por que haveria de levar ou visar algum valor material, se me dirijo ao reino do Espírito Sagrado?

Inclusive das carteiras que carregam minha identidade passageira, devo me livrar. Por que haveria de afirmá-la se tudo que almejo é me descobrir como o eu crístico que sou?

No entanto, tu me dizes que o percurso não é fácil. Roupas, só as do corpo. Até as sandálias são dispensáveis porque quanto mais o pé pisa o chão mais conheço as agruras que preciso contornar. Nem bastão para me apoiar. Meu esteio se chama fé.

Com a comida não devo me preocupar, já que esclareces que a todo operário o sustento não há de faltar. Significa que se me entrego de corpo e alma ao labor espiritual que me compete, sou como as aves do céu. Sem celeiros, sou alimentado. O pão vivo é presente.

Um verdadeiro batismo de fogo.

Confirmo, então, que o despojamento facilita o trabalho, agora quando que me proponho orar e meditar. Destes-me poder para curar toda a enfermidade. Autoridade para eliminar os espíritos inferiores. Enfim, a condição de combater o mal que há em mim, este senhor ego que me ocupa por demasia. Em cada passo, em cada respiração, qualquer iniciativa de caráter comprometedor devo alijar.

Aceito a cruz, tanto da adversidade como da limitação. Nego a mim mesmo em cada passada e as tuas pegadas, persigo. Meu foco é o Reino e o Senhor, meu Pastor.

85.4 Versículo(s) para a meditação: Mateus 10: 7.

Pondo-vos a caminho, pregai dizendo "está próximo o reino dos céus".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 89 – paragem 333 – 29.05.16
MATEUS 10:16-23

Como parte da preparação, mas agora já a caminho, cabe o exercício severo do auto despojamento. A peregrinação missionária do semeador é um tempo de profunda reflexão sobre quem é em essência. Enquanto seus passos pisam a terra, sua realidade de espírito estará sendo cogitada continuamente. Isto porque, as condições desta *caminhança* não é nada fácil. Os desafios são imensos e, se vencidos, a recompensa, também. Leva no alforje invisível – já que o material não existe – as sementes do espírito, no qual sua introspecção adentra. *In extremis*, vai quase nu. Sem muda de roupa ou sandália. Sem reserva alimentar. Nem bordão para se apoiar, nem dinheiro para comprar. Que garantia detém para assim partir? A crença na providência divina é todo seu capital. Jesus oferece-lhe senha para se abrir às provisões do alto: "todo operário é digno do seu sustento". Quem é o patrão desse operário senão Deus? Lá no SM, ele fez questão de ampliar a perspectiva com que enxergamos a vida: "olhai os lírios do campo, olhai as aves do céu..." a fim de enfatizar que filho algum é abandonado pelo Pai. É óbvio que tal realidade, o olhar político e crítico do existencialista não divisa quando, pertinentemente, deseja combater a injustiça social. É correto ambicionar tal feito, porque são o egoísmo humano desmedido acompanhado de ambição comprometida que não permitiram o engendramento de uma sociedade igualitária, onde um sistema racionalmente benevolente amparasse o desvalido na pobreza, na doença e na velhice. Este estado de amplo amparo não se efetivou porque na base do humano, daquele que administra o bem coletivo, estacionou seu avantajado cofre pessoal, familiar ou de grupo, transbordando, em inoperância, a cobiça que defende o supérfluo. Sem a consideração de que somos nós, enquanto humanidade atrasada, os causadores dessa penúria, e por consequência, os responsáveis pelo conserto de tal vileza, a tendência é a de afirmar a injustiça divina ou a de, simplesmente, negar nele nossa paternidade. Ou Deus é injusto ou Deus não existe. É o veredito que sobra pela leitura apressada e superficial. Sem dimensionar o ajuste dessa reforma ao instituto do carma com (juntando) as elucidações que a lei da reencarnação oferece, dificilmente a solução dessa equação social contemplará a presença da justiça divina em associação com a vontade e a ação humanas.

Quando o Cristo propõe a peregrinação, em jejum do corpo e da alma, (em oposição radical à abastança material), àqueles que assumem a coragem do exercício do apostolado, é um convite radical para a experiência do Reino, enquanto ainda a caminho. Terás tu, terei eu, caminhado o suficiente, em regime de doação, para ser digno de receber tal convite? Se não, vale a pena insistir em passos intermediários da sua preparação. O despojamento já pode ser experimentado em graus diversos sem que predomine a totalidade do voto de pobreza. Então, a renúncia prescindirá da nudez máxima dos pertences mínimos, para se concentrar no modo operoso de bem administrá-los. Assim, além de desfrutar o resultado parcimonioso da previdência pessoal, para si e para os seus, estenderá seus benefícios, de forma diversa e generosa, para aqueles que a vida colocou como os próximos da convivência.

No campo estrito do espírito, há que buscar meios de realizar essa peregrinação. Um tempo de experiência onde o discípulo se despe de todos aqueles pertences para que a semeadura do Reino aconteça através de si.

No entanto, nossa realidade é tal que quem não trabalha tende a passar fome e ficar à margem do bem social. É óbvio que tal realidade, o olhar político e crítico do existencialista não divisa quando, pertinentemente, deseja combater a injustiça social. É correto ambicionar tal feito, porque são o egoísmo humano desmedido junto com a ambição comprometida que não permitem a construção de uma sociedade igualitária. Se não forem combatidos, nesse sistema precário o desvalido continuará desamparado na pobreza, na doença e na velhice. Esse amplo amparo não se efetiva porque na base de quem administra o bem coletivo estacionou seu avantajado cofre pessoal, familiar ou de grupo, transbordando, em inoperância, a cobiça que defende o supérfluo. Sem a consideração de que somos nós, enquanto humanidade atrasada, os causadores dessa penúria, e por consequência, os responsáveis pelo conserto de tal vileza, a tendência é a de afirmar a injustiça divina ou a de, simplesmente, negar nele nossa paternidade. Ou Deus é injusto ou Deus não existe. É o veredito que sobra pela leitura apressada e superficial. Sem dimensionar o ajuste dessa reforma ao instituto do carma com (juntando) as elucidações que a lei da reencarnação oferece, dificilmente a solução dessa equação social contemplará a presença da justiça divina em associação com a vontade e a ação humanas.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 297 – paragem 9-323 – 24.05.2020

86. RedeUnaViva: Meditação Cristã 88 – paragem 332 – 22.05.2016

MATEUS 10:11-15; MARCOS 6:10-11; LUCAS 9:5-6

INSTRUÇÃO AOS APÓSTOLOS – I

A Chegada, na Casa

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

82. A convocação com as primeiras instruções aos apóstolos, divide-se em três conjuntos. Como entender cada um deles?
    a. Conjunto 1: a partida – a preparação com o Mestre: onde irem e para quê?
    b. Conjunto 2: o percurso – como ir e o que levar (traje e pertences)?
    c. **Conjunto 3: a chegada – relação deles com a cidade, aldeia e casa – como entrar, permanecer e sair**?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

83. Como entrar e sair do recinto interno na meditação?

Introdução da MC-297: O mensageiro da paz.

Prosseguimos com o terceiro conjunto finalizando a primeira parte da Instrução aos Apóstolos. O primeiro contemplou a orientação oferecida pelo Mestre aos discípulos na hora da partida, encaminhados em duplas. O segundo tratou de como deveriam se por a caminho, suas vestes e posses. Praticamente, nenhuma. Hoje, abordamos como deveriam se comportar tendo chegado em uma casa, na cidade ou aldeia. Buscar por uma casa em que houvesse ali alguém digno de recebe-los consta como parte da Instrução. Iam como portadores da paz, da paz do Cristo.

Mateus é quem mais nos informa sobre esse procedimento através de cinco versículos do seu capítulo 10. Outros dois de Marcos e de Lucas apenas confirmam aquilo que o primeiro evangelista já nos ofereceu. Estudemo-los para mais entendermos sobre a tarefa de todos aqueles que se disponham a ser mensageiros do reino de Deus.

Introdução: A peregrinação como missão.

Conforme exposto na MC passada, a de número 87, chega um novo momento no ministério do Cristo – o da **Instrução aos Apóstolos** (IA). De acordo com a tese recém defendida, após o Mestre ter escolhido os doze apóstolos e fundamentado o código de ética do seu Reino com o Sermão do Monte, ele continuou mostrando qual seria o serviço a ser desempenhado visando sua implantação na Terra. Usou, de ordinário, dois recursos: o discurso e a prática; verbalizou os princípios doutrinários e demonstrou, cabalmente, sua viabilidade através de ação coerente. Fez isto com mestria inigualável. Ensinou explicando e demonstrou fazendo. Depois de discursar formalmente, como no SM e na ocasião das parábolas, agiu curando, ressuscitando, expulsando os espíritos desencarnados e atrasados que, jungidos a desafetos, sugava-lhes energia e vida. Nas interações interpessoais expunha seus fundamentos amorosos, que justos eram. Complementando, enfrentou adversários fanáticos como críticos e detratores que, no afã de zelar pela tradição religiosa, acabavam associados à letra morta em vez do espírito que vivifica.

Este foi o legado construído em alguns meses para que os discípulos e, particularmente, os apóstolos, detivessem o cenário explicativo daquilo que deveriam repetir, a fim de se tornarem os segundos semeadores do Reino de Paz na Terra. A fim de que se enquadrarem como seus continuadores na Obra de Deus.

Já comentamos alhures que, além dos refratários, que negam ou combatem as diretrizes cristãs, o círculo dos afins inicia-se com os simpatizantes, desenvolve-se com praticantes e militantes, para desaguar, no último grau de adesão, nos apóstolos. É com este grupo íntimo e menor que o Cristo inicia a passagem do seu bastão doutrinário, conforme verificaremos no estudo atual.

De acordo com a última Introdução – da MC-87 – esta Instrução prefigura a narrativa do capítulo dez de Mateus. Marcos e Lucas complementam-no. Outros comentários são necessários para esclarecer parte do ministério da Galileia. Os versículos iniciais, de um a cinco, do capítulo dez de Mateus, que tratam da escolha dos apóstolos, já foram abordados na MC-49, por comparação com versículos do capítulo três de Marcos e com outros do capítulo seis de Lucas. De acordo com estes dois evangelistas, a escolha dos doze teria ocorrido antes do Sermão do Monte ser proferido. Faz sentido: cria-se o colégio apostólico e esclarece quais são os princípios áureos do reino de Deus. Mas Mateus reserva a nominação dos escolhidos para agora, quando vão ser explicitadas orientações básicas para o início do apostolado. Assim, pairaria dúvida se a escolha teria ocorrido antes do SM ou antes da formulação da Instrução aos Apóstolos (IA). Como Mateus não prima sua descrição pela cronologia, e juntando com a lógica recém defendida, preferimos vincular a escolha dos doze ao SM. Mateus assim não procede. Para ele foi suficiente expor a espontaneidade do convite de Jesus aos irmãos Pedro e

André, e aos filhos de Zebedeu, Tiago e João, no capítulo quatro, para desfiar o SM nos sucessivos capítulos – do cinco ao sete. Usa os ulteriores, oito e nove, para apresentar mais alguns meses do Ministério da Galileia, para então, nominar a escolha dos doze, agora, no capítulo dez, bojo da Instrução dos Apóstolos (IA). Segundo Pastorino, estamos no ano 30, provavelmente em janeiro ou fevereiro.

86.1 Evangelho-parte 3: Sobre a entrada, a permanência e a saída da casa – a chegada. (Mt, Mc, Lc)

Mateus 10:11-15	**Marcos 6:10-11**	**Lucas 9:5-6**
Mt 10:11. Em qualquer **cidade** ou **aldeia** em que **entrardes**, indagai **quem nela é digno**; e **aí ficai até vos retirardes**.	Mc 6:10. Disse mais a eles: "**Em qualquer casa onde entrardes**, **permanecei ali até que vos retireis do lugar** .	Lc 9:5. Em qualquer casa em que entrardes, **nela ficai e dali partireis**.
Mt 10:12. Ao entrardes na casa, **saudai-a**		
Mt 10:13. e **se a casa for digna**, **desça sobre ela a vossa paz**; mas se o não for, **torne para vós** vossa paz.		
Mt 10:14. E **se alguém vos não receber** nem ouvir vossas palavras ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, **sacudi o pó de vossos pés**.	Mc 6:11. E se algum (lugar) **não vos receber**, **nem vos ouvir** saindo dali **sacudi o pó da sola de vossos pés em testemunho contra eles**".	Lc 9:6. E qualquer (local) que vos não receber, ao sair da cidade, sacudi o pó de vossos pés, **em testemunho contra eles**.
Mt 10:15. Em verdade vos digo, que **no dia do carma haverá menor rigor para a terra de Sodoma e de Gomorra**, do que para aquela cidade".		

167. Na cidade da pregação, indagar quem é digno de receber o apóstolo.
168. Ao entrar, saudar com a paz a casa e seus moradores e, se receptividade não houver, de retorno recebê-la em si mesmo.
169. Nela permanecer até o término da sua missão naquela comunidade.
170. Ao sair, se sua palavra não for ouvida e sua ação não for assimilada, sacudir o pó dos pés.
171. Eximir-se de qualquer julgamento, pois que este cabe a Deus.

88.3 **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

1. Conjunto 3: Como entender a relação dos apóstolos com a cidade, aldeia e casa – como entrar, permanecer e sair?

Após ter se preparado para a jornada evangélica e percorrido a estrada, alcançam eles o destino. De ordinário, a casa da pessoa que se mostrou digna de receber os peregrinos do Reino. Não por acaso esse era o principal meio de Jesus semear a Boa Nova. Pregou nas sinagogas e praças publicas, sem dúvida; no entanto, fazendo da peregrinação o modelo preferencial de plantar a semente. Afirmara que o Filho do Homem não possuía um travesseiro para repousar a cabeça – ou seja, seguia com fidelidade o frugal figurino recomendado. Andava e mais andava, com pouco e muito pouco. O suficiente para prover a fragilidade humana presente em sua caravana. De vez em quando voltava ao quartel general – o domicílio de Pedro, em Cafarnaum. Ali tomava fôlego e permitia o mesmo para os seus. Circunvagou por toda a Galileia, alcançando cidades, aldeias, lugarejos e... as casas. Essas, as residências, constituíram o alvo daqueles seis pares de peregrinos.

Instrui-os sobre como entrar e como sair da casa que os recebesse. Sobre o que fazer ali, eles já o sabiam: solicitar aos anfitriões que abrissem o espírito tal como abriam o lar, porque, estando próximo o Reino, ele podia chegar junto com os peregrinos do Cristo. Através do íntimo vínculo criado entre os dispensadores do bem e a fé dos anfitriões, o lenitivo para os males do corpo e da alma haveria de vicejar ali, sob o poder do Pai. Era crer para ver. Cada visita, nesses moldes, configuraria um tempo de bonança, um transbordo da graça divina. Deveriam, portanto, sentando presença no solo daquela casa, permanecerem no local até a partida. Rezava a tradição não exceder a dois dias essa hospedagem para não haver abuso de hospitalidade. Mais deveria, ainda, isso valer para a missão apostólica já que tinha a intenção de ajudar a família. O que cabia ser feito no lar alheio, estava, pois, bem claro.

No beiral da entrada, caberia a segunda frase de poder: "a paz seja presente". Tão importante como a palavra e a ação é a atitude. Deveria ser a que emana o bem, a paz. Assim procede para que, encontrando o coração receptivo, faça-se o vínculo da tradição: "onde estiverem dois ou mais em meu nome, eu aí estarei"(Mt 18:20). Com o espírito *crístico* presente, muito há para ser realizado – verdadeiras maravilhas da natureza. Se a palavra e o gesto o veiculam, pela atitude ele sustenta todo o enredo da ação. Porém, como deve se comportar o peregrino quando não encontra a confluência positiva para a interação desejada? Também repousa na atitude correta a fluidez que permitirá o retorno da paz à sua fonte, isto é, o coração. Ao sair daquela residência assumirá o gesto simples e silencioso de sacudir o pó dos pés. Trata-se de uma referência simbólica da tradição. Todo israelita quando retorna à terra santa sacode a poeira das sandálias para não a contaminar. Reforça o Cristo que, caso não houvesse interação salutar que dignificasse o objetivo da empresa, não ficassem vexados os mensageiros da Boa Nova. Que não levassem consigo quaisquer resíduos da intolerância ou hostilidade. Que não se contagiassem por qualquer força negativa da visitação. Simplesmente, deixassem no local o que do local era. E seguissem... porque o trabalho, na seara do Senhor, não há de faltar para o bom operário.

Também que não firmassem nenhum sentido de valor, qualquer julgamento, para respostas daquele jaez. Deixassem, pois a Deus, ou seja, à Lei, que é onipresente, operar. No dia do juízo, que é o dia do acerto do carma, isto é, em todo o tempo de fim de ciclo – e eles são vários – no íntimo de cada pessoa, as experiências necessárias à transformação se imporão. A Deus

isto pertence.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

2. Como entrar e sair do recinto interno na meditação**?**

Como já me orientaste, divino Mestre, que meu destino não visa os samaritanos ou gentios, mas o pastoreio em que desatendi a tua voz de pastor, entendo que a cidade é meu domicílio, a aldeia, meu aposento, e a casa, minha alma errante. Encaminhas-me, de verdade, a mim mesmo, com o propósito claro de me pacificar.

Quando sento para meditar, saúdo-me pela feliz escolha de me recolher para a comunhão.

Reafirmo para meu coração dorido de tantos vais-e-vens perturbados: "acalma-te nobre sofredor porque está próximo o reino dos céus".

Ofereço-me a segunda saudação: "a paz seja contigo". E queira Deus que eu me dignifique a recebe-la, pois não há galardão maior.

Para que o circuito da paz contemple sua subida do coração ao cérebro e o retorno à própria fonte crística, formando um círculo de luz a se expandir, a fé deverá ser minha potência prima.

Creio que em cada instante constituo o silêncio interior, calando qualquer demanda circunstancial para tão somente a ti me dedicar. Viver tua plenitude, Amigo Divino, significa experimentar a dimensão divina que há em mim para ser "um contigo".

No recinto interno da meditação, portanto, contigo entro, permaneço e saio. Seja a tua paz presente, agora e sempre.

86.2 Versículo(s) para a meditação: Mateus 10: 3.

E se a casa for digna, desça sobre ela a vossa paz; mas se o não for, torne para vós vossa paz.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 89 – paragem 333 – 29.05.16
MATEUS 10:16-23

RedeUnaViva: Meditação Cristã 305 – paragem 9-421 – 19.07.2020

87.RedeUnaViva: Meditação Cristã 74 – paragem 231 – 14.02.2015

LUCAS 7: 36-50

O AMOR SALVA

Auto indagação reflexiva e expansiva:

84. Que tratamento dispensou o Cristo aos dois – ao fariseu e à pecadora?

85. Como interpretar a parábola da dívida perdoada segundo o amor de Jesus?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

86. Como alcançar o estado amoroso pelo Cristo, em meditação?

Introdução: O amor que salva.

Temos a seguir um caso diferenciado de cura – a cura espiritual –, também entendida como salvação. Feliz daquele que deslocou seu campo de cuidado do corpo para a alma, porque visa a essência. Busca a cura profunda. Não obstante caber ao corpo a importante função de proporcionar a manifestação do espírito no plano material, e por isso dever ser bem cuidado, sua realidade é efêmera.

Jesus proclamará noutra ocasião que meretrizes e publicanos entrarão no reino dos céus antes de fariseus e doutores da lei (Mt 21:31). Sua afirmação baseia-se na ordinária tendência de muitos religiosos adaptarem sua prática religiosa às lides ordinárias para não perderem os gozos e regalias do mundo. Mas em oposição, há pessoas comuns capazes de revolucionarem suas vidas quando confrontadas por experiências limites. Não medem esforços para

imprimir nova marca no seu caminho. Exemplos cristãos não faltam. De pronto: Pedro que de pescador passou a apóstolo; Saulo de Tarso, de cruento perseguidor a paladino dos gentios; e ainda, Maria de Magdala que, anonimamente, internou-se em afastado reduto para cuidar de *leprosos*.

Na passagem de hoje, deparamo-nos com uma dita *pecadora.* Tocada no coração, transbordou gestos de amor. Algo magnífico ali aconteceu. Contagiada pelo Cristo, inapelavelmente, adentrou seu batismo de fogo.

Lucas descreve nos quinze versículos a passagem em que Jesus, sentado à mesa de jantar do fariseu Simão, conta didaticamente a parábola dos dois devedores. Expressa em alegorias a diferença de tratamento recebido pelo Cristo pelas duas pessoas. Enquanto o religioso abriu burocraticamente sua casa, permanecendo cético e frio diante do Cristo, a mulher mal falada, em reverente atitude, entregou-se por inteira. Com ouvidos de ouvir aprendamos sobre esses dois tipos de contato com o Mestre. Cabe a cada um de nós escolher o melhor ou se atentar para em qual deles nossa sintonia transparece.

87.1 **Evangelho-parte 1: Ungido por pecadora, Jesus é desacreditado por um fariseu.** (Lc)

Lc 7:36. Um dos fariseus convidou-o para jantar com ele. Entrando na casa do fariseu, reclinou-se à mesa.
Lc 7:37. Havia na cidade uma mulher que era pecadora, e esta, sabendo que ele estava jantando na casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro com perfume
Lc 7:38. e, pondo-se lhe por trás, aos pés, a chorar, começou a regá-los com lágrimas e os enxugava com os cabelos de sua cabeça, e beijava-lhes os pés; e ungia-os com o perfume.
Lc 7:39. Ao ver isso, o fariseu que o convidara pensava consigo: 'Se esse homem fosse profeta (médium), saberia quem é, e de que classe, a mulher que o toca, pois é uma pecadora'.

172. De volta a Cafarnaum, aceitou jantar com um fariseu em sua casa.
173. Uma prostituta, que havia sido tocada pelo poder do seu olhar e da sua mensagem, chegou sem ser convidada e sob os seus pés, derramou-lhe amor.
174. Demonstrando gratidão amorosa, ungiu seus pés e pernas com óleo perfumado, irrigando-os com lágrimas e beijos.
175. Cena forte o suficiente para que, assentida pelo Cristo, servisse de argumento para o fariseu malbaratar sua fama de profeta.

87.2 **Evangelho-parte 2: A parábola dos dois credores proposta a Pedro.** (Lc).

Lc 7:40. E respondendo-lhe, disse Jesus: "Simão, tenho algo a dizer-te". Ele disse: "Fala, Mestre".
Lc 7:41. 'Certo agiota tinha dois devedores; um lhe devia quinhentos denários e o outro cinquenta.
Lc 7:42. Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou a dívida a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais"?
Lc 7:43. Respondeu Simão: "Suponho que aquele a quem mais perdoou". Replicou lhe: "Julgaste bem".

176. Em resposta, propõe Jesus ao seu anfitrião um desafio embutido na estória que contou.
177. Quem amaria mais a um credor que oferecesse o perdão a dois devedores.
178. Aquele que lhe devia quinhentos ou um segundo que lhe devia cinquenta denários?
179. De pronto, aprovou a resposta de Simão quando este sugeriu ser o primeiro.

87.3 **Evangelho-parte 3: O poder da fé com amor** (Lc).

Lc 7:44. E, virando-se para a mulher disse a Simão: "Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me destes água para os pés; mas esta mos regou com lágrimas e os enxugou com seus cabelos.
Lc 7:45. Não me deste ósculo; ela, porém, desde que entrei, não cessou de beijar-me os pés.
Lc 7:46. Não ungiste minha cabeça com óleo, mas esta, com perfume ungiu meus pés.
Lc 7:47. Por isso te digo: foram resgatados seus muitos erros, porque ela amou muito; mas aquele a quem pouco se resgata, pouco ama".
Lc 7:48. E disse à mulher: "Foram resgatados teus erros".
Lc 7:49. Os que estavam com ele à mesa começaram a dizer consigo mesmo: "Quem é esse que até resgata erros"?
Lc 7:50. Mas Jesus disse à mulher. "Tua fé te salvou; vai em paz".

180. Desdobra, então, a parábola, com a cena viva que a mulher protagonizara.
181. Ele não lhe dera água para os pés, enquanto ela os lavou com lágrimas e os secou com seus cabelos.
182. Até para os cabelos do Mestre ele não oferecera óleo, enquanto ela não deixou faltar unguento mesmo para os pés.
183. Simão não lhe beijou a face, mas ela cobriu de ósculos, de novo, seus pés.
184. Com esta pujante demonstração de amor, resgatara seus grandes erros.
185. Intrigante questão retornou ao fariseu: quem era este que se considerava na condição de resgatar erros e, grandes erros?
186. Fizera isto à abençoada mulher porque, com fé, acreditara no resgate dos erros e, com amor, foi grata ao convite de renovação.

Auto indagação reflexiva e expansiva:

32. Que tratamento dispensou o Cristo aos dois – ao fariseu e à pecadora?

De novo, estamos diante da especial faculdade anímica do Mestre – a *psicoscopia*. Seu dom de perscrutar o íntimo daquele com quem compartilha a situação corrente. Ademais, constatamos nesta passagem a pertinência da preciosa lição do "não julgar". Vejamos.

Reingressado à sociedade *cafarnaumiense*, depois da breve visita a Naim e do colóquio com os discípulos do Batista, Jesus é convidado a almoçar na casa de um fariseu. Acedia a tais convites, demonstrando que, a despeito da severa crítica voltada aos oficiais do judaísmo, não se negava ao convívio. Já que sua didática compunha perfeita harmonia com os fatos do cotidiano, sempre haveria oportunidade de transmitir a mensagem renovadora. Pelos fariseus fora censurado por sentar-se à mesa de republicanos (Mt 9:11 - MC 44); pelos seguidores de João, por não jejuar conforme praticava o Batista (Mt 9:14 - MC 45). Porém, valorizava o ensejo de com eles dialogar. Vai agora à residência de um fariseu.

Sendo notícia, a boa notícia, tanto na província – chamemos assim as terras da Galileia – como na corte – e assim, as terras de Judá –, todos seus movimentos eram acompanhados por ávida multidão. Queriam ver, tocar, a singular pessoa. Testemunhar sua prodigalidade e sorver sua graça.

Vamos, então, supor que a caminho dessa residência, estacionou no seu campo visual, a mulher que se tornaria personagem central da narrativa de Lucas. Não apenas no acesso da sua visão, mas em outros campos da experiência, já que no cruzamento dos olhares, algo distinto aconteceu. Sabemos – ele nos

informou – não ter vindo para os sãos, mas para os enfermos (Mt 9:12-13 – MC-44). Adentrando com o olhar a intimidade daquela atraente mulher, ultrapassou os fáceis costumes de *vida pública* que a celebrizavam. Dispensando a atração puramente física, comum para tantos homens, como também a condenação imediata dos fariseus, fez dela, num único relance, convidada para habitar as alegrias do Reino. Profundamente tocada, porque jamais alguém dispensara esse diferente amor, foi revolvida por inteira. Costumavam desejá-la e era desse comércio que entendia. Porém, cansada, sua alma, ansiava respiro refrescante. Um sentimento de gratidão sem fim, visitou-a de súbito. Interrogou-se, como agradecer e corresponder dadivosa acolhida. Lembrou-se do precioso óleo, guardado em alabastro, para ocasião especial. Serviria para perfumar e untar aquilo que até então lhe soava como o mais caro, o corpo. Não precisou repensar.

Após o ligeiro e silencioso encontro, Jesus seguira. Sentara-se à mesa do anfitrião e já desfrutava do repasto bem preparado, quando a ousada mulher, invadindo a residência, debruçou-se sobre seus pés. Somente dizendo assim, invadiu, porque quando a pessoa é tocada nas profundezas do coração, as reações pelo amor ao Mestre, não são mais pautadas pela etiqueta social. Lembremo-nos da mulher de Samaria que correu célere até à aldeia para proclamar a visita divina naquelas terras evitadas. Abraçou-lhe as pernas mais com lágrimas do que com óleo. Ungiu-as com amor. O Mestre assentiu seu gesto espontâneo de benquerença, que significava aceite total ao seu convite silencioso. No entanto, não tardou o julgamento precipitado e limitado do religioso Simão, enxergando apenas os movimentos superficiais da intercorrência. No seu estrito sistema de valor, um profeta verdadeiro não se deixaria enredar na intimidade por atos de uma meretriz. Precavido, não apenas a afastaria, mas condenaria explicitamente seu modo de viver. Sendo enviado de Deus, deveria ter perspicácia suficiente para se acautelar e rechaçá-la.

Evitando o confronto literal com o anfitrião, usou o Mestre da sutileza eloquente de uma parábola, à guisa de sobremesa inquietadora. Certamente, deu o que pensar. Beneficiando-se do alimento oferecido por Simão, seus reclamos sussurrados, contou a estória das dívidas. Doou aos dois a nutrição necessitada. Enfatizou o que excedia na atitude da discriminada prostituta, o amor, justamente aquilo que faltava na receptividade fria, própria do fariseu orgulhoso.

33. **Como interpretar a parábola da dívida perdoada segundo o amor de Jesus**?

O olhar limitado e concreto do fariseu não lhe permitia enxergar a Novidade Boa, aquela que fizera assento à sua mesa. Coube-lhe apenas repetir, no improvisado espaço de convivência do seu lar, em que tão diferentes protagonistas desenharam a cena, seus rígidos conceitos, onde a mínima contradição é rejeitada e qualquer sombra de dialética perturba. Prostituta que vende o corpo é o mal; fariseu que prática o rigor dos

rituais é o bem; e suspeito é todo aquele se aventura, independente, ao largo dos cânones religiosos. As cartas já estavam dadas e marcadas, e o jogo, definido. Ali, somente ele se salvava – já decretara seu veredito.

Então, bagunçando esse coreto de certezas, uma intrigante estória ressoa no domicílio da tradição. A parábola contada para que Simão respondesse à pergunta despontada no final, resume-se: quem amará mais o credor comum, aquele que foi perdoado numa dívida de quinhentos dinheiros, ou outro, perdoado numa de cinquenta? Espontâneo e despercebido, vaticina o fariseu em demérito próprio. Estava ele, ali, como o religioso cético, à cata de comprovação da condição de profeta de Jesus, mas junto com seu ferrenho dogmatismo, pronto para emitir facilmente qualquer juízo de valor. Seus pequenos pecados passíveis de perdão não comoviam seu coração para o encontro apaixonado. Devia apenas cinquenta dinheiros e não enxergou naquela visita uma concessão do céu para alargar seus pensamentos automatizados. Já a ardorosa prostituta, calejada no campo das emoções, ávida por experiências genuínas do afeto, pouco precisou para que seu coração fosse tomado de profunda gratidão pelo ensejo da união mística com o esposo celeste. Devia quinhentos denários, e, com a sua espontaneidade amorosa, resgatou inúmeros erros. Jesus, com a parábola, referia-se a essa iniciação, quando a "mulher pública" atravessava seu batismo de fogo. Incluíra, no seu gesto de gratidão, algo que o fariseu não fora capaz.

Solicitava que Simão mirasse aquela que se lançara aos seus pés, ungindo-os com precioso óleo. Lágrimas sinceras eram derramadas em suas pernas, e, beijadas, seguiam enxugadas com as próprias madeixas. Buscara intimidade com o luminoso galileu, grata pelo que lhe fora presenteado. Muitos procuraram o divino mensageiro. Nicodemos, o doutor da lei, buscou-o na hora escura da noite, no afã de dirimir inquietações, e evadiu-se com respostas desconcertantes. Agora, era a vez do fariseu Simão. Se suas dúvidas fossem confirmadas, seu conjunto conceitual teria de sofrer mudanças significativas. Daí o suspiro aliviado quando presenciou a inusitada cena da intimidade condenada. Funcionou como contumaz contraprova: Jesus falhara. Comportava-se como falso profeta. Só que o Cristo, em vez de rogado, planta-lhe potente semente com a parábola dos dois devedores. Mostrava-lhe que na *Nova Religião* mais tolerância fazia-se necessário, porque as portas do reino de Deus mantinham-se abertas para qualquer pecador que se arrependesse dos seus erros, e o demonstrasse, transformando, de fato, sua conduta. Não importava seu passado comprometido, mas o propósito de vida nova com dedicação e esmero consoantes. E todo aquele que realmente passava pelo batismo de fogo deveria demostrar tal disposição. O Cristo, com o seu poder psicoscópico, bem auscultava essa renovação íntima. A salvação da mulher excedia a sua fé. Aceitou plenamente o convite para entrar no Reino com a ação amorosa, não presenciado no anfitrião.

Deixou o Cristo ao fariseu a uma arrojada plataforma para o pastoreio de sua alma. Mais tolerância e menos julgamento; mais aceitação e menos discriminação. Estava concitado a rever suas dúvidas e a pouca falta de fé.

Outro imenso desafio dirigido ao arcaísmo judaico era a repetição do "**perdão dos pecados**", que Pastorino prefere e justifica uma tradução diferente como o "**resgate dos erros**". No caso da cura do homem que entrou na casa pelo telhado, Jesus o curou com esta frase: "Tende ânimo, filho, teus erros foram resgatados." (Mt 9:2 MC 43). Chiaram os fariseus, atacando-o: "Quem é este que profere blasfêmias? Quem pode resgatar erros senão só um (que é) Deus"? (Mt 9:3 MC 43). Já tratamos da resposta enigmática com que o Cristo replicou, seguida da ação curativa. Aqui, diante de outro fariseu, ele justifica a especial concessão oferecida àquela mulher: "foram resgatados seus muito erros, porque ela amou muito". E diante do mesmo tipo de contestação presente na cura do paralítico, arrematou: "tua fé te salvou; vai em paz". Trata-se da cura espiritual, ou seja, da salvação da alma.

Estava, pois, o Cristo pronto a perdoar tanto a intransigência do fariseu como os muitos pecados da mulher. Esse amor que não discrimina acolhe qualquer um que, abalado pelo terremoto interno do batismo de fogo, disponha-se verdadeiramente para uma vida nova.

Se a mulher estava plena do amor que doa, com todo seu coração aberto ao Cristo, o fariseu, ainda ressabiado e frio, só conseguira abrir as portas da sua casa material.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

34. **Como alcançar o estado amoroso pelo Cristo, em meditação**?

Acostumei-me a bater à porta do Reino por meio deste valioso aparelho mental, mais particularmente meu intelecto. Tantas respostas coerentes ele me ofereceu que permitiu a elaboração de robusto sistema filosófico, capaz de dirimir antigas questões existenciais. Se perguntas como, de onde viemos, onde estamos e para onde vamos, não foram cabalmente respondidas, este sistema foi eficiente para fornecer soluções plausíveis e pertinentes. Até mesmo justificou porque ele não resolve, em definitivo, tais enigmas, e explicou porque nenhum outro sistema o fará. É que sendo eles, baseados na racionalidade formal, funcionam sob a égide da dualidade. E, segundo o entendimento *transpessoal*, todo sistema que reside na dualidade – fazendo uso das explicações racionais – não alcança o mistério da origem, que reside na unidade transcendente. Até mesmo a física quântica, em parceria com uma proposta teoria da mente, apenas arranha o cerne do problema. Bate à porta, mas não entra. Bate como eu, que, com minha intelectualidade, permaneço de fora.

Sigo, então, no treinamento rotineiro de desenvolver outro modo de funcionamento da mente, no afã de alcançar tal conquista. Em outras palavras, persigo a mente una.

Com a oportuna lição do Cristo, forçando o fariseu comparar-se por baixo com a ardorosa amante da vida, fui capturado para novos exercícios espirituais. Devo aproveitar os diversos e constantes ensejos do dia para abrir o coração. Para fazer dele brotar a água viva que, assim, nutrirá de amor todos aqueles com quem convivo.

Enxerguei-me parecido com o antigo religioso. Sistemático e formal com meu arcabouço doutrinário, pronto também a emitir juízos para tudo e para todos. Se é referencial valoroso para eu me posicionar diante das pelejas religiosas e filosóficas, não me foi suficiente para que evitasse até mesmo os pecados maiores, no calor dos relacionamentos. Errei, sim, e clamoroso, muitas vezes. E não me faltava a companhia dos conceitos e valores religiosos como referências caras. Entendi, após devidas e sofridas reflexões, que não fiz jus ao "vigiar e orar". Teria mais orado do que vigiado. Talvez, nem isso. Não olhado com o zelo necessário para minhas tendências a fim de que delas eu me acautelasse. Sei, também, que não vale a ruminação desses erros. Já me sinto perdoado e quase-salvo, se não volto a pecar.

Quase-salvo por me faltar ainda o destemor amoroso da minha igual-irmã em pecado. Por me faltar a fé total que me leve a atos espontâneos de entrega. Seriam vistos como ridículos, piegas ou carolas. Procurarei não me importar com julgamentos daqueles que não conseguem adentrar o mistério da conversão, da fé – não cega e fanática, que me levaria de volta para o farisaísmo –, mas, para além da razão, sim. A fé meta-racional, cujo primor assenta-se na seiva do amor.

Preciso de mais espontaneidade para aceitar o diferente. Mais tolerância com os retardatários do progresso espiritual, até porque, não estou livre de resvalos e retrocessos similares. Quero consciência e vigilância para não incorrer em enganos parecidos. Peço estas qualidades ao Pai, quando sento para meditar, vigiando meus pensamentos. Apascento-os, sempre, por que não? ao surgirem almejando veredas tortas e repetição de padrões.

Preciso de menos julgamento e crítica, de mais paciência e aceitação. Convivo com pessoas limitadas que nem eu. Com familiares egoístas como eu. Se me censuram, me atacam e me desmerecem, preciso aceitar, até mesmo porque, não raro, tem pertinência. São professores diferentes a me convidarem para outras mudanças, quando não, pelo menos para o acolhimento fraterno, como meio de deixar uma porta aberta para conciliação próxima ou futura.

Exercitar a prática da doação é o desenvolvimento que me falta para o equilíbrio das duas asas em direção a Deus. Enxergar a sabedoria e o amor nos atos e palavras do Cristo equivale a perceber seu convite silencioso para o exercício dessas virtudes. É de dentro do próximo, com quem convivo agora, que o Cristo me convida para ungi-lo conforme demonstrou a mulher ardorosa. Sob seus pés, debruço-me.

87.4 Versículo(s) para a meditação: Lucas 7:47

"Por isso te digo: foram resgatados seus muitos erros, porque ela amou muito; mas aquele a quem pouco se resgata, pouco ama".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 75 – paragem 232 – 21.02.16
LUCAS 8:1-3